

Heranças do Passado



ARIENE DISSENHA E DANIEL PORTES

Heranças do Passado

Coleção
NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



Copyright © 2005 by Novo Século Editora Ltda.
Mediante contrato firmado com o autor

Direção geral: Luiz Vasconcelos
Supervisão editorial: Silvia Segóvia
Assistente editorial: Livia Wolpert
Produção editorial: Sandra Scapin
Capa:
Revisão: Ruy Cintra Paiva
Nilma Guimarães

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Sobrenome, nome autor

Título da obra/Nome e sobrenome do autor.

Osasco/SP

Novo Século Editora Ltda.

1.

00-0000

CDD-000.0

Índice para catálogo sistemático:

2005

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Av. Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar – Osasco/SP – CEP 06023-010

Fone: 0xx11-3699.7107

Visite nosso site

www.novoseculo.com.br

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Dedicatória

SUMÁRIO



ESTAMOS NO ANO DE 2002... E minha história começa assim, como qualquer outra história.

Sou uma mulher normal com sonhos estranhos. Sonhos estes que começaram a mexer com meu jeito, com minha vida. Mas, vamos por partes, assim, quem sabe, consiga passar a vocês um pouco de minha estranha história!

Sou tida como uma pessoa alegre, brincalhona mesmo, mas a verdade que vai dentro de mim é muito diferente; sou uma pessoa que vive em constante busca de algo, como se não fizesse parte deste mundo dito normal. Sou magra, pequena, cabelos até os ombros, uma mulher simpática!; sem grandes atributos físicos, mas tenho certo encanto. O que mais chama a atenção são meus olhos e a boca, excessivamente expressivos...

Sempre fui uma curiosa nata, li de tudo, sem preconceitos quanto ao tipo de literatura. Até o dia em que conheci a bruxaria... Conheci por pura curiosidade, e encantei-me! Achei finalmente meu mundo. Aí sim tudo começou a mudar, passei a perceber certos detalhes antes considerados sem importância. Posso dizer que caíram véus de minha cabeça, pois agora percebo mais. Muito mais.

Já há alguns anos tenho tido sonhos estranhos com vampiros, mas um deles é meu companheiro constante, e esses sonhos aumentaram de proporção.

Não. Não sou louca, nem estou ficando. Sonho sempre com alguém que vem me reclamar para si. Um homem alto, algo loiro, mas nem tão loiro assim, de complexão robusta, alguém que com certeza chamaria sua atenção se passasse por ele. Talvez pelo seu porte, seu jeito único. Parece-me um velho conhecido, alguém muito senhor de si, e que sabe o que está fazendo, o que está buscando. Por vezes me vem como um cavalheiro, por vezes como um demônio, um bruto. Assusta-me muito, pois parece querer arrancar-me de mim mesma. Suas roupas variam, acordo com a ocasião e suas maneiras. Se gentil, está com roupas modernas, um terno preto, mas com a gravata solta. O que em minha opinião é muito sexy em um homem; mas se violento, vem de sobretudo, uma capa talvez, muito escura e empoeirada. Sinto seu cheiro, seu toque, e seu hálito me leva à loucura. Em sonhos ele me busca, mas como só acontece em sonhos, não vou. Acordo assustada, com a boca seca, e sei que estive aqui. Levo dias para voltar ao normal, ou levava... Não conseguia comer por uns dois ou três dias seguidos, só tinha sede.

Agora, com suas visitas mais freqüentes, fatos estranhos têm acontecido. Minha sede aumentou muito, mas ao beber, sinto enjoos. Porém, isso até que é irrelevante, pois o que realmente me assusta é outra coisa. O fato de a idéia de segui-lo me atrair. Isso me assusta mais do que qualquer coisa.

Querem outro detalhe? Tenho algo no pescoço, um machucadinho à toa, que primeiro pensei ter sido um pernilingo o causador, mas não foi. Fica abaixo de minha orelha esquerda, e quando sinto vontade de escrever, começa a sangrar. Pernilongos fazem isso? Parece mentira, eu sei. Não peço que acreditem, apenas que conheçam a minha história.

Tenho me sentido estranha, fria. Por vezes perversa, muito desligada de dia, mas inteira de noite. Um lado estranho meu, que tinha apenas quando criança: quando pegava um filhote qualquer nas mãos, imaginava apertá-lo até sangrar.

Amo meus feitiços, o que por um lado é totalmente contrário aos meus novos anseios. Procuro escutar apenas aquilo que me convém. Não me sinto alienada, apenas à espera de alguma coisa. Querem ver algo que escrevi sobre meu príncipe dos sonhos? Aguardem mais um pouco, esta história promete!

Mas esta história não é só minha. Traz outro ensandecido como eu. Alguém que parece extensão de mim, mas que não passa de um amigo.

Temos semelhanças absurdas. Se me machuco ele percebe, se tenho dor de cabeça, o mesmo acontece com ele, se choro, ele sabe.

Não pensem ser ele meu anjo, ou algo assim, ao contrário, ele sabe ser extremamente irritante quando quer, quando lhe convém, mas o fato é que isso acontece mesmo, e cada vez mais forte.

Ele acredita saber do que falo, faz parte do contexto, pois coisas semelhantes acontecem com ele. Quando sangro, de longe sente o cheiro... o gosto, às vezes. Meu príncipe o detesta. Meu Leon. Não se enganem, talvez este não seja seu nome... Qual é? Nem eu mesma sei!

Meu amigo se chama Carlos, e acho que nunca o veria não fosse por sonhos que mexem com nós dois. Dificilmente teríamos contato, pois moramos em lugares diferentes.

Como sei que Leon o detesta? Em sonhos ele deixa claro. Talvez seja algo como uma ameaça para Leon, alguém do passado talvez, ou talvez apenas sentimento de posse.

Na última vez que brinquei com Carlos, testando nossos dons de adivinhar o que o outro está pensando na hora, Leon me machucou. Tanto que tenho marcas roxas em meus ombros para provar. Chegou furioso, muito mesmo! Calça e blusa pretas, suas mãos destacavam-se pela brancura, e tinha um anel apenas com uma presa pequena presa no seu engate. Sei da presa porque Leon me cortou o lado esquerdo da boca quando bateu em meu rosto. Quando caí, levantou-me pelos ombros (interessante como a dor do aperto me vem à memória ainda hoje), apertando-me e levando até próximo de seus lábios; a dor foi embora quando ele lambeu o sangue que escorria da minha boca. Êxtase foi o que senti, tão profundo que só de lembrar meu coração se agita.

Apanhei por causa de Carlos, disso eu sei, o que me deixou intrigada. Por quê? Mas, acreditem, sinto o cheiro de Leon, um cheiro antigo e reconhecido por mim. Um cheiro que mostra força. Não sei se gosto, pois ainda tenho medo.

Ele me chama Angelique. Mas esse não é meu nome. Chamo-me Clara, moro no sul do Brasil, mais precisamente em Curitiba. Quem conhece esta cidade sabe como é complicado acreditar em vampiros por aqui! É muita gente junta ao mesmo tempo, o que em tese seria ótimo para eles! Um lugar belíssimo e violento, um tanto frio em relação ao que acontece aos outros. Por aqui há lugares que os atrairiam com certeza.

Carlos acha que Leon está chegando perto. E se for verdade?

Discordo de Carlos nesse ponto, não acredito que ele esteja perto, mas se Carlos estiver certo, quero saber o porquê disso.

Há horas em que penso que tudo não passa de bobagens de dois sonhadores solitários; mas no fundo sei que não.

Carlos também tem sonhos estranhos como os meus...

Dias desses desafiei Leon, e ele veio. Acordei no meio da noite com a sensação de sempre, e meu pulso, marcado, estava sangrando; mas tinha tamanha compulsão de escrever, que só depois de terminar consegui ler o que escrevi:

Depois... Sofre... Dor. Pra quê? Por quem?

Sozinho, apenas sigo em frente, te busco em sonhos, te deixo confusa, te dou um beijo. Beijo do fim.

Você não vem, te chamo. Você não quer... Volto pra te buscar.

Acha-me mau? Não! Sou teu, sua metade! Teu ser, só seu!

Anos te quero, anos te espero.

Pode lutar minha menina, minha!

Outros te querem, mas és minha, para sempre. Minha!

Se nascer de novo, te acho. Sempre achei...

Assusto-te, sorrio disso. Não reconhece, mais teu senhor... Mas, sabe que sou eu.

Outra vez te busco para mim em sonhos.

Uma gota roubarei da tua boca, outra do pescoço, e meu beijo darei no coração.

Suspiro teu, detalhes da memória adormecida.

Enfureço-me, te acordo, e só assim sabe que estive aqui...

E agora que sou obrigada a conviver com isso, quero ir até o final.

Uso técnicas de projeção astral para chegar até ele, mas quando noto a sutil mudança de planos, estou em uma floresta à noite, e sou diferente. Existem música e barulho de água ao longe. Um cheiro de mato; quando ando sinto a relva banhada pelo sereno sob os pés.

Fujo de alguém. Leon! Ele ri baixinho, como se para ele fosse questão de tempo me alcançar. Corro, e de repente Leon está a minha frente. Fico estática olhando para ele, com o coração querendo pular da boca... Olho para ele e sorrio, ele me abraça apertado e me beija. Seu beijo tem um quê de sangue. Afasta-me e coloca o dedo sobre meus lábios pedindo silêncio. De repente volto pela floresta e estou em minha cama, desperta.

Isso realmente me frustra, tenho raiva. Sinto-me uma brincadeira, parte de um jogo que não entendo.

Uma coisa percebi antes de encontrar Leon, a música que ouvi não é daqui, parece mais um lamento de violões, algo como música cigana.

Carlos está anotando seus sonhos e impressões, quem sabe não me ajude a descobrir algo novo.

Devemos viajar juntos. Carlos já concordou em vir comigo, pois na mesma noite em que Leon esteve violento comigo, sonhou com Angelique.

Como pode ter sonhado com Angelique, se Leon assim me chama?

Mas em todo caso, não foi o único sonho de Carlos com vampiras. Ele sempre sonha com vampiros! Acho que ama essas criaturas, pois jura já ter avistado algumas.

Devemos iniciar nossa busca e descobrir o que nos leva a ter sonhos tão intensos e similares; no meu caso, tão intensos e quase reais a ponto de me fazerem sangrar.

Tomara que Carlos também encontre em sua busca o que procura.

Eu sei que vou encontrar alguma coisa. Devo buscar Carlos, ele está vindo ao meu encontro!



Meu nome é Carlos, moro em Minas Gerais, melhor dizendo, nos arredores de Belo Horizonte, mas, como costume dizer, vivo em Belo Horizonte, pois além de trabalhar lá ainda faço faculdade à noite. Por isso, passo mais tempo em Belo Horizonte. Isso é fácil de conciliar, pois são apenas trinta minutos que separam essas duas cidades.

Sou muito amigo de Clara, e como ela mesma disse, também sou muito parecido com ela!

Sou jovem, alto, cabelos curtos com um corte estilo surfista. Tenho olhos claros e um bonito sorriso. Sou calmo até o momento em que alguém me aborreça pra valer. Sou romântico, do tipo à moda antiga. Adoro escrever cartas para a pessoa amada e presenteá-la com flores e poesias. Mas tem coisas que praticamente ninguém sabe...

Um lado oculto, negro e misterioso que habita dentro de mim, e esse estranho lado, apenas uma pessoa conseguiu entender! Sim, esta pessoa é Clara!

Desde pequeno tenho um estranho dom, que alguns chamam de mediunidade, outros, de paranormalidade.

Quando descobri que tinha esse “dom” comecei a me empolgar, e embora nunca tenha treinado, comecei a testar meu potencial. Iniciei com um pequeno exercício de entortar garfos. Era interessante. Sempre que estava nervoso ou aborrecido com algo eu drenava toda essa energia ruim para o metal do garfo, e assim brincava de moldá-lo.

Depois, por mera curiosidade de saber o que eu poderia fazer, comprei um livro de magias e feitiços de um feitiheiro poderoso. Foi com esse livro que percebi que eu poderia ser perigoso, pois muitos daqueles feitiços deram certos. Feitiços do bem, magia branca, pois, mesmo não sabendo mui-

ta coisa, sou muito curioso e tinha consciência da consequência de uma magia negra e o retorno triplicado para mim.

Mas, aos dezesseis anos descobri minha verdadeira paixão e obsessão, vampiros!

Comecei a procurar em páginas da Internet assuntos relacionados com essas criaturas da noite. Claro que muitas das informações eram duvidosas e mentirosas. Foi preciso fazer várias filtragens de conteúdo para identificar uma verdade. Sabe qual? A existência de vampiros! Mas nunca obtive uma resposta concreta e satisfatória. Sempre os fatos me levavam a um mesmo lugar!

Então, comecei uma pesquisa mais intensa em outras fontes. Fui a uma praça famosa aqui de Belo Horizonte, chamada Praça da Liberdade, um dos cartões postais da cidade. É também nela onde todas as sextas-feiras à noite, grupos de góticos e darks encontram-se para conversar, beber, tocar violão, jogar RPG e, é claro, conversar sobre vampiros. Mas ninguém me dava uma resposta concreta, todos diziam já ter visto, alguns até diziam que conheciam vampiros, mas nada de concreto para o que eu estava buscando.

Passei então a observar os jornais e programas de televisão que falavam sobre uma estranha criatura que matava os animais nos pastos. O famoso caso do chupa-cabra. Vocês devem estar rindo; eu também ria no início, achava loucura o que estava fazendo, mas, quando já estava para desistir dessa suposta loucura, um fato estranho chamou-me a atenção!

Todos os casos apresentados na televisão ocorreram em cidades do interior da Grande São Paulo. E nesta mesma época a capital de São Paulo havia se tornado a mais perigosa dos Estados do Brasil. O índice de violência e assassinatos

havia crescido, pessoas desapareciam com frequência e nunca eram achadas.

Com minhas pesquisas anteriores eu havia descoberto que vampiros, por serem predadores, às vezes precisam desviar a atenção da população de onde vivem no intuito de não levantar suspeitas a seu respeito. E um meio de fazer isso é matando animais! Parando de chupar sangue dos habitantes da região e começando a fazer uma espécie de “dieta” com o sangue de animais.

Foi então que, como em um quebra-cabeça, juntando os fatos e arquivos que eu tinha guardado, descobri que a capital de São Paulo havia se tornado o leito dos vampiros no Brasil.

Um lugar ideal, uma cidade enorme, potência industrial, onde a violência havia aumentado junto com o desenvolvimento industrial e populacional.

Mas isso era apenas uma ilusão, pois na verdade eu até então nunca tinha achado algo que me disse: Vampiros existem!

Até que um dia, cerca de duas semanas depois, obtive minha resposta! Estava voltando para casa da aula, estudava à noite em um colégio a quinze minutos de caminhada de minha casa. Para eu chegar em casa vindo do colégio, era preciso passar por um campo de futebol, cujo campo é aberto e muito grande, e ficava em frente ao prédio onde morava. Naquela noite, por coincidência, ao me aproximar do campo avistei uma revoada de morcegos nas árvores do passeio e fiquei com um pensamento: “Já pensou se os filmes falassem verdade sobre os vampiros virarem morcegos?” E dei uma risada! Eu tinha dezesseis anos, era um pensamento infantil.

Ao começar a andar pelo campo, senti uma estranha sensação de que estava sendo vigiado, e olhei pra trás. Como nos filme de terror e suspense, não vi nada. Continuei andando mais uns dez passos e olhei novamente... Minha surpresa... Tinha uma mulher, de aproximadamente uns vinte e cinco anos, uma mulher linda, maravilhosa... Alta, cabelos negros lisos ultrapassando a cintura, seios fartos, pele nem muito clara nem muito escura, com uma blusa de renda preta, um chulé preto, uma linda calça e um sapato muito esquisito. Fiquei hipnotizado por sua beleza por alguns instantes; quando saí desse “transe” um pensamento me veio à mente: Será?... Não pode ser? E se for?... Nessa hora, ela olhou direto nos meus olhos, como se quisesse ver minha alma... Foi então que comecei a desconfiar daquela estranha e linda mulher! Como era linda!

Mas algo me tomava a consciência, como um alarme avisando algum perigo. Pois era realmente estranho ela ter surgido do nada, porque, se ela estivesse perto do campo, eu a teria visto, pois o campo como eu disse, é aberto. Por um instante olhei novamente para ela, e algo aconteceu!

Ela entrelaçou as pernas uma na outra, abriu os braços para o lado, imitando a posição de Cristo na cruz... Tombou a cabeça para o lado direito e abriu a boca!

Comecei a correr de medo, e depois de dez segundos de corrida, olhei à procura dela e não a vi... Foi então que descobri quem era ela, pois ninguém conseguiria sumir em dez segundos no meio de um campo daquele tamanho! Foi então que descobri minha resposta: Vampiros existem!

Isso foi há muito tempo, eu tinha acabado de entrar na adolescência. Mas hoje, adulto, ainda me assusto com esse

assunto, apesar de sempre querer encontrá-la novamente. Ultimamente tem acontecido coisas que particularmente às vezes me intrigam. Por que eu e Clara temos esta sintonia tão grande? Eu sinto o que ela sente, às vezes sinto o gosto de algo que ela bebe. E ambos adoramos vampiros!

Ela me disse que sonha com um há algum tempo, e que quer levá-la com ele. Quando ela me disse isso, eu pedi que falasse de mim para ele e foi o que aconteceu, ela falou! Depois disso comecei a sonhar com vampiras também, e em um desses sonhos ouvi o nome de Angelique! E por é por esse nome que o vampiro dos sonhos de Clara a chama.

Outro dia ela acordou de um desses sonhos com uma pequena ferida no pescoço, acho que logo abaixo da orelha, pelo que ela me disse. E o mais intrigante é que sempre que esse pequeno machucado sangra, um forte cheiro de sangue vem ao meu nariz, e às vezes sinto um gosto de ferrugem como se minha boca estive com sangue!

Hoje parece que nos comunicamos por sonhos, pois tudo que escrevo parece ser resposta do que ela escreve e vice-versa. Às vezes ela escreve como se alguém estivesse ditando e a obrigando a escrever aquilo.

Querem um exemplo? Quando eu pedi para ela falar de mim para o vampiro de seus sonhos, que diz chamar-se Leon, parece que ele não gostou! E quando ela acordou, escreveu isso:

Interessante como sabe tão pouco de mim!

Acha que vive? Não, apenas passeia pela vida.

Sabe do quê? De sonhos? Quer o quê? Morrer?

Que sabe da morte?

Pensa ser grande, acredita que tudo pode... Nada podes!

A não ser envelhecer! Rio de você, desprezo você!

*Ousa atravessar meu caminho, pode comigo?
Versos e poemas, nada valem o que quer!
Tenho que provar? Quer minha fúria? Tem certeza?
Criança! Sonha com o que não conhece, quer ser eu!
Infame... Usurpado! Posso ser sua luxúria, seu maior desejo,
mas posso nem ser...
Quem sabe? Posso ir ao seu encontro ou não?
Só cuida e muito, tem sob os olhos jóias preciosas, não a perca
ou nem sonhar poderá.
Quer vir... Quer arriscar?
Espere e verá!*

No outro dia, deitado em minha cama, um pensamento me veio à mente! O dia em que eu vi aquela linda mulher, aquela vampira! E uma vontade enorme de escrever sobre o ocorrido tomou conta de mim, e comecei a escrever isso:

*Sozinho em meu quarto, apenas a luz da lua batendo em minha cama.
Lembranças me vêm à mente, da noite que fugi de você.
Eu era novo, era confuso. Estava descobrindo seu mundo, estava procurando você.
Sozinho no meu quarto, deitado em minha cama, perdido em pensamentos do passado, do encontro inesperado.
Hoje não sou mais menino, não corro mais de você, por isso, em pensamentos, tento encontrar você!
Minha alma te chama, meu sangue te espera, sem grades na janela para um dia você entrar!
Sozinho em meu quarto um dia não irei estar, e com meu sangue iremos brindar a doce imortalidade que sua maldição irá me dar!*

Algumas semanas depois, Clara escreveu uma coisa e me disse que parecia ter sido escrito para mim! E me mandou pedindo para eu ler:

*Saia negra até o joelho, pés descalços.
No tornozelo trago uma corrente presa com um pingente.
Corpete justo... Não sinto frio!
Pulseiras, uma delas traz meu nome: Angelique
Lábios vermelhos, cor de sangue, presas escondidas.
Um pequeno demônio feminino...
Uso meus olhos para prender. Você quer meu beijo?
Caminho lentamente pra você. Consegue me ver?
Consegue me sentir? Foi você que chamou, então vim!
Se chegar vai ser de mansinho, devagar!
Se eu chegar vai ser porque você assim quis!
Chamou! Por isso venho, mas não sei de amor, só sei ter!
Sei do desejo do teu sangue em mim, do barulho de seu coração, do seu sal!
Vou até você! Espera com certeza!
Vou te ter em sua vida e na sua morte!
Ele sabe... Depois? Depois há muito mais!
Deixo-te à eternidade, em teus sonhos não me vê, mas vejo você!
Roubo de você a cada noite uma gota de vida e te dou uma gota de morte!
O que quer? Prefere cabelos longos?
Então te dou a forma que prefere!
Viu-me na vida e não sabe, mas prometo, vai saber!
Espera, estou chegando!*

Digam que também não acham estranho! Muita coisa está acontecendo, e eu e Clara estamos prontos para descobrir o que é!

Sinto que Clara precisa de minha ajuda, pois conheço sobre vampiros e talvez, se for isso, se forem vampiros que estamos prestes a descobrir, acho que poderei ajudá-la.

Por isso, estou indo ao encontro dela, e já lhe mandei uma carta dizendo o dia e a hora em que chegarei.

Estou apenas terminando de arrumar algumas coisas por aqui e logo estarei com ela para descobrirmos o que está acontecendo conosco!

Clara, não se preocupe, estou chegando!



CHOVE MUITO, E ISSO ME DEIXA melancólica, mas se ao menos tivesse raios e trovões, combinaria mais com o clima de mistério que vivo hoje.

O vôo de Carlos está atrasado. Enquanto ele não chega tento lembrar de nossas conversas, mas estou dispersa demais...

Leio novamente a carta de Carlos, ele se prontifica a tudo para resolver esse mistério que agora é de nós dois. Procuro reconhecer na foto que me enviou aquele que acha que vai me ajudar, mas que na verdade estará entrando em sérios apuros, segundo minha intuição.

Em circunstâncias normais o faria ficar em um hotel, mas temos tanto a conversar que o levarei a minha casa e, convenhamos, essa não é uma circunstância normal.

Como posso confiar em um estranho? Como posso confiar em alguém dessa maneira? Não sei.

Um trovão. Olho através dos portões de vidro e sorrio, acho que os elementais escutaram meus pensamentos.

Finalmente o avião aterrissa, mais cinco minutos e começaremos nossa aventura. Mais cinco minutos para mudar minha vida, sinto ímpeto de sair correndo, fugir daqui. Mas não. Permaneço parada no mesmo lugar. Já o vi, vem em minha direção, mas como sabe que sou eu? Ao contrário dele, não enviei fotografia alguma! E querem saber? Estou olhan-

do para alguém que já esteve em meus sonhos, alguém que foi morto por Leon.

Estou tonta, deve ser emoção, ou falta de alimento em meu estômago.

– Olá meu amigo, me dá um abraço?

Carlos não pensa um minuto sequer, simplesmente me abraça. Seu cheiro é bom, me faz bem. Acho que nem preciso dizer o alívio que senti, seu abraço me trouxe a segurança de que tanto preciso. Suas mãos estão tremendo, as minhas apenas geladas. “Ponto para mim!”, penso, não sou a única nervosa nesta história.

– Vamos? – convido, ele me olha e pensa: para onde? Isso nem preciso dizer como sei, apenas sei.

– Para minha casa – respondo. Ele só levanta uma sofrancelha como resposta.

Quando chegamos em casa, após aquele horrível diálogo de início de conversa entre dois estranhos, a lareira já estava acesa, como havia pedido a minha ajudante que o fizesse; no balcão, a tábua de frios nos aguardava, mas estávamos sozinhos, minha ajudante já havia seguido minhas instruções e ido embora, ficando de voltar somente depois que eu viajasse com Carlos.

Levei-o para conhecer a casa, após ter deixado sua bagagem em seu quarto. Ele gostou do pomar, diz ter sido acostumado a passar férias em fazendas. Voltamos para dentro, pois ainda chovia, e Carlos disse querer tomar um banho. Decidi fazer o mesmo. Fui a meu quarto, coloquei minha música preferida e relaxei, quase dormi, mas levantei sobresaltada, achando-me uma péssima anfitriã.

Esperava que Carlos não estivesse constrangido, afinal ainda restava certa reserva natural entre nós. Apesar de tan-

tas semelhanças e dessa minha impressão de conhecê-lo a vida toda, é a primeira vez que o vejo. Voltei à sala e o encontrei observando retratos, quadros... Senti-me meio invadida... Mas sou assim... O que é meu, só a mim mesma pertence.

Difícilmente permito expor meu dia-a-dia, minhas recordações, mas deixei a sensação de lado e fui ao seu encontro, esperando poder realmente confiar nele, e que ele também confiasse em mim

Eram quinze horas de um dia muito feio, muito cedo para poder oferecer uma taça de vinho ou algo mais forte; mas que importância tinha o horário? As convenções? Esse não era mesmo um dia normal. Ofereci-lhe uma bebida e me servi de uma taça de meu vinho preferido, e ele recusou, disse querer esperar um pouco mais. Seus olhos tentavam adivinhar o que se passava em minha mente, ainda está um pouco receoso.

– Esqueci de dizer, eu fumo, você se importa? Sinto, mas vou fumar com sua permissão ou não, então nem vem com sermões sobre o cigarro matar tá? – disse-lhe.

Minha lareira fica bem abaixo da biblioteca, à sua frente, no sofá, Carlos apenas me olha, aguardando meu próximo passo; convido-o a subir, gosto mais da intimidade que tenho com os livros e por ser menor o ambiente é muito mais aconchegante.

Começamos nossa conversa e nossos planos para esse dia ainda. Perto das dezessete horas sairemos para visitar um cemitério, o mais antigo da cidade.

Como vou encarar isso não sei, pois tenho dois sentimentos contraditórios em relação a cemitérios: fascínio e horror.

Para mim tem um quê de mistério deixado pelas pessoas ali enterradas, tantas lágrimas, tantos sorrisos, tantas histórias esquecidas...

Horror pelo fato de terem sido encerrados, em eterna escuridão, em uma caixa cheia de nada.

Mas Carlos quer ir, então iremos, mas ele que se prepare para ter uma mulher apavorada grudada em seu braço, goste ele ou não.

Em outra circunstância a idéia até que seria bem simpática a meus olhos. Ele me atrai.

Convido-o para contar sua história novamente, assim começamos a quebrar o que resta do gelo entre nós.

Como pode tantas coincidências entre duas pessoas tão diferentes? Ainda me assombro com isso!

Tentamos a brincadeira de adivinhar o que o outro está pensando, começamos com cores, no começo, com o clima, de brincadeira erramos todas, mas quando começamos a levar a sério, entre cinco tentativas, acertamos quatro.

Passamos então a sensações, ao que realmente achamos um do outro. Sorrisos discretos e sem graça, trocamos de assunto.

Para variar minha cabeça dói, como sempre quando quero saber dele, sobre o que ele pensa.

Carlos me deixa assim. Ele é mais forte do que eu. Não restam dúvidas.

– Já são dezessete horas, vamos indo?

Não quero dirigir, não gosto, então deixo Carlos pegar no volante. Combina com o jeito de mandar que ele tem. Mas faço questão absoluta de fazer isso um pouquinho mais complicado para ele.

Faço-o seguir primeiro para o Parque Barigui, que fica próximo a minha casa, e como sou uma boa curitibana tenho o maior orgulho dele. Muito verde, natureza intocada, e dizem alguns, fantasmas também.

Depois de algumas voltas, ele fica perdido, mais um ponto para mim! Sei que terá volta, mas não tem importância, valeu a brincadeira.

Voltamos pelo parque até chegarmos ao cemitério que queríamos. Carlos está achando a cidade linda; na realidade é sim, mas como estou acostumada, nem ligo.

Pronto, chegamos ao portão. Estacionamos e olho para Carlos. Devo estar com cara de medo, pois ele sorri e me chama de boba. Tem vezes que gosto do jeito de ele dizer isso, às vezes me irrita.

E essa é uma das vezes irritantes!

Carlos sorri para mim ciente disso e diz:

– Entramos? Ou está com medo?

Sem pestanejar desço primeiro do carro. Carlos percebe minha raiva à ironia de sua pergunta, e em seguida desce do carro.

– Desculpe Clara, você se irritou? Estava apenas brincando, pois eu particularmente estou um pouco assustado.

– Para te falar a verdade Carlos, eu também, e não me irritei, apenas queria descer logo antes que nós dois mudássemos de idéia!

– Então vamos Clara, já está escurecendo!

Clara começou a andar na frente, como se soubesse aonde queria ir, e eu, nessa hora, apenas conseguia olhar para o balanço mágico que seu quadril proporcionava. Como ela era bonita, pequena... Até na hora que ela me pediu um abraço.

ço no aeroporto, ficou difícil segurar a tentação. Seu cheiro era bom, sua boca vermelha, tinha um encanto misterioso!

E ela que se dizia ser sem atributos físicos, pensei comigo: “Ela que nunca se olhou por esse ângulo!”, e dei uma pequena risada.

Logo me virei e olhei para a frente! Não podia ser tido como cafajeste, afinal era a primeira vez que nos víamos, e o objetivo era encontrar o que estava acontecendo conosco!

O sol estava se pondo e com isso aumentava aquele clima de suspense, magia e mistério que todo cemitério nos proporciona. E eu, por um momento, estava torcendo para que ela se assustasse com algo e viesse ao encontro de meus braços! Dei outra risada indiscreta sem que ela percebesse, tentando imaginar o que ela teria achado de mim!

De repente Clara me tirou de meus pensamentos nenhum pouco discretos, dizendo:

– É aqui!

– O quê? – digo, sem entender nada!

– É aqui o lugar onde imagino encontrar uma pista, pois no último sonho, Leon me disse para procurar o óbvio!

Clara entrou sem me esperar, por um instante fiquei admirando o lugar onde estávamos.

Era da entrada de um antigo mausoléu, uma arquitetura gótica, bonita, com dois anjos de cada lado da entrada, como se fossem guardiões daquele lugar! Trepadeiras misturavam-se nas lindas colunas de mármore do local. Apesar de ser um cemitério, até que era bonito!

Clara apareceu na porta de entrada dizendo:

– Anda Carlos, quer ficar aí até os mortos se levantarem? Vem aqui e veja o que eu achei!

Sigo sem esperar por Carlos, mas sei que ele está logo atrás de mim, aliás, percebi seu olhar desde que entramos no cemitério, mas deixei passar, afinal há tempo para tudo.

Mostro a Carlos o túmulo de Maria Bueno, uma conhecida santa curitibana, resumo sua história para ele, mas o que me interessa na realidade, o que me chamou a atenção, foi o túmulo ao lado do dela, algo como um jazigo pequeno e familiar, muito velho e quase destruído.

O portão está fechado, estava escurecendo, mas dava para ver pelo vidro quebrado os símbolos rúnicos ao lado do nome: Moema Aihlah, bruxa para sempre, 1739.

– Veja Carlos, esses símbolos! Não me parecem estranhos! Lembra quando te contei de meu desdobramento astral em que reconheci a música cigana? Tinha esses símbolos na relva, lembro-me bem!

Muito animada, pela estranha coincidência, pulo e abraço Carlos, mas minha alegria era tanta que não medi forças ao abraçá-lo e só percebi o tamanho do estrago que fiz quando ele perdeu o equilíbrio para trás e foi empurrado contra o portão do jazigo.

Quase morro de susto!

– Desculpa Carlos! Eu não queria, sou mesmo muito estabanada... Eu...

– Calma, estou bem! Assim você só facilitou nossa entrada e... Alguém já disse que seu cheiro é bom? – disse ele, sacudindo a poeira vermelha de sua roupa.

Quase caiu meu queixo, pois pensei o mesmo!

– E agora, quebrei o portão! O que faremos?

– Entramos então, sua boba! – disse ele, sorrindo.

Carlos vai à frente, mesmo toda a adrenalina do momento não me impediu de olhar para suas pernas, e que per-

nas, coxas grossas... E logo pensei: “Se ele pôde... Por que não eu?”.

O cheiro lá dentro é de ar parado, um pouco ardido de mofo, mas respirável.

Chego perto e olho para os símbolos cravados nas paredes de onde estávamos e sei o que representam: a magia, eterna, vida e morte.

Carlos anda para perto de mim e toca em um dos símbolos, o maior deles, que significa magia eterna. Como estamos apertados e a pressão que Carlos faz sobre o símbolo é grande, este se solta e cai no chão.

“Ai... Agora vamos presos!” – penso eu.

– Vamos não! – ele disse, abaixando-se para pegar o símbolo que tinha caído.

Mas havia se quebrado em três partes. Da maior delas Carlos retira algo enrolado, que sob a luz de meu isqueiro parece ser uma faca, mas, chegando perto, percebo ser algo como um pedaço de couro enrolado.

– Acho melhor irmos embora Clara, logo devem fazer ronda por aqui e eu não quero que ninguém descubra o que achamos! Vamos depressa e levaremos esse pequeno artefato conosco!

Carlos nem precisa falar uma segunda vez, saio primeiro e respiro o ar de chuva a plenos pulmões.

Nunca o ar foi tão cheiroso em minha opinião.

Vem vindo alguém! Abaixo-me e faço sinal para Carlos ficar quieto também.

– Quem era?

– Passou, não deu para ver!

– Então vamos, senão ficamos presos aqui!

Ele pega minha mão e me puxa para junto de si. Abro um pequeno sorriso e penso: “Ou ele tem essa mania de mandão mesmo ou já está acostumado a revirar cemitérios!”.

Mas isso é ótimo na minha opinião.

Sinto tonturas novamente e quero um cigarro, mas nem pensar, alguém pode ver a brasa do cigarro, algum segurança pode nos pegar.

Chegamos ao portão de entrada e damos de cara com um guarda, o vigia. Ficamos sem saber como agir e o que dizer, diante do olhar de acusação, mas Carlos pede para abrir o portão, me abraça, olha o vigia e diz:

– Desculpe, não percebemos o tempo passar!

Só aí percebo nossas roupas empoeiradas e amassadas, e sei exatamente o que o vigia estava pensando.

A vontade de rir era grande, mas me controlo. Uma cena nada inocente passa pela minha cabeça, mas procuro mudar meus pensamentos, pois Carlos está aqui.

Depois de o homem abrir o portão, sem ter dito uma única palavra sequer, corremos para o carro, pois a chuva engrossara, e muito.

Caímos na risada pela situação, pois conseguimos algo novo e saímos ilesos e ensopados.

– Para onde agora, moça?

– Pra minha casa!

Carlos pergunta que caminho seguir e coloca o carro em movimento, e seguimos até o primeiro semáforo fechado. Ao parar o carro, Carlos vira a cabeça em minha direção e pergunta:

– Você teria coragem?

– Do quê?

– Você sabe... Em cima de um túmulo?
– Não... Não sei... Teria... Teria sim! – respondo meio encabulada, não estava preparada para aquela pergunta!

– Sabia! – disse ele.

Penso: “Ponto para ele, me pegou pensando o que não devia, me pegou me imaginando transando em cima de um túmulo! Fico quieta, mas a idéia me agrada, e muito”. Coisas de maluca sabem?

– Até que enfim chegamos em casa! Vou para o banho, estou toda empoeirada e gelada por causa da roupa molhada de chuva!

– Eu também. – responde ele.

– Mas cada um em seu quarto! – “desta vez não houve resposta”, penso.

Após um banho maravilhoso, visto meu velho jeans, uma blusa bem quentinha e volto à sala procurando Carlos.

Ele ainda não veio, então decido pedir uma pizza.

Carlos enfim apareceu, estava de jeans, uma blusa de moletom e... descalço como eu. Trazia na mão o pequeno pedaço de couro que encontramos no cemitério.

Aponto para o bar e sento, estou cansada e tonta. Fecho os olhos e relaxo. Sinto Carlos sentar ao meu lado. Quando abro os olhos ele diz:

– Seu pescoço está sangrando! – passando o dedo no ferimento.

– Ao menos agora sabe que não estou mentindo, sabe que não estou louca. Diga!

– Nunca duvidei de você!

Ouçõ uma leve buzina do lado de fora da casa e me levanto, dizendo:

– Nossa pizza chegou, vou buscá-la!

– Podemos comer na sala mesmo? – ele pergunta, meio sem jeito.

– Boa idéia! – respondo logo para deixá-lo mais à vontade.

Assim, sentados no sofá, comendo a pizza, conversamos sobre o dia que tivemos.

Carlos olha para o relógio, dizendo que ainda era cedo para dormir, então decidimos pesquisar. Subimos como crianças curiosas para a biblioteca, pois aquele pedaço de couro com certeza nos levaria à nossa primeira grande pista.

Carlos abriu o pedaço de couro em cima da mesa e, olhando assustado para mim, disse:

– Ou eu estou ficando louco, ou isso aqui é um antigo manuscrito!

Começamos a analisar o que tínhamos a nossa frente. Não sabíamos o que era, mas ambos tínhamos certeza de que era muito importante.

Era um pedaço de couro, com letras que pareciam ter sido desenhadas. Havia alguns símbolos de magia e um pequeno mapa. Quando percebemos que poderia ser um mapa, uma coisa havia nos assustou. Tinha um desenho em cima de uma região, e era justamente o desenho do símbolo que havia se quebrado no jazigo.

Carlos se arrepia e diz: – Eu não sou bom em geografia, mas, pelo que está me parecendo, essa região é o Estado do Rio de Janeiro, e o símbolo está justamente em cima da capital.

Pego para olhar e dessa vez sou eu que me arrepio. Eu conhecia aquele símbolo, parecia o número um ao contrário, mas... Não era um símbolo, era uma letra... Uma letra do alfabeto de Runas. E digo assustada:

– Isso é uma letra, não um símbolo, isso é desenho de uma pedra de Runas!

Percebendo o olhar de quem não entendeu nada de Carlos, e me adianto para explicar, afinal, ele pode conhecer muito sobre vampiros, mas pouco do mundo da magia, apesar de ter um grande potencial para isso.

– Já ouviu falar em Runas, Carlos?

– Runas? Acho que não, o que é?

– As Runas são um antigo alfabeto germânico usado tanto para a comunicação no dia-a-dia quanto para propósitos místicos e adivinhação.

– E que símbolo é este?

– Isto!... É uma letra desse alfabeto. É a letra número vinte e se chama Laguz.

– E o que significa, sabichona?

Ele me pergunta sorrindo, pois sabia que me irritaria pelo tom de ironia. E como eu disse, parece que ele gosta de brincar assim comigo. Mas estava tão centrada que nem li-guei, e continuei a falar.

– Laguz significa fluxo! Uma viagem além-mar, seguir os instintos, sentir, em vez de pensar!

Carlos, espantado com o que descobrimos, não se conteve e perguntou:

– Mas todo fluxo tem seu refluxo, tem seu lado contrário. Isso também pode acontecer no significado desta palavra?

Apesar de Carlos não entender muito de magia, ele pega as coisas muito rapidamente, e para variar ele estava certo.

– Sim, realmente pode acontecer. Isso em Runas, chama-se reverso, e o reverso de Laguz fala para prestarmos atenção aos bons conselhos de outras pessoas, nos diz para tomarmos cuidado com as tentações, e que não é um bom sinal!

Nessa hora nós dois nos arrepiamos, como que sentindo algo.

Carlos me olhou de um jeito estranho e disse que iria dormir, pois era muita coisa para um dia só.

Concordei e também fui me deitar. O quarto em que ele estava ficava bem ao lado do meu, pois o outro estava cheio de quinquilharias velhas empilhadas em caixas de papelão. Por isso, ficou mais difícil dormir.

Em minha mente, fiquei imaginando que ele arranjaría uma desculpa qualquer e viria ao meu quarto, me tomaria em seus braços pois, no cemitério percebi seus olhares de cobiça, como me olhava, me querendo de uma maneira tão feroz. Sei que ele quer algo mais que minha amizade. E é claro, eu estou torcendo para isso, pois eu também o quero para mim! Mas, apenas desejando boa noite, fomos deitar.



MERDA! JÁ SÃO QUASE TRÊS e meia da manhã e ainda não consegui pegar no sono. Também, com ela dormindo aqui do lado fica difícil para qualquer um. Mas eu tenho que me controlar. Não posso entrar no seu quarto assim no meio da noite igual a um tigre... Rio baixinho e penso comigo: “Será que é isso que ela está esperando que eu faça?”. Esquece, você está aqui para ajudá-la e descobrir esse mistério que une os dois.

O dia amanhece e os primeiros facho-
s da luz do sol começam a invadir o quarto pelas frestas da janela de madeira. Acordo espantado com um sonho que tive, estranho. Sonhei com uma bruxa, ou algo assim. E como acontece sempre que tenho esses sonhos malucos, mas reais, acordo com vontade de escrever sobre eles. Procurei um lápis e papel dentro da minha mala e comecei a escrever...

Espero Clara acordar, e logo que ela aparece vou dizendo:

– Leia isso. Foi mais um daqueles sonhos malucos que tenho, mas desta vez não foi com uma vampira, e sim com uma bruxa. Escrevi isso assim que acordei, tentei descrever nos mínimos detalhes tudo que aconteceu.

Entreguei o papel a Clara e ela começou a ler em voz alta:

Esta noite tive outro dos meus sonhos!

Sonhei com uma floresta densa, ao fundo via-se um riacho, e sua água cristalina, cercado de pedras pequeninas.

Andando entre as trilhas, avistei uma cabana, com um grande cercado de madeira, e ao centro uma enorme porteira!

Duas artes feitas de arame cuidadosamente a enfeitavam. Arames trabalhados por mãos delicadas formavam duas imagens, uma o sol e outra a lua.

Entro na cabana procurando alguém. É estranho, pois não conheço ninguém!

Saio depressa a procurar-te! Como pode ser, eu nem sei quem é você?

Sigo por outra trilha, pessoas vestidas com roupas antigas. Camponeses talvez!

Não sei o que faziam, mas queriam você! Com foices e machados, gritavam palavras de ódio na entrada da porteira.

Queriam acabar com sua cabana, queriam acabar com você!

Ao final dessa trilha, quase à beira do riacho, outra cabana eu encontrei e nela eu também entrei!

Na sacada da varanda escondida você estava. Com os olhos amedrontados, feito bicho atocaiado.

Você é linda! Foi o que falei, e um sorriso em sua face apareceu. Estendi minha mão, prometendo proteção e seu nome em minha mente apareceu de repente!

Nickole!

Nesse instante eu acordei, com você no pensamento.

Em meus sonhos te procurarei para cumprir a promessa que fiz.

Como te acharei? Isso eu já não sei! Mas em algum lugar dos meus sonhos

Com certeza a encontrarei!

Clara me olha, sorri, e diz:

– Primeiro vamos por partes. Bom dia Carlos, não dormiu comigo. Segundo, vou fazer um café, não vivo sem ele, aliás, não consigo pensar direito sem um café bem forte logo

de manhã. Vem comigo, vamos até a cozinha e você me explica seu sonho, parte por parte.

Carlos começa seu relato, peço a ele que tente se lembrar de detalhes, pois é muito estranho sonhar com uma bruxa logo após termos encontrado o manuscrito.

Acendo um cigarro e Carlos diz, “isso ainda vai te matar!”. Mas como sempre, escuto mas nem ligo.

Tomo meu café, ofereço o dele, pergunto o que ele acha que devemos fazer a seguir.

Carlos levanta a sobancelha dizendo:

– Vamos ao Rio.

– De carro?

– Não, é perder muito tempo, prefiro definir isso de uma vez! Vamos de avião!

Antes de embarcarmos, ainda no aeroporto, Carlos compra um guia rodoviário da cidade do Rio. Já a caminho da capital carioca, ele decide comparar o mapa do guia com o mapa do pergaminho, e para nossa surpresa era o local de outro cemitério.

Mal chegamos ao Rio de Janeiro e Carlos queria ir direto ao cemitério, mas preferi passar antes no hotel, assim deixamos nossas coisas por lá.

Escolhemos um hotel em que Carlos já havia ficado, mas como não fizemos reservas, vamos ter de dividir um apartamento. “Pronto! Agora que ficaremos sem graça mesmo”, penso. Mas confesso que isso me agrada, isso até que é bem conveniente, ele perto de mim, com esse perfume...

Adoro o cheiro dele. Faz-me sentir feminina.

Enquanto ele vai acertar as coisas lá em baixo, alugar um carro, troco essa roupa por outra mais confortável. Algo me diz que vamos andar muito.

Desço para encontrá-lo.

Carlos está com o mapa e o pergaminho, e decide ir ao cemitério de Gamboa, não é muito perto, mas encontramos.

Mais uma vez, estamos em frente de um cemitério.

Outra vez Carlos diz:

– Vamos? Desta vez sem derrubarmos portas! – e sorriu.

Entramos, mas esse cemitério em particular me deixa apreensiva, não gosto daqui.

Dessa vez sou eu que procuro a mão de Carlos.

Apenas andamos, deixamos a intuição de Carlos nos guiar.

De repente Carlos fica tenso e apressa o passo, parece saber de alguma coisa ou algo assim. Fico quieta, esperando que ele faça o que tem que fazer.

Dirigimo-nos à frente da igreja e Carlos procura por um túmulo específico, anda entre vários deles, e nada.

Seu olhar é de decepção, mas dura pouco. A não!!!

Ele vai fazer o que penso que vai fazer?... Fez.

Chama-me pra entrar na igreja, então entro.

Lá dentro duas senhoras rezam. Esperamos elas saírem.

Mas Carlos está muito agitado e começa a caminhar e observar tudo...

Volta para perto de mim e sussurra:

– Tem algo ali, próximo à pia batismal.

Procuro com os olhos e acho outro túmulo.

Não acredito nisso!

As senhoras saem, nos olhamos, e vamos observar mais de perto, e nos arrepiamos. O mesmo sobrenome do outro túmulo! Só que desta vez é de um padre, mesmo ano... e diz que ele era de São Luiz do Paraitinga.

Adivinhem nossa próxima aventura? Sim, isso mesmo! Não deu tempo de nada, saímos da igreja e voltamos ao hotel, pegamos nossas coisas, passamos em algum lugar do qual nem lembro o nome para almoçar e seguimos viagem.

Ao entrarmos no carro, Carlos olha para mim com um sorriso nos lábios e diz:

– Sabe Clara, até que está sendo legal essa nossa louca e insana aventura!

– Eu estou é com medo! Não estou vendo nada de legal, e se realmente estivermos ficando loucos? Já pensou? Nós dois iríamos acabar é internados em algum hospital.

Carlos apenas gargalhou. Realmente ele estava gostando de toda aquela loucura, estava com medo também, mas não queria demonstrar. Isso eu sei!

A viagem não é muito longa, a distância que separa a capital carioca da cidade de São Luís do Paraitinga é de aproximadamente trezentos e vinte e nove quilômetros, por isso Carlos decidiu ir de carro.

No caminho ele conta que já ouviu falar muito dessa cidade e que até já sabia aonde deveríamos ir.

Ele contou que a cidade fica encravada no meio da Serra do Mar, entre as cidades de Taubaté e Ubatuba, e que abriga o maior conjunto arquitetônico tombado do Estado de São Paulo. Falou também que esse inestimável patrimônio histórico-cultural é a herança de um período de riqueza vivido no século XIX, quando a cidade ficou conhecida como “celeiro do Vale do Paraíba”.

Os olhos dele brilhavam enquanto me contava a história, e realmente parecia saber exatamente o que iríamos fazer lá. Estávamos cansados, pois a viagem durou cerca de

quatro horas, sem contar que não paramos nesse dia. Chegamos ao Rio de manhã e logo após o almoço partimos novamente.

Chegamos a São Luís do Paraitinga já à noite, e como ele já tinha ouvido falar da cidade, fomos direto para uma pousada que fica a oitocentos metros da cidade. A pousada até que era grande para a cidade, possuía vinte suítes. Mas, Carlos não se preocupou com os quartos. E foi logo dizendo:

– Um quarto, por favor!

Depois da mancada que deu, ele caiu em si e, meio constrangido, me perguntou se tinha algum problema dividirmos outra vez o quarto. Usou uma desculpa qualquer, falando que na verdade estava com um pouco de medo e não queria me deixar sozinha, pois não sabia o que poderia acontecer. Dei uma pequena risada e respondi que não tinha problema, comentando que ele se comportasse ou dormiria no chão.

Ao entrarmos no quarto, Carlos ligou a TV e pediu licença para deitar um pouco na cama, dizendo que estava com as costas um pouco dolorida pela viagem.

– Tudo bem. Vou aproveitar e tomar um banho, pois estou exausta!

A água morna do chuveiro escorria pelo meu corpo e o som da TV no quarto me lembrava que Carlos estava ali, mais uma vez no mesmo quarto. Apesar de na última vez nem ficarmos no hotel, minhas expectativas tinham aumentado, e só o pensamento de ter que dividir o quarto me deixava um pouco agitada.

Para completar, eu estava com tanta pressa de tomar banho que esqueci a toalha na cama junto com minha lingerie!

E pensei: “Que merda!”. Constrangida pelo meu esquecimento não tive outra saída a não ser pedir a Carlos que trouxesse a toalha e o restante de minha roupa.

– Carlos, poderia me fazer um favor? – falei, sentindo-me uma boba, aliás, palavra preferida dele em relação a mim.

– Claro, o que quer?

– Com a pressa esqueci de pegar minha roupa e a toalha, você poderia trazer para mim? “Agora fudeu!”, penso novamente.

– É claro, um minuto!

“Aposto que ela fez isso de propósito, ela quer me deixar mais louco por ela do que já estou, devo ter dado bandeira e ela deve ter sacado, por isso está brincando comigo.”

– Já estou indo!

– Espere Carlos, vou até a porta! – “ele vai acabar achando que estou brincando, homens são sempre assim, pensam só com a parte de baixo da cintura!”, penso, rindo, e abro uma fresta na porta do banheiro e meus olhos encontram os dele... Observando pelo espelho.

– Pode me dar, por favor! Obrigada!

– Estou às ordens! – brincou

Carlos também resolveu tomar um banho e se queixou da dor nas costas, falando que devia ser por causa da tensão da viagem.

Fiquei com pena dele, aliás, mais uma diabrura vem à minha mente e pergunto se ele não quer que eu faça uma massagem pra relaxar seus músculos. Se ele recusasse, aí sim iria dormir no chão com as costas doendo; se respondesse sim, poderia dividir a cama comigo. Como apenas deitou de bruços consentindo, resolvi deixá-lo ficar na cama comigo. Ele estava tenso a princípio, mas aos poucos foi relaxando.

– Carlos, você pode dormir na cama comigo, afinal somos adultos o suficiente para sabermos nos comportar.

Acabou concordando, pois o chão não iria lhe fazer muito bem.

Começo a massagem, realmente ele está tenso, parece que meu toque o deixa um pouquinho mais.

– Relaxa! Eu não mordo! – brinco, só assim ele relaxa e eu posso terminar meu serviço.

A pele dele está morna, cheirosa, tenho vontade de subir ou descer a mão mais um pouquinho, mas me controlo. Apenas a respiração dele está alterada... Termino e deito na cama.

– Pronto moço, está melhor?

Ele deita ao meu lado olhando para a TV e, meio sem jeito, pergunta se eu poderia fazer-lhe essa pequena massagem outras vezes.

– Claro! Mas não se acostuma não viu!? – disse rindo.

Olhando em seus olhos lembrei de minhas mãos nele, deslizando por suas costas largas, e não pude evitar um calor que de repente tomou conta de mim. Tentando desviar a atenção de minha mente e da dele também, pois percebi que ele sabia o que eu pensava, porque eu estava pensando o mesmo, perguntei:

– Carlos, no início da viagem para cá, você disse que já sabia aonde iríamos! Que lugar é esse que você pensou? Fiquei curiosa!

– É a antiga matriz da cidade, a igreja do Rosário.

– E o que tem de tão especial nela que o leva a pensar que pode haver algo lá?

– Essa igreja foi construída no século XIX, com paredes de taipa de pilão, reformada por três vezes, e na última, na

década de 1920, recebeu alterações que lhe deram um aspecto eclético, com predominância do neogótico. Hoje, está fechada para visitas públicas, o que acaba escondendo seu belo interior, cheio de afrescos. Os vitrais e a bela fachada, no entanto, podem ser apreciados pelos visitantes que vão à cidade. E o mais importante está no fundo da igreja! Lá se encontram os túmulos de figuras importantes da cidade, como o Barão de Paraitinga!

Enquanto ele fala, comecei a ficar com sono, e sem perceber adormeci.

Outra vez Leon me aparece, e vem novamente bravo, mas está envelhecido, como se estivesse adormecido em algum canto escuro e sujo e alguém, tivesse despertado. Como se não estivesse gostando do que estávamos fazendo, me pede para voltar para casa, e me bate de novo. Grito, e acordo.

Carlos dá um pulo na cama, me abraça e diz que é só um pesadelo.

– Calma, vai passar, estou aqui com você, não chora!

Levanto meus olhos para ele e Carlos solta um palavrão:

– Filho da...

Não entendo o porquê disso, mas ele levanta sua mão e passa seus dedos em minha boca; novamente o canto esquerdo está sangrando, machucado.

Carlos faz algo novo para ele. Acho que lembrou do sonho em que Leon havia me batido e imitou seu gesto, lambeu o sangue de seus dedos. Isso me gelou a barriga, na hora esqueci de Leon, esqueci de tudo, apenas seus olhos chamavam minha atenção, me aproximo lentamente e Carlos me beija de leve, sem pressa, um beijo carinhoso, amigo.

Fico abraçada nele até dormir novamente. Desta vez sem sonhos.

Acordo sentindo-me sufocada, presa, e me dou conta da perna de Carlos entre as minhas, é muita tentação pra mim. Esfrego-me em seu corpo, ele reage, sinto sua ereção.

Chego num ponto de querer continuar, mas temos muito para fazer, então, como se não fosse nada, levanto e vou para o banheiro. Quando saio encontro um Carlos com cara de poucos amigos, que passa por mim e se tranca. Decido fazer uma retirada estratégica para o restaurante e tomar meu café.

Quinze ou vinte minutos depois Carlos desceu, com o humor muito melhor, senta ao meu lado e começa novamente dizendo o que quer fazer nesse dia. Acho que consegui acompanhar alguma coisa, mas pouca na verdade, sua boca me chamava por demais a atenção. Chegamos aonde Carlos queria, o canto dos pássaros acalmava qualquer um; descer do carro com Carlos está virando rotina, e pegar sua mão também.



COMEÇAMOS NOSSA MAIS nova aventura. Entramos por um caminho muito bonito, mas, para variar, fomos para trás da igreja, no cemitério lá existente.

Muito bonito esse aqui. Vimos os famosos túmulos; sempre tem gente nesses lugares, incrível! Como se o fato de visitar cemitérios

fosse um ritual da vida cultuando a morte.

Procuramos entre os túmulos mais antigos algo que nos desse uma pista. E encontramos algo terrível: um túmulo idêntico ao primeiro de Curitiba, e o que é pior, com o mesmo nome: Moema Aihlah!

Nunca me senti assim, com tanto medo, como pode? Mesma data, mesma pessoa? Impossível! Mas é o que diz aqui. Carlos entra – diferente de seu similar, esse aqui não tem porta – e vai direto aos mesmos símbolos e quebra o maior deles, pra variar tem algo dentro também! Carlos coloca em seu bolso e sai levando-me junto. Não consigo pensar direito, parece coisa armada, feita pra ser achada.

Desta vez nem esperamos sair e encontrar um lugar qualquer. Apenas vamos para o carro, e ali uma outra surpresa nos aguardava... Vejo uma mulher esperando por nós e apontando para o norte. Ela some, quando percebe que entendemos o que quis dizer.

Carlos me olha, branco como um fantasma, e diz:

– Moema Aihlah?

Respondo que sim com a cabeça, pois estou sem voz.

– Vamos voltar para a pousada! – diz ele, ainda meio bobo pelo que tinha acabado de acontecer.

Entramos no quarto e ambos deitamos de costas na cama olhando para o teto. Ficamos inertes por alguns segundos, até Carlos se levantar e estender o mais novo pedaço de couro em cima da mesa.

Desta vez, tinha algo a mais! Além dos mesmos símbolos, havia dois desenhos... ou melhor, duas letras de Runas, uma embaixo da outra. O desenho da que estava embaixo era idêntico a uma seta apontando para cima, e a outra era um quadrado vazio.

– Deixe-me ver! – dei uma risada, com um ar de sabichona, como ele mesmo me chamou da primeira vez. Assustada, olho para Carlos e ele se arrepia. Antes que fizesse alguma pergunta, fui logo me adiantando.

– Teiwaz e o vazio, a última runa do alfabeto!

– E o que significa?

– Teiwaz significa guerreiro, hora de marchar em frente e experimentar uma nova aventura... Novas coisas no Horizonte... Hora de ser bravo e corajoso... A vitória pode ser sua... Momento de grande paixão!

Ao dizer essa última parte, trocamos olhares encabulados por causa da grande coincidência.

– E qual é o seu reverso? – pergunta Carlos, sempre com muita atenção.

– Hora de emoções cruas... Cuide-se e fique alerta.

– E a outra letra, a vazia, o que significa?

– A outra é a última runa do alfabeto. Seu nome é Wyrð! Significa o desconhecido... Esta runa diz para entregar o destino aos Deuses... Nada poderá fazer neste momento... Destino é poder...

– Clara, eu posso até entregar meu destino aos Deuses, mas antes eu preciso dormir, minha cabeça tá a mil e eu não consigo esquecer a imagem da Moema Aihlah com o dedo apontado para o norte! Não consigo entender o que ela queria nos dizer, estou muito cansado para raciocinar!

– Concordo, uma boa noite de sono vai nos fazer muito bem!

Depois de alguns minutos, começamos a conversar outros assuntos para aliviar a tensão que nos assolava. Eu, como sou muito extrovertida e sabia que Carlos também era, embora estivesse muito sério pelos acontecimentos, resolvi quebrar o gelo daquele terrível clima de mistério e perigo que pairava no ar e comecei a contar algumas piadas e casos engraçados. Ele também começou a se soltar mais, parecia estar esquecendo um pouco toda aquela obsessão de desvendar o que está acontecendo conosco. Depois de algumas horas de conversa fiada, ambos resolvemos dormir.



Carlos acorda sobressaltado no meio da noite, dando-me um baita susto... Correu para o pergaminho que tínhamos acabado de achar e juntou com o que achamos em Curitiba. Fiquei assustada, pois ele deu um pulo daqueles no meio da noite, e saiu correndo da cama sem me explicar nada. Realmente me assustou!

– Burro! Como sou burro! Por que não pensei nisso antes?

– O que foi Carlos, saiu da cama daquele jeito, me assustou!

– Desculpe Clara, mas não dava para falar nada! Desculpa! – disse ele, rindo.

– Tudo bem, mas me diga o que aconteceu? E por que está se chamando de burro?

– Clara, veja isso!

Olhei os dois pedaços juntos e um completava o outro como um pequeno quebra-cabeças que ainda faltavam algumas peças.

– O que lhe parece?

– Ah Carlos, a essa hora da noite, me parece que você é louco! – começamos a rir!

– Tô falando sério Clara, o que você vê aqui?

Ainda estava meio sonolenta, mas ao olhar os dois pedaços ao mesmo tempo, pareciam formar um pedaço de um continente.

– Ah Carlos, olhando pelo desenho e pela posição, me parece o continente Europeu!

– Exato! E olha para onde esse desenho da pedra de Runa aponta!

Arrepiamo-nos novamente, trocamos olhares e...

– Para o Norte!

– E é para Londres que vamos!

– Tá louco Carlos? Como a gente vai sair daqui e ir despencar lá em Londres? E como pode ter tanta certeza que é para lá que temos que ir?

Ele me olhou, levantando novamente a sobrancelha, e me disse:

– Porque sonhei! Por isso acordei daquele jeito.

- Sonhou com o quê?
- Sonhei que estava em uma praça, era pôr-do-sol e o céu estava meio avermelhado. Dessa praça eu vi a torre de Santo Estéfano, a torre do famoso relógio Big Ben.
- Tá, mais isso não quer dizer nada!
- Claro que quer, junte os fatos! Moema Aihlah estava apontando para o norte, e este símbolo também. E depois eu sonhei com o Big Ben! Não é só coincidência, é mais um aviso, é para lá que devemos ir!
- Tudo bem, mas para isso precisamos voltar para nossas casas e providenciar tudo! Passaportes, trocar o dinheiro por euro, essas coisas!
- Tudo bem Clara, então vamos, pois realmente temos muito a fazer!



DEIXEI CLARA EM SUA CASA na cidade de Curitiba e peguei um voo para Belo Horizonte. Peguei um táxi no aeroporto e em meia hora estava em casa.

Não conseguia parar de pensar na nossa viagem para Londres. Que coisa mais louca, irmos às pressas para o exterior à procura de vampiros ou de respostas para nossas vidas, por causa de um sonho meu!

Tínhamos muita coisa a fazer. Eu precisava atualizar meu passaporte, pois, diferente de outros países, em Londres o visto só se consegue no próprio aeroporto.

Estava exausto da viagem e fui tomar um banho de quase uma hora. Como é bom relaxar o corpo embaixo de uma água morna. Nesse momento, me vem a imagem de Clara me pedindo para pegar sua toalha e sua calcinha quando ela estava tomando banho, foi muito engraçado, lembro até agora da cara dela!

É estranho! Como alguém pode ser ligado a uma outra pessoa assim? Por que temos essa sintonia toda?

Mas, uma coisa é certa! Ela é linda... Não consigo tirá-la da minha mente! Eu a quero, mas não posso! Não posso deixar esse fogo que está dentro de mim tomar conta de tudo. Preciso evitá-la para protegê-la, pois sempre Leon aparece e a machuca quando me aproximo dela.

Deitei finalmente em minha cama e fiquei imaginado sua massagem. Meu corpo se arrepiou, e pensei: “Ela deve estar pensando o mesmo!”.

Nossa sintonia havia aumentado tanto que, logo após que pensei na massagem que ela me fez, senti um perfume de jasmim tomar conta do meu quarto. Era o perfume de Clara, quanto mais eu pensava nela, mais eu sentia seu cheiro. Senti a energia de seu corpo, como se fosse possível tocá-la em pensamentos.

Levanto da cama e começo a arrumar minhas malas, afinal não sabemos quanto tempo iremos ficar no exterior nem o que iremos encontrar lá, se é que encontraremos algo! Cada dia que passa, eu penso duas coisas, ou eu estou ficando louco ou algo muito sério vai acontecer!

Às vezes me assusta, mas como sonhar com bruxas, vampiras e ver espíritos já está ficando habitual, estou até me acostumando.



Acordo cedo e ligo para Clara, avisando o horário em que estarei chegando. Como eu havia aprendido o caminho de sua casa, disse-lhe que não precisaria me buscar no aeroporto, pois eu tomaria um táxi, assim daria mais tempo para ela arrumar o resto de suas coisas antes de irmos para Londres.

CARLOS ME DEIXOU EM casa, cheguei cansada, mas animada.

Tenho mil coisas pra fazer, mil telefonemas, afinal não sei se voltarei logo.

Inglaterra... Há quanto tempo me prometo essa viagem e a Richard também.

Richard é meu amigo. Meu melhor amigo de anos, alguém em que posso confiar minha vida a qualquer momento. Sabe de meus sonhos, de meus segredos, de desejos e fraquezas, sabe de tudo, e se preocupa.

Já avisei minha ajudante que deve ficar aqui em casa e que era para ela trazer os filhos, sem problemas.

Abro o guarda roupa...

Começo do outono por lá. Vou adorar ver tudo, o ouro das folhas que começam a cair, a natureza adormecendo. Deve começar a esfriar, então nada de roupas muito leves.

Separo minhas coisas, falta apenas a lingerie... Lembro de Carlos. Lembro do que aconteceu com a toalha no hotel e decido ir às compras depois. Não... Vou agora mesmo!

Saio e faço compras com certo sentimento de antecipação: Que bobagem, devem estar pensando! Respondo a vocês: Por quê? Sou uma mulher, esquecem disso? Volto pra casa. Mais um dia e Carlos vem ao meu encontro.

Passagens reservadas. Pra variar, penso novamente em Carlos, Leon e bruxas... Até que estou calma com tudo isso. O que nos aguarda agora?

Sorrio levemente enquanto termino de arrumar minha bagagem, tenho uma vaga idéia do que espero que aconteça.

Carlos vai me matar! Quatro malas!

São dezoito horas aqui, umas vinte três em Londres. Ligo para Richard.

– Alô? – digo, enroscada no sofá com os pés encolhidos e meu vinho em uma das mãos. – Amigo, como você está?

– Bem, quero saber é como está você Clara, quer dizer que vem mesmo...

– Sim, vou. Sabe o que aconteceu, já te enviei os fatos, só espero que goste de meu novo amigo.

– Ele é confiável mesmo?

– Sim, é, tenho certeza disso, lembre do que te contei, ele sente o mesmo que eu! Faz parte de tudo isso sim.

– Espero que esteja certa disso minha amiga, espero mesmo.

– Estou certa sim e sei bem o que estou fazendo, então, sem sermões tá?

– Ok! Vou te buscar no aeroporto, o horário está confirmado?

– Sim, confirmado, e não nos deixe esperando por lá, sabe que detesto esperar!

– Estou louco para te ver amiga, estou com saudades e sabe disso, acha que vou deixar você esperando?

– Tenho certeza que não, estou só provocando... Dois anos que não nos vemos, apenas pela internet mesmo.

– Sim... Estou querendo ouvir sua voz, sua risada. Mas e Carlos, como é? Você está ao menos aproveitando a companhia? Conte-me mais...

– Bonito, quieto e um senso de humor apimentado. É do tipo protetor também.

– Hum, isso ao menos promete?

– Não sei, primeiro quero saber das minhas loucuras e de sonhos. Depois, quem sabe...

– Ok Clara. Mas tenha cuidado, não sinto uma energia boa nisso tudo, pelo contrário. Seria preferível que você desistisse disso tudo, menos da viagem, é claro!

– Fez o que te pedi? Está com minha pesquisa?

– Sim e você também, já te enviei.

– Vou olhar amigo, beijos. Vemo-nos logo, até mais!

Subo e vou pesquisar. Descubro vários pontos interessantes.

Carlos me ligou, vai chegar amanhã, falamos pouco, pois as coisas estavam corridas para ele também.

Sinto falta de sua companhia. Tão pouco tempo, mas me sinto segura com ele. Mexeu comigo, e muito, apesar daquele seu jeito mandão.

Os olhos são o forte dele, são profundos, sua boca me fascina.

Quero-o. Mas será que devo?

Ao menos enquanto durar essa loucura, quero-o. Ele sabe disso, sente isso.

Mas sei que ele também me quer. Vou deixar acontecer, mas sem pressões, sem obrigações. Sei que vai acontecer, e Carlos também. Melhor dormir, amanhã o dia vai ser cheio.



Acordo com o barulho do telefone. Putz! Deve ser Carlos, ele me falou que ia chegar, mas eu estava tão cansada que nem ouvi o relógio despertar!

– Alô! Quê? Já está aqui? Onde? Como assim, no portão?

Levanto de um salto e corro para olhar na janela, é ele! Corro até o corredor e abro o portão para ele, nem me dou conta de estar com o rosto amassado de sono e cabelos desarrumados. Ótimo isso pra começar alguma coisa! Mas, o que mais quero é estar perto dele, somente isso.

Abro a porta, meio sem graça, dizendo:

– Me perdoa Carlos, estava tão cansada que dormi mais que a cama!

Ele sorri, aliás ri mesmo... Não entendo o porquê, até que olho a camiseta com que dormi... Um enorme coração fazendo biquinho. Devo estar vermelha, porque ele muda de expressão, fica sério.

– Bom-dia dorminhoca! Tem café?

– Não ainda, mas faz pra nós enquanto me arrumo!

Desta vez quem fica sem graça é ele, pois não sabe fazer café.

– Tudo bem Carlos, é só ligar a cafeteira, vou me trocar, ainda temos algum tempo.



Entre meu café, a ida ao aeroporto e nossa viagem, o tempo passou voando.

Nem acredito que estamos voando há duas horas e ainda não dormi.

Carlos dorme faz tempo, ou melhor, finge que dorme, sei que está me observando, por isso minha vontade e humor não são dos melhores, tenho vontade de chamá-lo e fazê-lo dizer logo o porquê dessa distância que impôs desde que me viu de camiseta.

Homens!

Viro pro lado e tento dormir... Sonho com um penhasco à beira-mar, e esse lugar me traz calma, algo diferente do normal, mas é noite e está ventando um pouco, sinto o cheiro de mar e choro baixinho. Leon me abraça pelas costas, me consola. Diferente das outras vezes, me vejo a seu lado, sem violência física, mas apenas cumplicidade. Algo vai nos separar e não aceito, por isso choro.

Carlos me acorda, chegamos. Depois conto pra ele esse meu novo sonho. Agora quero ver Richard meu amigo.



Richard está nos aguardando como disse que estaria.

O tempo não foi injusto com meu amigo, ele está ótimo, muita classe mesmo.

Carlos está só me observando desde o avião, mas não sei bem o que pensa no momento.

– Oi meu amigo! – ganho um abraço apertado, enorme, daqueles que são sempre bem-vindos, e penso: “Por que os homens que são importantes em minha vida cheiram tão bem?”

Apresento Carlos a Richard e a empatia entre os dois é imediata, fico aliviada, pois ambos me são caros. Conversas iniciais à parte, vamos ao loft de Richard.

Realmente a cidade é linda, merece o título de realza, nunca foi tão bem empregado como aqui. O sol morno da manhã está nos dando boas-vindas.

Chegamos finalmente! Em casa, Richard nos deixa à vontade, dizendo onde ficava o quê. Observo Carlos e ele está satisfeito com meu amigo, mas não poderia ser diferente. Não somos quase iguais? Nada mais natural que houvesse tamanha empatia entre os dois. Absorta em pensamentos, me dou conta que estão falando em mim.

– Quer dizer então que você concorda com essa loucura de Clara, de querer chegar ao fundo disso?

– Totalmente Richard! Esquece que estou tão envolvido nisso quanto ela? Sei que vamos conseguir!

– Mesmos sonhos! Como pode isso? Saber o que um está sentindo e o que o outro pensa... Parece inacreditável Carlos, se não conhecesse Clara, diria que isso tudo é loucura dos dois.

Carlos não segura a gargalhada e diz:

– Quem disse que não estamos loucos?

Richard ri, mas ainda está preocupado.

– Prometem se cuidar? Prometem um cuidar do outro?

– Claro! – respondemos juntos, e Richard fica nos olhando como se fôssemos seres de outro planeta.

Começamos a tarde em Londres como qualquer bom turista, decidimos ver tudo, afinal, quem disse que não podemos nos divertir nessa nossa louca busca.

Mas nada de investigar hoje, esse dia é só nosso, não quero saber de bruxas, vampiros e fantasmas.

Em Hyde Park decidimos sentar e comer alguma coisa. Batata frita e cerveja apenas, pois descobri a aversão de Carlos a peixe.

Quem nos observa tem impressão de calma e preguiça, pois é exatamente assim que estamos calmos, e preguiçosos.

Voltamos à casa de Richard e decidimos sair, conhecer a famosa noite londrina. No banho escuto a voz de Rod Stewart cantando minha música preferida: *These foolig things*. Sorrio, pois Richard sabe que essa música me deixa bem, faz tempo que não me sinto assim. Será que Carlos gosta de minha música preferida? Se for como eu, com certeza!

Faço questão de me produzir esta noite, nada de jeans e tênis! Um vestido verde para meus amigos duendes, um salto alto para mim. Prata nos braços e pescoço, apenas o pingente é uma pedra da lua, em homenagem a minha deusa. Só pode ser lua cheia hoje, pois estou me sentindo muito feminina; um toque de jasmim entre os seios... Estou pronta, que venha a noite!

Volto à sala e meu queixo quase cai, Carlos está pronto... E está igual a Leon quando vem sedutor, mesmo jeito, mesma gravata solta... Mesmo olhar...

Incrível! Sinto o chão sumir debaixo de mim, estou tonta e quase caio.

– Que foi Clara, que aconteceu? – pergunta Richard

– Nada! – respondo, mas Carlos sabe o que aconteceu e me diz isso com seus olhos.

– Vamos? Quero ir ao famoso pub que me prometeu Richard – digo, para quebrar o clima que ameaça estragar minha noite.

– Vamos sim – responde Carlos, olhando de maneira indagadora.

Chegamos ao pub Hill Tavern, muito escuro, muito anos cinquenta. Uma verdadeira viagem no tempo. Richard está ao telefone, desliga e diz que tem de sair, pois assaltaram sua galeria. Diz para ficarmos e aproveitarmos, pois somente a polícia e a seguradora estarão por lá, e isso vai ser extremamente chato.

– Mas gostaram daqui?

– Sim – diz Carlos amuado, meio desconfortável.

Penso: “O que estará acontecendo com Carlos?”.



É ESTRANHO, DESDE QUE chegamos a Londres sinto que meu corpo mudou, minha energia mudou, algo aconteceu comigo e não sei o que é! Algo estranho como se eu já vivesse aqui há algum tempo, não agora, mas em uma época distante! Sinto-me à vontade com o clima e com as pessoas. Seja o que for, começou dentro do avião e estou gostando.

A viagem foi longa e mesmo assim não consegui pegar no sono, fiquei apenas fingindo estar dormindo e observando Clara, como se a quisesse para mim, não como uma mulher, mas como um troféu ou algo assim, sentia uma vontade de agarrá-la e levá-la para os fundos do avião e mostrar a ela quem era seu senhor! Estou louco só pode ser!

Quando chegamos à casa de Richard e decidimos ir ao famoso pub que ele havia prometido a Clara, visto meu melhor terno, deixo a gravata solta, e estava com uma energia muito boa, estava me sentindo sedutor!



- Que foi Carlos, não gostou do lugar?
- Gostei Richard, muito bom!
- Pela sua resposta não foi o que aparentou!
- Desculpe, deve ser o cansaço da viagem!
- Gente, me desculpe, mas tenho que ir correndo para a galeria, esse pessoal britânico não é muito amigável quando

fica esperando, ainda mais policiais e agentes de seguro. Se der volto aqui para buscar vocês, do contrário, já sabem meu endereço e é só pegar um táxi!

Até que esse Tavern era legal, completava esse clima de mistério que pairava no ar. Clara está linda como sempre e seu cheiro... Como me excita! Não sei por que, mas sinto algo diferente quando estou com ela, algo místico, mágico!

Ela estava gostando do lugar, mas me olhava de um jeito diferente, como se eu estivesse doente ou algo assim! Senti seu medo quando olhava para mim.

– Clara, por que está distante de mim? Fiz alguma coisa?

– Não Carlos, você não fez nada, apenas estou te sentindo um pouco abatido, diferente!

– Deve ser o cansaço da viagem, como eu disse, mas fora isso acho que estou legal! Quer dizer, se ainda não estiver louco, acho que deve ser apenas cansaço mesmo!

Caímos na gargalhada e o clima voltou ao normal entre a gente, pelo menos por algum tempo, até que Carlos me olha com um olhar estranho e espantado dizendo:

– Eu a vi!

– Ela quem Carlos?

– Ela!...

– Moema Aihlah?

– Sim, e não estava sozinha!

– Carlos, se queria me assustar está conseguindo, pode parar!

– É sério, estava ela e a Nick!

– Nick, a bruxa dos seus sonhos?

– Sim, esta mesmo! E ambas apontaram para o norte de novo e estavam com um olhar de ansiedade, como se estivessem esperando que façamos algo!

Bem que minha intuição não falha, desde a casa de Richard quando vi Carlos igual a Leon, sabia que a noite não ia ser boa! Sabia!

– Temos que ir à torre de Santo Estéfano! Amanhã cedo iremos, precisamos achar respostas, é para isso que estamos aqui! Desculpe Clara se estraguei nossa noite, mas minha cabeça tá estranha, minha energia aumentou e parece que vai explodir! E depois que vi a imagem das duas, não consigo mais ficar aqui! Precisamos voltar!

– Tudo bem Carlos, não estragou não, afinal temos que realmente descobrir o que está acontecendo conosco, aí quem sabe depois de tudo resolvido possamos realmente nos divertir!

– Vamos chamar um táxi!

Concordo com ele, mas realmente fico triste, uma noite que era para ser memorável de repente se tornou algo sinistro. Até quando isso?

– Táxi!

– Boa-noite! Para onde desejam ir?

– Para a torre de Santo Estéfano!

– Carlos, a gente não ia para a casa de Richard e só amanhã iríamos à torre?

– Era Clara, mas algo me diz que não podemos adiar o que viemos fazer!

– É aqui pessoal!

– Obrigado, pode ficar com o troco!

Descemos em frente a famosa torre do relógio Big Bem. Carlos girou em círculos como se procurasse por algo, pegou-me pela mão e começamos a andar por uma rua ao lado da torre!

Ouvia sons de violões, lamentos de violões, e comecei a ficar assustada, cheguei a ficar gelada, e Carlos percebeu!

– O que foi Clara, você está gelada! Está passando mal? Demorei alguns segundos para responder:

– Carlos está ouvindo a música?

– Que música Clara?

– Esta música, como se fosse lamento de violões! Eu ouvi essa música em meus sonhos!

– Clara, eu não estou ouvindo nada, deve ser cansaço! Quer voltar?

Isso me deixou mais assustada, Como Carlos não estava ouvindo? À medida que íamos andando a música ficava mais fraca, distante, e nessa hora, puxei Carlos e falei:

– Estamos indo para o lado errado!

– Como assim Clara, na verdade eu ainda nem sei para qual lado iremos!

– Vem comigo Carlos, confie em mim!

Fui andando na direção da música, puxando Carlos pela mão. Ele se assustou com minha reação, mas obedeceu, afinal ele sabia das minhas intuições! Mas desta vez era diferente, não era intuição, a música estava servindo como um radar, indicando o caminho a seguir!

Entramos em um beco, o barulho parou!

– Que estranho, achei que teria alguma coisa aqui!

Olhei para Carlos, ele estava estranho, com um semblante diferente, como se estivesse sentindo algo!

– E tem Clara, pior que tem!

– Tem o que, você está me assustando!

– Não sei Clara, mas tem uma energia estranha aqui! Uma energia forte e cheiro de mato! Vamos sair daqui, não estou gostando desse lugar!

Quando estávamos saindo do beco, um susto! Apareceu uma cigana, não muito jovem nem muito velha, com roupas vermelhas, um lenço vermelho com medalhas douradas penduradas como pingente! Ela olhou para Carlos e falou:

– Meu jovem, o que você procura não está aqui! Não está neste mundo, não está no que você pode tocar! Está em seus sonhos, está perto de você! Está dentro de você! Procure com a intuição e não com a razão, assim sua resposta aparecerá, é um risco que está para enfrentar, mas é esse risco que irá-las libertar! De frente para o sol ele te guiará e sua sombra irá mostrar o novo caminho que percorrerá!

Após dizer isso, jogou uma moeda a Carlos e disse:

– Guarde-a com carinho, irás precisar dela algum dia!

Ficamos estáticos por alguns instantes. Carlos estava branco de susto e eu... Eu mal me agüentava em pé!

Carlos me olha e mostra a moeda, dizendo:

– Clara, veja isso! Olhe a data que está aqui!

– Mil setecentos e trinta e nove! Não pode ser!

– Clara, e essa figura, esse rosto, de quem é?

– Não sei Carlos, sinceramente não sei!

Quando resolvemos olhar novamente para a frente, a cigana já havia sumido! E Carlos muito assustado achou melhor voltarmos para a casa de Richard.

Vinte minutos depois, chegamos à casa de Richard, entramos quietos, assustados. E, mesmo depois de termos visto a cigana e ouvido tudo o que ela falou, eu estava triste... Triste por não ter aproveitado uma noite linda que estava nos aguardando! Estava cabisbaixa e realmente não fazia questão alguma de disfarçar isso para Carlos. Dei um sonoro boa-noite e fui dormir.

Sinto-me melhor depois da tremenda batida que dei na porta. Que ele pense o que quiser. Estou furiosa, e nem sei por quê.

Depois de várias voltas na cama, sem conseguir dormir, sinto-me uma idiota, afinal Carlos nem tinha culpa de nada, mas fazer o quê? Amanhã peço desculpas.

Finalmente consigo dormir, sonho com Leon novamente, desta vez estou a seu lado enquanto ele caça, estou vendo porque ele assim quer.

– Angelique, veja, sinta o cheiro, volte ao que você realmente pertence!

Fico observando impassível enquanto Leon pega um homem enorme, que tenta se debater, e aprofunda suas pressas nele, faz questão de deixar o infeliz tentar escapar, mas só para mostrar o sangue do ferimento do pescoço de sua vítima para mim, mesmo enquanto o homem esperneia e chuta Leon. Fico quieta, apenas observo a cena, Leon, por sua vez, suga novamente o sangue do pobre coitado, que para mim começa a ser perfumado, apetitoso. Leon percebe, pois sorri e diz:

– Isso Angelique, isso mesmo! Quer provar?

Afasto-me de Leon, viro-lhe as costas e saio escutando seu urro:

– Angelique!

Acordo. Sinto o gosto e o cheiro de sangue. Sinto muita sede, preciso sair daqui, saio pé ante pé para não acordar ninguém e vou beber água na cozinha; sento e fico pensando nesse novo sonho, esse é mais profundo, mais explícito. Fico apavorada com o que pode ser. Mais uma vez sinto-me sozinha, e nessa hora Carlos aparece na porta dando-me um baita susto.

– Clara, meu anjo, você não está sozinha, eu estou nessa com você, esqueceu disso?

– O que você está dizendo Carlos, eu não falei nada! – respondi, assustada.

– Não disse, mas pensou!

– E o que é isso, está lendo pensamentos agora? – respondi com um sorriso meio tímido! Realmente a energia de Carlos havia aumentado, ele pegou muito rápido o que eu estava pensando.

– Carlos, tenho que te contar uma coisa?

– O quê? Que sonhou com ele?

Nessa hora Carlos me assustou, tudo bem que éramos muito ligados, mas como ele acertou em cima assim!

– Foi, como sabe? – respondi um pouco nervosa.

– Porque eu acordei com um gosto ruim na boca, um gosto de ferrugem, de sangue, e vim beber água. Quando vi você aqui, imaginei que havia sonhado com ele, pois sua cara está diferente!

– Estou com medo! – disse-lhe.

– Eu também estou Clara, e muito! Ainda mais depois de tudo que aquela cigana falou! Posso te pedir uma coisa?

– Pode, fala!

– Posso dormir com você? Igual no hotel, assim ambos não ficarão com medo.

– Tudo bem! Será bom mesmo ter companhia! – falei sorrindo.

Nossa, como era difícil dormir ao lado de Clara sem poder tocá-la, sem poder tê-la como eu a quero, o cheiro dela me embriaga! Suas pernas se entrelaçaram nas minhas, e isso

me deixou muito louco! Como eu a desejo, mas não posso, tenho que me controlar!

Isso está se tornando insuportável! Penso, enroscada em Carlos! Seu calor... Seu cheiro! Chego a sentir vertigens com tudo isso. Meu corpo dói de antecipação. Faço questão de mexer-me bastante, tocar o corpo que quero com loucura, quem sabe assim, consigo despertar em Carlos parte do que sinto, o que não deixa de ser uma doce vingança. Aliso a barriga de Carlos com minhas mãos... Como posso querê-lo tanto assim? Como posso precisar de alguém dessa forma? Justo eu, que sempre fui dominante, agora quero ser conduzida.

Carlos percebe, pois seu corpo chama pelo meu, encosta-se mais em mim, sinto sua rigidez, seu movimento inconsciente me fez perceber que ele reagiu a minha provocação. A situação ficou crítica... Nossa respiração torna-se ruidosa, pesada, exigente... Não conseguimos nos conter. Levanto a cabeça em busca de seus lábios, preciso de um beijo, preciso sentir seu calor, seu gosto. Carlos está me olhando, quase me perco em seus olhos, sua boca vem ao encontro da minha.

Seu beijo tem gosto de “até que enfim”, como posso ter vivido sem isso? Sinto-me completa, sinto-me bem, sinto-me viva, o calor de sua boca só perde em intensidade para a minha, finalmente Carlos me abraça forte, sinto-me muito feminina... Arrepio-me quando Carlos mordisca meu pescoço e sussurra: Clara!

As mãos de Carlos passeiam por meu corpo, puxando-me para si, me faz sentir sua masculinidade pressionando meu ventre, enfim toma uma atitude mais dominante e me abraça por cima. Não fico mais quieta. Começo minha parte, quero esse homem dentro de mim, arranho suas costas, experimen-

to sua pele. Carlos tira minha camisola devagar, me observa, onde antes havia seda, agora há sua boca, sua língua.

Gemidos, sussurros, sinto sua mão em minha coxa, retribuo. Toco-lhe como quero ser tocada, minha mão não aceita comandos, apenas o aperta, sente sua rigidez, o conduz para mim. Carlos me possui... Senti que, por um momento apenas, o mundo parou... Finalmente aconteceu! Somos apenas um! Como posso sentir tamanho querer, tamanha paixão?

Nosso jogo apenas começou e Carlos consegue me fazer atingir o clímax, logo de início, inverte posições, quero que sinta o que estou sentindo. Minha boca desliza do pescoço, passeia por seu peito e desce por sua cintura, chego aonde quero. Minha vez de fazer Carlos gemer e se entregar. Volto a ser dele, assim começamos algo que queríamos desde que nos vimos. Finalmente aconteceu.

Acordo de manhã depois da melhor noite da minha vida! Como eu queria essa mulher! E que mulher! Nunca senti tanto prazer igual ao que ela me proporcionou, e agora eu fico pensando: “Por que não a tive antes, naquele cemitério? Por que não a tive quando me pediu a toalha no banheiro? Tantas oportunidades e eu fugindo do meu desejo de querê-la!”. Mas, aconteceu! Foi bom saber que não era só eu que estava querendo, assim nos amamos livres e com desejo! E querem saber? Foi maravilhoso!



O DIA AMANHECEU ENSOLARADO e Richard já havia preparado um belo café-da-manhã! Clara ainda dormia, mas resolvi acordá-la.

– Acorda dorminhoca! Hoje eu quero apenas passear com você! Por isso vamos tomar um belo café-da-manhã que seu amigo já preparou!

– Ainda é cedo Carlos, deixe-

me dormir mais um pouco!

– Lógico que não, levanta! O dia está lindo! Vamos aproveitar!

“O que será que aconteceu com Carlos, até parece que viu duende verde! Não sabia que a noite de ontem tinha sido tão mágica para ele também!”. Dei um sorriso, e ele gostou.

– Isso mesmo, alegria, vamos descer! Depois dessa noite sou um novo homem, com um novo amor! Você! Não preciso mais segurar meus desejos e meus impulsos por você!

– Pode ir na frente Senhor Apressado! Eu ainda tenho que me arrumar, escovar os dentes, lavar o rosto!

– Tá bom, mas, por favor, não demora! Senão ficarei sem sua companhia!

– Bom-dia Richard! Como foi lá na galeria?

– Bom-dia Carlos! Agora está tudo resolvido! Vinte minutos depois Clara desceu.

– E aí gente, gostaram da noite ontem?

– Richard, você não vai acreditar! Conte a ele Clara o que aconteceu ontem na torre, pois eu tô bobo até agora!

Depois de ter contado todo o caso a Richard ele se interessou em ver a moeda.

– Esta é a tal moeda! Tem uma data aí! Veja, 1739, e tem um desenho, o rosto de alguém!

– Deixe-me ver? Essa moeda é uma relíquia, é de uma época bem antiga! Esse rosto é do Rei Ricardo, Ricardo Coração de Leão!

– Ele existiu de verdade? – perguntou, curioso.

– Claro Carlos!

– E onde morava esse Rei? – perguntamos juntos, eu e Clara. Richard, assustado, pois ainda não estava acostumado com aquela sintonia, respondeu:

– Ele viveu na cidade de Nottingham, no castelo de Nottingham, e pouco tempo depois de ter subido ao trono, em 1189, partiu rumo ao oriente, participando das Cruzadas. A responsabilidade do castelo passou então para o irmão de Ricardo, Conde John. Alguns historiadores dizem que nessa época o castelo de Nottingham era uma combinação de grandeza e desconforto, já que havia sido planejado mais como fortaleza do que como moradia real. Em 1066, quando os normandos liderados por William invadiram a Inglaterra, a cidade de Nottingham era um pequeno povoado saxão, parte do reino de Mercia, que havia passado as últimas décadas às voltas com ataques vikings. Após a invasão normanda, William, como primeira providência, mandou construir um forte para proteger-se contra as investidas inimigas. Mas, para a população local, a mudança de senhores saxões para normandos não modificou em quase nada a

rotina diária. Os sete mil camponeses da região continuaram a viver da terra, uma atividade difícil e que dava pouco dinheiro. Era uma vida sem nenhuma higiene, muita doença e expectativa de vida curta. Poucos chegavam aos quarenta anos.



Depois desse resumo cultural contado por Richard, olho para Clara e ela já sabia a nossa próxima viagem, Nottingham! Situada ao sul de Londres.

Mais uma vez pegamos nossas malas, agradecemos a ótima hospitalidade de Richard e partimos para Nottingham.

Chegamos a Nottingham.

– Quem diria esse louco caso de vampiros, de sonhos com vampiros, nos trouxe para terra de Robbin Hood! – eu disse rindo para Clara.

Quem sabe, Carlos, ele não nos aparece com uma bolsa cheia de moedas de ouro que roubou de algum rico e nos dê!

Caímos na gargalhada e fomos procurar um hotel para deixarmos as malas e agora mais do que nunca, pedimos um único quarto.

Passeamos pela linda cidade e ficamos conhecendo um pouco mais de sua história. Descobrimos que hoje, quem passa por esta cidade dificilmente deixará de perceber que esta era a terra de Robin Hood, pois a cada esquina isso é lembrado, então descobri que realmente ele existiu e falei com Clara:

– Doido, para mim Robin Hood era apenas uma história da Disney! – e começamos a rir!

Já eram duas horas da tarde quando resolvemos des-

cansar um pouco. Paramos em uma praça, e de repente Clara fica branca novamente.

– O que foi Clara, o que houve?

– Carlos, você lembra daquela cigana em Londres, lembra do que ela falou?

– Sim, por quê?

– Lembra que ela falou que sua sombra iria lhe mostrar o caminho a seguir?

– Lembro, mas, sinceramente, não entendi nada do que ela falou!

– Mas eu sim, e agora já sei aonde iremos! Olhe para trás!

Quando olhei levei outro susto, a sombra da minha mão direita estava em cima de uma placa que dizia: *Floresta de Sherwood a duzentos metros*. “Isso só pode ser loucura, ou muita coincidência!”, pensei.

Não pensamos duas vezes e fomos direto para a famosa floresta visitada por vários turistas todos os dias. Ao entrar na floresta, algo me chamou a atenção... Aquela paisagem eu já havia visto em algum lugar. Continuamos andando e quando avistamos uma pequena trilha resolvemos seguir por ela.

Depois de uma hora de caminhada, uma surpresa... Um barulho de água ao longe e demos de cara com um grande cercado de madeira! Quase caiu meu queixo no chão, perdi o comando de minhas pernas de tão bambas que haviam ficado e gaguejei ao falar com Clara:

– Clara... Clara... É este lugar! É o lugar do meu sonho, lembra? Do sonho que tive com Nick. Mesmo cenário, mesmo barulho de água ao fundo, mesmo cercado!

– Você tem certeza do que está falando? Isso não tem graça!

– Claro que tenho, venha comigo!

Seguimos mais uns dez minutos e estávamos de frente a uma grande porteira, com dois símbolos bem em cima dela, feitos de arame.

– Não te falei Clara, olha essa porteira é idêntica ao que eu sonhei... Até o sol e a lua feitos de arame estão aqui!

Realmente assustada, sigo Carlos. Quando chegamos à porta da casa, do meio do nada surge um homem alto, olhos verdes, claro.

Cumprimenta-nos com a cabeça e nos chama acenando com a mão, pergunta se acreditamos em guardiões, olhamos-nos assustados, mas sabíamos o que o outro pensava: outro mistério!

Carlos adianta-se e diz à queima-roupa:

– Você seria o guardião?

O homem olha calmamente para Carlos e nada diz, olha para mim do mesmo jeito e nos convida para entrar na cabana.

Para um guardião, confesso que ele estava muito bem vestido, discreto, mas atual. Entramos com ele, afinal, somos irremediavelmente curiosos, e como o nosso guardião parecia ser calmo, não nos causava impressão de ser ruim.

Quando entramos, Carlos parece transtornado, como se conhecesse o local. Anda de lá para cá, posso sentir sua inquietação, pois sinto-a em mim.

O rapaz nos olha e diz:

– Sou Yan, um amigo de vocês, alguém que os espera há muito tempo. Já achava que talvez não viessem mais. Sim, sei dos seus sonhos, sensações e dúvidas, sei de tudo.

Olho para Carlos e ele pede, com os olhos, que eu fique quieta, atendo o pedido, mas uma raiva começa a surgir:

“Como ele pode ser tão mandão assim? Será que não sabe que eu sei muito bem me cuidar e sei a hora de falar e calar?”.

Noto que Carlos fica magoado com meus pensamentos, mas às vezes esse tipo de proteção me irrita!

– Parem com isso! – diz Yan energicamente. – Será que não percebem que juntos conseguirão o que procuram, e que separados darão voltas e mais voltas e nada encontrarão? Um se faz necessário ao outro de agora em diante, já vieram longe demais para desistirem não acham?

Sinto meu rosto vermelho depois da bronca que levamos. Levanto os olhos para Carlos, mas ele continua com a mesma expressão de mágoa, firmo meu pensamento e digo: “Desculpa?”.

Na hora Carlos sorri. Adoro-o por isso. Adoro essa magia que nos envolve, essa paz que só encontramos um com o outro, isso nos completa.

– Assim está melhor! – diz-nos Yan –. Venha para cá Carlos, não vai encontrar respostas andando aqui.

– Como sabe meu nome?

Rindo, Yan diz:

– Sei muito mais do que imaginam, mas nem tudo posso falar. Clara, vocês devem trilhar a maior parte disso sozinhos, nem mesmo guardiões podem falar tudo o que sabem ou o que vocês querem que fale. Mas, sim, aqui está o começo de tudo, aqui está o início de seus passados, tanto você, Carlos quanto você, Clara, se conheceram aqui pela primeira vez, mas não a única.

– Vivemos mais de uma vez aqui então? – respondo.

– Sim, na realidade foram duas vezes, mas o tempo varia muito pouco nesse caso. Os dois estavam juntos na morte como estavam em vida, sempre juntos... Interessante não?

– Mas como saber o que aconteceu? Como saber que caminhos devemos tomar? – pergunta Carlos.

Yan levanta e mostra em volta de si:

– Quantas vezes, Aihlah, você esteve por aqui antes?

– Está enganado. Yan, Aihlah é outra, sou apenas Clara – digo, recusando-me a aceitar a idéia. – Aliás é Moema Aihlah! – e somente aí percebo o detalhe: “Somente Aihlah”.

– Sim. Começa a perceber não? Moema foi sua mãe, uma bruxa muito poderosa que vivia a alguns quilômetros daqui e, sim, ela a perdeu, mas não aceitou isso, fez muitas oferendas, pediu, barganhou com todas as entidades que pôde, e quando não conseguiu trazê-la de volta, prometeu seu sangue renascido às trevas. Aí sim ela conseguiu trazer de volta, mas como castigo maior da natureza e de seus guardiões, ela não pode tê-la. Você nasceu, mas não soube dela, de bruxa só ficaram recordações, vestígios que a nova criança sempre foi obrigada a calar ou morreria como sua mãe e ela mesma, queimada. Então foi criada como uma moça séria, sem os olhos humanos de sua mãe, mas sempre cuidada por ela. A pobre jamais teve paz.

Olho para Carlos estarrecida, pois certos detalhes me vêm à mente e estranho, isso me assusta. Carlos vem ao meu encontro e me abraça, estou gelada.

– E eu, onde entro nessa história? – pergunta Carlos

– Você sempre foi amigo dela quando criança e prometido para Moema.

– Como assim?

– Moema sabia de seu poder de magia, mas teria de ensiná-lo. Como você era mais velho que sua filha, ela o escolheu para ser marido da menina, mas você se revoltou e

amou outra. Outra bruxa, também da região de nome Nickole. Quando Moema perdeu sua filha, enlouquecida de dor, fez com que o povo da região, acreditasse ser Nick uma bruxa má, alguém realmente que somente arruinaria a todos, pois havia sido culpada de insurflar no coração do rapaz um amor enfeitiçado. E como se não bastasse, culpou-a pela morte da menina. Mas vejam bem, Moema nunca foi má, apenas enlouqueceu de dor, apenas isso. Não a julguem, pois sempre fez de tudo pelo amor de sua filha e de todos que aqui viviam. Por ora quero que saibam que sou um bruxo também, um descendente de Carlos, digamos assim, que sou tão vivo quanto vocês, e que quando menos esperarem estarei por perto. Vocês começarão a ter memórias, não se assustem.

Isso será logo? – perguntei, pois percebo que Yan não quer ou não pode mais falar.

– Você, Clara, será a primeira, depois Carlos, não se assustem se as lembranças vierem sem ordem, isso é natural nessas circunstâncias. Agora vou embora, mas logo nos encontraremos, quando for a hora e o lugar certos.

– Será que querem nos separar! Afastar... Por quê? Quem? – perguntou Carlos, olhando para mim, lembrando de Leon!

– Isso meu caro amigo, ninguém conseguirá! Mas é preciso se cuidar, pois podem conseguir confundi-los! No mais, aproveitem o lugar, quem sabe o que poderão descobrir?

Assim termina a primeira visita de nosso guardião, com ele levantando-se e indo embora.

Carlos olha tudo mais uma vez e diz apenas:

– Vamos?

Saímos da cabana quietos, pensativos. Como podia o sonho de Carlos ter a ver comigo? Sem perceber, entramos em um caminho que nos levaria à igreja. Andamos por um caminho de terra batida ao lado da abadia, que por sinal era linda, majestosa.

Um lugar bucólico que nos levava a um passado em que o barulho era de cascos de cavalos.

– Carlos, tenho a impressão de que já estive aqui, uma sensação de *déjà vu*... Venha, é por aqui, estou certa, é por aqui mesmo!

Chegamos a um túmulo simples, no qual a lápide era apenas uma pedra, quase escondido embaixo da vegetação rasteira. Estava ali escondido pelo tempo... Ali se encontrava o nome, o meu nome, Angelique St Croix Laurence.

Memórias me vêm à mente, de risos, sonhos, um manto rosado jogado nas costas, latidos de cães, vozes e mais vozes. Passado distante, passado de Angelique, agora sei. Cabelos escuros, sorriso fácil, olhos expressivos... Uma Angelique humana.

Passo a mão sobre a lápide aquecida pelo sol. Sinto o começo da paz que procuro.

Carlos me abraça, entende a importância de tudo, entende a verdade comigo.

– Onde morava? – perguntou-me.

– Próximo daqui, talvez uns cinco ou seis quilômetros. Vamos até lá?

Ele apenas pega minha mão, caminha ao meu lado.

Clara, amanhã, está escurecendo e não acho boa idéia...

Somente agora me dou conta da hora e concordo novamente com Carlos, coisa que está ficando normal.

A cidade em que estamos hospedados é pequena, típica de cidades do interior, com casinhas parecendo um enorme quebra-cabeça com suas cores sóbrias e claras misturando-se. Nossa hospedaria tinha apenas dois andares, uma típica residência vitoriana, mas era muito agradável. Conversávamos amenidades pela rua estreita, o pôr-do-sol brindando-nos com seu mistério infinito.

Na hospedaria Carlos pede uma cerveja e senta no barzinho anexo.

Clara, pode subir, tome seu banho, vou descobrir um pouquinho mais da história do lugar – ele me diz, olhando sugestivamente para um cavalheiro idoso que está bebendo solitário, duas banquetas à esquerda da sua.

– Te espero então.

– Não... Desça, aí poderemos jantar, estou morto de fome e, se concordar, comeremos aqui mesmo.

Subo ao nosso quarto. Bobagem dizer que agora estamos juntos não? O cheiro de cera no assoalho me agrada, olho pela janela e vejo o fim do pôr-do-sol, faço uma prece para agradecer a dádiva concedida pela Deusa.

Tomo meu banho com calma, nada de pressa, tiro meus medos e anseios, deixo que com a água escorra, sempre em sintonia com a Lua, e mudo meu estado de espírito.

Sinto-me renovada. Saio do banho e termino meu pequeno ritual com verbena e jasmim. Troco minha roupa e, quando vou pegar minha bolsa e relógio, percebo uma única flor. Sorrio comigo mesma, aceitando essa gentileza de Carlos. Pego a bolsa e a flor, mas não percebo a janela que, antes fechada, agora se encontra aberta.

Carlos continua onde estava, sua aparência é de cansaço, mas ainda assim satisfeita. Sento a seu lado e o cavalhei-

ro inglês me cumprimenta com um sorriso cortês, e devolvo-lhe um sorriso.

– Clara, sabia que a uns seis quilômetros daqui existe um pequeno castelo que dizem ser assombrado, por isso só pode ser visitado de dia? E que é assombrado por duas bruxas? – sorri para mim todo satisfeito.

– Minha senhora, são lendas, mas dizem que foram duas bruxas que abusaram do poder que tinham, por amarem demais, uma triste história... – responde o senhor ao lado.

Penso em Moema e sei que Carlos pensa em Nick, mas o que será que isso tem a ver com vampiros?

– As duas bruxas morreram por amor, e dizem que só irão a seu lugar final quando conseguirem consertar o que fizeram! – continua o senhor, animado pelo público que tinha em mim e Carlos.

– Diga-nos, moravam no castelo? – pergunta Carlos. “Agora, quem pergunta demais?”, penso eu “brincando”. Carlos vira e pisca para mim. Impressionante isso!

– Não. Apenas faziam curas e partos como as antigas bruxas sempre fizeram. Mas parece-me que uma delas se afeiçoou demais a uma menina, filha do senhor destas terras. A pobre havia perdido sua filhinha há pouco tempo e estava sempre procurando por ela entre os bebês nascidos... coisas de bruxas. Mas foi queimada viva, quando ao nascer a filha do senhor, disse aos gritos ter encontrado sua filhinha morta, pois a criança tinha as duas pintas nas costas como todas as bruxas de sua família sempre o tiveram. Obviamente o senhor não gostou nada daquilo e mandou matar a pobre bruxa. Coitada, estava louca. Bem, resumindo, a menina cresceu e foi roubada do noivo por um outro senhor de ter-

ras distantes, daqui mesmo ou ciganos, aí a história se perde, sabem como são as lendas... Bem, boa-noite aos dois, tenho que ir!

– Amanhã faremos turismo em um castelo Clarinha, o que me diz?

– Primeiro, detesto ser chamada de Clarinha, segundo, vamos jantar?

– Sim, estou morto de fome e louco por um banho para depois cair na cama. E adoro te ver nervosinha! – respondeu Carlos, com um sorriso que só pode ser descrito como escancarado.



Acordo assustado no meio da noite.

– Merda!

– Calma Carlos, você me assustou, o que houve?

– Tive outro sonho, um sonho estranho... Parecia que eu era um gladiador e estava no meio de uma arena... Abriram-se vários portões e de lá vieram enormes leões, eram vários, estavam querendo me destruir! Não tinha para onde correr, estava bastante assustado! Quando eles estavam prontos para me trucidar, minha subconsciência alertou-se que era apenas um sonho, um lugar astral... Então imaginei uma arma e de repente em minha mão aparece uma enorme espada. Distribuí uma sequência de golpes e decapitei todos eles.

– E porque acordou xingando, se não se feriu no sonho?

– Porque esse sonho não era apenas um sonho! Era uma espécie de feitiço, um jogo no qual eu era a peça principal. Quando venci os leões, apareceram dois homens... Um loiro, alto, forte, parecia ter uns trinta e dois anos, e o outro

moreno, mais magro e mais novo também, e me parece que eles não gostaram da minha vitória, pois me olharam com ódio e mostraram-me os dentes. Eram vampiros!

“Leon?”, pensei comigo, ouvindo de Carlos a descrição do homem!

– Precisamos ir ao castelo que aquele senhor mencionou, quem sabe achamos algumas respostas e tentamos ver o que os vampiros têm a ver com tudo isso.

– Certo, vou me arrumar e iremos! Também estou curiosa com isso!



No caminho do castelo, passamos por um lugar que me pareceu bastante familiar. Um casebre antigo, uma ruína de uma época antiga de que o tempo ainda guardava pequenos pedaços, feito de pedras agrupadas uma em cima das outras, um estilo de casa medieval como aquelas que a gente vê no filme *Coração Valente*... E uma forte sensação de ir até lá me veio à alma!

– Clara, vamos até ali! Pressinto alguma coisa!

Carlos segura minha mão com força, como se estivesse com medo do que fosse achar.

Entramos nas ruínas da velha casa, as paredes feitas de pedras empilhadas misturavam-se com a vegetação do local, parecia ter sido uma grande casa. Carlos olha tudo ao redor, calado, como se estivesse reconhecendo o local. Toca nas pedras que antes eram as paredes da casa e uma lágrima escorre de seu rosto. Fico calada, apenas observo... Ele continua andando segurando minha mão, passa por todos os cômodos da velha casa e caminha para um bosque ao fundo! Paramos em frente a uma grande árvore.

– É aqui! – ele disse.
– O que Carlos? – pergunto assustada.
– Tenho certeza é aqui! Eu morei aqui, esta foi minha casa!

– Isso me dá arrepios Carlos, o que está dizendo?
Carlos começou a dar a volta ao redor da árvore e parou diante de uma das suas enormes raízes.

– Clara, venha aqui. Veja isso!
Carlos, com os olhos cheios de lágrimas, estava me assustando.

– O que tem aí? – pergunto-lhe enquanto ele revira as trepadeiras e matos que cercavam aquela raiz. De repente Carlos puxa um pequeno punhal, enferrujado pelo tempo, mas muito bonito. Com o cabo de madeira trabalhado a mão, formava uma lua em junção com o sol...

– Este punhal Clara, fui eu que fiz quando criança! Eu gostava de bruxaria e tinha a lua como minha Deusa! Fiz este punhal em homenagem a ela e a uma amiga minha que era filha de uma poderosa bruxa. Ela me ensinou as artes da magia!

– E quem é ela Carlos? – pergunto sem entender aquilo.
– Não lembro! – lágrimas caíam do meu rosto e lembranças vinham aos montes em minha mente! – As lembranças estão vindo muito rápido...

– Calma Carlos, tente se acalmar e conte-me o que está vendo!

– Clara, eu era filho de camponeses, meu pai trabalhava nessas redondezas, minha mãe era amiga de uma bruxa muito poderosa e havia prometido a ela que eu casaria com sua filha! A menina que cresceu comigo e me ensinou a arte

da magia. Mas um dia, um homem alto e loiro apareceu acompanhado de um jovem, pediu abrigo e meus pais o acolheram... No meio da noite, acordo com meus pais gritando por socorro e com os dois homens em cima dele! Minha mãe já estava morta no chão, com o pescoço dilacerado, e meu pai gritando para eu correr, procurar abrigo. Eu corri, mas o homem loiro me alcançou e falou que não era para eu ter medo, que ele cuidaria de mim, e que tivera que matar meus pais porque eles eram maus! Eu cresci na casa dele, com a família dele!

– Tente lembrar de mais detalhes Carlos! – peço-lhe, ansiosa.

– Não dá, é só isso de que me lembro! Não me vêm nomes nem nada, apenas imagens! Vou levar esse punhal, é uma lembrança boa que tenho, talvez me ajude a lembrar de algo mais! Mas vamos andando, o tal castelo ainda fica um pouco longe daqui, e se lá é assombrado, como disse aquele senhor, eu é que não quero passar a noite lá!

– Nem eu! A não ser que você tome conta de mim! – brinquei para quebrar aquela tensão que as lembranças provocaram em Carlos.

Começamos a andar, o caminho era bonito, uma pequena estrada de chão, com cascalhos estalando embaixo de nossos pés e folhas secas caídas das grandes árvores ao redor fazendo barulho ao serem pisadas! Era uma estrada mística, talvez pelo tempo em que existia ali. Um barulho de água ao fundo, talvez um rio ou um pequeno riacho, proporcionava um momento de paz, tranquilidade... Fazia-me lembrar da fazenda de minha avó aonde eu ia passar férias quando pequeno. Isso me emocionava ainda mais, e me con-

fundia também, lembranças passadas, lembranças atuais... Estou ficando doido? Penso, e Clara, sentindo meus pensamentos, põe a mão em meu ombro, como que dizendo: “Estou com você!”.

Depois de uma hora e meia de caminhada, chegamos na frente de um pequeno castelo. Era estranho, pois o tempo fora amigável com ele, estava bastante conservado, com suas colunas e torres de pedras, e uma pequena ponte que passava por cima de um ribeirão de águas cristalinas ligando o lado da estrada à entrada do castelo. Não era tão grande quanto o castelo de Nottingham, mas tinha seu encanto!

- Clara, estou arrepiado!
- E é só você? Meu coração está a mil!
- Tem alguém ali! Você viu?
- Onde Carlos? Não vi ninguém! Tô ficando assustada!
- Ali, Clara, do lado daquela torre! Vamos lá!

Começamos a andar em direção à pessoa que ele dizia ter visto, e para minha surpresa, realmente tinha uma pessoa ali, ao lado da torre principal! Era um ancião, um senhor muito pequeno, de aparência amigável.

Carlos olha-o nos olhos e antes que lhe dissesse algo, o senhor falou:

- Que bom rapaz, ter vindo aqui! Achei que jamais o veria de novo!

Carlos me olha com os olhos arregalados de susto e diz:

- Quem é você? O senhor me conhece?
- Meu jovem, não se lembra de mim porque ainda não recuperou sua história, mas eu posso lhe adiantar, sou amigo de Yan e também aguardava por você, mas não sabia que já tinha encontrado Angelique! Que bom, assim muita coisa

poderá ser resolvida aqui! Mas não totalmente esclarecida, ainda faltam peças que precisam ser encontradas por vocês!

Distraio-me por instantes ao olhar para Clara, sem entender o que o pequeno senhor estava falando, e quando dou por mim, ele já havia desaparecido.

- Angelique? – disse Clara num sussurro.

– É... ou estamos vendo coisas e ficando loucos de vez ou estamos chegando muito perto de nossas dúvidas e respostas! Acho melhor entrarmos no castelo, talvez lá dentro encontremos algo que nos dê uma explicação – eu disse a Clara, segurando em sua mão.

Passamos pelo portão do antigo castelo com a esperança de mudar aquilo tudo. Observo atentamente. Antigo e imponente, somente uma sombra majestosa e triste do que fora um dia. Estranho era como o tom acobreado e marrom das pedras me acalma, me deixa leve, em paz. Diferente de Carlos, que observa também, mas está angustiado e triste, aguardando seu momento, esperando por mais lembranças. Não gosto de vê-lo assim, meu coração fica entristecido por ele. Por que pra ele tem de ser assim? Não consigo deixar de imaginar que se não o tivesse arrastado para minha história, ele estaria feliz em seu mundo, vivendo em paz sua vida...

- Pare com isso Clara. Você sabe que essa história também é minha. Se não fosse, por que eu estaria aqui com você? Isso não é apenas seu ou meu, é nosso! Então, vamos em frente, o resto deixamos para depois.

Encosto o rosto em seu peito, Carlos me abraça forte, tentamos passar um ao outro o quanto nos importamos, o quanto precisamos um do outro. Após alguns instantes assim, Carlos diz angustiado:

– Ainda não entendo Clara! Tantas lembranças e nenhuma informação!

– Juro a você, custe o que custar, que vou ajudá-lo a encontrar o que tanto busca, e que estarei a seu lado pelo tempo que for, como agora faz comigo!

Entramos lentamente no castelo, assinamos o livro de visitas na portaria agora existente, que antes devia ser uma guarita, como em todo lugar público, cheia de lembrancinhas de todo tipo. Mas nem nos importamos com isso, seguimos em frente, passamos por corredores hoje mobiliados de forma graciosa, mas que, com certeza, não era assim outrora, porque seria impossível essa simetria, esse acerto de cores e texturas.

– Carlos, que me diz disso? É ridículo que imaginem isso assim, lembro que quando estive aqui... – surpreendo-me com o que disse, mas continuo assim mesmo – ali havia um balcão, uma espécie de lugar onde os camponeses deviam deixar suas armas. Ali ao centro realmente ficava uma mesa enorme, mas com bancos, apenas nas pontas estavam cadeiras, e ali naquela sala havia bancos recobertos de peles, onde assuntos mais triviais e rápidos eram resolvidos, antes de os hóspedes serem acomodados. Como pode ser isso? Até que tentaram, mas erraram quase tudo! Onde está o cheiro de lenha queimada, carne assada e pão?

Olho para Carlos e ele está sorrindo:

– Sinto isso também Clara, nós já estivemos aqui, e juntos!

Fico mais aliviada, finalmente voltamos a nos sintonizar, nada mais de meus e seus, como disse Carlos.

Continuamos nossa exploração, mas nada encontramos, apenas informações desencontradas e mais dúvidas.

– Tem que haver algo, tem que haver Carlos! Por que viríamos aqui se nada tivéssemos para encontrar? Estamos perdendo alguma coisa... Mas o quê?

– Vamos voltar à portaria e ver se descobrimos algo Clara, e vamos logo, pois começa a escurecer...

Lá encontramos uma senhora pouco simpática na entrada, parecia aborrecida por estar sozinha com seu bordado, mas ainda assim insatisfeita por nos ver ali. Carlos não se importa e se adianta para perguntar sobre o que ainda existe de real no castelo que não foi alterado.

– As salas de mantimentos, alguns quartos e os porões onde ficava a cela do castelo.

Olhamo-nos e perguntamos como poderíamos chegar até lá. Mas não podíamos segundo ela, estava interditada a visitação.

“Lá vamos nós, de novo!”, penso com meus botões. Carlos sabe mais uma vez o que vai em meus pensamentos, pois dá um leve apertão em minha mão. Despedimos-nos da senhora e voltamos pelo caminho que antes havíamos apreciado com tristeza, mas que agora nem percebíamos, pois estamos mais interessados em tentar descobrir uma maneira de entrarmos sem sermos presos ou expulsos por invadir o castelo à noite, com fantasmas ou não.

Chegando ao hotel, fizemos o mesmo de antes: trocamos nossas roupas por outras mais confortáveis e quentes, procuramos por lanternas, velas, o que fosse, desde que iluminasse nosso caminho. Carlos guarda bem escondido seu punhal, olha atentamente para ele, aperta-o em sua mão e guarda em suas coisas apressadamente, ainda temos muito que fazer.

– Vamos ao mercado local, compramos o que nos falta, fazemos um lanche e nossos planos! Vamos chegar lá por volta das vinte horas, assim teremos certeza de que a velha rabugenta não estará por lá. – disse-me Carlos, com um olhar de ansiedade e um leve sorriso ao falar da velha.

Chegamos ao castelo alguns minutos depois do horário planejado, pois de carro o percurso era maior do que pelas trilhas que percorremos. Sinto um arrepio na espinha, meu coração parece que vai saltar pela boca de puro medo. Diferente de Carlos, que parece estar adorando cada segundo disso tudo; parece um menino que está a ponto de descobrir algum grande tesouro sozinho. Ele encosta-se na porta do carro e me olha atentamente, dá uma risada totalmente imprópria para o momento e diz à queima-roupa:

– Você está ficando muito covarde Clara, cadê aquela mulher que queria tanto saber de tudo o mais rápido possível?

“Se pudesse e fosse mais apropriado, juro que socaria esse sorriso de pura provocação que está estampado em seu rosto!”, penso comigo, mas apenas dirijo-lhe um olhar gelado e desço do carro, pisando duro. Ainda bem que Carlos nada diz. Vou na frente, como se isso mostrasse a ele que não estou com medo, ou como se isso me desse alguma coragem. Coragem essa que vai embora rapidamente quando me vejo em frente ao portão fechado do castelo.

– E agora?

– Agora empurro o portão e entramos, corajosa! – respondeu Carlos.

“Ao menos alguém aqui está de bom humor!”, penso.

Realmente o portão está apenas encostado, e não trancado, devem pensar que ninguém tentaria entrar num horário desses e com tantas lendas que correm pelo local.

Nossos passos ecoam no caminho, aproximo-me de Carlos mais ainda. Quando chegamos à porta principal, ele me leva mais para o lado e dá a volta em um pequeno corredor cercado de arbustos, onde existe outra porta. Carlos a empurra, mas parece trancada. Tenta novamente com mais força ainda, e a porta finalmente se abre.

– Como sabia? – pergunto.

– Simples. Alguém tão sem vontade como aquela senhora, se daria ao trabalho de verificar porta por porta? Difícilmente!

“Realmente, Carlos está se superando como detetive”, penso comigo, rindo baixinho.

Na maior escuridão, entramos finalmente. Passamos pelos mesmos corredores e vamos dar em uma cozinha enorme e assustadora em minha opinião. Seguimos mais devagar, procurando por alguma porta que antes não houvéssemos percebido. Na dispensa, encontramos uma porta baixa para o padrão das outras do castelo. Carlos abriu-a e sua lanterna iluminou uma escada úmida e escorregadia.

– Agora sim, vamos descobrir alguma coisa, concorda?

Balanço a cabeça em sinal de assentimento, embora Carlos não possa ver, pois já está descendo os primeiros lances da escada. Nem perco tempo observando o cheiro e o lugar, procuro prestar atenção para não cair, pois o limo está por toda parte. Logo que chegamos a um lugar amplo, noto materiais para reforma e alguns lugares com placas indicativas para orientar futuros turistas. Procuro ler o que dizem, e encontro o nome dos prisioneiros famosos que ali estiveram. Entre eles estão os nomes de Moema e Nick. Começo a chorar, agora sim acredito nessa loucura toda.

– Vamos, não faz assim... Não era isso o que você tanto queria? Saber de tudo!

Não respondo, apenas continuo a chorar abraçada a Carlos.

– Clara, agora você decide se continuamos ou paramos por aqui?

Isso basta para me trazer de volta de um mundo de lágrimas, no qual duas bruxas morreram...

– Vamos em frente. Se ainda quiser continuar Carlos. Que acha? Algo por aqui.

– Ainda não sei, mas vamos saber. Sim... Escute...

Quase morro do coração! Realmente existe um barulho por perto, talvez acima de onde estamos. Carlos me pegou pela mão e subimos a escada lentamente, apagou a lanterna e entramos na cozinha, no escuro. Percebo uma luz suave vindo do corredor. Ando fascinada em sua direção, não sinto medo, apenas me aproximo. Até certo ponto, pois a luz parece caminhar sempre à frente, sempre para cima. Vamos atrás lentamente, como se o fato de nos apressarmos assustasse a estranha que nos conduzia. Paramos na frente de uma porta entreaberta, a luz se apaga.

Carlos está atento e ascende a lanterna.

– Eu sei quem é diz – ele em voz baixa. – É Nick!

Ele entra na frente. Ali estão os registros guardados em armários que deveriam estar fechados, mas que, por magia, estavam abertos, com as portas escancaradas... Carlos, mais uma vez, adianta-se e vai procurar por alguma pista, algo que nos indique o que fazer. Ele encontra registros da época em que as bruxas foram queimadas, uma a cada época, e depois registros de cavalheiros que estiveram nas redonde-

zas em uma época onde fatos relacionados a vampiros estão registrados, com uma nota à parte informando o lugar de destino desses cavalheiros: Tintagel, Escócia.

Saímos do castelo sem problemas. Parece que estamos sendo cuidados por anjos discretos e guardiões de mistérios.



Na hospedaria, após o banho, decidimos arrumar nossas coisas e ter uma noite de sono tranqüila, sem vampiros, sem bruxas, sem fantasmas. Mas foi a minha vez de acordar durante a noite. Carlos está se acostumando, pois apenas espera que me acalme para que comece a contar mais um sonho. Deitada sobre o peito de Carlos, espero o dia clarear para começar a falar.

– Eu vi Angelique! Apavorada, presa entre vários homens, dentro de uma carruagem escura, sem luz alguma, ela estava chorando, às vezes gritava por um nome: Cristopher! Esse era o nome. Mas ele não vinha, estava perto, ela sabia, mas ele não vinha. Parecia-lhe que ele estava como que drogado ou sem vontade própria. Não adiantava chamar por suas fadas, seus elementais, eles também não podiam vir, mesmo que quisessem. Carlos, o único que tinha contato com ela era Leon, apenas ele se aproximava e ficava com ela durante a noite. Ela sabia que ele era um vampiro e que vinha finalmente buscá-la, e somente Cristopher sabia a verdade, seu amigo de infância, seu companheiro de bruxaria. Ela era sim a filha de Moema renascida e criada como filha do senhor das terras, mas sempre soubera de toda verdade, pois tinha a ciência das bruxas a seu dispor. Sua mãe morta, queimada viva, conseguiu estar a seu lado por todos esses anos e a avisado que ela agora estava cumprindo

um trato feito pela sua vida, Moema não podia fazer mais nada por ela.

– E Christopher, era eu? – sussurra Carlos.

– Sim, era você!

Ficamos quietos, absorvendo mais um mundo de informações. Devo ter dormido, pois acordo com Carlos acariciando minhas costas com os dedos e beijando suavemente meu cabelo, fico quietinha por minutos aproveitando esse carinho morno, companheiro.

Carlos percebe isso, chama-me de trapaceira e faz cócegas, me beija e começamos a manhã de forma muito agradável.

– Clara, que tal darmos umas voltas pela região antes de irmos embora?

– Eu acharia ótimo! Vamos!

– Vamos, mas primeiro tomaremos aquele maravilhoso café-da-manhã que preparam aqui! Estou faminto!



Carlos, com seu punhal sempre em mãos, como se fosse a chave que o ajudaria a lembrar de seu passado, segurava minha mão enquanto andávamos pela mística e lendária floresta de Sherwood. O dia estava lindo, o sol, já posto em seu esplendor, dava um ar mais bonito à região. Depois de algumas horas de caminhada, sentamos embaixo de uma grande árvore para descansar, quando Carlos deu uma risada que me assustou!

– Que foi Carlos, tá louco? – pergunto, meio irritada pelo susto que levei.

– Não Clara, é que acabei de me lembrar de uma coisa! Se fosse antes, eu acharia um absurdo, mas como andam as coisas eu já não acho mais nada!

– Do que você se lembrou que possa ser absurdo? – pergunto, um tanto curiosa.

– Sabe a cidade, que os registros do castelo falavam sobre o destino dos cavaleiros?

– Sei, Tintagel!

– Isso! Esse nome não te lembra nada?

– No momento não, por quê?

– Me diga, onde estamos agora?

Carlos, com um olhar malandro, como se estivesse prestes a me contar uma grande novidade, olha para mim e diz:

– Fala, onde estamos agora?

– Em Nottingham!

– Sim! Mas, não é isso que eu quis dizer. Onde estamos nesse momento?

– Sentados ao pé de uma enorme árvore!

– Quase! Pensa comigo... Estamos na floresta de Sherwood, floresta famosa por causa da lenda de Robin Hood, que hoje sabemos não ser uma lenda, realmente aconteceu!

– Sim, e o que isso tem a ver com Tintagel?

– Tintagel é a cidade do rei Arthur! Lembra da história do rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda? E se Robin Hood foi um fato verdadeiro, o rei Arthur também pode ser! O que acha?

– Acho que agora você pirou de vez! – começamos a rir.

– Vamos embora, precisamos ir até lá! Ainda não sei muito sobre lá, por isso tenho que pesquisar!



A VIAGEM ERA LONGA. Pelos cálculos de Carlos iríamos levar cerca de onze horas para estarmos em Tintagel, cidade localizada na costa sul da Inglaterra. Saímos bem cedo, pois assim, à noite já estaríamos lá.

Enquanto Carlos dirigia, ele aproveitava para me contar sobre o que havia descoberto da lendária cidade.

– Clara, descobri coisas interessantes. A cidade de Tintagel foi onde dizem que nasceu o rei Arthur! O primeiro relato a citar o nome do rei foi escrito no século IX, por um sacerdote gaulês que reuniu antigas histórias celtas. Segundo esse relato, Arthur teria vivido por volta do século cinco, não era um rei, mas um guerreiro que conduziu os bretões na luta contra os invasores saxões. No século XII, outro sacerdote chamado Geoffrey de Monmouth voltou a referir-se a Arthur, ao compilar seiscentos anos de narrativas dos contadores de histórias ingleses, irlandeses, gauleses e franceses, construindo assim a lenda do rei valente e do mago Merlin!

– Isso está ficando bem interessante Carlos! Conte-me mais!

– Para pessoas que gostam de lendas, ou seja, a gente! As ruínas do castelo onde supostamente nasceu o rei Arthur ficam no alto de uma colina cercada por rochedos de ardósia e grutas escuras, praticamente sobre o mar. Lugar perfeito para acharmos alguma coisa, não?

– Isso tá ficando muito estranho, isso sim! Eu lembrando de uma vida passada, sou uma mulher com o nome de Angelique! O que será que ainda vamos descobrir?

– Respostas Clara, respostas!

– Sim, mas como pretende chegar a esse castelo e aonde vamos ficar? Nem conhecemos o lugar!

– Eu pesquisei tudo, Clara, e já sei exatamente o que faremos. Para se chegar ao castelo é preciso subir uma trilha repleta de alfazemas e depois duas escadarias. Dizem que a vista é magnífica e o cheiro das flores mistura-se ao do mar numa combinação inebriante para os sentidos.

– Parece bom mesmo, mas onde ficaremos? No carro?

– Não, sua boba! Em um hotel que fica apenas a alguns metros do castelo. O que acha?

– Acho que vou dar um soco em você se me chamar de boba de novo!

– Boba!

– Ai que ódio! Não olha mais pra mim!

– Você fica uma gracinha estressada sabia?

– Ai! Sem comentários!

Eu odeio quando ele faz isso, mas ele faz de propósito, sabe que mesmo odiando, fico gostando mais do jeito dele! Ele gosta mesmo é de me provocar e faz isso muito bem, deve ser por isso que nos damos tão bem! Ele é diferente, especial!

Carlos coloca um CD no rádio, para nos distrairmos um pouco. Tanto eu quanto ele estamos muito ansiosos por respostas, e uma música cai muito bem nessa hora! A música começa, e nós também... *Suspenderam os jardins da babilônia, e eu, pra não ficar por baixo, resolvi botar as asas pra fora...*

Depois de umas nove horas de viagem, chegamos a uma pequena vila, um lugar diferente, parecia parado no tempo. Era um vilarejo de pescadores com famílias humildes, e logo que chegamos um monte de crianças se juntou, dava para notar que não era muita gente que passava por ali!

– Clara, vamos parar um pouco por aqui! Estou cansado, o que acha? Vamos descansar um pouco e depois seguimos nossa viagem, devemos estar perto!

– Concordo, mas o pessoal aqui parece estranho, nos olham de forma estranha.

Assim que descemos do carro um senhor já com a idade bastante avançada veio ao nosso encontro, estendeu-nos a mão e falou:

– Sejam bem-vindos, agora quase tudo vai se resolver e eu poderei seguir em paz!

Olhei para Carlos e ele já estava se acostumando com essas coisas! Assim, respondeu ao ancião!

– O senhor também nos conhece? Com certeza deve conhecer Yan também!

– Não o conheço pessoalmente, mas em sonhos! Ele me falou que estavam chegando e eu já o aguardava há muito tempo lord Cristopher!

Carlos olhou para mim com os olhos arregalados, como se tivesse ouvido algo que o assustou! Segurou em minha mão e apertou-a como se buscasse uma proteção, agarrou seu punhal que estava dentro do bolso e tentou se acalmar.

Aquele senhor olhou para nós com um sorriso confortável e nos convidou para ir a sua casa.

– Venham até minha casa, lá poderão descansar e eu lhes contarei mais alguma coisa!



– Tome esse chá especial lord, irá se sentir melhor, mais confortável e descansado! E para você, Angelique, preparei esse chá de ervas naturais, será melhor para você agora! Sentem-se, vou lhes contar um pouco sobre a história desse lugar. Sei que é isso que esperam de mim. Sei o que estão querendo, respostas! E é aqui que muita coisa será esclarecida, mas nem tudo! Você, Angelique, começou a se lembrar de sua vida e vai ser aqui que o senhor lord Cristopher vai se lembrar da dele, pois esta é sua terra, sua casa!

– O senhor está enganado, aqui não é minha casa, minha casa foi em Nottingham, eu estive lá e me lembrei de algumas coisas!

O senhor começou a rir e prosseguiu:

– Lá foi onde você nasceu de fato, foi seu primeiro lar com sua família, mas aqui foi a terra em que você cresceu, que você viveu antes de ter se perdido pelo mundo!

– Desculpe-me, mas é muito para mim! Eu não consigo acreditar nisso! Vou dar uma volta, acho que preciso de ar, este chá especial não me fez muito bem!

Quando eu ia me levantar para ir atrás dele o velhinho me segurou pelo braço e falou:

– Deixe-o ir! Ele se lembrará... O chá que preparei é especial, aprendi com os celtas, ele serve para limpar nossa mente e nos mostrar coisas que nossos olhos não conseguiriam ver sozinhos! Contém gotas de sangue... Sangue de bruxa! Agora relaxe um pouco está cansada... Logo ele estará de volta!

Adormeço um pouco em uma pequena rede estendida na varanda! Depois de algumas horas Carlos volta com um

olhar estranho, como se tivesse chorado muito, os olhos estavam vermelhos e sua respiração estava ofegante.

– O que foi Carlos, o que aconteceu?

– Clara, eu lembrei... Lembrei de muita coisa, mas ainda não sei de tudo!

– Calma Carlos, conte-me o que aconteceu!

– Clara, eu estava andando e não me sentia bem, acho que tinha algo no chá que não me fez bem. Senti-me tonto e sentei à beira do lago que fica a uns vinte minutos daqui, e de repente minha vista ficou escura, minha cabeça ficou pesada e eu me vi aqui, no mesmo lugar, mas em outra época!

– O que você viu Carlos! Conte-me com calma!

– Clara, quando meus pais morreram e o homem loiro me pegou e disse-me que cuidaria de mim, ele me parecia bom, eu acreditei! Ele falou que não podíamos viver na cidade, que teríamos que mudar para outro lugar, e colocou-me em um pequeno barco. Viajamos por horas, eu estava com muita fome e ele pegou um grande peixe no mar e colocou na água que empoçava no assoalho do barco. Eu não pensei duas vezes, peguei aquele peixe e dei uma grande mordida em sua barriga, cuspi em seguida, pois fiquei com muito nojo.

– Tá aí sua aversão por peixes!

– Percebi isso também.

– Continue Carlos!

– Chegou uma hora que a fome estava insuportável, e o homem, acho que o nome dele era McLeondy, me disse uma coisa: “Filho, se quiser sair desse falso mar que hoje vives eu lhe darei a vida eterna! Estás com fome? Ela será saciada. Estás com sede? Então beba do meu sangue, e eu lhe darei a vida eterna!”. Ele arranhou seu punho e o estendeu em dire-

ção a minha boca, eu comecei a sugar seu punho com tanta força que parecia que seu sangue estava matando a terrível fome que estava sentindo. E algo aconteceu. Eu comecei a passar muito mal e acho que desmaiei, pois quando acordei, tínhamos atracado aqui mesmo, nesta vila! Anos se passaram e um rei travou uma batalha com uns invasores estrangeiros, e McLeondy os ajudou a vencer! Eu cresci e comecei a andar pelas terras, e bem perto daqui, cerca de uns dezoito quilômetros, existe uma ilha sagrada, mística, cercada por pântanos, seu nome era Ynis Witrin, lá eu conheci uma bruxa, ela se chamava Victória, mas eu a chamava de Vick! Ela me ajudou a aprimorar meus conhecimentos sobre a bruxaria e dizia que um dia eu iria ser um grande bruxo, pois tinha muita energia, mesmo sendo o que eu era!

– E o que você era? Continue!

– Não tenho certeza... Mas acho que era um vampiro! Não me lembro mais, foi só isso que consegui ver. Deve ser por isso que tenho esses dons e o estranho fascínio por vampiros!

Nessa hora o velhinho se aproximou e falou:

– Que bom lord, o senhor começou a lembrar de sua vida! Mas ainda tens muito que procurar, faltam muitas peças ainda, mas agora eu posso cumprir minha jornada, fiz a minha parte!

– Jornada? Que jornada?

– Há séculos eu esperava por você! Os elementais me ajudariam a viver até o dia em que eu o encontrasse de novo! Agora, a missão foi cumprida e eu poderei descansar em paz, poderei ir para o outro plano!

– O senhor poderia me dizer uma coisa?

– Claro filho, o que deseja?

– Existe uma ilha por aqui chamada Ynis Witrin?

O senhor começou a gargalhar e eu, a ficar com medo! Clara segurou minha mão, acho que também pelo mesmo motivo, e de repente o senhor falou:

– Este era o nome da ilha na sua época, é um nome celta e significava Ilha de Vidro. Ela existiu sim, é um lugar especial, repleto de magia e poder, protegida por elementais! Situa-se em Glastonbury, um lugar sagrado, impregnado de magia, que remonta à era pagã. Hoje ela é mais conhecida como etérea ilha de Avalon! Agora preciso seguir meu caminho, e vocês precisam seguir viagem, ainda têm muito a descobrir! Que a luz da lua esteja com vocês!

“O velho sumiu!”, penso comigo. Foi só olhar para Carlos e ele havia desaparecido. Parece que agora as coisas estranhas que acontecem estão deixando de ser anormais, tanto para mim quanto para Carlos.

– Tem algo errado, Carlos. Como pode você ter lembrado do barco e eu de uma espécie de carruagem? Como pode haver diferenças assim? Você lembra das coisas como se fosse um menino, mas Angelique, pelo que entendi até agora, era mais nova que você, filha dos castelões que permitiam sua amizade, talvez porque soubessem que Angelique era sim, a filha de Moema renascida, pelos dons que possuía em relação à magia. Diga se estou errada... Mas como pode você lembrar ser um menino e de um barco?

– Clara, você sabe que em outros tempos uma menina de doze anos era considerada mulher se já fosse capaz de gerar filhos. E como posso lembrar não sei mesmo, talvez seja o que Leon esteja fazendo, tentando criar certa confusão em nossas memórias... Pelo menos eu penso assim, posso

estar errado, mas até agora tudo tem sido razoavelmente explicado. Então vamos com calma, que deve ter muita coisa mais vindo por aí.

– Certo, então é só deixar rolar. Mas sabe bem que enquanto não souber o porquê disso, não vou sossegar, mas seja feita sua vontade lord Cristopher! Quem sou eu para contrariá-lo? – brinquei, mas acho que esse presunçoso ao meu lado até que gostou do título. – Vamos Carlos, temos muito que andar ainda!

Decidimos seguir viagem, pelo menos mais um pouco. Mas o tempo foi ficando nublado e uma leve garoa começou a cair. Em determinado ponto havia uma bifurcação na estrada que nos dava a chance de escolher o litoral ou mais ao interior. Carlos escolheu o litoral obviamente, mas seu humor mudou, e muito!

Chegamos, depois de mais meia hora, a outra vila de pescadores, e como a outra, era pequena, mas o povo não parecia muito acolhedor, ao contrário, não víamos viva alma, mas sentíamos que estávamos sendo observados.

– Clara, vamos parar aqui, o lugar é péssimo, mas ao menos tem uma hospedaria, e, sinceramente, estou muito cansado.

– Claro! Então vamos entrar logo e procurar dormir, amanhã saímos cedo daqui.

Carlos está inquieto, parece distante, como se algo o incomodasse de verdade.

Na hospedaria, pego a chave do quarto, enquanto Carlos pega nossa bagagem. Era uma hospedaria pequena, nosso quarto, a última porta, e o mais estranho era que, para uma hospedaria, tinha muitas ramas de alho espalhadas por to-

dos os cantos. Isso me arrepiou, pois parecia que estávamos entrando em um filme de vampiros, daqueles que víamos quando criança.

– Não falta mais nada mesmo! – Carlos me diz baixinho, e eu apenas concordo, afinal isso é ridículo demais, como se alho afastasse vampiros mesmo!

Dentro do quarto, Carlos deixa a bagagem no chão, pega seu inseparável punhal e fica perdido em pensamentos... O que na realidade não gosto muito, afinal não dividimos tudo? Mas aceito, não sou sua dona, então respeito sua decisão de não querer falar.

– Quer tomar banho antes, Clara?

– Não, pode ir, quero mexer em minhas anotações, depois vou procurar algo para comermos por aqui, tudo bem para você?

– Sim, vou então, não estou legal, deve ser só cansaço, mas não estou bem, me sinto diferente depois daquele chá. Não demora lá fora, não gosto daqui, deste lugar e das pessoas. E quer saber? Elas também não gostam de nós.

Sinto isso também e concordo em não demorar. Chego perto dele, acho que é instintivo, quero um carinho. Aliás isso está virando dependência, fico mais forte com isso, como se o fato de tocar Carlos me fizesse ter mais energia, me deixa tranqüila.

Enquanto ele vai tomar seu banho, decido buscar algo pra comermos, mas, por ali, achei somente algo que detesto, sopa de ervilha e bacon... com muito alho. Detesto isso, levo para o quarto a badeja pesada, mas faço questão do pão, a sopa, quem sabe, Carlos tome, eu é que não vou!

No quarto, Carlos já saiu do banho, tira a bandeja de minha mão, coloca na mesa, volta-se para seu punhal, e aquilo

começa a me preocupar, pois tem algo a ver com tudo isso, e não sei se é bom ou ruim.

Vou pro banho, mas nem o calor da água me acalma, começo a me sentir irritada também. Tem algo errado aqui, sei disso tanto quanto Carlos. Saio do banho e Carlos já está dormindo.

Durante a noite, ele se bate muito em seus sonhos, vira-se de um lado pro outro, resmunga, sofre muito, mas não tenho coragem de acordá-lo, sei que precisa viver o que quer que esteja sonhando. Fico sentada na cama, encolho-me, pois seus movimentos são muitos, e só percebo que estou chorando quando sinto uma lágrima em minha boca.

Carlos acorda num susto, está encharcado de suor, olha-me como se buscasse um porto seguro. Abraço-o, deixo-o se acalmar, somente fico abraçada nele, um abraço forte, trocamos novamente energia. Somente depois de algum tempo Carlos começa a falar.

– Foi aqui Clara... Foi aqui que Cristopher fez sua primeira vítima! Foi aqui que senti o êxtase de matar alguém! Era uma jovem, uma linda mulher... A jovem o viu, ficou com medo... Na hora em que ela ia correr ele a agarrou pelas costas... Espontaneamente a jovem deitou seu pescoço para o lado, estava sendo manipulada mentalmente... Ela queria sair dali, pedir ajuda, mas seu corpo não a obedecia... Sua mente estava dominada!

Fico arrepiada, sinto que é verdade, mas continuo quieta, ele precisa falar o que sente.

– Quando Cristopher sentiu o sangue em sua boca, um calor em seu íntimo o invadiu, a vida de outro lhe pertencendo, um fluxo atrás do outro, um calor único, que formi-

gava seu ser inteiro, como se isso fosse algo divino, grandioso demais para explicar... O cheiro que a adrenalina liberta no sangue na hora do medo é que torna tudo mais precioso... Eu gostava do que era... Gostava do que fazia... Gostava de me sentir poderoso e temido! Clara, sinto o gosto de sangue em minha boca até agora.

Somente aí Carlos me olha de verdade, pois estava muito centrado em suas lembranças. Somente depois de expô-las é que percebo de verdade que continuo chorando, pois esta é a primeira vez que sinto gosto de sangue em minha boca.

Logo que amanhece, saímos desse lugar horrível, ao menos o chá dali era quente e doce, mas não era meu café, então meu humor está bem abalado.

Carlos tenta me animar, explicando mais sobre a ilha que iríamos ver nesse mesmo dia, afinal é Avalon, a ilha mágica, e, eu, como uma bruxa, deveria estar mais animada, mas não estou, sinto-me angustiada, talvez por não ter mais me lembrado de meus rituais e minha magia, como se estivesse faltando algo de suma importância em minha vida, em meu íntimo.

– Posso te acompanhar em teus rituais nessa ilha, Clara? Você divide isso comigo? Afinal ainda não fizemos isso juntos, gostaria de tentar, você topa?

Agora sim o dia parece ser muito mais bonito, voltamos a ser nós mesmos.



ARTHUR E GUINEVERE FORAM aprisionados para ser enterrados aqui, é o que diz a lenda. Avalon não vem de uma só cultura, mas de várias, desde celtas, saxões até bruxos de outras origens, remonta milhares de anos atrás.

Um lugar energizado, de muitas bruxas ancestrais que fizeram desse lugar encantado sua morada. Por aqui, milhões realizavam seus feitiços, vinham cultuar a Deusa e o Deus, deixavam aqui parte de sua magia, parte de seu próprio ser, pois a cada feitiço uma bruxa ou bruxo sabe que deixa da parte de si mesmos; essa é a magia, essa é lei que todo bruxo ou bruxa descobre dentro de si mesmo.

Apesar dos hippies, turistas e vários tipos de *covers* e tribos estranhas presentes, ainda percebe-se a energia poderosa que a tudo cerca por aqui. Tanto eu quanto Carlos estamos mais animados, diria que até um pouco eufóricos.

Separo, assim que chegamos, vários ingredientes, meu livro das sombras e meus acessórios, quero fazer um ritual com Carlos, espero apenas não ficar sem graça, mas acho que isso pode acontecer, afinal sempre fui uma bruxa solitária.

Decidimos ser práticos, não levar muita coisa. Deixamos o carro em um estacionamento e procuramos levar apenas o essencial e algum agasalho, pois podemos demorar.

Subimos o Tor, que é considerado um monte sagrado, um portal mágico, onde tudo pode acontecer. Um lugar lindo, com muitas flores, um cheiro inebriante, algo que me faz flutuar, me faz sentir uma vontade enorme de dançar e sorrir. Realmente, existe sim magia aqui! Carlos sente isso, mas não compreende o que está acontecendo, falta-lhe mais conhecimento da grande arte. Adoraria poder ensinar-lhe tudo, mas isso só depende dele, e mesmo que quisesse, seria impossível lembrar de tudo de uma hora para outra e colocar isso em sua cabeça.

Em meio às flores, aos cânticos de outros, pois, claro, não estamos sozinhos, em meio a essa sinfonia de energias, que a princípio parece caótica, mas que na verdade faz parte de um todo, sinto a brisa enquanto me concentro, sinto a energia da música me envolver, o mundo parece ser parte de mim, fecho os olhos, aspiro suavemente essa energia, sinto sua mágica dentro de mim.

Em pé, com os braços relaxados, agradeço ao Deus pelo sol, pelo calor que sinto beijar minha pele... Quando me sinto energizada o suficiente, pego a mão de Carlos, ainda de olhos fechados, sei que posso passar minha energia pra ele. Mas, por mais incrível que possa parecer, sua energia está equiparada à minha. Com certeza, mesmo não entendendo muito sobre isso, ele soube pedir pelas bênçãos do Deus e foi também atendido. Incrível como nossa energia se assemelha! Ainda custo a acreditar nisso, nunca conheci uma história que me desse alguma explicação para isso. Sentamos, ficamos quietos de mãos dadas, apenas usufruindo a paz e o amor que recebemos desse lugar encantado. Percebo as fadas e gnomo nos abençoando, agradando-nos, dando-

nos as boas-vindas, deito na relva perfumada, quase adormeço, mas sou despertada por um beijo. E esse beijo é tão profundo, tão mágico, que consegue mostrar o carinho, a entrega de Carlos nesse momento, sinto que ele também está feliz e em paz, então só posso retribuir tamanha entrega, e faço questão absoluta disso, quero que em meu beijo ele perceba o quanto é importante, o quanto é especial para mim.



DESCEMOS RELUTANTES DO Tor, mas ainda tínhamos tanto a fazer e descobrir que não havia outro jeito. Chegamos, no meio de carvalhos, a um jardim chamado Jardins do Cálice Sagrado, cujo nome real é Chalice Well Gardens, onde, diz a lenda, está o Santo Graal, e onde encontramos a mágica e original

fonte inesgotável de águas avermelhadas e de propriedades curativas. Mas, por ser hoje, nos é vetada a possibilidade de tocar na fonte.

Andamos por lugares lindos, onde folhas de carvalhos caídas ao chão parecem-nos um tapete mágico. Apenas caminhamos em silêncio, como que reverenciando a natureza e suas deidades.

Ao entardecer, subimos novamente ao Tor, e nos impressionamos com as fogueiras ritualísticas ali presentes. É uma cena forte, muitos estão realizando seus feitiços, sinto-me pequenina em relação a tanta magia reunida. Alguns nos convidam a participar de seus rituais, mas queremos o nosso particular, então apenas agradecemos e buscamos o lugar ideal, onde esteja nossa magia.

Encontramos. Ali começo a separar minhas coisas, esqueço ou procuro esquecer a presença de Carlos. Ele sabe que preciso me concentrar, e apenas observa em silêncio meus passos. Com tudo em mãos, começo enfim nosso feitiço. Pego

o meu athame, posiciono-me ao lado de Carlos, peço-lhe que forme com o corpo um pentagrama, e ele assim faz. Com o som de harpas tocando a música celta que escutamos ali, fica muito simples a concentração. Posiciono-me e fecho os olhos, invoco a Deusa e o Deus, levanto devagar o athame em minha mão e começo a abrir o círculo sagrado em volta de Carlos. Nossa energia é muito grande, pois sinto-a fluir em profusão, e caminho encantada com essa constatação, invoco os elementais em sua ordem sagrada, sinto o poder deles chegando, sinto sua presença. Ao final do círculo aberto, acendo as velas, cada uma a seu respectivo elemental. Ofereço o vinho ao Deus e o leite à Deusa em seus respectivos cálices seu. Pego as flores presentes e espalho no círculo, enquanto então nosso feitiço de proteção. Faço questão de pedir às bruxas ancestrais parte de sua magia, para mim e para Carlos. Ele está extasiado, consegue sentir tudo o que sinto.

O vento que sopra ao final de meu pedido apenas constata que fui ouvida e, posso, sim, ser atendida, mas insisto e peço em tom mais ordenante:

– Assim se faça, porque assim ordeno!

Fico tonta com a resposta. Sim, vou ser atendida, mas isso nem sempre será bom, pois o poder que busco vai ser para sempre, não poderá ser devolvido, assim pedi, assim pagarei!

Agradeço o dom pedido e aceito minha responsabilidade. Ao final de tudo, antes de encerrar o feitiço, sento ao lado de Carlos e seguro suas mãos, palmas abertas para cima, passo-lhe parte de mim, ele aceita, em silêncio.

Levanto-me e tomo a forma do pentagrama, encerro nosso feitiço como de praxe:

– O feitiço está lançado, o círculo está fechado, porém nunca quebrado. Que a magia aqui lançada seja por nós aproveitada, pois assim queremos, assim fizemos e assim será!

Com isso encerrei nosso feitiço e voltei a juntar meus pertences, com Carlos ajudando-me em silêncio.



Algo mágico de fato aconteceu! Senti minha energia aumentar e meu corpo arder quando Clara começou a entoar nosso feitiço... Algo estranho, não sei explicar! Para falar a verdade, estou me sentindo estranho desde quando bebi aquele chá... Depois, aquelas lembranças do hotel, quando recordo do que minha mente me revelou, ainda sinto o gosto quente do sangue escorrendo em minha garganta e do êxtase que senti! É estranho, eu sei, mas gostei!

Depois que terminamos o ritual, senti meu corpo diferente... Muita energia talvez, mas o que mais me impressionou foi o aumento de alguns dos meus sentidos! Minha audição está mais forte e meu olfato mais aguçado! Algo havia acontecido, mas não sabia o que era! Eu tinha mudado!

Observando e ajudando em silêncio Clara guardar seus pertences, um cheiro doce e forte veio ao meu nariz e me fez respirar mais fundo para sentir aquele delicioso e estranho aroma! Era um aroma diferente, não era flor, não era a relva nem o perfume de incensos que pairava no ar... Era um cheiro conhecido, um cheiro de... Sexo! “Estou louco, só pode ser!”, pensei comigo! Mas o cheiro estava forte e vinha de Clara, não resisti, cheguei mais perto dela e antes que acabássemos de guardar os pertences, peguei em sua mão, puxei-a para perto de mim e beijei-lhe... Beijei com vontade, com força! Ela retribuiu, parecia estar pensando o mesmo. O

cheiro aumentou, eu fui ficando embriagado. Aquele cheiro de sexo, cheiro de mulher, estava me dominando, não agüentava mais, e começamos a fazer amor bem ali, na ilha, no local isolado onde havíamos procurado para fazer nosso ritual. Nós já havíamos nos amado antes, mas dessa vez foi diferente, tinha algo acontecendo, uma energia estranha tomava conta de mim. Clara estava linda, estava demais! Ela chega ao êxtase primeiro, solta gemidos de prazer, isso me enlouquece muito mais. Instantes depois foi a minha vez. Mas, algo estranho aconteceu, meu corpo se arrepiou... Abaixei a cabeça, um suor frio descendo de minha testa, senti meus olhos arderem, minha respiração ficou pesada... Comecei a encher o peito de ar e soltá-lo lentamente... Perdi as forças, meu corpo bambeou, fechei os olhos e... Como uma fera, soltei um enorme grunhido... Meus olhos ardiam como se pegassem fogo, a escuridão mudou... Um brilho no céu, os tons mais claros tornaram-se amarelados, e os mais escuros, avermelhados... Tontura... Cabeça pesando... Desmaiei!



– CARLOS, ACORDA! Carlos, está me ouvindo?

– Oi, que houve? O que aconteceu, por que seus braços estão sangrando?

– Carlos, acalme-se, respira fundo! O que está sentindo?

– Estou tonto, não sei o que aconteceu, o que houve? Por que está sangrando? Está gelada, parece que viu um fantasma!

– Carlos, eu não vi fantasmas! E não se preocupe com meu braço, foi só você que me arranhou quando...

– Quando o quê Clara, o que eu fiz?

– Do que você lembra?

– Lembro que estávamos nos amando, o cheiro do seu sexo tomava conta de minhas narinas, meu corpo foi ficando estranho, meus olhos começaram a arder, acho que desmaiei!

– Carlos, fica calmo! Aconteceu uma coisa... Você...

– Fala logo Clara, o que eu fiz, o que aconteceu?

– Você virou vampiro!

– Quê? Como?

– Calma, eu também não sei explicar, só sei que de repente você se transformou! Seus olhos emanaram uma luz amarelada como o fogo de uma vela, você grunhiu como uma fera e quando chegou ao clímax arranhou meu braço sem querer! Depois você desmaiou! Você me assustou, mas

depois eu me acalmei! Precisamos descobrir o porquê de você ter se transformado assim!



Acho que falei demais para Carlos, ele não devia estar preparado para ouvir tudo aquilo! Ficou calado, como se estivesse com vergonha de mim!

Começamos a descer o monte, Carlos ia na frente, de cabeça baixa e segurando seu punhal. Aproximei-me dele e coloquei a mão em cima de seu ombro!

– Carlos, pode contar comigo, não precisa ficar preocupado! Nem precisa ter vergonha!

– Clara eu não sei o que está acontecendo comigo! Preciso descobrir, e minha intuição me diz que vou encontrar algo bem aqui nessa ilha!

Carlos começou a andar mais rápido, passando por entre as trilhas que havia naquela misteriosa, mística e magnífica ilha! Começou a andar cada vez mais rápido, como se algo o estivesse chamando. Algo, ou alguém!

Entramos em uma trilha mais fechada, a mata estava alta, com certeza há anos ninguém passava por ali! Fiquei preocupada!

– Carlos, aonde você vai?

– Clara, não sei bem ao certo, mas acho que tem algo por aqui! Venha comigo, eu te seguro!

Cruzamos um pequeno riacho com águas cristalinas, a cerca de uns cem metros havia um antigo cemitério celta! Assustei-me. Como Carlos poderia saber disso? No centro, havia uma lápide diferente, grande, bonita... Carlos foi em direção a ela, e eu o segui!

– Clara, é aqui!

– É aqui o quê? Você está me assustando! – falei, enquanto Carlos limpava o lodo que subia até a metade daquela lápide!

– Clara. veja!

Para minha surpresa, ela tinha dois símbolos na parte de cima... Bem no início da lápide... Eram um sol e uma lua!

– Clara, veja, é o mesmo símbolo do meu punhal! E o olha o que está escrito aqui!

Quase cai de costas quando li o que estava escrito.

Cristopher Handersen, pelo mau ele nasceu, pelo próprio mau ele morreu, mas por um grande amor ele renascerá para poder se vingar daquele que o transformou e que por ciúmes o matou! Sempre estarei com você! Sua amiga Victória Moonsun! Assim seja e assim será!

– Clara... Este nome! Este sou eu! Vamos abrir! Preciso ver o que tem aqui dentro!

Eu estava pasma, não conseguia falar! Fiquei apenas observando Carlos cavando com sua própria mão a terra daquele antigo túmulo!

– Clara, tem uma caixa aqui, uma espécie de caixão, me ajude a puxar!

– O quê? Você tá louco? Vai abrir isso daí?

– É claro, preciso ver o que tem aqui! E além do mais, quem vai nos prender aqui se fizermos isso! Vem cá, por favor, me ajuda aqui!

Abrimos o caixão e o inesperado aconteceu! Nada havia lá dentro, nem ossos, nem pó, nem restos de roupas, nada! Estava totalmente vazio! Olhamo-nos embasbacados, não podíamos acreditar no que estava acontecendo! De repente, uma jovem apareceu, por detrás de nós!

– Calma, não tenham medo! Não se lembra de mim meu grande amigo?

– Vick?

– Sim... E esperava por você há muito tempo!

– Ainda estou meio tonto e confuso, minha cabeça está rodando, mas, lembro-me do seu rosto e... seu nome surgiu em minha mente!

– Não se preocupe Christopher, é assim mesmo! Você renasceu em um mundo novo, onde tudo é novo, seu corpo é outro... Mas sua alma é a mesma! Por isso as lembranças, os sonhos...

– Então eu morri?

– Sim, na época em que você era o lord Christopher Handersen apaixonou-se por Nickole! Mas sua verdadeira paz era ao lado de Angelique!

Olho atento para a visão em minha frente sem prestar atenção em Clara, estava tão impressionado que nem me dei conta de que ela estava passando mal! E continuei a prestar atenção no que Victória estava falando!

– Por isso você foi morto! Morto por McLeondy, a quem você chamava de...

– Leon!

– Isso! Lembra? Ele matou seus pais e te trouxe para o mundo dos vampiros, te criou e ensinou-lhe a ser um grande vampiro! Mas, quando ele descobriu que você era amigo de Angelique, e que ele a amava e queria ficar com ela, ele se enfureceu, queria-a para ser sua dama, e antes que você pudesse ficar com ela, ele te matou e prendeu Angelique em seu castelo. O resto, eu não posso mais lhe contar, aos poucos agora você irá se lembrar. E nunca se esqueça de quem

você foi e de quem você é agora! Pois você retornou... Retornou em um corpo humano! Você é especial! Você é humano e vampiro! O sol não mais lhe machuca, apenas seus olhos ele poderá irritar. Aprenda a dominar o que você é e conseguirá terminar o que não ainda está em aberto e selar o destino que lhe foi confiado! Agora tenho que ir, pois meu destino se cumpriu, guardei seu túmulo esperando o dia em que você retornaria! Agora, posso juntar-me ao mundo dos elementais, e juntos olharemos por você!

– Espere... Não vá! Ainda não entendo! Espere!

– Com o tempo você aprenderá o que pode e o que não pode fazer! Aceite o que você é... E cumpra o seu destino... Só assim vocês continuarão vivendo em paz!

Olho para Clara e ela não está. Algo me diz que ela corre perigo, mas onde se meteu? “E agora? Só me faltava essa!”, penso preocupado.

Saio atrás dela e encontro sua mochila caída próximo a um buraco. Aqui, achei!...

“Garota esperta! Deixou a mochila aqui como sinal”, pensei, mas senti algo errado naquilo tudo. Como pode Clara ter saído sem me avisar? Será que fiz algo errado? Desço meio desconfiado com o que vou achar. E se ela se machucou?

Encontro Clara em pé, olhando fixo para a parede, parece em transe. Chamo-a suavemente, mas ela não responde. Aproximo-me lentamente para não assustá-la, e quando a toco, percebo que está gelada e seus braços estão muito vermelhos, algo inchados, e isso sim me gelou por dentro...

Enquanto Carlos conversa com essa nova amiga, fico pensando em tudo que nos aconteceu essa noite. Não consigo me concentrar na conversa dos dois, então prefiro anali-

sar o que ocorreu. Meus braços latejam e procuro ocultar isso de Carlos, mas até agora ainda me assusto ao lembrar do que me aconteceu, a mudança de Carlos, sua força sobre-humana e seu domínio sobre mim. Pior, amei ser possuída assim, em verdade amei tudo isso, o que torna tudo ainda mais assustador!

Já estive com Carlos em situações estranhas, mas essa com certeza ganha de longe! Meu amigo, a pessoa quem mais confio nesse mundo, está virando um vampiro! Seria cômico, não fosse trágico, e comigo! Justo agora que entre nós a sintonia estava ótima. Como pode Carlos sair na minha frente como se eu não compreendesse que a culpa não era dele! Será que não percebe que isso me afasta dele? Como pode se afastar de mim justo agora? Como vai ser daqui pra frente nem imagino. Se conheço Carlos, agora vai se afastar de mim, por medo de me machucar... Talvez seja melhor assim, o vestígio de um vampiro mais uma vez se interpôs entre nós... E Carlos vai permitir. Mais uma vez começo a me sentir sozinha e com medo, mas desistir tornou-se impossível. Qualquer coisa é melhor do que parar agora.

Afasto-me aos poucos de Carlos e Victória, quero ficar sozinha pela primeira vez desde que vi Carlos no aeroporto em nosso primeiro encontro.

Aos poucos a brisa que sopra em meu rosto me faz perceber que choro porque sei que algo muito pior está para chegar, Leon.

Leon vai querer matar Carlos, e isso não vou permitir, nem que para isso tenha de deixar Carlos e seguir Leon. Mas, não permito que Carlos seja machucado de maneira alguma, afinal, aprendi a gostar dele mais do que deveria e isso

me deixa confusa, pois constatar isso logo depois do que nos aconteceu só piora a situação.

Aos poucos, sem perceber, chego perto das ruínas do castelo, quase caio em um buraco meio escondido pela escuridão da noite. Observando mais de perto, percebo tratar-se de um buraco grande, uma caverna subterrânea talvez, mas isso me parece familiar... Procuro Carlos, mas ele não está por perto, começo a sentir raiva dele. Como pode me deixar sair sozinha, justo agora?

Decido entrar no buraco sozinha mesmo, verifico se é seguro e se tenho velas e isqueiros na mochila... Sim, tenho, mas deixo a mochila aqui fora, está meio pesada, como se meus instrumentos de bruxa não quisessem entrar comigo, então respeito, e os deixo aqui. Começo minha descida e, surpresa, percebo que esse buraco é imenso, parece um calabouço, pois ainda tem algumas correntes enferrujadas na parede. Tem um gotejar de água por aqui, posso ouvir os pingos caindo por perto.

Minha pele formiga, deixo a vela no chão para que não se apague e me aproximo das correntes presas na parede. Estão mornas, como se o sol as tivesse aquecido, mas sol algum entra em um buraco tão bem projetado para causar dor e sofrimento. Sinto-me como se estivesse em um sonho, pois tudo se projeta, como num filme, vejo archotes nas paredes, um banco tosco próximo às correntes que agora são bem mais compridas. Vejo Angelique chorando presa pelas correntes e Leon gritando com ela, mas ela não responde, apenas baixa sua cabeça para o que ele diz, ele a levanta com um tapa, ela grita de dor, mas Leon a agarra pelos pulsos e a prensa contra a parede. Com uma das mãos expõe seu pescoço e

crava os dentes, ela fica quieta, até cair meio sentada, só aí Leon corta o próprio braço na altura de sua boca e a faz beber, ela resiste, mas Leon insiste e a força, dizendo:

– Minha! Desde que sua mãe a prometeu, minha ontem e minha amanhã, para sempre minha! Falta pouco Angelique, muito pouco, quero você com todos os rituais de nosso clã. Quando estiver pronta perceberá que Christopher nada pode fazer para roubá-la de mim, a não ser perecer como outros antes dele, iremos a Paris, onde, aí sim, tomará seu lugar de direito, o de minha companheira, nem tente ou pense em escapar, mato ele se o fizer, mato Christopher!

Num rompante, como veio a imagem se foi... E escuto uma voz ao fundo chamando por outro nome... Clara!

– Clara! Acorde... Está me ouvindo? Clara!

– O que aconteceu?

– Eu é que pergunto. Quando olhei para você, estava aí parada em pé olhando pro nada! Fiquei preocupado! Sente-se bem?

– Carlos, foi estranho... Não sei o que aconteceu. Tive uma espécie de visão ou projeção, sei lá, só sei que foi bem esquisito!

– Mas por que você saiu de perto de mim? Poderia ter se machucado ao entrar aqui! E seus braços não parecem muito bem! Você está gelada!

– Primeiro, eu saí porque parecia que você não me queria por perto! Segundo, meus braços estão só um pouco inchados, deve ser por causa do arranhão, apenas isso

– Mas por que você achou que eu não queria você por perto?

– Simplesmente porque, depois do que aconteceu entre a gente e te contei que você me arranhou depois que virou

vampiro, você ficou diferente! Saiu descendo por essas trilhas rápido e na frente, parece que nem escutou eu dizendo que poderia contar comigo!

– Desculpe Clara se agi assim, mas eu estava muito, e ainda estou, um pouco desorientado com tudo isso! Eu, vampiro? É uma coisa que sempre gostei de saber, sempre quis ser! Agora, descubro que fui em vampiro em outra época. E agora voltei a ser, para vingar a minha morte, como disse Victória, minha amiga naquela época que eu era lord Christopher! Realmente não sei o que dizer! Eu, lord e vampiro!

– O problema, Carlos, é que você ainda vai ter muito o que enfrentar pelo que eu tô sentindo! Aliás pra começar, meu braço está doendo um bocado! Então, não está com raiva de mim?

– É claro que não sua boba! Eu estava só desnortado, mas até que a idéia de ser vampiro não me assusta muito!

– Ainda bem! Mas que isso tudo é estranho é... e por favor, me tira desse buraco aqui, não tô legal! E temos que ir embora, precisamos ir para Paris!

– Paris? Por que Paris?

– Depois eu te explico, mas precisamos ir!

– Tudo bem, mas primeiro temos que terminar o que viemos fazer aqui! Vamos para a cidade de Tintagel, já estamos perto e pressinto que lá descobriremos mais coisas!

– Você e seus pressentimentos! – falei em um tom irônico, e ambos começamos a rir.



NO CAMINHO DE TINTAGEL, passamos por estradas muito estreitas e misteriosas, afinal, tudo lembrava o rei Arthur, mas algo me preocupava! Clara dormira a viagem toda, estava quieta, seus braços inchados, e não me parecia estar bem!

Era noite quando chegamos à mística cidade que, segundo a lenda, foi o berço do rei Arthur. Chovia muito... cada vez mais e com muita trovoadas. Fomos direto para o famoso Hotel Camelot Castle, que ocupa uma posição magnífica, debruçando-se sobre o Oceano Atlântico e o ancestral castelo de Tintagel. As excelentes vistas panorâmicas espalham-se a um ângulo de duzentos e setenta graus pela costa, desde Hartland Point a Trevoise Head, passando pelas deslumbrantes ruínas de Tintagel, o local de nascimento do rei Artur. A Caverna de Merlin e as belas areias da praia de Tintagel unem-se ao hotel. As enormes ruínas estendem-se pelos penhascos até o Oceano Atlântico, visível da sala de jantar do hotel Camelot e de vários quartos. Existem vários tipos de quartos no Camelot Castle, e pode-se escolher entre a vista do Oceano Atlântico e a vista das ruínas do castelo de Tintagel, mas preferíamos algo mais rústico, e é claro que escolhemos um dos quartos com régias camas de painéis antigos como os da época da realeza. Exis-

te ainda um deslumbrante piano para qualquer músico que resolva nos entreter. Imagine o quão acolhedoras são as inúmeras lareiras nas noites frias! O hotel oferece uma excelente variedade gastronômica, servida na sala de jantar, com vista para as extraordinárias ruínas do castelo.



Deixo Carlos me conduzir, não me sinto nada bem, mesmo depois de ter dormido a viagem inteira. Minha garganta dói, meus olhos parecem pegar fogo, sinto vontade de dormir novamente. Meu estômago parece querer devolver tudo.

O hotel parece bom, nem sei direito. Quero apenas dormir.

– Clara, como você está?

– Com sono... muito sono!

– Vamos então! – diz Carlos, convidando-me a sair do carro.

Os trovões lá fora chegam a mim parecendo um mau presságio. A tontura aumenta, mas tento esconder isso de Carlos, pois ele me observa, quer saber o que tenho e se o conheço, logo vai querer me levar ao médico.

No quarto, Carlos pega meus braços e observa os arranhões.

– Isso está muito feio, quer ir a um médico?

– Não, nada que um bom banho e uma boa noite de sono não resolvam, quero apenas descansar! – desconverso, pois quero que ele saia ou vou acabar caindo aqui mesmo.

– Vamos, vou cuidar de você então!

– Não... prefiro ficar sozinha!

Carlos me olha magoado, dizendo:

– Não vou machucá-la Clara, nunca faria isso!

Quero explicar que não é nada disso, mas não tenho forças, quero que ele saia.

– Vou comer alguma coisa, quer que te traga algo? Isso posso fazer, não é? – ele disse, saindo apressadamente do quarto.

Tiro minhas roupas aqui mesmo no quarto, talvez um banho bem quente me faça bem. Ando cambaleante até o banheiro, troveja muito, não gosto disso. O espelho mostra uma mulher pálida, de olheiras profundas e braços horríveis. Deixo a água escorrer por meu corpo enquanto tenho forças... mas não são muitas. Pego a toalha de olhos semicerrados, e quando levanto a cabeça, vejo Leon me observando, desta vez não é apenas sonho, Leon está recostado no batente da porta. Olha-me por algum tempo, depois vem em minha direção, e fazendo o mesmo gesto que Carlos, observa meus braços.

– Não! – rosna ele baixinho. – Assim não! Vou matá-lo, infame usurpador!

– Não... de novo não!

Sussurro e caio lentamente. Leon, sem o menor dos esforços, me levanta, mas com carinho desta vez, diferente dos sonhos, quando me batia. Desta vez, coloca-me na cama e sussurra:

– Paris, lembre disso, Paris!

Sinto uma leve fisgada em meu pescoço, sinto sua boca morna chupando com força. Durmo finalmente.

Vejo-me abraçada a Christopher, é noite, estamos encurralados em um penhasco, choro porque sei que vou perdê-lo.

Leon encurralou-nos aqui, e Christopher não vai deixá-lo me levar sem lutar. Mas ele está fraco, muitos dias presos

sem se alimentar, depois da última luta deles, nem mesmo meu sangue o ajudou muito, ao menos conseguimos algum tempo juntos depois que conseguimos fugir.

Cavalos se aproximam, Leon urra maldições contra Christopher, e esse as devolve, enquanto tenta me afastar.

– Não! Não me deixe, ele vai te matar!

Christopher nem me escuta, apenas me olha e sussurra:

– Juntos para sempre!

Vai para cima e voa contra Leon. Mas Leon é forte, prefere se desviar dos golpes de Christopher, antes de matá-lo. Tento subir, mas os vassalos de Leon não permitem. De presas à mostra, excitados pelo combate que assistem, seguram-me. Grito... grito muito, mas é tarde demais. Leon arranca o coração de Christopher depois de decepar sua cabeça e jogá-la precipício abaixo.

Enlouqueço de dor. Enquanto os malditos se comprazem da vitória, solto-me e agarro o corpo do meu amor.

– Meu eterno amor, juntos para sempre! – digo em voz baixa, mas para que todo o universo possa escutar. Pego seu punhal e o escondo em minhas roupas, sei o que devo fazer antes do amanhecer, vou com Christopher para a morte.



Deixo Clara sozinha, saio irritado... Ela tem medo de mim! Por que Clara? Por quê? Talvez não seja nada, talvez esteja apenas doente, tento me enganar, sigo a caminho do restaurante, enquanto penso que não sei e não entendo mais nada. Sinto-me e escolho à revelia qualquer prato, com a cabeça distante. Aos poucos percebo que o cheiro da comida

me faz mal, cheiro de carne assada faz meu estômago embrulhar! Tento comer mesmo assim, teimo em tomar água, mas nada desce, não consigo comer. Deixo tudo ali mesmo, assino a nota e saio nervoso para caminhar, mas a chuva está forte e fico pela varanda mesmo. Sinto-me tenso com tantos cheiros e luzes, isso começa a me preocupar, repasso em minha mente tudo que escutei e conheci sobre ser vampiro.

Percebo o cheiro conhecido de alguém próximo, um homem... Yan!

– Carlos, preste atenção ao que vou dizer agora, não sei quando poderei voltar a falar com você ou Clara, mas escute, Clara está morrendo, e se quiser salvá-la deverá fazer isso logo.

– O quê? – pergunto, entre incrédulo e embasbacado.

– Carlos, você já sabe o que é, ainda está no começo, mas vai aumentar em poder e força logo, logo... Seu destino você sabe qual é, mas Clara depende de você! Enquanto falamos, sua vida se esvai pouco a pouco... Enquanto falamos, Leon está com ela!

– Não pode! Como?

– Ele sabe o que está acontecendo. Se ela morrer, ele a espera nascer de novo, já fez antes, mas você... Ele vai matá-lo aos poucos, jogando como pretexto a morte de Clara em sua consciência! Carlos, vai, segue o que seu coração mandar fazer, mas lembre-se, todo cuidado é pouco, Leon não está sozinho!

– Vou ficar com Clara, obrigado Yan, de verdade, obrigado – digo por sobre o ombro, pois já havia começado a correr.

Sinto e vejo dois homens... São os mesmos com os quais sonhei, mostram suas presas e, sem mesmo perceber, mos-

tro as minhas... Então eles alçam vôo e somem. Volto correndo para o quarto, para Clara.

– Clara, acorda! Você está ardendo em febre, acorde Clara!

Tento acordá-la, mas ela não responde. Sei o que fazer, mas ainda reluto um pouco. Apesar de nosso pacto, não posso sequer imaginar a idéia de seu ódio, de seu desprezo depois, mas não posso deixá-la morrer, não depois do que descobri.



Procuro meu punhal, vejo os símbolos nele cravado, isso me deixa ansioso, pois não sei o que significam, e estavam naquela lápide também, deve haver algum significado, mas qual? Tremo ao testar a lâmina pontiaguda e afiada... corto meu pulso direito, o sangue começa a jorrar, devagar a princípio, encosto-o nos lábios de Clara, nada... Forço um pouco mais, abro sua boca com uma das mãos e algumas gotas escorrem... Clara geme, tenta se afastar, mas firmo sua cabeça pela nuca contra meu pulso. O esforço abre mais o corte e faz o sangue jorrar com mais rapidez, o que eram gotas transformaram-se em goles que Clara é obrigada a engolir.

Clara firma o corpo, para depois relaxar, bebe devagar, abre os olhos... Como a amo! Com as duas mãos, segura meu pulso e continua a sugar lentamente... Fico tonto, o ar me falta, deito ao seu lado e percebo as mudanças em seu semblante. A fraqueza que sinto anuvia minha visão e minha mente, ela sorri satisfeita, lambe o corte, mas percebe que não estou bem, pois franze a sobrancelha. Levanta-se sobre o cotovelo direito e pega o punhal esquecido sobre a cama, tento falar, mas não consigo, tamanha fraqueza que sinto.

Clara lentamente corta seu pulso e me oferece, dizendo:

– Meu amor!

Sinto necessidade disso, encosto os dedos no sangue, que escorre pelo seu braço... Provo... Alívio... Retorno... Amor e êxtase... Pego com a boca o que escorre e bebo do corte a mim oferecido, sinto paz, sinto Clara em mim. Seus olhos buscam os meus enquanto volta a beber comigo, eu de seu pulso e ela do meu, seus olhos confirmam o pacto que fizemos, confirmam o que ambos sempre soubemos...

– Juntos para sempre! – digo a ela em voz alta!

ACORDO COM O SOL dentro do quarto, é estranho... Sinto como se não tivesse dormido! A noite passou e eu nem vi, parece que fechei os olhos e em instantes já era dia. Acordo com Clara deitada em meu peito, a luz do sol arde meu olho... Levantei devagar para não acordá-la, fui até a janela e fechei um pouco a persiana. Lembrei das palavras de Victória, “... a luz do sol vai te incomodar, porém ele não poderá lhe machucar...”. Olho para o meu pulso... Lembro do que fiz ontem, mas não tem corte!

Olha para Clara, deitada na cama, seus braços não têm mais marcas, ela está curada e... Agora vampira como eu! Lembro de minhas palavras da noite anterior... *Juntos para sempre...* Mas por que eu falei isso?

Deixo Clara dormindo eu vou dar uma volta, o sol estava forte, ardia meus olhos e queimava um pouco minha pele, era uma ardência branda, como aquelas que a gente sente quando vai ao clube ou em alguma praia e não usa protetor solar.

Passeando um pouco pela cidade de Tintagel, tudo realmente lembrava o lendário rei Arthur, as lojas com os nomes dos personagens da saga, os turistas ansiosos por conhece-

rem o castelo onde o rei havia nascido. Uma daquelas lojas me chamou a atenção, a Merlin... Fui até lá, era uma loja esotérica, vendia de tudo, incensos, duendes feitos de madeiras e pedras, vassourinhas, caldeirões e muitos livros de magia e alquimia. Ao entrar, uns sininhos pendurados na porta avisam minha chegada! Uma velha e pequena senhora sai de trás de uma grande cortina roxa, olha para mim e diz:

– Já sei do que você precisa! Venha comigo!

Achei estranha a atitude da mulher, mas resolvi segui-la como me pediu... Entramos em uma outra sala nos fundos da loja, era mais dark, cheia de espadas, punhais, roupas, capas e coisas do gênero. Ela olhou para mim, esticou a mão que segurava uns óculos escuros e disse:

– Primeiro, vai precisar disso!

– Como a senhora sabe que meus olhos estão irritados? – perguntei, desconfiado.

– Simples, você não é o primeiro que me aparece por aqui!

– O primeiro? Primeiro o quê? Primeiro turista?

A velhinha, em um tom de risada, continuou:

– Não... Você sabe do que estou falando, não se preocupe, eu já conheci vários iguais a você!

Peguei os óculos de sua mão e agradeci... Perguntei quanto custava e ela disse que era um presente e que tinha mais coisas, e me pediu para esperá-la alguns instantes.

Pouco tempo depois, ela apareceu com uma grande caixa roxa da cor da cortina por onde ela passou e me entregou, dizendo:

– Como eu disse, isso é um presente, um presente para você e para ela!

– Ela? De quem a senhora está falando? E presente, presente de quem?

Novamente a velhinha abriu um sorriso e falou:

– Isto são apenas alguns acessórios que você e Angelique irão gostar de usar a partir de agora!

– Angelique? Como a senhora...

– Calma meu rapaz, sou amiga de alguém que me visita em sonhos e me falou da chegada de vocês! Torço para que tudo seja resolvido e para que tudo consiga!

A velhinha começou a andar para o fundo da loja novamente, e só me deu tempo de agradecê-la.

Voltei para o hotel e Clara já estava acordada...

– Onde você esteve?

– Fui dar uma volta e...

– Que caixa é essa na sua mão?

– Eu também não sei, aconteceu outra coisa inesperada agora há pouco!

– O que foi?

– Primeiro me responda, como se sente?

– Bem melhor, as feridas sumiram e me sinto mais forte!

– Que bom!

– Clara, antes de te contar o que aconteceu, preciso te dizer uma coisa! Agora... agora...

– Fala logo!

– Agora somos vampiros! – Clara me dirigiu um olhar neutro, nem espantada nem animada. Então eu continuei: – Por isso, agora, temos que aprender a sermos e vivermos como tal!

– Tudo bem, a gente dá conta! Mas, me diga, que caixa é essa!

– Nem eu sei! Eu saí para dar uma volta enquanto estava dormindo e avistei uma loja que me chamou a atenção, ela se chama Merlin, vende produtos esotéricos. Quando entrei, uma velhinha apareceu de trás de uma cortina roxa e me estendeu uns óculos escuros, ela sabia quem eu era e que o sol estava irritando meu olho, levou-me para outro salão da loja e me deu esta caixa, falando que era um presente para mim e Angelique, que era um presente para nós!

– Mas como ela sabia da gente?

– Ela falou que era amiga de uma pessoa que a visitava em sonhos e a avisou da nossa chegada aqui!

– Estranho! Depois eu quero ir lá conhecer essa loja, mas antes, vamos abrir para ver o que é!

Ao abrirmos a caixa havia um papel preto embrulhando dois conjuntos de roupas. Era um sobretudo grande, preto e tinha o mesmo símbolo do meu punhal e da lápide, desenhado em relevo na altura do ombro! Nessa hora logo pensei: “Só pode ter sido Yan!”. E uma lembrança vem em minha mente.

– Clara, lembrei, o sol e a lua, o símbolo no meu punhal, na lápide e agora nessa roupa!

– O que você lembrou? O que esses símbolos significam? Bem que eu estava achando estranho! Conte-me!

– Clara, o sol é o masculino... Considerado o diurno, ativo e objetivo na astrologia, o mundo da inteligência clara e criativa, enquanto a lua simboliza o feminino, com suas nuances, impressões e sentimentos, é noturna e sonhadora. Se a lua é a representante máxima do feminino, o sol é o pilar da criatividade ativa e masculina no mundo. Sol e lua compõem o quadro básico que revela a dinâmica de nossa

relação com o mundo externo das atividades e o mundo interno da sobrevivência emocional e psíquica. A tal ponto essa diferenciação entre masculino e feminino é importante que os antigos gregos não perguntavam primeiro o signo ou o ascendente de uma pessoa, mas sim se tinha nascido de noite ou de dia. Dependendo do caso, tudo mudava. Assim, as técnicas de análise eram adaptadas para cada caso, o que foi se perdendo ao longo das centenas de anos. Mesmo hoje em dia, a gente pode notar a diferença básica entre as pessoas ativas e realizadoras no mundo externo, regidas basicamente pela força objetiva do Sol, e aquelas que se adaptam, traçando seu caminho entre as possibilidades, abrindo seu caminho entre e sentimentos com os quais precisam lutar para se harmonizar; essas são regidas pela lua!

– Tá! Mas, por que estes símbolos estão unidos um no outro?

– Porque a lua, juntamente com o sol, é o corpo celeste de maior importância na visão simbólica da astrologia! O sol rege o dia e a lua a noite... O sol representa o princípio ativo, vitalizante, e a lua, o princípio passivo e receptivo! O sol representa a parte mais pura da nossa natureza e o caráter que está na raiz do nosso ser, enquanto a lua representa o corpo físico, os sentidos, a subjetividade peculiar de cada indivíduo e a partir da natureza que conhece e adquire experiência do mundo físico e objetivo! Quem me deu a idéia de ter esse símbolo como minha marca foi Vick e Yan, ou seja, o sol representava Yan e a lua Vick, e eu era protegido por eles!

– Interessante Carlos! Mas, vamos ver o que mais tem aí dentro da caixa!

Tiramos o resto das coisas. Um outro sobretudo de tamanho menor com um “A” estampado em relevo no mesmo lugar do outro sobretudo, dois pares de coturnos e dois conjuntos de roupas feitas de couro da cor preta, um com o símbolo da lua e o sol e o outro com a letra “A”.

Olho abismada para isso, pois são iguais aos que sempre sonhei, iguais que Angelique usa. Não vejo a hora de experimentá-los!

Levanto da cama como se não tivesse estado doente, sinto-me bem, renovada. Nem me importo de ser observada por Carlos.

– Serve certinho. Gostei! Sinto-me a vontade assim, apenas o sol irrita meus olhos, mas como já tenho o hábito de óculos escuros, nem ligo. Vamos Carlos, quero ir até sua loja, anda logo!

Ao olhar para ele percebo um leve sorriso, fico meio sem graça, mas tudo bem, estou feliz.

– Carlos oferece sua mão, aceito o gesto carinhoso, e ele beija o mesmo pulso que antes sugou.

Bem sugestivo seu gesto, gosto da intimidade do ato, agrada-me, e muito, o fato de estarmos mais ligados agora. Só espero que nossa sintonia não seja interrompida por causa disso.

Descemos animados, parece que o mundo espera por nós, que estamos em festa, as cores estão diferentes, as pessoas, tudo enfim, o cheiro do mar me lembra o penhasco com o qual sonhei. Isso aos poucos me entristece. Lembro de Leon, lembro de ele ter dito Paris. Não vou dizer nada a Carlos, pelo menos por enquanto, prefiro o agora do que o passado. Por hoje, nada de lembranças, nada de sombras se interpondo entre nós.

Mas Carlos, de bobo não tem nada, quer saber o que foi. Digo que nada.

Gosto do movimento do centro turístico, gosto da vida contida aqui. Percebo pensamentos, de uma forma sutil, mas percebo sim.

Carlos está diferente, parece mais amadurecido, como se tivesse aprendido uma valiosa lição, mas isso, com o tempo, todos aprendemos.

– Aqui Clara. Chegamos.

Observo a loja, parece simpática, entro sem medo. A penumbra do ambiente sugere paz, repouso, mas as pessoas que por aqui entram procuram por mais, procuram por sonhos, como eu.

Do fundo vem uma senhora de aparência amistosa e olhos vivazes, me observa e faz uma pequena reverência. Estranho isso, mas nem pergunto o porquê. Não quero saber da resposta.

– Vejo que serviram a contendo, senhora. – disse a estranha figura, observando minhas roupas.

– Sim, quem as deixou aqui, e por quê? – pergunto.

– Um amigo de vocês, ele sempre aparece em sonhos, talvez seja igual a vocês, talvez não. Ainda não sei.

– Yan? – pergunta Carlos

– Não sei Milord, apenas pediu que as entregasse quando um dos dois viesse até aqui. Desejam algo mais? Tenho uma erva preciosa aqui que lhes será muito útil junto aos mortais, pois sabem que agora não poderão se alimentar como eles.

Olhamos-nos, pois esquecemos que não havíamos nos alimentado desde a véspera.

– Como a usamos então? – Carlos perguntou seguindo a senhora a um passo de distância. Vi que ela ficou tensa com a aproximação, mas tentou esconder isso de nós. Inútil. Carlos escutou meus pensamentos, pois voltou devagar para o meu lado, como se por respeito àquela senhora.

– Vocês deverão salpicar qualquer alimento ou bebida mortal com esse pó. Uma pequena quantidade bastará, fazendo a besta dentro de vocês ser contida, mas sem isso seus instintos de predadores serão rapidamente aflorados. Se quiserem viver entre mortais, o que com certeza será bem mais seguro a vocês, deverão prestar atenção a esse detalhe. Quando acabar, procurem por mais. Deverão ter isso sempre às mãos, se quiserem passar despercebidos. E mais um último conselho: Não se separem, pois o que juntos têm, nada terão separados, não conseguirão nada afastados.

Quisemos pagar pela caixa que continha o tempero mágico, como mais tarde o apelidamos, mas ela novamente não aceitou, disse que já havia sido pago. Nesse momento percebemos que mais nada saberíamos ali. Despedimo-nos, e quando estávamos na porta, ela disse:

– Esperem, um presente de uma velha bruxa para bruxos velhos – e trouxe na mão duas correntes, em cada uma um pingente: na minha uma lua crescente, na de Carlos, um pentagrama, ambos circundados de tal forma que juntos faziam uma conexão, completavam-se. Gostei, e Carlos também.

Saímos sem dar uma palavra sequer, apenas andamos, cada um com seus pensamentos. Mas, como não estou com disposição para ficar quieta, quero mais é brincar, mexo com Carlos, faço de tudo para vê-lo sorrir, e acho que consigo, pois ele logo me chama de boba. Faço caras e bocas, mas na verdade não ligo, já é um hábito entre nós.

Carlos me olha e diz:

– Vamos até as ruínas do castelo?

– Claro! Vamos.

Conversamos como qualquer turista, esquecemos que não o somos, que agora somos vampiros. Fico extasiada com as flores que nascem por aqui, gosto de seus perfumes, gosto de saber que alguma fada soube ser benevolente com elas, pois parecem de mentira.

A brisa que sopra parece nos dizer que a vida é bela, que temos que aproveitá-la de todas as formas possíveis. Mas, como se vampiros não possuem mais vida?

Acho que meu lado de bruxa está calmo, está tranqüilo, pois ainda não percebi um resquício de perigo. Carlos me acompanha na leveza.

Estamos mais próximos que antes, estamos verdadeiramente juntos.

Na hora do almoço é que temos certos problemas, pois todos se alimentam e nosso hábito pede o mesmo, mas ao tentarmos, não conseguimos. “Adeus às maravilhosas batatas fritas”, – penso bem-humorada.

– Não... Vamos fazer diferente moça, vamos comer sim!

– disse Carlos com um jeito maroto, enquanto me leva a uma barraca próxima, pega os enormes pacotes de fritas e salpica o tempero por cima. E conseguimos comer finalmente.

– Vamos Carlos? Quero conhecer tudo por aqui – passo meu braço pelo seu. Meu pulso reconhece o dele, pois parece esquentar de leve.

Continuamos nosso passeio, como se fôssemos apenas mais dois entre tantos. Apenas mais um casal vestido de negro nessa ilha mágica, nessa ilha de mortes e renascimentos.

Andamos muito, até que nossos passos nos conduziram ao maldito penhasco. Aqui dizem que Arthur nasceu. Para mim, na verdade, só lembra que foi aqui que Cristopher morreu.

Carlos, será que sabe? Possivelmente não. Nem sei se devo contar o que Leon me mostrou enquanto me mordia. Aqui minha alegria se vai.

Chego perto da borda, cruzo meus braços como se estivesse abraçando a mim mesma, relembro do que aconteceu. Carlos se aproxima, devagar, sabe que há algo de errado aqui comigo, me abraça, como já fez num passado distante. Só que agora não choro, agradeço em silêncio por estar aqui com ele novamente, pela chance de podermos mudar nosso destino, e desta vez ninguém vai nos separar.

– Vamos? – sussurrou Carlos, respeitando meus pensamentos. Sabe que há algo sim, mas ainda não sabe o quê. Concordo, em silêncio.

Andamos por mais alguns lugares e de repente Carlos me fala:

– Veja ali Clara! Aquela portinha foi onde o mago recebeu o filho do rei. O pai, Uther Pendragon, entregou através dessa pequena porta seu filho para ser aprendiz de um feiticeiro poderoso. É estranho, parece que presenciei esta cena.

Após Port Isaac, passamos Bodmin e em Camelford não encontramos a Slaughter Bridge, a antiga ponte em granito sobre o rio Camel, que está associada à morte de Arthur na batalha de Camlann. Após chegarmos à estrada principal, seguimos para a pontinha de Cornwall. As horas passaram, a noite aproximava-se e decidimos voltar para o hotel.

– Espero que voltemos para nosso mundo, onde nem Leon nem ninguém se intrometam. – Carlos disse, olhando para mim.

No quarto ainda está quente, mas a chuva volta a cair, leve a princípio, mas aumenta devagar, fica contínua, traz um clima de melancolia que não gosto, nem preciso.

Tento brincar, mas meus olhos estão tristes, e Carlos mais uma vez percebe. Mais uma vez corro o olhar pelo imenso jardim do hotel, adoro as nuances da noite, até as nuvens carregadas têm brilho próprio, coisas de vampiro achar a escuridão algo belo. Será assim em um caixão? Qualquer hora descubro, prometo a mim mesma.

Carlos ri baixinho, escutou meus pensamentos, olho para ele.

– Vai me contar agora ou depois o que aconteceu lá, Clara?

– Preferia deixar isso para depois.

– Preciso saber Clara, acho que tem muito a ver comigo.

– Certo, quer saber, vai saber então, mas nosso dia foi bom, não gostaria de estragar tudo agora... Vi sua morte, aliás vi, a morte de Cristopher. Leon me mostrou.

– Então ele esteve mesmo aqui – diz Carlos nada satisfeito. Parece que ele está perdendo o respeito por Leon, parece que está com raiva de Leon... Pior, acho que os dois ainda vão se bater de frente.

– Carlos, quando você saiu ontem eu não estava nada bem, fui pro banho e quando saí vi Leon, mas não em sonhos como sempre. Vi realmente, toquei nele, ele me mordeu, foi aí que vi como Cristopher morreu. Ele quis que eu soubesse.

– Como foi? – disse Carlos, sentando na cama dobrando e balançando a outra de leve.

– Eu nos vi no penhasco... Vi Cristopher abraçado a Angelique. Eles estavam encurralados, Leon os deixou che-

gar até lá, ele sempre gostou de se divertir com Cristopher, algo como uma brincadeira sádica, mas eles estavam sabendo que Cristopher morreria ali. Pelo que entendi, Angelique o ajudou a escapar, mas ele estava fraco, mas nem por isso menos disposto a lutar... Ele tentou Carlos, tentou mesmo! Mas Leon o matou, arrancou seu coração e deixou sua cabeça rolar penhasco abaixo... Sei que Angelique sofreu e sei que jurou pra Cristopher que se juntaria a ele na morte, a vi pegar o seu punhal e escondê-lo entre suas roupas, mas o que fez ainda não sei. Acredito que logo saberei, pois agora as lembranças estão sendo mais nítidas.

Carlos está perdido em pensamentos, memórias talvez. O silêncio no quarto me faz perceber o quanto nossa vida mudou.

– Se foi daquele penhasco que acabou, será de lá que tudo começará de novo! Vem comigo!

Acompanhei Carlos até o penhasco novamente, não me sinto bem neste local, mas tínhamos que descobrir algo, estávamos em um mundo novo, um mundo diferente do que conhecíamos antes... Carlos parou à beira do penhasco e falou:

– Foi aqui que você viu minha cabeça rolar?

– Foi sim, Carlos, mas vamos embora, não me sinto bem aqui!

– Ok, vamos sim!

Carlos olhou para mim e, como um *bang jump* sem cordas, pulou penhasco abaixo...

– Carlos! – gritei desesperada, só faltava essa!

– Calma Clara! Achou que eu tinha me suicidado? – disse Carlos logo atrás de mim. Nem pensei no momento em como aquilo aconteceu, como podia ele estar ali...

– Seu idiota! – falei irritada, e sem pensar duas vezes dei um soco na cara dele!

– Calma Clara... – disse ele, segurando meus braços no ar. – Também não precisa me bater! Só fiz isso para te mostrar algo!

– Mostrar o quê? Que você é louco? – gritei irritada.

– Não sua boba, mostrar o que podemos fazer... Mostrar que somos vampiros, que na verdade sempre fomos e seremos vampiros.

– Mas como? Como conseguiu pular e em segundos estar aqui de novo? E... Sempre fomos vampiros?

– Calma, vou te explicar tudo! Agora, minha mente está mais limpa, lembranças de coisas que eu tinha esquecido na minha adolescência voltaram à minha mente dentro daquele quarto! Lembranças de minhas pesquisas me fizeram entender que sempre fomos vampiros! Responda-me uma coisa Clara, o que sabe sobre vampiros? Sobre as características de um vampiro?

– Bem, pelo que eu sei, muitas coisas nos tempos de hoje são confundidas com a ficção, como medo de crucifixos, água benta, galhos de roseira, alho ou qualquer outro condimento ou semente, como a mostarda, a incapacidade de passar pela água corrente, a necessidade de dormir em caixões, a ausência de reflexos no espelho, a morte através de estacas empaladas no coração, etc.

– Tudo isso que você falou está certo, mas tem uma coisa que é a mais pura verdade sobre essa espécie que sempre admiramos, sempre procuramos, mas nunca imaginamos que um dia seríamos, ou que já éramos. Porém, existem as características que ligam o vampiro à natureza animal, como

os sentidos aguçados, a predileção por sangue, os sentimentos intensos e instintivos, a atração exercida sobre os humanos, a elegância dos movimentos, a presença de caninos proeminentes, assim como sua furtividade, características de um autêntico predador, e até mesmo, similaridades físicas com animais em pequena escala. Também existem as que podem ser consideradas “evoluções” ou “melhorias”, e também “limitações”, não componentes do organismo humano como este é visto no âmbito catedrático e que não encontram similares no mundo animal, tais como enorme capacidade de cicatrização ou até mesmo regeneração, não envelhecimento, que é diferente de imortalidade, alta sensibilidade à luz intensa, não necessariamente solar e fatal, poderes paranormais, lembrando que estes não têm, a princípio, relação com o caráter vampírico. A grande força física, capacidade de sugar energia de suas vítimas e poderes hipnóticos. As primeiras podem ser consideradas um retorno às origens, enquanto as últimas seriam uma evolução da espécie. E todas elas estão em nossos genótipos.

Clara ouvia atenta a tudo, e perguntou:

– Mas, como assim estão em nosso genótipo?

– Tudo o que somos, está contido em nosso DNA. Com exceção das coisas que aprendemos durante nossa existência e as modificações que o meio ambiente nos impõe, tudo é parte integrante de nossa cromatina. Portanto, mesmo os vampiros, se forem analisados de forma científica, carregam em seus genes as tais características. Nós carregamos conosco muitas coisas em comum com os nossos antepassados irracionais, nosso cérebro foi se tornando maior e ganhou novas estruturas, mas a parte mais interior ainda é a mesma dos

nossos parentes distantes, e esta é justamente a parte instintiva do nosso ser. Se mesmo nós temos este caráter animal, podemos presumir que alguns seres humanos possam ter guardado maior semelhança com os animais do que o comum. É aí que entram as características animais dos vampiros. Quem de nós já não teve vontade de esmurrar uma pessoa, mas não o fez porque a razão, sendo mais forte, refreou os instintos? Você mesma me contou que quando era pequena e pegava algum filhote de animal na mão, sentia vontade de esmagá-lo para vê-lo sangrar!

– É, realmente! Continue! – disse, atenta e com muita coisa passando por minha cabeça.

– Nos vampiros, a parte instintiva é tão forte quanto a parte racional, fazendo com que grande parte das vezes a emoção supere a razão. Os sentidos aguçados também seriam resultados de os centros de visão, olfato, audição serem mais próximos aos dos animais. Claro que um vampiro não tem um olfato tão bom quanto o de um gato, nem a visão de um gavião, mas sim sentidos muito mais apurados que os humanos em geral. Por exemplo, nos vampiros a visão é muito mais sensível, podendo assim ser aproveitada melhor na pouca luminosidade de ambientes escuros, o que lhes possibilita ter uma ótima visão noturna. A sensualidade está intimamente ligada aos hormônios sexuais. Os vampiros produziram muito mais hormônios, que atrairiam as pessoas através do olfato, sem que estas sequer percebessem. Isto, aliado à sensualidade gestual herdada dos rituais animais, faz dos vampiros seres praticamente irresistíveis. E agora nós dois fazemos parte dessa classe! Não é o máximo?

– Estou confusa ainda! Quer dizer que podemos voar? Seremos imortais, etc.? – pergunto entusiasmada.

– Quase isso, mas o que ocorre na verdade é que tanto a alta capacidade de regeneração, a longevidade, o melhor aproveitamento do corpo, como a maior força e agilidade, estão ligados a um único fator.

– Qual?

– Uma substância! Um hormônio que é produzido apenas pelos vampiros. É uma espécie de adrenalina, mas muito mais “polivalente”. Este mesmo hormônio acelera todo o metabolismo ao mesmo tempo em que ativa o processo de renovação celular a níveis espetaculares.

– Alta regeneração!

– Sim! O sistema nervoso, ao receber a informação do local do ferimento, descarrega na corrente sanguínea este hormônio que acelera todo o processo de cicatrização.

– E a imortalidade? É verdade?

– Em termos, sim, a longevidade também acontece da mesma forma, só que num processo muito mais lento.

– E como você conseguiu pular e aparecer aqui em segundos?

– Simples. Nossos músculos, enquanto “humanos”, são compostos por fibras que se contraem numa reação em cadeia, ocasionada por uma seqüência sensorial, que, como na famosa brincadeira com dominós, gera o movimento. Quanto mais rápida a reação em cadeia, mais rápido o movimento. Portanto, os vampiros são mais ágeis exatamente por isso. Como diria meu professor de física, quanto maior a aceleração, maior é a força. Ou seja, quanto mais rápido mais forte. Portanto, a maior agilidade dos vampiros no nível celular torna-os mais fortes. Já no rol das fraquezas, encontramos a sensibilidade à luz e calor. Em um forte calor, o organismo

funciona mais lentamente, pois na conversão da energia química para a elétrica e na decomposição dos alimentos também descarregamos energia térmica, elevando a temperatura do organismo para níveis que podem se tornar intoleráveis, se debaixo de um calor intenso. Mesmo os humanos, quando muito tempo expostos ao sol, ficam “moles”. Os vampiros, por serem estes seres muito mais ativos, a exposição ao sol causa um efeito semelhante, porém muito mais intenso. A luz intensa seria prejudicial pelo mesmo motivo que a escuridão não é muito problema. Com células mais sensíveis, a luz excessiva pode causar irritação e dor, até mesmo cegueira, por isso meus olhos se irritaram com a claridade do sol.

– Então quer dizer que podemos fazer tudo isso?

– Claro! Você mesma viu o que eu acabei de fazer! E outra, acho que somos especiais!

– Especiais? Como assim?

– Acho que fazemos parte de duas raças de vampiros! Uma porque nós dois temos plena certeza de que sempre fomos os vampiros psíquicos, por isso nossa capacidade de sintonia e de drenar energias alheias, e outra, podemos ser também vampiros herdeiros! Vampiros herdeiros são aqueles que trazem o gene vampírico de algum parente, podendo ser de um dos pais, mas geralmente do pai ou de um antepassado cujo gene latente foi hospedado durante algumas gerações, manifestando-se assim em alguém da atual geração, fazendo desta pessoa um herdeiro. Geralmente um vampiro herdeiro desperta na adolescência, pois é nesta fase que os hormônios começam a aflorar, despertando assim a essência do indivíduo. E você lembra que foi aos meus dezesseis anos mais ou menos que vi aquela vampira perto de onde eu morava?

– Lembro, e pior que foi com essa idade também que comecei a sonhar com Leon.

– Então... Muitos vampiros herdeiros sentem-se deprimidos, deslocados da sociedade, pois nenhuma figura humana é capaz de entender o que se passa com ele, julgando-o rebelde, classificando-o como desajustado, entre outros rótulos, coisas que para mim eram normais! Muitos também são internados pela família como loucos, por terem uma atração muito forte pelo sangue, preferências notívagas, entre outras características, porque são muito fora do padrão dito “normal” classificado pela sociedade em que vivemos.

– Eu também já fui assim! Sempre quis morrer na realidade...

– E a outra coincidência, é que é muito difícil um vampiro herdeiro chegar na fase adulta sem ter passado um período muito ruim em sua adolescência, muitos se afastam da família, isolando-se completamente do mundo, e é neste ponto que o perigo corre solto, porque vampiros já têm uma característica de superioridade e, sozinhos, isso só tende a aumentar, podendo perder-se por completo o respeito pelo ser humano, pois o isolamento e a não compreensão daqueles que antes lhe eram caros, como pessoas próximas, familiares em geral, é um curto caminho para a revolta contra o mundo, pois não compreendendo o que se passa com ele, um vampiro herdeiro recém-desperto pode vir a cometer atos verdadeiramente hediondos, sentindo prazer em caçar e ferir seres humanos. Geralmente um vampiro herdeiro sente-se meio perdido em relação aos seus sentimentos, não entendendo o que está acontecendo com ele, demorando aceitar sua essência e dominar suas habilidades que estão despertando.

– Ou seja, demora para cair a ficha?

– Mais ou menos por aí!

– A pior coisa que vamos enfrentar, e que já estamos enfrentando, é a...

– Fome? Isso, justamente! Nos vampiros herdeiros, a fome passa a fazer, aos poucos, parte de suas vidas e à medida que os anos passam suas características vampírescas começam a ficar cada vez mais afloradas. Vampiros herdeiros, se bem treinados, podem vir a ser exímios caçadores da sua própria espécie. E sabe de uma coisa?

– O quê?

– Eu estou adorando isso! Saber que temos esse potencial e que agora somos realmente vampiros, ou quem sabe tipo o Blade do filme, um vampiro caça vampiro! Chega de jogar ervas em comidas, vou provar a verdadeira comida vampírica, sangue!

– Tá, mas a gente tá ficando esquisito Carlos, nossa aparência está mudando, as pessoas vão nos achar estranhos, e isso me incomoda um pouco

– Não se preocupe Clara, já pensei nisso também!

– E o que vamos fazer então?

– Existe no mercado de cosméticos colorações de pele praticamente perfeitas, muito mais eficientes do que o pó-de-arroz que era muito usado na idade média. Há uma infinidade de produtos que, fixam facilmente à pele e podem esconder nossas veias. É só procurarmos não abusar muito, porque, por mais perfeita que seja a maquiagem, um exagero poderia levantar suspeitas.

– Carlos, existe também uma tintura branca, usada para pessoas que sofrem de vitiligo e que também pode ser suficiente.

– Também acho! Mas a nossa pele ainda assim permanecerá pálida... Mas isso também é comum entre as pessoas. Por isso ganhamos essas roupas! Eu continuarei com pêlos nos membros e no tórax. Nessas regiões, vai ser difícil usar maquiagem sem que ela se fixe também no pêlo... Por isso, terei que cobrir a maior parte do corpo.

– Quero aprender a ser assim Carlos, você já começou a usar suas habilidades!

– Eu te ensino, sabia que um dia tudo que eu conhecia iria servir para alguma coisa!

Clara começou a rir e voltamos para o hotel, mas era noite e o sono não tinha aparecido ainda! Então decidimos dar uma volta pela região, e de repente ela parou, olhou para mim e falou:

– Que estranho, meus olhos estão ardendo e a noite parece mais clara!

Comecei a rir e respondi:

– Essa é uma das habilidades naturais que teremos agora, enxergar como corujas na noite! Não é o máximo?

Comecei a me sentir tentada a experimentar também, quis primeiro testar minha visão e isso foi simples, percebi quatro ou cinco pessoas a alguns quilômetros de nós, senti seu cheiro e isso começou a me excitar, como se tudo fosse uma deliciosa brincadeira. Imaginei o susto que levariam ao encontrar dois vampiros novatos que, em verdade, adorariam ir mais a fundo em conhecimentos, em provar como poderiam ser altamente fatais, pois era isso que me excitava, o poder de ter uma vida em minhas mãos. Exatamente como os filhotes que imaginava esmagar quando criança. Com eles seriam iguais? Conseguiríamos um feito desse tamanho?

– Nem tente, acho que ainda é cedo Clara, esperemos mais um pouco, basta apenas deixar a fome realmente aflorar, aí sim conseguiremos.

Somente aí percebi que Carlos estava lendo realmente meus pensamentos; se antes os adivinhava, agora os compartilhava. Nesse momento uma idéiazinha bem malvada me passou pela cabeça:

Um susto básico ao menos... Saí correndo e tão levemente que quase não percebi, a alguma distância parei, tirei meu sobretudo e meus sapatos, transformando-me em uma mulher de aparência indefesa indo ao encontro de quatro rapazes meio embriagados. Carlos soprou em meus pensamentos: “Divirta-se, estou por perto”. Sorri, pois disso eu já tinha certeza.

Fui ao encontro dos rapazes e pelo que vi em suas expressões, deixavam claro que queriam se divertir. Aproximei-me lentamente, sentindo-me realmente felina, meus movimentos eram precisos e nada apressados. Chegando à frente deles, como de praxe, quando machos em maioria fazem quando querem acuar uma fêmea, me rodearam e começaram com a linguagem vulgar de bêbados. Fiquei quieta, deixei mexerem em meus cabelos, mas ao se aproximarem com arrogância, mostrei algo que desconfiava já ter: minhas presas!

Depois de as avistarem, soltaram impropérios e tentaram-me agredir, afinal eram quatro machos! Doce ilusão... Não poderiam me acertar mesmo que quisessem, pois Carlos estava logo atrás deles, jogando-os ao longe pelo colarinho. Sob a luz da Lua, mais uma coincidência? Vi pela primeira vez os caninos de Carlos, e ele nunca pareceu mais atraente

do que nesse momento. Pode passar outras centenas de anos e acho que dessa imagem não esquecerei tão cedo.

Carlos, muito sério, depois de certificar-se de que os rapazes haviam fugido, olha para mim e diz num tom cavernoso:

– Sua mãe nunca te ensinou que não deve brincar com a comida? – e caiu na gargalhada.

Voltamos para o hotel, sem pressa, conversando sobre todo tipo de possibilidade. Pedi a Carlos que fôssemos para nosso quarto, queria fazer algo que havia lembrado há pouco, mas que decidi esperar e tentar sozinha. Acho que consegui esconder isso de Carlos, pois ele nada comentou. Tomei meu banho como sempre, mas a textura de minha pele está diferente, está mais firme, como se de repente meus músculos estivessem retesados, em estado de alerta. O sabonete passeava por meu corpo de maneira escorregadia, como se a espuma não se fixasse em mim. Gostei da sensação.

Carlos está agitado, como se ficar no quarto o deixasse preso, mas ainda assim está feliz, realizou seu desejo mais secreto, agora ele era um vampiro.

Sinto uma vontade de algo que antes não tinha, uma fome estranha, algo urgente, que parece dominar meus movimentos, tenho de aprender a me controlar ou sinto que posso fazer muitos estragos... Posso me denunciar!

– Nervosa? – perguntou Carlos, chegando de leve por trás e roçando meu pescoço. Sua respiração fica mais leve, sinto o calor de sua boca e afasto de leve o cabelo, para dar mais acesso a seus lábios. Sinto uma fisgada suave, lenta, algo que na mesma hora faz minha barriga gelar, me faz acalmar, faz-me sentir que pertenço a ele, mas ao mesmo tempo

algo me faz querer a mesma coisa, quero mordê-lo, quero experimentar seu gosto, seu sangue em minha boca.

Viro de leve quando ele se afasta, seus olhos estão embaçados, como se tivesse acabado de acordar. Fico na ponta dos pés, mas como ele é muito mais alto, ele me ajuda, levanta-me pela cintura e me deixa morder seu pescoço... A sensação é única, melhor que qualquer gozo, melhor que qualquer sensação antes experimentada, agora entendo os olhos de Carlos, passo a língua suavemente em sua pele e nada mais de ferimento, nada mais de mordidas.

Que bela iniciação nesse mundo novo, nada de frieza ou maldade, apenas o natural, tudo leve, sensual demais. Combina conosco.

Deitamos, pois não falta muito para o amanhecer. Mas sinto muito sono, apesar de saber que não sou ainda muito vampira, sinto os efeitos do dia sobre mim, e ainda quero tentar fazer algo, pedirei a ajuda de Carlos e sei que posso contar com ele de novo.

– Carlos, vou sair, em astral! Ao menos vou tentar, pois estou com muito sono! Quer vir comigo? Já que antes disso tudo nós já éramos vampiros energéticos, gostaria de ver o que conseguimos fazer agora que somos vampiros, ou quase vampiros!

– Nós já somos vampiros Clara, concentre-se em seu poder e descobrirá, mas vamos lá então, não sei se conseguirei, pois estou quase dormindo, mas tentarei, prometo!

Conseguí sair de meu corpo... Percebo logo a sutileza do ambiente. Procuro por um dos rapazes que quis assustar, o maior deles, o que se achava mais forte, mais dominante. Na mesma hora entro em seu quarto, sinto cheiro de álcool, ele está meio que jogado em sua cama, peço em silêncio que

se vire, ele obedece. Aproximo-me, chego a tocá-lo, sua energia está embevecida no álcool, então tudo fica mais fácil, sinto que posso fazer o que quiser.

Aproximo-me dos lábios dele e devagar aspiro sua energia, sinto meu corpo astral vibrar, aquecer, o rapaz se bate de leve, paro um pouco, quando ele se acalma, volto a sugar, mas dessa vez lentamente, suavemente. É muito bom isso!

Carlos se aproxima e faz de um jeito diferente com o companheiro de quarto. Ele pára em frente à cama do rapaz, concentra o olhar e simplesmente puxa a energia, é mais rápido, como ele fez isso? Parece mais familiarizado com isso do que eu. Parece que realmente não é primeira vez de Carlos, deve ter feito isso muitas vezes em seu passado.

Fico empolgada em saber que, agora, poderemos utilizar muito melhor essa nossa habilidade inata de tirar a energia da vida de outros, mesmo quando estamos com muito sono!



Estamos em um lugar muito escuro. Carlos segura uma adaga, está vestido de preto, uma capa com capuz esconde seu rosto. À sua frente apenas duas velas, uma negra, a outra vermelha. Estou a um passo dele. Carlos faz um ritual estranho que não compreendo, mas sei que pede por poder, por vingança, e um vento sopra sem apagar as velas em resposta. Carlos abaixa a adaga e pega um cálice cheio até a borda, oferece a outros deuses antigos que não conheço, mas que estão presentes, depois disso, de ofertar e pedir, quando tem sua resposta novamente pelo vento, que desta vez apaga as velas, ele bebe metade do líquido contido no cálice, a outra metade oferece a mim. Sem medo, mas sem entender, aceito. Um líquido doce, diferente.

Carlos me olha, devolve o cálice ao altar, tira o capuz e me diz:

– Agora sim estou me preparando para Leon de maneira certa, desta vez o jogo será igual, sem maiores chances para um dos dois lados. Desta vez, será diferente!



DORMIMOS O DIA INTEIRO e acordamos por volta das seis horas da tarde. É engraçado como essa história de sono vampírico realmente existe. Dormi igual a uma pedra, mas lembro de tudo que aconteceu! Lembro do meu ritual junto com a Clara, em um ambiente que eu criei para ser meu refúgio no

mundo astral. Adorei os Deuses que conheci quando era Cristopher, as memórias estão sempre chegando à minha mente com muita velocidade. E meu objetivo é vingar a morte de Cristopher... A minha morte!

Clara está deitada ao meu lado, e resolvo aproveitar o tempo enquanto ela ainda dorme para testar meus dons adquiridos e alguns que minha mente instantaneamente vem me revelando. Começo pela visão... Olhando pela janela consigo enxergar um mosquito a metros daqui. A sensação é muito empolgante... Chego bem perto do parapeito da sacada do quarto, respiro fundo e... vários cheiros se misturam! “Como o potencial de nosso corpo e de nossa mente aumentam, depois que estamos ‘mortos’”, penso, com um sorriso irônico na face.

Com a luz do pôr-do-sol entrando na janela, reparo em minha pele... Está com uma tonalidade clara, mudou da noite para o dia, e o tom rosado do sol poente realça ainda mais essa

brancura. Com certeza, não vai dar para sair de dia sem algum tipo de roupa ou uma maquiagem, pois realmente as pessoas iriam reparar e ficar curiosas ou até assustadas. Dou outro sorriso e penso que realmente Yan estava mais precavido do que eu, pensou até nas roupas! Lembro que ele me disse que era um amigo distante que nos esperava por muito tempo, sabia de nós e era nosso amigo... algo está faltando nessa história, penso comigo, tentando montar esse enorme quebra-cabeças que começou quando eu tinha dezesseis anos. Paro um pouco nos pensamentos, e me concentro novamente em meus sentidos... Ouço crianças chorando, cachorros latindo, pessoas passando em cima das folhas secas caídas no chão... Realmente sinto-me como um super-herói, como o super-man, herói preferido de minha infância, estou quase igual a ele, penso rindo, só me falta ter visão de raio laser, botas e capa vermelha com um enorme “S” pregado no roupão azul!

– Como você é bobo – disse Clara, atrás de mim!

– Ué, nem vi você levantar! E por que disse que eu sou bobo?

– Não se finja de bobo Carlos! Você sabe que o que me deu para beber naquele cálice era algo poderoso, algo doce. Não sei o que era, mas que aumentou meus sentidos isso eu já reparei, pois consegui ver nitidamente a imagem de você vestido de super-man como estava em seu pensamento. E me fale o que me deu para beber naquele cálice. Só sei que foi algo poderoso, pois despertaram meus sentidos.

– Você ainda não sabe? Foi sangue!

– Sangue...

– Sim, mas não um sangue normal, foi um sangue especial... foi um pouco do sangue de Vick. Ela me disse, pouco

antes de te levar para lá, que teria um presente para mim em cima do altar... Seu sangue de bruxa... E que seu sangue iria despertar nossos poderes e intuições.

– Não sabia o que era, mas estava gostoso, era um gosto adocicado!

– Sim, minha Angelique – falei rindo... – Eu me lembro do sabor dele, mas nem todos os sangues são tão doces assim, o dela é porque ela é especial e seu sangue vale ouro para nós!

– E como é o sabor dos outros? – perguntou Clara, enroscando-se em meus braços.

– Um pouco, como irei explicar... diferente, parece um suco quente e viscoso com um sabor meio misturado, doce e salgado ao mesmo tempo. É difícil explicar, mas só sei que era muito bom sentir, pois logo que a gente o sugava de alguém, nos sentíamos mais poderosos, mas rápidos e mais, muito mais velozes.

– Interessante my Lord! – devolvo a brincadeira, e ele me olha com um sorriso de criança querendo fazer bobagem!

– Clara, preciso que você faça um favor para nós!

– Lá vem! O que quer?

– Quero que compre cosméticos, aquelas maquiagens especiais de que te falei, lembra?

– Por que, agora que virou vampiro, tá pensando em virar morcega? – não podia perder essa deixa para zoar ele!

– Sua mãe, que vai virar! Você já olhou para sua pele depois que acordou?

– Não! Por quê? E minha mãe não... Sua avó que é!

– Boba! Olha para nós, estamos iguais lençóis de hospital, branquinhos, branquinhos!

– Pior que é mesmo, mas por que você mesmo não vai comprar? – disse rindo, para ver a reação dele.

– Imagina, eu branco desse jeito, indo comprar cosméticos e coisas do tipo! Quem estiver vendendo vai achar que eu sou boiola ou discípulo daquele cantor americano falido, famoso por gostar de criancinhas!

– Nossa, depois eu é que levo a fama de boba! Tá bom, pode deixar que eu vou lá!

– Oh, nada de fazer arte com os outros na rua tá! Ainda não é hora de nos beneficiarmos do que somos! Por enquanto o sangue de Vick nos sustentará!

– Ok general. Quem sou eu pra discordar de Lord Christopher Handersen?

– Boba!



Enquanto Clara estava fora à procura dos cremes e outros artifícios que teremos que usar, me deu uma vontade de testar o que eu mais achava interessante quando lia sobre vampiros... A capacidade de controlar o peso do corpo, andar sobre as águas, pular de lugares enormes e cair feito uma pena no chão... A capacidade de equilíbrio... Eram tantas coisas, que eu estava ficando impaciente para descobrir todas as novidades que essa minha nova fase me oferecia! Se alguém me perguntasse se eu acredito em vida após a morte responderia: “Eis me aqui!”.

Antes de testar essas habilidades, resolvi esperar por Clara, para que possamos fazer isso juntos. Enquanto isso, me veio à mente outra coisa! A vontade de ir atrás de McLeondy ou, como eu costumava chamá-lo, Leon. Preciso me preparar para ir a seu encontro, eu sei que ele está me

esperando... Como? Respondo a vocês, não sei, apenas sinto! Ele já me matou, mas agora será diferente, estou em outra época, em outro corpo... Tenho outros conceitos e estou mais preparado.

Acho que vou fazer uma visita a alguém antes que Clara chegue, farei a ela uma surpresa.

Deito na cama... Fecho os olhos e em instantes estou novamente de volta à Floresta de Sherwood. É estranho, parece que sei exatamente o que fazer, estou realmente me acostumando a essa nova experiência...

Estou na porta da cabana de Yan, a floresta está muito escura, e de repente... sinto alguém se aproximar da porta... Escondo-me no canto mais escuro ao pé de uma enorme árvore e...

– Quem está aí? – ouço a voz parada na porta! Era Yan!

– Quem está aí? Saia agora ou irá se arrepender!

– Não te preocupes, caro amigo! Queres saber quem eu sou? Saberás! Digo-te que memórias podem ser maldições, mas para mim são uma dádiva. Que seria sem memórias? Mesmo que nem todas sejam minhas. Perderia isso tudo? De que me valeria? Amo minhas vidas e suas memórias, afinal sempre me resta o amanhã! Quem disse que sofro com tudo isso? Onde e quem disse ou escreveu que devo ser infeliz com o tempo? Ser infeliz por não morrer? Tentem... O tempo devora a outros! Sigo feliz em escuridão e em segredos, sigo no silêncio. Sou como um universo em uma só alma, com duas ou três partes que se completam em emaranhados de sentimentos com um só objetivo. Parte humana, parte imortal, sei o que quero e como conseguir! Sou amante de sussurros e gemidos... De tristezas e delírios! Sou apenas mais um...

Sou apenas observador! Um entre muitos... Tu me conheces! Sou o mal sem ser o mal! Sou o fim e o começo! Sou sorrisos e presas! Sou apenas uma passagem para o sempre ou para o nada! Sou apenas um vampiro. Sabes quem sou?

– Lord Cristopher?

– Em carne, osso e presas! Mas, pode ser Carlos, se preferir!

– Sabia que um dia viria! Lembrou de mim, como tinha prometido no passado!

– Claro! Você acha que eu iria esquecer de meu aliado, de meu companheiro? Cumpro minhas promessas, como você também as cumpriu! Prometeu ficar do meu lado quando precisasse, e ficou! Só me dei conta disso agora há pouco, quando lembrei das roupas. Não posso demorar aqui, pois logo Clara voltará da rua, tenho que estar lá! Ainda quer ser meu aliado?

– Lógico! Esperava ansioso por esse momento!

– Agora, meu amigo, sabe que existe muito mais por trás do obscuro véu da noite do que bêbados e marginais. Os mortais não se encontram mais no topo do sistema alimentar e podem ser sugados a qualquer momento. Ou pior, podem ser transformados num de nós e obrigados a sugar todas as noites. Não penses que isto é tudo... Ainda há muito mais! Coisas que irá descobrir por você... coisas que irão revolucionar a sua forma de pensar... Coisas que nem eu mesmo sei ainda! Eu espero que não saia matando o primeiro mortal que estiver na rua... Iria levantar suspeita. E também não fique com medo do que você irá descobrir! Ainda quer continuar?

– Vai doer?

– Não! A morte pelo nosso beijo geralmente é prazerosa para a pessoa assim como para o vampiro, além do que muitas vezes o vampiro suga tão pouco que a pessoa nem fica sabendo do ocorrido. Mas, preste atenção para a verdade... A realidade é muito mais do que você imagina ser! A ciência ainda não explicou um por cento do que realmente existe! Aproveite a chance que lhe irei dar! Você acredita em sorte? Eu não! Prefiro acreditar em destino!



Volto para o quarto e Clara ainda não havia chegado... Olho no relógio e percebo que se passaram apenas cinco minutos do tempo que estive fora... Mas como? Percebo que ainda tenho que aprender muitas coisas! Então resolvo voltar para perto de Yan, pois ele precisaria de mim na hora do despertar! Pois, é nesse momento que um vampiro passa a ter consciência do que é, dos seus instintos, de suas sensações e percepções perante o mundo. É um momento em que, ao mesmo tempo que nos mostra um mundo diferente, mais vivo e mais belo, onde sentimos com mais intensidade a vida, nos revela também o que somos, despertando a fome e o medo! Medo, porque ainda não entendemos a maioria de nossas habilidades, pois estas ainda estão aflorando e muitos de nós, confesso que me incluo neste número, tememos esses sentimentos, pois ainda não acreditamos que isso está realmente acontecendo conosco. Eu particularmente questionei-me muito sobre o que realmente estava acontecendo comigo, se eu não estava enlouquecendo ou algo do gênero.

O despertar é um momento em que nos sentimos sozinhos e com medo, pois as mudanças começam a surgir, a

fome começa a dar seus primeiros sinais e a certeza de que as pessoas com quem sempre contamos a vida toda, nossos familiares e nossos amigos, não nos poderão ajudar agora, pois o ser humano teme aquilo que desconhece e dificilmente aceita fatos que fogem da sua percepção limitada da realidade!



– LORD! MEU CORPO está queimando, o que está acontecendo?

– Não se preocupe! Você está morrendo, para viver a vida eterna! Fique calmo, quando estiver melhor, use seus conhecimentos e venha até mim! Esperar-te-ei antes de partimos para Paris atrás daquele que me matou! Ele não

perde por esperar! E pare de me chamar de lord... Já fui, é certo... Mas agora sou apenas Carlos! Digamos que agora sou dois em um – começamos a rir! – Tenho que ir meu filho, te espero em Tintagel!



Como eu imaginava passaram-se mais dez minutos do tempo que fiquei fora e Clara já deve estar para chegar... O que será que ela foi fazer além de comprar as coisas de que precisaremos? Algo me diz que coisa boa não foi! Não vou falar de Yan, agora vou fazê-la uma surpresa!



SAIO ATRÁS DA ENCOMENDA de Carlos, mas estou um tanto vacilante ainda... Muitas vozes ao mesmo tempo em minha cabeça, muitos pensamentos misturados, mas não são meus, são de outros que cruzam meu caminho. O ar parece estar elétrico, pois sinto seu movimento, sua energia. Cheiros

de pessoas me abrem o apetite, quero muito experimentar minhas presas.

Ando mais um pouco e encontro uma loja com o que preciso, mas fico surpresa ao cruzar o umbral da porta. A sensação de alerta toma meu corpo. Tem alguém aqui como eu, um outro vampiro. Rastreio entre os clientes que aqui estão e vejo alguém que me reconhece, pois sai rapidamente do local, uma mulher. Aliás, uma vampira.

Como mais uma peça do quebra-cabeça, reconheço-a como a serviçal de Leon. A mesma que o queria para si, mas que se viu obrigada a silenciar para não provocar sua ira.

Lembro como se fosse ontem, quando Angelique, ou eu mesma como preferirem, chegou a um porto, na Escócia, dentro de uma carruagem colocada no navio. Por isso escutava o relinchar de cavalos, eles realmente estavam lá. Lembro do desespero que senti quando vi meu querido Christopher vir em minha direção como um drogado, um enfeitiçado. Hoje sei que eram as pequenas doses do sangue

de Leon que o deixavam em tamanho torpor, ele realmente estava preso pelo sangue de Leon, mas me reconheceu quando seus olhos cruzaram os meus. Tentou alguma reação, mas o detiveram. Leon me fez andar para longe dele, quase nunca me permitiam muito acesso a Christopher, o pouco acesso que tive foi por essa vampira que acabei de ver. Não que ela morresse de amores por mim, mas deixava para poder me afastar de Leon, para depois se fazer de inocente e nos entregar e cair nas boas graças de meu dono maldito... Coisinha à toa, sem a menor importância, alguém que nunca teve alma, nem mesmo quando mortal, aliás, alguém criada apenas para me servir. Foi esse monstro que entregou a fuga de Christopher no dia de sua morte, pouco depois de entreter um dos lacaios do demônio para que pudéssemos fugir. Pensou que se Leon soubesse da fuga, iria acabar comigo também. Ledo engano, isso só o fez querer me dobrar a sua vontade mais uma vez, a última, pois no nascer do dia após a morte de meu Christopher, com seu punhal em mãos, quase dormindo, cortei meus pulsos, e num último ato de força rasguei meu peito e expus meu coração ao sol para que terminasse com tudo... Assim morri como Angelique... Assim me vinguei de Leon, se não pude ser de Christopher, dele jamais seria novamente.

Abri mão de todos os direitos a que tinha, pois já estava consagrada a Leon, e como sua parceira, podia fazer e desfazer de tudo e de todos a meu bel-prazer. Cansei de com minhas mãos acabar com vidas de inocentes e de vampiros. Tinha tudo, mas nada tinha ao mesmo tempo, vivia a vigiar pensamentos e palavras, pois sempre amei Christopher, e Leon sabia disso, tolerava, pois ele mesmo havia feito Christopher

seu filho, e como tal o amava também. Mas esse amor era uma mescla de ódio, inveja e adoração. Christopher já dera muitos sinais de poder superá-lo em poder e em carisma.

Mas, voltemos para o agora. Outra hora volto às minhas lembranças.

Na loja vejo que tem tudo o que quero, e realmente as pessoas me observam, mas e daí? Na verdade isso não me incomoda em nada, mas Carlos quer descrição, então procuro domar esse desejo de mostrar o que sou para todos. Nem eu sabia que gostava tanto assim do poder que um vampiro pode ter! Divirto-me com esse pensamento.

Depois de pagar, saio para a noite, tento saber onde a vermezinha se esconde, pois sei que me observa de longe, mando-lhe um aviso:

– Não se meta comigo! Desta vez mato você, tiro tudo o que acha que possui, até Leon!

Um grito de desespero chega a meus ouvidos. Sorrio disso, enfim ela escutou.

Carlos, ontem, quis me assustar com seu mergulho no penhasco, sejamos francos, ele conseguiu, mas um dia é da caça e o outro é meu.

Tento subir, voar mesmo, como fazia como Angelique. Consigo um pouco, mas a fraqueza que sinto está aumentando, tenho que me alimentar. Diga Carlos o que quiser, mas o sangue de uma bruxa, para outra, é como um complemento, logo associado ao seu fim.

Decido dar uma volta, procurar por comida, alguém suculento, forte, pois detesto gente pequena, fraca. Coisas de uma vampira pequena! Acho quem eu quero, não vou matar, prometo a mim mesma, apenas experimentar, para

depois com Carlos voltar e realmente me alimentar, quero que ele esteja junto, quero que se faça mais uma vez meu companheiro. Penso em Carlos, em como sinto falta dele agora. Fecho os olhos, pois sua falta me dói, e num átimo de tempo estou em frente à porta de nosso quarto. Disso eu não sabia ainda, desse poder não lembrava, que grata surpresa.



Como eu imaginava, passaram-se mais uns dez minutos do tempo em que fiquei fora

E Clara já deve estar para chegar... O que será que ela foi fazer além de comprar as coisas de que precisaremos? Será que ela... Algo me diz que coisa boa não foi. Não vou falar de Yan agora... Vou fazer uma surpresa!

Nesse instante, Clara entra correndo porta adentro, jogando as compras sobre a cama. Olho para ela, um filete vermelho quase apagado escorre pelo canto inferior de seus lábios. Sangue!

– Calma Clara! O que foi que aconteceu? Alguém te machucou?

– Carlos, você não vai me perdoar pelo que fiz! Não, ninguém me machucou, ao contrário, acho que na verdade eu é que machuquei alguém.

– Como assim, explique-se melhor – falei, tentando disfarçar a risada que vinha a minha boca... Mal ela sabia o que eu tinha feito.

Olho para Carlos e tento mudar de assunto, estou me sentindo sem graça.

– Pronto moço! Aqui está sua maquiagem, mas o batom é meu tá? – digo, à guisa de brincadeira.

Carlos me olha como se eu fosse uma doida, mas está com uma expressão diferente, como quem fez algo que está prestes a me contar. Mas nem precisa, já sei. Foi até Yan... Agora só falta Richard. Quero ver a cara desse meu apavorado amigo quando chegarmos até ele. Será novamente um bom vampiro, se não morrer de susto antes.

– Vamos comer alguma coisa Carlos, eu preciso! E acho que nem preciso te contar que encontrei aquela coisinha, a serva chamada Dana.

– Não precisa mesmo, incrível isso. Sei o que fez... Onde andou... Como provou aquele rapaz... Gosto disso!

– Claro que gosta my lord, já está quase pronto para assumir o comando, quase pronto para sua vingança – respondendo, enquanto abrimos potes e tubos diversos de cremes.

– Diga-me uma única coisa que, como Angelique e como Clara preciso saber, sua vingança contra Leon, é por si só, ou por ter nos separado, por sua morte e derrota naquele penhasco, ou porque me amava realmente? Preciso saber Cristopher, digo, Carlos, preciso mesmo!

Para deixar Carlos pensando em que resposta quer me dar, evito seus olhos, pois se o olhar de frente posso descobrir sozinha, e disso ainda tenho certo medo.

– Vou pro banho, mas depois quero caçar, Carlos, quero e preciso.

Ao final de meu banho, experimento o creme para o corpo. Apesar de escurecer a pele, ainda assim, se olhar de perto, parece artificial, estou muito branca. Adeus bronzeadores! O creme em si é excelente, mas minha pele é que não aceita sua aderência, parece que uma leve camada separa minha pele do produto, mas fazer o quê? Coloco meu

perfume preferido, tem ainda muito encanto para mim, afinal, sou vampira, mas não deixei de ser uma bruxa. Saio do banheiro como se nada tivesse perguntado, meio covarde de minha parte, mas...

– Vamos então, dona esfomeada, se quer comer, quem sou eu para proibi-la?

– Mas façamos diferente... Com capa ou sem capa, vamos voando, afinal foi o que você quis antes?

– Vamos juntos então. Mas, antes, vou responder sua pergunta!

– Que pergunta? – respondo, fingido ter esquecido, pois tenho medo da resposta!

– Você sabe! Minha vingança contra Leon é por três motivos: Primeiro, porque eu te amo! Segundo, porque ele me matou sem ao menos me dar chances para lutar, pois aproveitou da minha inexperiência na época, e por último, por prazer... prazer de vê-lo cair! Agora podemos ir!

Aproximamo-nos da janela, não é tão alto, terceiro andar, mas se cairmos será um belo tombo, e isso deve doer! Mas vamos lá, seguro a mão de Carlos, está fria, tudo bem, ele está morto mesmo! Aspiro por hábito, pois sei que agora nem disso preciso, mas me dá certa coragem esse pequeno gesto. Carlos segura em minha cintura e diz:

– Vem!

Devagar, quase sem muito movimento, pousamos no jardim do hotel, sorte nosso quarto ficar longe do movimento das pessoas, ou seríamos vistos. Mas demos sorte mais uma vez.

– Sorte não existe Clara, apenas a ocasião certa. Vamos lá, vamos caçar então. Desta vez você escolheu, então você nos conduz. Basta pensar onde quer estar, certo? ... Desculpe!

Carlos percebeu que não gosto de ser tratada como novata, posso até ser, mas não gosto disso, se vou ter de aprender muito, não preciso ser lembrada do que já sei.

Aproximamo-nos de minha escolha lentamente, é um senhor de uns cinqüenta anos, que trabalha em um bar. Está mais interessado em vender sua péssima bebida aos turistas do que olhar para eles. É apenas alguém sem muito escrúpulo, mas não é mal de verdade. Apenas uma pessoa fria, que nem de si mesmo gosta. Perfeito para mim! Minha boca fica diferente, sinto a pressão de meus dentes querendo surgir, procuro me controlar, mas ainda é meio difícil. Carlos vem ao meu socorro, puxa-me para seu ombro e esconde meu rosto em seu peito.

– Calma, devagar... Ainda não... Boba!

Ele consegue o que quer, acalmo-me e observo o ambiente, nada demais, um lugar simples, mas limpo. Na cozinha uma senhora trabalha em suas panelas, perdida em tristes pensamentos. Não sabe como acabar com ele, seu marido.

“Sem problemas, faço isso por você minha querida”, penso comigo mesma. Carlos apenas ri baixinho.

Finalmente o homem decide esvaziar o lixo ou algo assim, sai por uma porta lateral e vamos atrás. Ninguém por perto... Ótimo!

Nem consigo desviar os olhos dele, algo fascinante existe em roubar a vida de alguém, pois não consigo mais controlar minhas presas, Carlos dá a volta e, rapidamente, aparece na frente de minha vítima. O homem solta um grito de susto, mas já é tarde, Carlos levanta-o pelo pescoço e o joga no chão com força, o pobre coitado nem sabe direito o que está acontecendo. Quando chego perto e devagar, procuro pelo sangue que me chama, prefiro o pulso, cravo minhas presas

da mesma maneira como o faria em uma fruta succulenta, um pêssego talvez.

Delícia, é como matar uma sede de dias, algo doce, como disse Carlos, mas com algo a mais, algo que acalma meus anseios, que traz paz, algo diferente, íntimo. Procuro os olhos de minha vítima, está tão fascinado quanto eu, me acha bonita, só não entende o que vi nele. Posso dizer com uma única palavra: sangue... Saboroso, um reencontro com a vida que agora não possuo mais, um calor diferente que aquece meu coração, se ainda tenho um.

Carlos não resiste, afasta-me lentamente, levanta o pobre diabo e finca suas presas em seu pescoço. Aquele gesto me fascina até hoje, tanto quanto a primeira vez que vi suas presas, mas este em questão foi espetacular. Em um único gesto, abriu sua enorme boca e cravou os dentes. E se querem saber, foi extremamente sensual, foi natural e sem medos, algo que sabia fazer muito bem.

Quase esqueci de minha fome de tão fascinada que estava não fosse por Carlos, que se afasta um pouco do pescoço de nossa vítima e diz, em um tom gutural:

– Venha logo Clara, não vou esperar para sempre, me ajude a terminar o que tanto quis fazer!

Volto a pegar o pulso, mas Carlos segura minha mão, meio rispidamente, e diz:

– Junto de mim, do outro lado, anda!

Nem questiono a ordem dada por ele, apenas saboreio o que resta do homem, de sua vida... de seu sangue... Já não há quase nada!

Carlos me afasta novamente, e se afasta também. O homem está à beira da morte, e como num passe de mágica, as marcas de nossas presas somem sozinhas.

– Ele morre aqui! – disse Carlos, e me leva de volta para o hotel. Está quieto, mas está mais forte. Como eu. Vamos para baixo de nossa janela, subimos como descemos. Lá dentro, Carlos nem me dá tempo para pensar ou dizer alguma coisa, me empurra contra a cama e caio deitada com ele por cima, ele crava seus dentes em meu pescoço, não resisto e faço o mesmo. “Então é assim que vampiros fazem amor. Um redemoinho sem fim de trocas e gemidos, sussurros e certa violência”, pensei.

Carlos lê mais uma vez meus pensamentos e diz:

– Sim, minha amada, é assim que fazemos amor! Nosso êxtase vem pelo fato de que estamos bebendo o sangue de quem gostamos muito... o êxtase do “parceiro” depende do feromônio presente em nosso sangue. Saliento o fato de que nosso parceiro é ao mesmo tempo nosso filho, ou neófito, como é mais popular entre os vampiros. Da mesma forma, depois da metamorfose, continuamos a praticar relações sexuais que se baseiam praticamente em um beber o sangue do outro e vice-versa.

– Hum... Como sabe disso tudo?

– Esqueceu que eu já fui um?

– Mas, e a transa em si, não existirá mais?

– Pode ter se quiser, mas não há aquela atração forte, não há excitação involuntária. O vampiro consegue se excitar apenas quando quer, e ainda assim isso gasta a energia de seu precioso sangue. O ato sexual não traz o mesmo prazer... Embora o toque e as carícias sejam semelhantes, não há orgasmo, não há a respiração, o suor, tornando as relações sexuais extremamente frustrantes. Os vampiros que prati-

cam relações sexuais costumam usá-las para aquilo que realmente dá prazer: beber sangue e adquirir vantagens... Ou então o fazem tentando se sentir humanos novamente, embora as sensações não sejam em nada semelhantes ao sexo real entre duas pessoas vivas. Sei disso, pois lembro-me de alguns detalhes da época em que eu era Cristopher.

Carlos, ao dizer isso, ficou estático, como se alguma lembrança viesse de em sua mente... Afasta-se de mim e diz:

– Já sei! Já sei por que Leon matou meus pais e me criou como seu filho!

– Como assim Carlos, me explica melhor!

– Por isso ele me matou, não conseguiu o que queria de mim, e quando soube que eu a amava e você também me queria, ele me matou!

– Não estou entendendo Carlos... Fica calmo e tenta me explicar!

– Clara, lembra que eu falei que nós éramos vampiros herdeiros e psíquicos?

– Sim! Lembro... E o que isso tem a ver?

– Tudo! Não sei como você também é, mas acabei de lembrar um fato muito importante que não tinha pensado antes... Meu pai era um vampiro e minha mãe era uma bruxa... uma mortal. Minha mãe desenvolveu uma gestação normal, mas eu nasci com algumas características diferenciadas, como sentir onde os vampiros se escondem, saber diferenciar um ser humano de um vampiro, força extremamente grande, agilidade, entre outras. Tais características são transmitidas geneticamente, geração a geração, podendo transformar as pessoas em exímios caçadores de vampiros. Por isso Leon matou meus

pais e me criou como seu filho! Meu sangue sempre foi precioso e o sangue de meus filhos também será! Eu só não havia pensado nisso antes! Agora, estou com mais raiva ainda... Precisamos unir forças e ir atrás de Leon. Você disse que viu aquela lacraia da Dana, então Leon a mandou para nos vigiar... Precisamos encontrá-la! Mas, antes, tem alguém na porta que quero que conheça!

– Como assim, alguém na porta! Tá louco. Não ouvi ninguém chegar!

– Abra-a!

Para minha surpresa, abro a porta e vejo Yan... Estava mais magro, mais branco, com os olhos diferentes e um sorriso estranho. Então ele me disse:

– Olá Angelique, como está? Vim me juntar a vocês como havia me comprometido no passado! Estou pronto para ajudá-los!

Olho para Carlos e digo:

– Sabia! Então por isso me perguntou o que eu tinha feito quando me viu chegando da rua. Já havia ido ao encontro de Yan!

– Calma Clara, quis lhe fazer uma surpresa! Agora, precisamos voltar para Londres e trazer seu amigo Richard para junto de nós! Ele é seu amigo, então deixo para você esta tarefa! De lá partiremos para Paris, ao encontro de Leon... Mas, primeiro, precisamos encontrar e destruir aquela inútil da Dana, antes que ela estrague tudo novamente!

– Concordo, Carlos... Esta parte da Dana, pode deixar comigo! Terei o maior prazer em destruí-la! E acho que sei até onde eu posso encontrá-la!

– Onde? – Carlos perguntou, curioso!

– Uma vampira da classe dela, só pode estar escondida em algum prostíbulo dessa cidade! Provavelmente no mais movimentado, onde ela teria sangue fácil!



Decido ir atrás daquela vermezinha ainda esta noite, sinto-me bem, sinto-me forte, mas Carlos ainda tem certo receio de que eu não saiba como agir.

Preocupa-se demais, está se tornando-se extremamente protetor e autoritário, mas isso vem de épocas passadas, de seu convívio com Leon. Ainda me sinto Clara, mas aos poucos percebo certas sutilezas que devem vir de Angelique. Interessante como consigo separar as duas sendo as duas ao mesmo tempo.

– É muito cedo Clara para que você vá sozinha a um lugar desses, o que pretende fazer? Atacar todos os pulsos que encontrar pela frente? Não tem acerto, eu e Yan vamos junto com você!

– Tenho vontade de sumir da sua frente, detesto esse tom jocoso, quase me trata como uma criança, e querem saber? Sumo mesmo.

Estou novamente no beco onde havíamos deixado nossa vítima, nem me incomodo de olhar para ver se continua jogado onde o deixamos. Meus saltos ecoam pelas pedras da rua e a noite começa a ficar silenciosa, mas ainda sim sinto no ar cheiro de humanos embriagados e suados por perto. Mais algumas ruas e paro em frente a um lugar nada recomendável a humanos em geral, assovios, gracinhas, tento achar aquele vermezinho da Dana, mas por aqui não está. Ando mais um pouco, reviro esses bordéis, e em um deles,

vejo outro igual a nós, um velho conhecido, talvez, pois me cumprimenta com a cabeça e oferece o pescoço da vítima que está saboreando, sorrio de leve e agradeço, mas não aceito essa oferta de amizade, não agora. Prefiro procurar certo alguém. De repente, me vem à mente uma voz que diz:

– Ela se esconde de você, sabe que esta atrás dela, cuidado, ela não está sozinha. Eles são quatro ou cinco, não deve tentar pegá-la com eles, vá até o penhasco, ela também quer acertar contas com milady, pensa que o tempo está a seu favor. Apenas tenha cuidado!

Sorrio e balanço a cabeça, agradecendo o aviso. Quem será esse amigo do passado? Alguém confiável ou alguém que tenta me enredar para seus propósitos? O tempo dirá. Saio e dou de cara com Carlos, ele não está com cara de bons amigos, ao contrário, parece irritado. Problema dele. Estou muito brava, pois parece que se esqueceu que também fui vampira. Faço questão dessa vez que saiba o que penso. Passo por ele e faço de novo. Penso no penhasco e aqui estou eu. Um vento frio, salgado, impera no lugar, memórias voltam num rompante...

Apenas conversávamos, pois o que dois vampiros iniciantes poderiam fazer sem que outros soubessem? Lembrávamos de nossas infâncias perdidas, de nossos pais. Fazíamos rituais e pactos, talvez isso tivesse fortalecido nosso amor, hoje sei disso, quem pode jurar amor todas as noites sob a deusa Lua e não ser atendido? Talvez na época nem percebesse isso, pois o conhecimento que tinha era de minha mãe, tudo o que sabia vinha de suas conversas alémtúmulo, de suas aparições. Hoje sei da importância que se deve dar à Deusa, mas naquela época... Lembro de um

Cristopher que adorava brincar, voar, fazer surpresas. Mas, já naquela época era arrogante, mais um ensinamento de Leon. Era tratado como um príncipe em ascensão, por que seria diferente? Mortais traziam flores a suas eleitas, ele trazia gatos, tive muitos, matei muitos, era só questão de estar brava e os pobres bichanos explodiam, seus sangues ferviam. Depois de calma, era só esperar e ganhar outro. Lembro-me de como, por noites inteiras, antes ainda de ser transformada em vampira por Leon, fiquei apavorada com suas ameaças. Dizia que se não cuidasse bem do que tinha acabaria perdendo o que não tinha. Leon sempre soube ser galante quando queria, fazia festas memoráveis em seu castelo, muitos vampiros, muitos mortais fascinados, música e vinho eram abundantes, as jóias faiscavam sob a luz de velas. Quando lhe convinha, deixava a noite passar sem muitas vítimas, fazia questão de que eu visse como fazia, de como era bom o ato vampiresco em si, a mim só restava esperar, observar e ficar quieta, enquanto ele o fazia. No começo até tinha medo de morrer assim, mas com o passar do tempo compreendi que ele aguardava alguma coisa, alguma data especial para me fazer sua, o que não o impedia de, após se banquetear, vier atrás de mim e forçar um beijo, um ato mais violento. Quantas pérolas perdidas entre a vegetação rasteira, pois Leon adorava dá-las e depois arrancá-las ao beijar meu pescoço, isso verdade se aproximava muito do desejo humano, beijar um pescoço e não tê-lo, isso o torturava, por isso sua violência. Muitas vezes Cristopher foi testemunha dessas cenas, chegava e observava, sem nada dizer, mas seus olhos... Era muito ódio para um vampiro só. Leon percebia, mas fingia nada ver, nada perceber. Carlos tem razão, ele tinha certo medo dele.

– Procura por mim, milady? – Dana disse, por trás das ruínas, sem muita coragem de se mostrar a princípio.

Uma leve risada surge em minha boca, percebo seu medo, seu ódio, isso é bom, pois não tenho medo algum dela. Num piscar de olhos encontro-a, ela ruge, mas ainda é pouco para mim, se tem presas, também as tenho. Ela avança para mim, mas rapidamente inverte posições, chega a ser patético. Ela é muito mais fraca que eu, apenas pensa que pode comigo.

– Por que teve de lembrar, sua maldita? Por que teve de voltar? O lugar que foi seu agora é meu por direito, não aceito dividi-lo com você!

– Dividir, sua insignificante? Quem te autoriza a usar esse termo? Quem alguma vez te colocou junto de mim, no mesmo nível? Vampira de sua laia existem muitas, mas vampira como eu, apenas uma: Angélique MacLeondy!

– Não se atreva a usar esse nome, ele não mais lhe pertence! – gritou Dana, furiosa.

– Ah, não? E a quem pertence? A você, sua coisinha? Acho que não. Errei, por acaso? Ou acha que pode conseguir me superar com Leon? Nunca, nem mil gerações conseguiriam tal feito, foi criada para servir apenas, não para reinar, o que em si só já é uma grande diferença... Leon a usou, pois sabia que deveria me esperar, foi esse o juramento que minha mãe e ele trocaram pela minha volta, esqueceu? Foi um pacto com o próprio Diabo. Minha volta pelo meu sangue e meu sangue para uma nova geração de vampiros... você pode competir? Dificilmente... Verme!

Nisso Dana avança para cima de mim, mas mais uma vez Carlos se interpõe entre mim e um agressor, joga Dana

longe, sem ao menos encostar a mão nela. Ela xinga, promete voltar, mas foge novamente.

– Como me encontrou?

– Fácil, seguindo suas lembranças... – diz Carlos sorrindo novamente, só que desta vez sem malícia ou arrogância, é de novo o meu Carlos. – Desculpe Clara. Deixei minhas virtudes e sensações subirem à cabeça, te tratei como uma criança despreparada... Sem ao menos deixar você usufruir suas lembranças passadas! Desculpe-me, sei que está com raiva de mim por isso, mas agora vai ser diferente! Eu, você, Yan, e futuramente Richard, seremos uma família... Formaremos nosso próprio clã e combateremos todos do naipe de Leon!

– Até que enfim a ficha caiu hein? Demorou, mas aceito suas desculpas sim!

– Prometo, tratá-la como a vampira que é! Não subestimearei suas habilidades, mas estarei sempre por perto para te proteger! Por isso, você pode me matar se quiser, mas jamais sairei do seu lado!

– Continuo afirmando, depois eu é que sou a boba! O que eu não tava gostando era de você me tratar como se eu fosse sua filha! Estava igual a Leon! Idêntico!

– Não vai acontecer de novo! Pelo menos vou tentar me controlar... Filhinha!

– Ai, que ódio, não sei o que vi em você!

– Calma sua boba... Só estou brincando! Será que aquela inútil foi embora?

– Acho que sim, depois do safanão que você deu nela!

– É, mas tem uma coisa que não tá me cheirando bem! Dana sempre andava em grupo, nunca estava sozinha... Com seu jeito de se fazer de vítima, conseguia atrair vários para

junto dela, como Alexandre e vários outros que sabemos muito bem quem são!

– Estranho você falar isso. Minutos atrás, quando eu estava numa espelunca à procura dela, alguém de nossa espécie me reconheceu! Ofereceu sua vítima a mim e depois me falou em pensamentos que Dana não estava sozinha, que era para eu ter cuidado!

– E você não reconheceu o sujeito?

– Não! Mas sei que me é familiar.

– Acho que já sei aonde podemos ir!

– Onde? – pergunto, curiosa.

– Diga-me uma coisa Clara, qual é o lugar mais famoso de Tintagel que já visitou?

– O castelo de Tintagel, o castelo do rei Arthur!

– Exato! Então não temos mais nada o que encontrar aqui! Vampiros não são bobos de morar em uma cidade como esta, eles devem vir aqui apenas para se banquetear com os turistas... Vamos voltar!

– Voltar? Para Londres? Agora? E o outro vampiro que vi no bordel?

– Não está mais aqui!

– Como pode ter tanta certeza?

– Comecei a sentir outra coisa que não havia percebido antes, uma dorzinha leve de cabeça, que muda de lugar às vezes! Sempre tive isso, mas para mim era enxaqueca crônica, pois sempre ela estava comigo! Mas, como agora isso pode acontecer? Não sou mais mortal! Então só descobri uma solução... É um radar! Um artifício que sempre tive como mortal e nunca percebi... É um radar... Um radar de vampiros... Indica-me onde estão os de nossas espécies, e sempre que

ela muda de lugar é para me indicar a posição que devo seguir, como uma bússola mostrando as coordenadas! Por isso, sei que não estão mais aqui... Estão por perto, mas não em Tintagel... Estão ao Sul, e acho que foram para aquela pequena vila onde tudo começou! Onde meus pensamentos começaram a aparecer depois daquele misterioso chá! Vamos pra lá, com certeza acharemos alguma coisa nova! E de lá poderemos ir ao encontro de Richard e começar a nos preparar para irmos até Leon!



Já era tarde quando resolvemos partir, dessa vez era Yan quem estava na direção e eu estava junto com Clara no banco de trás! O engraçado é que à medida que o carro andava e mudava nossa localização, a dor de cabeça mudava de lugar... Então pedi a Yan que seguisse minhas coordenadas!

Depois de algumas horas na estrada, chegamos à vila de pescadores que havíamos visitado antes... Mas algo está errado, um clima diferente está no ar! Ninguém nas ruas... Vila deserta... Um cheiro diferente! Clara me puxa pela mão e diz:

– Esse cheiro é dela! Daquela víbora! Ela está aqui!

– Que pretendem fazer? Matá-la? – pergunta Yan com ar triste, melancólico.

– Provavelmente meu querido. Por quê?

– Foi aqui que tudo começou pra mim, foi aqui que ela me encantou e fez acreditar na vida eterna – respondeu Yan.

– Como pude em algum momento acreditar que ela seria minha amiga, que com o sangue dela poderia ser eternamente feliz? Foi aqui que tudo começou e terminou... aqui ela matou minha família por capricho, aqui fui morto por vingança. Ela matou, e eu respondi por ela...

– Quer falar sobre isso? – pergunto. – Sabe que pode contar conosco, agora e para sempre!

– Foi depois do que aconteceu com você Angelique, foi depois de sua morte. Como lord sabe, sempre jurei lealdade a ele, mas nosso pacto foi em silêncio, ou não teria vivido muito mais que vocês. Como eram vigiados, ele contava com minha descrição e proteção, mas eu ainda era um mortal. Aos poucos surgiu o desejo de ser vampiro, mesmo tendo de renunciar a minha família e filhos. Foi quando Dana surgiu, com ar meigo, carente mesmo. O que queria na época era saber mais dos passos de milord, mas o tolo aqui nem percebeu, aos poucos foi se deixando envolver pelo jeito suave dela, parecia não gostar de ser vampira, parecia sempre disposta a arcar com tudo... Como fui tolo! Hoje sei que era apenas uma fachada, um jogo, sedução vampírica, mas na época quis ser seu amigo. Dei-lhe muito de meu sangue, ao ponto de ficar doente, quase morri, não fosse por milord. Foi aqui que ele me transformou e foi aqui que lhe jurei fidelidade eterna. Passaram-se anos, aos poucos percebi que vocês eram unidos realmente, que nada acabaria com isso. Meus filhos mortais cresceram sem pai. Depois de sua morte Angelique, Dana fez questão de contar a Leon sobre mim, queria uma vingança completa, não queria inimigos por perto, pois sabia o que lhe aconteceria se Leon soubesse que ela a viu pegar o punhal de Christopher e nada fez para impedi-la. Sua vingança foi perfeita, pois veio até aqui e matou meus filhos e netos, trouxe Leon consigo, quase acabou com a vila toda, deixou apenas alguns como testemunhas, afinal, o que vale uma vila de mortos? Como a fama de Leon seria reconhecida sem testemunhas? E os poucos que sobreviveram

afirmou minha culpa, fez todos me caçarem como a um animal. Antes de me pegarem, escondi o punhal de milord onde, em conversas anteriores, supondo que tudo desse errado, havíamos combinado. Isso ao menos eu consegui! Quando voltei, os moradores que sobreviveram acharam meu caixão durante o dia e me mataram, mas no limbo onde vivi, aguardei a junção das estrelas, o anúncio de uma possível volta de milord e Angelique, e dei um jeito de atravessar os portais do inferno para aqui estar, trouxe o que consegui na memória, o resto adquiri com os elementais e deidades que as bruxas me enviavam. Como Yan voltei bruxo, voltei mais forte, apenas aguardando o momento certo de nosso reencontro. Agora estamos os três prontos, mas precisamos de Richard ao nosso lado, para podermos finalmente derrotar Leon e seu clã e reinar em paz entre humanos e vampiros. Não se enganem, ele tudo observa, aliás, está ansioso pelo combate. Sabe que pode derrotar milord novamente e sabe que, se uma vez quase conseguiu tê-la, dessa vez suas chances serão maiores, pois estão há pouco tempo juntos. A sintonia de vocês ainda esta frágil, pode ser quebrada por alguém mais forte, e se ele conquistar Clara... aí sim, estaremos perdidos!

– Conquistar-me? É difícil isso!

– Nem tanto... Lembre do sonho com a música cigana, onde você fugia dele, mas no final, você não o beijava? Não foi ele que pediu silêncio e te fez voltar ao corpo?

– É, foi! – fico sem graça de saber que Yan sabe disso em detalhes.

Yan ri baixinho e continua:

– Você ainda teve outra mensagem depois dessa, não teve?

– Sim, tive, foi como uma mensagem dele, algo assim, como uma poesia...

– Lembre! – disse Carlos, sério novamente, sua cabeça dói e a minha também, mas ele parece mais abatido do que eu.

Começo a sussurrar bem baixinho, sabendo que ambos me ouviam:

Árvores negras...

Caminho entre ela sob a tua adorada Lua,

Vou ao teu encontro.

Você me chamou, estou aqui, minha amada.

A noite conspira contra você, mas não pode ganhar...

Perfume de relva, mata e jasmims,

Não se igualam ao seu perfume de mulher

Nem mesmo em ínfima parte!

A tua adorada Lua com todo esse brilho

Não ofusca o brilho teu.

Quero-te, e terei.

Estou indo, minha boca chama por você,

E teu sangue chama pelo meu.

Não sabes o que quero, mas sabes que quero algo

Teu arrepio chegou em sonhos.

Teu desejo farei valer

Quer me dar enquanto mulher o que venho buscar,

Então tomarei

Logo saberás quem sou e quem és, se hoje, minha rainha, eu não chegar

Deseje, me peça, precise de mim.

Vivo de tuas emoções e medos,

*Vivo do teu querer!
Enlouquece?
Não amor meu,
Apenas me percebeu!
Num beijo entreabro tua boca,
No teu sonho bem de leve te dou
Meu começo e teu fim,
Essa gota de Leon é tua.
E o que te resta, pertence a mim!*

– Percebe agora? – pergunta Yan.

– Ele sabe que sobre você, Clara, ele ainda exerce fascínio, enquanto Clara, ele pode te ter e de novo consagrá-la como companheira, pode, como fez no início com Angelique, te dominar, basta apenas ser mais rápido que Carlos, basta você estar no lugar certo, na hora certa.

– Maldito! Desta vez não!!! – diz Carlos.

– Estou com sono Carlos, mal posso abrir meus olhos, quero dormir –digo isso, já quase de olhos cerrados. – Depois a achamos!

Carlos me olha preocupado, dessa vez não consegue entrar em meus pensamentos. Adormeço, mas por pouco tempo, Carlos me sacode:

– Clara, veja isso!

Olho, tento acordar, mas está difícil, vejo apenas três figuras distantes, a algumas centenas de metros, dois homens e uma mulher... Dana!

Damos um jeito de chegar próximo a eles, como, nem sei. Apenas sei que estamos agora a poucos metros de distância.

Eles estão mais seguros, mais confiantes. Pressinto problemas.

Algo me diz que desta vez nossa sorte mudará um pouco, mas fazer o quê?

Sei que matar não conseguirão mesmo.



– VEJO QUE ESTAMOS de igual para igual, Angelique! E você, Cristopher, está muito bem!

E como vai meu amado Yan?

– Cara-de-pau! Não acredito que tenha tamanha impertinência.

– Calma Clara! É isso o que ela quer, conseguir te irritar.

– É, Clara, Carlos tem razão...

Não se rebaixe!

– Ha ha ha! Quanta preocupação! Estão com medinho agora?

– É Dana, vejo que seus capachos estão novamente com você! Esse Alexandre eu conheço bem, um tremendo borra-botas... Não sabia nem o que queria da vida, o que dirá da morte! Agora, esse outro é novo! Mas eu o conheço também... Eduardo!

– Sim! Eu mesmo Carlos! Assustado?

– Claro que não! Alguma vez em vida conseguiu me assustar?

– Vocês já se conhecem, Carlos? – pergunto à guisa de curiosidade.

– Clara... Esse é o bajulador que trabalhava comigo! Aquele que só trabalhava quando a chefe estava por perto! Ficava o dia inteiro no telefone falando com a namorada e falava que estava trabalhando... Um tremendo baba-ovo! Dana não poderia ter escolhido capacho melhor!

– Vejo que se incomoda com minha presença, Carlos? Não gostou da surpresa?

– Incomodar? Quem é você pra dizer isso! Um recém-desperto, nem meu passado você conhece ainda... Nem sabe quem eu fui!

– Nossa, quanta ignorância, cadê a hospitalidade? Não são vocês os poderosos? Os que tanto incomodam nosso amado líder?

– Dana, você não mudou mesmo! Como eu fui ingênuo em acreditar em você!

– É Yan, quem vê cara não vê coração, o que eu posso fazer?

Não agüento a implicância e mostro minhas presas, como um tigre esfomeado na presença de sua vítima!

– Quer brigar Clara? Eu tenho o sangue de Leon dentro de mim! Ele será meu! Pode ter certeza!

– Se quiser, Dana, eu a ajudo a acabar com eles! Se me permitir, fico com Carlos! Ou lord Cristopher, como preferir!

– Calma Alexandre! Para que gastar sua força agora?

– Vejam vocês... O imbecil pensa que pode comigo!

– Carlos, agora sou eu que digo, fica calmo!

– Calmo, Clara? Com esse babaca me provocando?

– Faça como Yan, que está quieto! Ele, sim, está sendo sensato!

– Quietos, Clara? Ele está é com medo de Dana! Isso sim! Mas eu não tenho medo deles e não vou deixar esse babaca do Alexandre achar que pode comigo assim! E esse melacueca do Eduardo então!

– Você viu, Dana? – diz Alexandre, com um olhar de ironia. – Ele é esperto, mas sei coisas que ele não sabe! A

diferença entre mim e ele é que eu não ataco! Deixo ele se desgastar por si próprio! O poder dele é no grito e eu me baseio na razão, e a razão ganha sem se mover!

Não consigo segurar Carlos e ele desaparece num instante, quando percebo, está em cima de Alexandre e Dana vindo em minha direção! Sinto meu corpo batendo contra com chão e vejo Carlos sendo arremessado ao longe por Alexandre e Eduardo! Yan vem me ajudar... Mas Dana, com um safanão, joga-o longe!

Carlos persiste, levanta... Dá socos e mordidas no ventre, enquanto Alexandre e Eduardo desviam-se rapidamente dos golpes de Carlos!

Levanto meio tonta, não vejo Dana... Onde está aquela desgraçada... Ela me paga! Quando dou por mim, escuto uma voz ao meu ouvido...

– Estou aqui Angelique! – e mais uma vez meu corpo é arremessado contra o chão!

– Vamos embora pessoal, não vamos matá-los assim, nem podemos! Leon os quer para isso! Vamos embora, a festa acabou!

– Clara, você está bem? Cadê o Yan?

– Ai! Meu corpo está todo dolorido, mas porque dói se já estou morta?

– Eu acho que sei a razão! E se eles quisessem teriam acabado conosco em instantes! Precisamos achar Yan!

– Oi gente, estou quebrado, mas inteiro ainda! Como vocês estão?

– Como achou a gente Yan? Íamos procurá-lo agora!

– Foi fácil, ainda consegui me transportar! Mas, cá pra nós... Que surra!

– Yan, Carlos falou que sabe por que apanhamos assim! Diga pra gente!

– Ora... é simples! A gente se alimentou? Não! Apenas aquele pobre velho! Por isso nossas habilidades não nos foram úteis e nosso corpo dói! Se quisermos vencer, precisamos caçar! Precisamos nos alimentar! Precisamos de sangue! Se somos vampiros... Teremos que agir e viver como tal! A temporada de caça está aberta e sangue jovem é mais poderoso... Tem mais energia! E quanto mais nos alimentarmos mais fortes ficaremos! Vamos para Londres, lá nos fortaleceremos, e com Richard ao nosso lado, poderemos vencer essa batalha!

– Certo, vamos para o hotel, tentar descansar e arrumar nossas coisas, aí sim, quando anoitecer novamente... Yan ligará para o aeroporto, eu ligarei para Richard e marcaremos com ele o horário que iremos chegar!

– Concordo, nada de carros por enquanto! Estou morto! Caímos na gargalhada pela frase irônica de Carlos!



No caminho do hotel, somos surpreendidos por uma voz rouca e aguda, que dizia:

– Vejo que vocês não aprenderam a lição ainda! Como podem achar que me enfrentarão, a mim! Eu, que tenho mais de mil anos nesse mundo!

– Leon! – Carlos e eu dizemos em um só tom!

– Não... O Diabo! E quem pensa que sou? Seus amigos duendes e salamandras? Claro que sou eu! Angelique, minha eterna amada, não... Acho melhor chamá-la de Clara agora... Afinal é um começo para você, e desta vez vai ser diferente... Você não sabe o quanto anseio pelo nosso encon-

tro! Com músicas e vinhos no jardim de casa! Com o cheiro do mato e da relva misturando-se ao seu perfume! Aliás... Falando em perfume, jasmim tornou-se sua marca! Deveria ser a tradução de seu nome, minha amada. Gostou de meu beijo no hotel? Lembrou de como uma vez já foi minha?

– Você nunca a terá Leon! – diz Carlos em tom ameaçador, e de fera assustada ao mesmo tempo!

– E quem pensa que és meu querido filho, que criei com todo o orgulho? Ensinei-te a ser um grande vampiro, o mais temido daquela época, e você me apunhalou pelas costas traindo-me com Angelique! Não tive outra escolha senão o matar! E mais uma vez receio ter que fazer o mesmo! Aguardo por Angelique há anos, e vem você e a transforma em vampira! Não poderia haver traição maior! Mas fazer o quê? Apenas mais uma das suas... Nada de mais! Mas cobrarei sua falta, pode ter certeza disso!

– Olha quem fala! Você só queria meu precioso sangue! Pois sabia que eu era um vampiro herdeiro, filho de uma humana e um vampiro! Por isso matou meus pais e me iludiu para confiar em você! Com Angelique não queria nada, queria apenas tirá-la de mim, pois sabia que, se procriássemos, nosso filho tiraria seu reinado!

– Ora, ora, vejo que o tempo o deixou mais esperto, mas estúpido do mesmo jeito! E você Angelique, aliás Clara, como está linda! Desculpem-me pela hospitalidade de meus súditos queridos, eles não sabem quando é hora de parar de brincar! Já que querem me encontrar... Aqui estou, mas para não dizer que sou sem coração, espero-vos em minha humilde mansão! E é lá em Paris que consagrarei você, Angelique, novamente como minha rainha!

– Isso nunca! Eu amo Carlos e sempre o amei!

– Veremos!

Do mesmo jeito que veio ele desapareceu! Yan está assustado e eu estou inerte em pensamentos! Isso me preocupa!

– Clara... Tudo bem?

– Sim... Tudo. Mas, minha mente está num verdadeiro turbilhão de lembranças. Fica cada vez mais difícil separar o passado do presente.

Fecho os olhos no intuito de descansar minha mente e uma lembrança surge de repente... Uma noite antes do meu aniversário, Leon me convida para dar uma volta, fico meio assustada, mas não tenho como recusar, apesar de sentir medo, pois ainda era humana, aceito sua mão e saio pela porta de cabeça erguida, muitos olhares acompanham nossa saída, muitos vampiros ficam agitados, entre eles, Christopher, que já era totalmente transformado, e o verme da Dana. No jardim, Leon recita poemas como de costume, assume uma postura cavalheira, apanha uma rosa vermelha, beija-a e me entrega, aceito seu gesto, mas ao apanhar a flor espeto meu dedo em seus espinhos, uma gota de sangue aparece... Leon segura minha mão, leva-a aos lábios e geme de prazer, perde-se em desejo, pois me puxa para seus braços e dá um beijo humano. Confesso que o ato em si, além de me surpreender, não foi algo repulsivo, talvez tenha a ver com a sedução nata de todo vampiro, mas não foi nada ruim, mexeu com meu lado feminino. Quando aceito seu beijo e entreabro minha boca, Leon suspira em triunfo e intensifica seu beijo, ainda aceito, mas de repente sinto gosto de sangue... O sangue de Leon! Apenas um pouco, mas me queima por dentro, incendeia uma labareda de emoções e desejos

nunca antes sentidos... Gosto disso! Leon se afasta e me olha firmemente, vejo suas presas, mas não tenho medo, quantas vezes já o vi assim antes?

– Não minha linda, assim não me viu ainda, estou aqui como quase humano, querendo uma mulher humana, mas não posso ter você ainda. Sim quando chegar a hora te farei primeiro mulher, depois vampira, serás eternamente minha, teu sangue no meu e o meu no seu, com isso nos ligaremos para sempre, por toda eternidade, basta que me ame um pouco, apenas um pouco, e assim seremos um...

– Olá, desculpem, não sabia que estavam aqui. Mas, já que o encontrei Leon, tem mais um dos malditos padres querendo pouso em nosso castelo. Como você deixou ordens específicas para que sempre o avisassem quando isso acontecesse...

– Não sabia Christopher? Interessante! Poderia apostar que o vi olhando quando saímos... e a ordem que deixei foi a vassalos, não a um príncipe! Nem deveria ter se incomodado! – respondeu Leon com voz calma, mas com raiva evidente, noto pela maneira como retesa seus músculos e suas presas ficam maiores.

– Pode ir. Agora que fizeste a vez de um laçao, saia daqui!

Cristopher faz uma reverência, cheia de ironia, e sai.

– Vamos mon cherr, agora temos visitas.



– Clara, tudo bem?

Desperto da lembrança com a voz de Cristopher, aliás, Carlos. Começo a misturá-los também. Não sei se isso é bom ou ruim.

– Tudo bem Carlos, apenas mais lembranças.

– Deve ser Leon de novo!

– Não! – diz Yan. – É dela isso, suas memórias estão aumentando, o que se torna um ponto a nosso favor, só será diferente se Leon interferir agora, se conseguir conquistar Clara como quase fez uma vez.

Não me atrevo a olhar para Carlos, mas sinto que ele sabe que as lembranças não foram ruins, olho finalmente para ele e tenho vontade de chorar, seus olhos expressam dor.

Clara pegou minha mão e a apertou, num pedido de desculpas silencioso. Devolvi-lhe o aperto e a puxei para mim.

– Minha... Não dele! Lembre-se disso, lembre-se de nosso juramento, juntos para sempre!



CHEGAMOS NAQUELA HORRÍVEL hospedaria em que ficamos uma noite, mas não tem uma viva alma. O que será que está acontecendo? Dana e seus amigos. Só pode ser. Devem ter assustado a todos para poderem se mostrar mais fortes. Quantos mataram? Não podem matar tantos assim, deve ter mais alguém por perto.

– Aquela maldita! – diz Yan. – Fez questão de matar justamente onde sabia que eu já fui acusado e morto. Sabe jogar, não resta dúvida, como ela mesma diz, aguarda em sono de vampiro a hora certa para atacar... Pois bem, agora sim ela ganhou um inimigo, se puder mato-a eu mesmo!

– Não! Ela é minha – digo com firmeza e certa dose de agressão. – Ela é minha! Vamos, quero me deitar em lugar seguro, e não vai ser aqui, logo amanhece, temos de dormir.

– Primeiro, moça, vamos procurar comida, depois, sim, descansamos – disse Carlos, colocando minha valise no chão.

– E aqui me parece seguro o suficiente. Não há ninguém.

– Mas, e amanhã? Se voltarem e fizerem o mesmo que fizeram a Yan?

– E fazem milord, já o fizeram uma vez e sabem o que fazer com vampiros, o alho que tem por aqui é apenas um aviso para nos mantermos afastados.

– Vamos para onde então, homem? Pro cemitério? Clara me deve algo lá mesmo.

Carlos consegue quebrar o clima de tensão em que estamos. “Sim, devo, mas será que agora vai querer? Será que mesmo com toda aquela retórica de vampiros não sentirem prazer, será que teríamos coragem?”, penso! Carlos pisca de leve para mim, numa promessa silenciosa. Dou risada, ele ainda consegue ler minha mente!



O cemitério é pequeno, não me sinto segura aqui, queria estar em outro lugar, menos exposto, lembro do porão do castelo que não está tão longe assim... Aquele em que vimos uma luz que nos guiou até a novas descobertas sobre Leon, Moema e Nick!

– Vamos os três lá então! – diz Carlos.

E vamos mesmo... Encontramos o lugar fechado e abandonado, Carlos e Yan empurram alguns objetos para emperrar a porta, já fechada por garantia.

– Por hoje deve servir, mas não gosto da idéia de dormir no chão. Tomara que não venham ratos! Odeio ratos! – digo em pensamentos!

– Precisamos nos alimentar logo – diz Carlos – senão não vamos conseguir nem enfrentar os ratos que com certeza virão!

Pronto, ele tinha que falar... Tinha! Só porque sabe que detesto esses bichos! Ai que homem terrível!

– Boba.

– Ratos não atacam vampiros, têm medo de virar comida!

– Então não vou, quero dormir, estou toda dolorida, a surra serviu para diminuir minha prepotência e aumentar minha raiva, mas também serviu para me deixar cansada.

– Espere um pouquinho milady, vou ver o que posso fazer para seu conforto.

Yan sai e fico com Carlos sozinha, depois de muito tempo, em minha opinião. Carlos sabe disso e abre os braços para me abraçar, e não reluto um segundo para aceitar. É um abraço forte, bem apertado, daqueles que sempre trocamos quando precisamos de carinho e apoio, ou quando estamos com medo. Levanto minha cabeça, procuro seus olhos em busca de conforto, em busca de sua boca. Mas quero um beijo humano, não me sinto muito vampira agora, prefiro ser mulher enquanto posso. Carlos entende e faz valer minha vontade, beija-me como um homem apaixonado deve beijar sua mulher. Yan tosse discretamente, mostrando que já voltou. Traz nas mãos um edredom e travesseiros, arruma um canto para mim, e trouxe também minha mochila, de onde tira algumas velas e as ascende.

– Acho que terá algum conforto milady, logo voltaremos, mas enquanto isso descanse! Você deve estar precisando, minha amiga.

Fico emocionada com o carinho de Yan. Ele tem sido um grande amigo, vou adorar conversar com ele quando isso tudo terminar. Yan deve ter percebido, pois me dá um sorriso meio sem graça, mas contente.

– Então não percamos mais tempo! – diz Carlos com ar de predador e presas a mostras... Sim, está mais do que certo que vai caçar, pois seu olhar tem algo de diferente... Emanava um brilho avermelhado, como se estivesse com velas acesas no lugar dos olhos!

Depois que os dois saem, adormeço em seguida... E mais uma vez sonho com Leon! Leon doce, cavalheiro, um ho-

mem que sabe sorrir, que sabe encantar. Alguém diferente do que sei que ele é. Em meu sonho estamos novamente na floresta onde ouvi música cigana, mas desta vez está mais quieta, só com o barulho natural da mata. Leon está a meu lado, fala coisas que não entendo, e ele se irrita, saio correndo, vou em direção ao acampamento que sei estar ali. Chego finalmente entre carroças, vejo tratar-se de ciganos, a fogueira está acesa, mas todos estão mortos. Grito, grito muito, então foi isso que fez depois que me levou de volta a meu corpo. Voltou e matou a todos. Como pode esperar que eu ame alguém assim?

– Simples Clara! Você agora também é assim e será bem pior, pois logo voltará a ser minha.

– Matarei Christopher, ou melhor, agora Carlos, que mais uma vez está entre nós. E finalmente farei algo diferente, procriar! Apenas mortais pensam que não podemos tudo... apenas os mortais! Tolos, pensam saber tudo, mas somente sabem o que queremos que saibam. Não se esqueça tenho direito sobre você foi por um pacto de sua mãe bruxa com os mais velhos. E se eles o fizeram foi porque sabiam que poderia ser assim. Sua alma está predestinada a mim, há muito tempo, não abro mão dela. És mais preciosa do que imaginas, então por isso sempre permiti e ainda permito seus caprichos, outra em seu lugar já teria sido morta, e morta cruelmente, por minhas próprias mãos! Mas, não abuse de minha paciência e vontade, está na hora de despertar esse amor, para que possa finalmente realizar essa profecia! Criei Christopher pensando em adquirir seu sangue que imaginava ser valioso, apenas pelo fato de ter sido procriado por uma mortal e um vampiro! Estúpido! Nosso filho será muito

mais poderoso, pois terá o sangue de uma bruxa e de um vampiro! Uma junção perfeita entre o bem e o mal! Ergueremos nosso império sobre esse mundo mórbido que aos poucos apodrece, apenas adiantaremos as coisas, para um futuro diferente! Um futuro governado por nós!

Acordo apavorada! Sei que Leon esteve aqui, mas o que realmente quis dizer com isso não tenho a menor idéia. Não pode ser o que penso! Não pode! Seria presunção demais daquele louco pensar ser possível algo assim.

De que profecia ele fala? Por onde anda Carlos agora? Preciso demais dele!

Tento achá-lo em pensamentos e o vejo em outro vilarejo emboscando uma vítima. Isso me deixa confusa, pois ao mesmo tempo em que a visão me fascina, me faz desejar ser novamente mortal. Devo estar muito fraca, preciso fazer algo, e vou fazer o que sempre soube fazer melhor... Sempre me deu força quando precisei e me ajudava a pensar... Vou bruxar!

Aspiro o ar que, como vampira, sei que não preciso, mas como bruxa, sei que me completa. Fecho os olhos e procuro mentalmente por uma cachoeira, mas não qualquer cachoeira, tem de ser encantada, tem que ter os elementais da água... as ondinas... Quero flores a sua volta, quero silfos e fadas e, acima de tudo, quero a grande mãe Lua acima de mim! Transporto-me afinal. Um pequeno truque que aprendi com Yan. Um lugar belo... Realmente sinto a presença de meus companheiros elementais e deidades amigas, tiro minha roupa, o preto é ótimo, mas às vezes sinto falta de cores a minha volta. O olhar que hoje torna a noite linda, apenas de leve reconhece amigos invisíveis a outros.

Procuro entoar uma prece à minha deusa amada antes de entrar na água, consigo minha sintonia. Somente então me permito, com a devida permissão das ondinas, entrar no lago. Engraçado, a água deveria estar gelada... Mas meu corpo já não é o mesmo... Já não sabe o que é quente e frio... Já não sente mais essas mudanças de climas... Afinal, meu corpo já está morto! Mesmo assim, faço questão que saibam que sinto sua falta, que percebam que mesmo não sendo mais mortal, continuo sua amiga, mesmo tendo me tornado uma vampira... Continuo sendo uma bruxa! Mesmo estando agora num reino diferente, onde todos se curvam a uma cultura fálica, ainda tenho minha essência feminina, continuo a ser uma mulher! Vampira... Mas mulher!

Observo a água escorrendo em meu corpo, ela não me molha, apenas desliza sem se fixar em minha pele... acho engraçado, mas no momento o que realmente me importa é tocar cada pedaço de mim tateando meu corpo suavemente, procuro ossos, dobras e reentrâncias, toco minha feminilidade, nada, mas natural a uma bruxa. Toda bruxa sabe que seu corpo é um templo onde a grande mãe plantou sua semente. Vou até o ponto onde o êxtase feminino se faz presente, mas que nunca é completo, pois como toda fêmea, uma bruxa precisa dividir sempre, precisa de uma metade. Chamo minha deusa. Invoco sua proteção, pois sei que daqui pra frente será perigoso para todos. Peço que me acompanhe e que proteja aqueles que comigo estão. Escuto sua resposta, está comigo, sinto, ao sair da água e sentar na relva, fadas mexendo em meus cabelos, arrumando-os, isso é bom, agora sabem que continuo sua amiga e companheira, as ondinas vêm até a borda... Sopram beijos refrescantes e fa-

zem questão de ser solidárias nesse momento. Só sinto falta de meus amigos do coração. As salamandras! Os elementais do fogo! Parecem estar distantes ou emburradas. Claro! Como não pensei nisso antes? Esqueci de invocá-las! Chamo-as, mas ainda estão melindradas. Mas como fazer se não trouxe fogo? Algum amigo sopra em meus ouvidos:

– Faça fogo entre suas mãos, você pode!

Nem penso em questionar nesse momento, apenas levanto minhas mãos com um espaço de quinze centímetros mais ou menos entre elas e faço minha energia fluir. Aos poucos uma luz azulada começa a surgir, torna-se rapidamente amarela e laranja... Começa a queimar e afasto as mãos, deixo Djinn, o elemental do fogo, tomar a forma que quiser. Ele assim faz, dá voltas e mais voltas... Alegrementemente me deixa como sempre... sorrindo, enfeitada por ele! Mandando um beijo no ar e ele desce em espiral até a frente de meu nariz, dança um pouquinho e sobe em direção à Deusa. Pronto, enfim, estou novamente em paz! Sei que não estou mais sozinha. Fico quieta pensando no que fazer daqui pra frente. Concentro-me e transporto-me para o quarto em que estávamos. Yan e Carlos ainda não chegaram! Sinto-me sozinha e com medo! Tento localizá-los em pensamentos, e consigo. Observo seus passos daqui.



– Yan! Pronto para o jantar?

– Ainda não me adaptei muito, mas com sede eu tô! E muita! Aonde vamos?

– Aqui nessa vila é complicado, ainda mais que já estamos manchados pelo nosso passado por aqui. Aqui foi a terra onde cresci! Vamos nos transportar para Tintagel!

– Chegamos Yan! Vamos andar para ver o que encontramos!

Sigo Carlos pelas ruas de Tintagel, seu sobretudo preto balançava-se contra o vento! Pelos lugares mais escuros da calçada ele andava despercebido pela população local, que deveria achar que nós éramos mais uns dos turistas darks que viajam para visitar aquela região! Mal sabem eles que seria melhor estarem em casa, com as portas e janelas bem trancadas! Carlos pára em frente a um bordel e duas lindas jovens com a idade de no máximo uns vinte e seis anos se aproximaram para oferecer seus serviços e perguntam:

– O que dois lindos rapazes fazem andando por estas ruas a essa hora?

– Eu e meu amigo estamos procurando por uma boa comida – responde Carlos com um olhar irônico e assustador ao mesmo tempo! Mas, como sempre faz, foi engraçada a maneira como ele falou! E as duas caíram na gargalhada e disseram:

– Então vieram ao lugar certo, aqui nós duas servimos o melhor banquete da região! Venham, vamos jantar!

Carlos olha com vontade de rir, mas segura... estava ali por um objetivo... alimentar-se! Eu sinto isso... mesmo vendo-os daqui, somente mentalmente... sinto a ansiedade de Carlos.

Continuo observando-os, e as duas jovens os levam para um quarto no segundo andar do estabelecimento! Começaram a desabotoar suas calças e Carlos fala:

– Parem! Façamos diferente. Meu amigo e eu gostamos de primeiro ver o espetáculo das duas juntas! Depois entramos em ação!

– Taradinhos vocês, hein? Já que preferem assim, nós também gostamos muito de fazer esse show! Preparem-se para uma noite inesquecível!

– Vocês também! – completou Carlos.

As duas começaram um espetáculo maravilhoso... acariciavam-se devagar, com delicadeza, e a beleza que toda mulher sabe ter! Beijam-se lentamente, lançando olhares para nós dois, que só estávamos sentados, observando! “Engraçado, quando eu era mortal, esse era um sonho maravilhoso que todo homem gostaria de viver, duas beldades se entrelaçando na sua frente! Mas, como vampiro, não sinto desejo... nem tesão... tenho apenas uma enorme vontade de sugá-las até a última gota de sangue a cada hora que o cheiro de seus sexos molhados chega às minhas narinas! O progesterona que cada uma libera no sangue deixa-me louco... deixa-me agitado!”, pensa Carlos.

Observo Carlos e ele está olhando para Yan! Viu que ele tinha gostado do que sentiu e que agora já estava pronto para viver como um vampiro! Foi então que as duas os olharam e perguntaram:

– E vocês só vão ficar olhando? Estamos no ponto para vocês!

– Também acho! – diz Carlos com uma voz rouca e espectral, abrindo sua boca e apresentando suas presas. As garotas se assustaram de tal forma que não tiveram tempo nem de gritar, pois suas vozes não saíam tamanho o pânico! Em segundos Carlos está com os dentes cravados no pescoço de uma e segurando a outra com a mão para que não fugisse. Olhou para Yan e disse:

– Venha se alimentar! Venha fazer o que tens vontade!

Yan pega a jovem que está presa em sua mão se debatendo, tentando escapar, e quando percebe, sente seus dentes brotarem como que do nada em sua boca... Crava-os em seu pescoço e um calor percorre todo seu corpo... Quando as primeiras doses de seu sangue descem pela sua garganta, percebo seus músculos se contraírem... fortificando-se! Sente uma energia diferente... Como uma bateria sendo recarregada!

Carlos põe uma mão em seu ombro e limpa sua boca com a outra, dizendo:

– Solte-a agora! Já está morrendo! Veja a cor da pele, está rocheando. Solte-a agora! Deixe-a morrer em paz! Vamos embora e levar um presente para Clara!

– Presente? Que presente?

– Vamos levar um marmitex para ela!

– Não quero! Posso caçar por mim mesma! Falei enraivecida!

Eles ouviram e caíram na gargalhada, e Carlos apontou para um segurança que estava parado na porta do bordel. Entendi seu sinal e logo estávamos atrás dele! Carlos deu um pequeno soco na nuca do rapaz deixando desmaiado! Colocou-o em seu ombro dizendo:

– Vamos levá-lo! Antes que alguém nos veja!

Entramos no porão, e estou perdida em pensamentos no ninho feito por Yan. Carlos aproxima-se lentamente de mim e diz:

– O que foi? Está nervosa?

– Carlos! Por que não me escuta? – pergunto. – Sinto-me sozinha! E sua boca! Tem uma mancha de... sangue!

– Clara... Somos vampiros, precisamos nos alimentar e lembramos de você! Trouxemos um presente, vá lá olhar,

deixei na sala! Depois precisamos partir para Londres novamente e...

– Pára! Por que nunca me ouve? Disse que não o queria. Que quando decidir caçar, isso é comigo, é tão difícil assim deixar de ser protetor? É tão improvável que eu consiga também fazer isso? Sinto, mas não o quero. Avisei-os e ambos nem se deram ao trabalho de me ouvir... ou o banquete com as ninfetas os deixou surdos? Querem saber, vou até Richard, e é agora! Se quiserem, venham atrás, mas como parceiros, e não como pais! E que isso sirva para você também, caríssimo Yan, não sou de vidro, nem mais a senhora dos vampiros. Agora, com licença! Acho melhor irem ver o pobre coitado, ele está acordando, e como disse, não o quero. Até Londres!

Saio num piscar de olhos. Procuro imaginar a porta de entrada do loft de Richard, prefiro bater em vez de invadir, ainda tenho tempo de deixá-lo decidir se quer ou não ser como nós... um morto vivo! E se for para ser assim, ele decidirá o momento certo!

Bato na porta, e depois de certo tempo, Richard abre a porta com cara de sono, está com o roupão aberto, o que prova que se vestiu às pressas para atender-me.

– Clarinha! O que aconteceu? – pergunta ele enquanto abre a porta, dou uma leve risada de lado e pergunto: – Está me convidando para entrar?

– Clara... você andou bebendo? É claro, entra logo!

Entro devagar, observo as esculturas que sempre foram a paixão de Richard.

– Muito bem, vou fazer um café enquanto você me conta o que está acontecendo, e principalmente, onde está Carlos?

E não sei se sabe, mas sua aparência está péssima! Parece que está morta mesmo, pálida demais pro meu gosto!

Dou risada do jeito despreocupado de Richard. Risada... faz algum tempo que ela não vem de forma espontânea.

– Richard, faz seu café, tentarei acompanhá-lo e contar tudo o que nos aconteceu até agora e o porquê de estar aqui sem Carlos!

Pela primeira vez desde que cheguei, Richard fica realmente preocupado, leio seus pensamentos, está achando que fomos mais a fundo do que devíamos. E começo a achar que ele tem razão.

Fico quieta, apenas observo seus movimentos ao separar as xícaras e o açúcar, fico hipnotizada pelo movimento de suas mãos, por seus pulsos, escuto sua circulação sanguínea me chamar. Mas procuro resistir, afinal, jurei a mim mesma deixar que ele escolha seu destino.

Separo um pouquinho do tempero que trouxe comigo, coloco no café já adoçado, Richard franze as sobrancelhas intrigado.

– Muito bem, desembucha logo, o que está acontecendo. Onde está Carlos?

– Richard, desde que saímos muita coisa aconteceu...

Começo a contar tudo pra ele. No começo pensa que estou maluca ou drogada, algo assim, escondo um sorriso, pois se bem conheço meu amigo, se eu sorrir de leve vai achar que tudo é mentira minha, que estou pregando alguma espécie de peça sem graça.

– Mostre. Quero ver se é verdade. Mostra logo suas pressas. Se realmente for isso, aí sim posso decidir se quero ou não ser um vampiro, se for verdade, aí sim me dá o direito

de escolha, mas te aviso *bad girl*, se for mais uma das suas... te mato de verdade!

Mostro minhas presas, e devo ficar muito diferente, pois Richard fica branco, parece que vai desmaiar... sabia! Imaginem se chego de repente e buu...

– Meu Deus Clara, que dentes enormes você tem! – Richard tenta brincar, mais para aliviar a tensão do momento do que por vontade. – Então é verdade... por que eu Clara? Por que tenho de fazer parte dessa história toda?

– Não sei de tudo Richard, só sei que você faz parte sim, talvez Carlos saiba, mas eu não. A mim só vêm lembranças e conversas com Leon, mas tem esse instinto danado de querer sangue que começa a me seduzir, fazer-se urgente!

– Pode parar! Primeiro conversa, depois lazer amiga!

Desta vez não resisto e caio na risada mesmo.

Depois de algum tempo de conversa, andando pelo seu loft, Richard tenta escurecer o ambiente, pois logo vai clarear e ele tem medo que isso me machuque de alguma maneira.

Interessante, com ele não vejo problema algum em ser cavalheiro, mas com Carlos... parece que sempre quer me dominar... igual a Leon! Aliás, cria de Leon... nem poderia ser diferente! Pior que sinto sua falta, e ele sabe disso, faz questão que eu saiba que está magoado com minha saída. Mas não foi ele quem saiu primeiro? Por que não procurou por algum pescador bem barbudo? Não!!! Tinha de ser duas ninfetas. Sem problemas, esse jogo é para dois.

– Será que assim está bom Clarinha? Não quero vê-la com um bronzado forçado.

– Richard, o sol não nos faz tanto mal assim, pelo menos não a alguns de nós, mas o problema é que o sono que o

acompanha nos deixa indefesos, ficamos por conta do destino e da sorte.

– Sem problemas, então fico com você aqui hoje e quando acordar decidimos o que fazer! – diz Richard fazendo cafuné em meus cabelos enquanto estou deitada no sofá... Mal percebo, e adormeço.

Acordo com o ronco de Richard. Ele está curvado de maneira dolorida no canto do sofá, isso deve doer muito depois de acordar. Tenho de acordá-lo!

Mas primeiro tento me conter, pois sinto meus dentes crescerem ao sentir o cheiro de Richard, sinto necessidade de me alimentar. Dou um salto do sofá e tento sentir o cheiro da noite recém-desperta. Sinto cheiro de gente, sinto cheiro de comida.

Decido sair, e logo, pois se ficar não conseguirei dar a escolha que Richard merece. Penso no pequeno cais onde sei que existem drogados nesse horário e aqui estou, mais uma frágil mulher entre vários bandidos. Gosto disso!

Ando suavemente, escolho um rapaz alto e moreno, algo exótico, parece não ser inglês, mas sim um grego ou italiano, por sua aparência. Fixo meus olhos nos dele, percebo seus pensamentos. Italiano... e como todo italiano, não perde a chance de conquistar uma mulher! Azar o dele, será sua última conquista!

Ele vem ao meu encontro, seu perfume masculino é barato e está misturado ao cheiro de maconha. “Doces sonhos italianinho!”, penso ironicamente.

Ando devagar e de costas, deixo que ele se sinta predador, deixo que me encurrale contra a parede escura do beco. Sinto o calor de suas mãos em minha cintura, o calor de suas mãos descendo em minhas coxas, isso ainda é bom. Quem

disse que não estava errado, ainda gosto disso e muito, as mãos do rapaz são atrevidas... procuram meus seios, entrea-bre minhas pernas com sua coxa... faço-me de vítima, começo a me debater, pedindo que me solte. Ele não obedece, pega a minha mão e me faz sentir sua arma pressionando a minha cintura. Finjo então que estou apavorada. Ele rasga minha calcinha... me joga no chão e começa seu último estupro. Leio seus pensamentos e descubro que queria me ver gritar... finjo doer... começo a chorar. Ele gosta e continua com mais força, fica mais agressivo, bate em minha cara e manda eu calar a boca. Escuto seus batimentos se acelerarem e percebo que ele está perto de seu clímax! Nesse momento, empurro-o com minhas pernas, ele se enraivece... quer terminar o que começou... mas já é tarde para ele! Cravo meus dentes em seu pescoço, ele se assusta e tenta recuar, então eu digo:

– Já era! Agora é minha vez de ter prazer, mas nada muito rápido, tem de ser lentamente, como sempre gostei – agora sinto meu corpo mais forte e digo em gargalhadas: – Talvez queira mais um pouco de prazer?

Largo minha primeira vítima. Sim, primeira! Pois a que tive com Carlos foi nossa, foi dos dois! E por falar em Carlos, espero que tenha apreciado da mesma forma que apreciei seu desempenho em sua caçada. Sei que está me observando, sinto isso, e uma frase surge em meu pensamento “um a um!”. Começo a rir, pois sei que isso veio de Carlos. Decido então dar algo mais interessante para ele observar.

Saio desse beco e vou a um pequeno barzinho que vi a alguns quarteirões daqui, ali devo encontrar o que quero.

Uma mulher quase do tamanho de Carlos está interessada em mim. Chamo por ela, combinamos o preço e subimos por uma escada estreita e suja, chegamos num quarto

quase sem mobílias, mas com um acervo erótico de fazer inveja a qualquer sex-shop.

A mulher não tem receio algum...

– É tudo por dinheiro! – diz ela.

Deixo acontecer. Deixo suas mãos abrirem meu corpete...

– Você é uma delícia sabia? – diz ela antes de abaixar e começar a lambar meus seios... ela realmente é uma profissional no assunto! Pois, mesmo agora, depois da fome saciada, sinto uma sensação diferente. Deixo-a fazer o que quer, deito docilmente na cama, permito que prenda minhas mãos em amarras de couro... Já amarrada, ela tira o restante de minha roupa. Ela faz questão de me montar, gostei disso, gostei da sensação dos bicos de seus seios nos meus. Deixo que sua língua passeie em mim... “Se eu fosse mortal, com certeza eu estaria toda molhada agora!”, penso. Gosto da sensação do óleo que ela decide usar em minha pele, mas pena que seus dedos não sejam exatamente o que quero.

– Você está muito gelada – ela reclama, antes de colocar sua língua em minha boca. Procura algo abaixo do travesseiro enquanto massageia meu sexo. Mostra-me um chicote... E digo:

– Uau! Isso ainda não experimentei!

Sinto nesse momento os olhos de Carlos em mim...

– Quer vir? Quer dividir a comida? Ou será que posso lanchar sozinha? – pergunto em pensamentos.

A porta se abre e nela está Carlos, olhando fixamente para nós duas! A mulher se assusta e salta da cama dizendo:

– Quem é você? De onde você surgiu?

– Não sabia, Clara, que você gostava de chicotes, mesmo porque eles cortam sua pele e a fazem sangrar, mas se gosta, podemos dar um jeito, mas apenas nós dois, certo?

Eu tento acalmá-la dizendo:

– Calma, esse é meu amigo, me esperava lá fora, mas acho que resolveu verificar o porquê da minha demora!

– Ora, se é seu amigo, é meu amigo também, não fique aí só olhando rapaz! Venha me ajudar aqui! Quem sabe esquentamos essa moça aqui.

– Não se incomoda? Se quiser posso sair! – diz Carlos, com um sorriso malicioso.

– Incomodar? É claro que não! É até melhor, pois assim eu recebo em dobro! Pode deixar o dinheiro ali no canto e venha brincar aqui!

Carlos obedece ao que ela diz e anda lentamente em direção à cama. A mulher em cima de mim se vira para ele, desabotoa sua calça e dá uma risada, dizendo:

– Será que todos nessa cidade estão com frio? Pois vocês dois estão gelados! Deixem comigo, vou esquentá-los rapidinho.

Carlos me olha, quer ver minha reação ao que ela faz... Fico com ciúmes. Não gosto muito não.

A mulher começa a morder o peito de Carlos... Beija sua barriga e brinca comigo e com Carlos ao mesmo tempo. Carlos olha e diz:

– Estou vendo que você sabe aproveitar muito bem suas mãos! Será que sabe trabalhar bem com outras partes do corpo também?

A mulher não pensa duas vezes e abocanha o membro rígido e gelado de Carlos.

Nesse momento sinto raiva misturada com antecipação, sentindo minhas mãos presas ficou furiosa, a brincadeira acabou, arrebento as amarras.

Carlos me olha com um olhar avassalador e deita-se na cama ao meu lado. Beija minha boca e dá uma leve mordida em meu pescoço, dizendo baixinho ao meu ouvido:

– Vamos lanchar? Ou prefere brincar mais um pouco?

Eu pisco para ele, levo minhas pernas em direção à cabeça da mulher que o suga insaciavelmente, e a puxo para junto de mim. Ela diz:

– Com ciúmes minha gata?

E eu respondo:

– Não... Apenas com vontade de lanchar!

Então olho para ela e a luz vermelha emanada pelos meus olhos e os de Carlos ilumina todo o pequeno cômodo. A mulher dá um grito... Corre em direção a porta na tentativa de escapar, berrando:

– Quem são vocês? O que são vocês?

Mas é inútil... Carlos surpreende-a e a joga em direção a cama dizendo:

– Somos seu pior pesadelo! – começa a rir, me olha e diz: – Sempre tive vontade de imitar essa fala do Rambo!

A mulher rola da cama e cai no chão... Estica os braços e abre uma pequena gaveta de um criado mudo que estava ao lado da cama. Retira uma Glock vinte e cinco, de nove milímetros, automática, e aponta para a cama na tentativa de me encontrar... Mas se dá mal, não estou mais lá... Ela então se vira na direção de Carlos e também não o encontra... Olha a janela aberta e acha que fugimos... Deita na cama, e ao olhar para cima, outro susto... Eu e Carlos com as costas coladas no teto damos risadas!

Ela atira para cima... Dispara vários projeteis em segundos... Saltamos do teto desviando de cada bala em uma velo-

cidade incrível! Carlos pára na frente da mulher e ela acerta um tiro em seu peito, ele dá um grunhido feroz caindo para trás dizendo:

– Sua vadia! Isso dói!

Então eu retiro a arma da mão dela, jogo-a na cama novamente, prendo-a com as amarras de couro que antes me prendiam e, olhando em seus olhos apavorados, digo em um só tom:

– Agora, é minha vez! Cadela! Machucou meu amor...

Desço minha boca devagar até seus seios... Lambo-os devagar e, em seguida, cravo meus dentes com força... Carlos levanta do chão, a mulher olha para ele, assusta-se ao vê-lo com um buraco na camisa e sem ferimentos, e começa a chorar desesperadamente. Carlos avança em seu pescoço e esmaga sua traquéia, deixando-a sem ar... Crava seus dentes em sua jugular e como uma fera suga-lhe o precioso sangue, acabando o com pequeno fio de vida que restava na mulher! Sai de cima dela, me olha e diz:

– Essa vadia conseguiu me irritar! A porcaria do tiro queimou todo o meu peito, ardeu pra cacete! O que era uma brincadeira se tornou uma vingança! Por isso fiquei puto! Agora... Não querendo ser seu pai... – diz Carlos em tom irônico. – Acho que devemos nos retirar antes que chegue alguém. E o seu amigo Richard está acordado, preocupado com você! Vou voltar para junto de Yan, pois deixei-o com aquele segurança do bordel. Avise-me sobre a decisão de Richard, gosto dele e desejo estar presente pessoalmente no momento de sua transformação! E outra coisa... Adorei seu espetáculo com essa mulher! Tá de parabéns! Chame-me quando Richard se decidir!

Carlos lambe o filete de sangue que escorre do canto dos meus lábios, me beija e se vai!

Olho a vadia morta... Jogada na cama, não tenho nenhum pinga de remorso, afinal essa atrevida experimentou meu Carlos e, na verdade, não gostei disso... Penso em Richard e vou ao seu encontro.

Encontro Richard agitado, mas nem isso me preocupa muito, sinto novamente tontura. Isso sim é que estranho no momento. Algo, algum pressentimento estranho vem, mas logo se vai, não consigo identificar o que significa.

– Tudo bem Clara? Devo perguntar onde estive ou posso presumir sozinho, pelo tom rosado de sua pele?

– Sem ironias Richard. Mais um eu não agüento. Sabe muito bem que fui me alimentar, sabe que fui matar. Mas vamos parar de rodeios, o que decidiu? Quer ser como nós, quer ser um imortal? Ou prefere seguir o curso natural de sua vida? Sabe bem que não será fácil, mas tem suas compensações. Mas, aviso! Como você vai ser não sei, o tipo de monstro que será depende apenas de você. Sei que será poderoso, que há um ponto importante ligando Carlos, Yan eu e você. Seremos quase imbatíveis, mas ainda assim não posso garantir que consigamos derrotar Leon.

– Quero Clara, quero sim. Imagina se deixaria uma oportunidade dessas passar... Viver a própria história, sem fazer parte dela, isso fascina sabia? Só não sei se conseguirei matar alguém! Sangue... Será que conseguirei? Mas, tudo bem. E quem fará isso? Você, não é? Não aceito outra pessoa!

– Certo meu amigo, será assim então, mas Carlos faz questão de estar presente no momento de sua transformação. Permite?

– Chame-o.

– Fecho os olhos. Não que precise disso, mas acho que é uma maneira de me sentir algo humana. Procuro Carlos e Yan. Estão apenas esperando, digo que venham.

Como pensei, Richard se assusta com a chegada dos dois, tenta disfarçar, mas seu coração está a mil, e tem medo sim.

– Olá amigo, que esperava de vampiros, que batêssemos à sua porta? – diz Carlos, percebendo o susto de Richard.

– Toc toc toc – diz Yan, com um senso de humor negro.

– Você eu conheço! É um dos homens mais influentes no ramo das artes, é considerado uma das figuras mais discretas da alta sociedade londrina, aliás, acho que trocamos gentilezas uma ou duas vezes em festas.

– Sim, isso é verdade, mas não foi ao acaso, sempre soube que você era uma espécie de guardião mortal de Clara e como a observava de longe, nada mais natural do que querer conhecê-lo, descobrir o que o fazia tão importante em sua vida. Agora já sei. Além do passado, vocês construíram uma amizade verdadeira sem fronteiras entre espaço e tempo. Meus cumprimentos e reverências.

– Não sei se gosto disso, ser vigiado é algo estranho, mas tudo bem, seremos amigos daqui para a frente.

– Muito bem, agora que foram apresentados, que tal se fizermos o que temos que fazer? Será Clara ou eu? A escolha é sua e o resultado o mesmo, pois tanto eu como ela, temos o mesmo sangue, os mesmos poderes.

– Sem querer ofendê-lo Carlos, mas isso deve ser feito por minha amiga, apenas por ela – diz Richard olhando-me com carinho.

– Um momento senhores, primeiro quero estar à altura do grande momento, vou tomar um banho, tirar o cheiro de outros, devo ser apenas eu.

Vou ao quarto de Richard, tomo meu banho. Nem preciso me secar, pois a água não pára em meu corpo morto mesmo, e pego a única roupa que gostaria de vestir nesse momento... meu sobretudo com a letra “A”, e passo duas gotas de meu perfume de jasmim.

Termino de me vestir, abro a porta e, por lembranças de uma vida mortal, puxo o ar para dentro de mim, estou nervosa... Se fosse viva com certeza estaria respirando fundo assim.

Chego à sala e noto que todos estão apenas esperando que eu faça de uma vez. Meu amigo está sentado, com a cabeça recostada no encosto do sofá, sorri para mim, permitindo e aceitando o que tenho a oferecer: a morte.

Chego lentamente, por trás do sofá, apenas o barulho de meus saltos ecoam no ar, curvo-me sobre seu pescoço, projeto minhas presas e começo a sugar seu sangue, tento fazê-lo de maneira que não cause dor alguma, mas sinto sua morte se aproximar, devo cuidar, e muito, para não perdê-lo. Afasto-me um pouco e com meus próprios dentes corto meu pulso e o faço beber de meu sangue...

Sinto novamente tontura, uma voz estranha grita...

– Não!!!

– Carlos, acho que ela desmaiou! O que será que aconteceu?

– Não sei... Vou acudir Richard enquanto você a levanta do chão!

– Clara, sei que pode me ouvir... Então vou terminar o que começou a fazer, senão ele morrerá!

– Yan, vou levá-la até a cama, fique aqui com Richard e cuide dele!



Fico ao lado dela, tentando entender o que havia acontecido! Ou quem ou o quê seria responsável por isso? Ainda não sei, mas vou descobrir! Depois de algumas horas Clara começa a retomar a consciência!

– Clara... O que aconteceu?

– Não sei. Mas algo de errado está acontecendo e não estou gostando disso, nem sei se gosto de ser novamente vampira! Sei que você está adorando, mas eu... Não sei mesmo. Sempre quis, e agora me sinto acuada, parece que estou sendo observada. Não me sinto sozinha nunca. Quando mordi Richard, estava tudo bem, mas quando foi minha vez de retribuir estendendo meu pulso a ele... Escutei um não! Como se não devesse dar meu sangue, parece que meu desmaio foi proposital... Será que estou ficando louca? Não quero isso mais. Quero ser apenas Clara! O que tem de errado nisso? Prefiro morrer a continuar assim... Promete uma coisa pra mim? Promete?

– Nunca. Sabe que não posso fazer isso. Jamais. Séculos nos separaram e agora que estamos novamente juntos, como pode me pedir isso? Não pense assim! Vamos descobrir o que está acontecendo, mesmo que para isso tenhamos que adiar nossa ida a Paris. Vamos primeiro achar alguém ou alguma coisa que nos responda o porquê disso! O porquê de você estar assim. É realmente estranho, pois pelo que sabemos, como Angelique, você foi bem perversa, sabia matar como ninguém, e vampiros, depois de provar o sangue de humanos, deixam de sentir remorsos e nunca evitam a fome,

nunca deixam de se alimentar, como você tem feito, ou agora me julga um burro que não percebe o que está acontecendo com você? Pensa que não te acompanhei em pensamentos no seu ritual de bruxa? Pensa mesmo que não a vi na cachoeira ou como odiou me ver com as duas prostitutas? Ciumenta... Não sei se gosto disso, mas até entendo, pois observei você também com o tal italianinho. Mas voltando, você só se alimentou porque não queria machucar Richard, por pura necessidade! E isso realmente é estranho, e agora esse seu desmaio...

Coloco sua mão sobre minha boca e digo:

– Não me interessa saber o que está pensando, quero que me olhe como antes, quero que sinta desejo como antes, quero fazer amor como antes, mas quero de maneira humana, se senti algum prazer com minhas vítimas, sei que com você vai ser igual, só que com amor!

Carlos beija meus dedos que ainda estão sobre seus lábios e sussurra:

– Seria muito bom mesmo! Não fosse por um detalhe!

– Qual? – pergunto, retirando minha mão de sua boca!

– Somos vampiros! Não somos mais humanos... Temos desejos, não prazeres! Temos pactos, não amores!

Então, Carlos se abaixa sobre mim, continuo deitada, e me beija suavemente, mas puxo-o pela nuca me aprofundando em seu beijo, tentando me sentir humana novamente! Da mesma maneira que antes, da mesma maneira que as vadias que encontramos até agora. Peço que não seja tão gentil, já que é um vampiro. Por que então ter delicadeza? Ele atende e a tensão aumenta... Carlos morde meu pescoço e percebo que tudo mudou, pois fiz o mesmo, e ago-

ra sei que apenas quando trocamos nosso sangue é que o êxtase acontece! Somente aí as estrelas descem até nós!

Depois de algum tempo Carlos crava seus dentes em meu seio, dizendo em um tom brincalhão:

– Adorei quando fez isso com a mulher daquele quarto imundo!

Só depois disso é que percebo que com Carlos não há problema algum em ceder meu sangue, com ele isso é natural, talvez seja porque é o sangue dele que corre em mim também!

– Vamos, levanta preguiçosa, temos de ajudar Yan a ensinar Richard a caçar, ele precisa e logo, pois quase morreu quando você desmaiou. Temos de ajudá-lo!

– Vá você, prefiro ficar aqui, estou me sentindo com preguiça!

– Nada disso! Você vem junto, chega de confusões ou ciúmes bobos. Assim ajudamos nosso amigo, aliás, os dois, pois Yan, apesar de estar forte, ainda está apressado, mata rapidamente, e isso pode torná-lo perverso, assim como eu... Daí vai ter que agüentar dose dupla!

Caímos na risada. Decido ir com eles!



RICHARD escolheu o lugar em que iria fazer sua primeira refeição. Estava um pouco confuso ainda, mas bastante ansioso. Levou-nos a um lugar que melhor não poderia ser. Por ser a primeira vez, até que ele teve um bom palpite! Era uma espécie de festival de músicas eletrônicas, u algo do gênero,

que se chama Kalinato, e acontece todos os meses do ano em diversos lugares diferentes. Estamos no mês de dezembro e este aconteceu em um club chamado The House, situado no bairro Velvet Drive. Havia pessoas de todos os estilos, darks, metal, punk, clubbers, góticos e muito mais! Richard olhou para nós e falou:

– Sabia que iriam gostar, aqui podemos nos misturar sem sermos notados!

De fato, Richard era essencial em nosso grupo, estava se adaptando muito rápido e ficando esperto também, pois percebeu com facilidade nossos olhares de satisfação com o lugar escolhido! Porém, Clara não estava muito confortável! Estava estranha! Mas deixei quieto, pois horas atrás havia sofrido um pequeno incidente!

Entramos, e de fato o lugar era muito propício! Escuro, jogo de luzes, música alta e pessoas estranhas! Ótimo! Mal desviei os olhos de Yan e ele já estava indo ao encontro do

pescoço de um rapaz, forte, com um excelente preparo físico... Mas como ele era muito apressado esqueceu de um pequeno detalhe... Qualidade!

Fui ao encontro dele e o puxei pela gola da camisa dizendo:

– Estúpido! Por isso eles falam que apressado come cru!

– Calma Carlos! Por que tá dizendo isso?

– Yan, você tem que aprender a ir com calma em suas empreitadas! Não senti nenhum cheiro diferente não!

– Senti... De comida... De sangue!

– Não, anta... Tô falando de outro cheiro! O cara tá totalmente dopado... Tá cheio de heroína no sangue... Você ia beber... digamos, um sangue podre! Não ia te valer de nada... Não iria saciar sua fome e nem te dar energia! Você precisa observar antes de atacar... Sentir o cheiro antes de provar! Somos vampiros, e não burros!

– Foi mau Carlos! É que eu não tô acostumado a ter calma!

– Mané!

Caímos na gargalhada.

– Vamos para perto de Richard, ele deve estar com fome!

– Pô, Carlos... Eu também estou!

– Eu sei, mas primeiro temos que alimentar Richard, você parece mais um saco sem fundo! Aquele segurança que você drenou ele sozinho não te encheu não?

– Encheu! Mas foi ontem. Hoje, já deu fome de novo! He he he.

– Anda... Vamos nos juntar aos dois, a Clara está um pouco estranha, e Richard deve estar perdido no meio de tantas novidades!

– Ok Carlos! Vamos lá!

Encontramos Richard sozinho no meio da pista de dança... Estava com um olhar assustado e preocupado!

– Onde está a Clara, Richard?

– Não sei Carlos, ela pediu para que eu ficasse aqui e pra dizer-lhes que ela não estava bem! E que iria dar uma volta!

– Vou atrás dela! Vocês podem me aguardar aqui? Não devo demorar!

– Sim, pode deixar! – disse Yan, piscando um olho para Richard.

– Então tá, já que dizem não ter problema, eu vou então! Mas, por favor, juízo vocês dois aqui.

– Pode deixar! Vai na fé!



TENTO LOCALIZAR CLARA em pensamento, mas algo está errado... Não consigo! Não consigo localizá-la! A danada deve ter sentido eu me aproximando e por isso conseguiu me bloquear!

Forcei mais um pouco meus outros sentidos, no intuito de descobrir o paradeiro dela! E conse-

gui, senti seu perfume de jasmim... Um perfume que, por sinal, virou sua marca registrada! Fui seguindo na direção contrária do vento que soprava, pois com certeza seria a direção certa, pois, o vento nessa hora estava vindo do sul.

Ando alguns metros à frente e deparo com Clara, caída na calçada! Outro desmaio... Algo está acontecendo e eu não sei o que é! Levo Clara para casa e volto para encontrar Yan e Richard, que tinham ficado na festa... Outra surpresa! Todos que estavam dançando e pulando naquele club, agora estão deitados e dilacerados no chão!

– Estúpidos! O que vocês fizeram? – berro furioso!

– Festa! – respondeu Yan, com um sorriso sádico ao ver que Richard mal conseguia segurar seu riso!

– Vocês mataram todos!

– Foi, gostou? – disse Richard.

– Não! Agora teremos que ir embora daqui... embora da cidade! Não podem fazer uma carnificina assim sempre que ficam sozinhos! Isso levanta suspeitas a nosso respeito,

e se um desses ainda estiver vivo, irá querer vingar sua morte e ficar sempre atrás de você! E outra, Clara não está bem, encontrei-a desmaiada a alguns metros daqui e a levei para dentro do quarto e a coloquei em sua cama! Vamos voltar e ver o que está acontecendo com ela! Depois vocês brincam de novo! Andem, pensem em Clara!



CHEGAMOS LOGO, MAS O que vejo me deixa furioso. Leon está sugando o sangue de Clara, de costas para nós. Rosno alto, minhas presas se evidenciam, quero matá-lo. Leon sabe disso, pois vira-se rapidamente e com presas à mostra. Com o poder de sua mente Leon me joga contra a parede, sinto meu corpo

queimar, mas procuro o revide. Faço questão de devolver esse fogo que arde como nenhum outro. Consigo afastá-lo de Clara, jogo-o contra a parede também. Noto um leve ar de surpresa que é logo substituído por outro de ódio.

– Pensa que vai conseguir me vencer? Filho ingrato e usurpador!

– Não só penso, como vou! Dessa vez seu reinado será encerrado Leon, nada sobrar de seu clã maldito!

– Ah... Pensas conseguir o seu então? Idiota! Não sabe ainda, mas quando eu fizer, pode ter certeza, será o primeiro a saber! Disso faço questão!

Leon se vai... Meu ódio aumenta! Como se atreve a vir aqui e tocar em Clara? Sugar seu sangue? Maldito! Mil vezes maldito! Sua hora vai chegar, disso pode ter certeza! Envio por pensamento minha ameaça... E recebo uma gargalhada como resposta.

Yan e Richard estão ao lado de Clara, pararam de brincar enfim. Ambos estão preocupados com sua palidez... Preocupo-me ainda mais.

– Dê seu sangue a ela Carlos, está quase morta... De novo! – diz Yan, com um sorriso sarcástico.

– Não preciso de outro incentivo, saiam! Por favor... Saiam agora!

Mais uma vez dou meu sangue a Clara... Mais uma vez a trago para mim. Seu despertar demora, mas, ao menos está de volta. Deixo Clara descansar, mas sinto que tem algo muito errado nessa história. Por que Leon se daria ao trabalho de tentar matá-la? Por que, se sei que está esperando para torná-la sua? Preciso descobrir o que está acontecendo, e rápido!

De volta à sala, tento me acalmar, mas isso está meio difícil, tenho vontade de socar o mundo. Richard apenas me olha, como se soubesse o que estou sentindo. Yan, em compensação, está pensativo, olhando a noite que ainda nem terminou.

– Deve tirar Clara daqui Carlos! Ela corre perigo! Deve sair em busca de respostas, agora não posso te dá-las, mas talvez alguém que conheço possa. Uma antiga dama, que não envelhece nunca, mas tem sabedoria de mil gerações! – diz Yan com a mão em meu ombro.

– Aonde a encontro então? E como posso levar Clara assim, sem mais nem menos? Preciso protegê-la, mas não sei como! Leon não vai parar aqui, ele quer algo, mas o quê?

– Não sabemos ainda milord, mas deve ser algo importante para que ele se atreva a tanto, algo muito sério e talvez perigoso para ele próprio!

– Isso me faz querer ainda mais saber, o que de tão importante Clara tinha para que Leon tentasse algo tão arriscado, ainda mais sem seus capangas?

– Posso não ser um vampiro há muito tempo, mas... Carlos, como encontrou Clara agora há pouco? – perguntou

Richard, que até o presente momento não havia se pronunciado.

– Pelo seu cheiro, seu perfume de jasmim... Óbvio!

– Discordo de você Carlos! – diz Richard. – Pelo cheiro qualquer vampiro acha outro, mas você sabia na verdade onde encontrá-la! Foi fácil para você! Agora Leon, teve mais trabalho, ele precisou de dias para achá-la!

Richard tinha certa razão. Devia ser nossa sintonia que me fizera achá-la, lógico! Como não pensei nisso antes? Como deixei esse detalhe passar despercebido?

– Escute, ele achou a Clarinha porque sabe onde procurar, sabe muito bem que a induziu a ir até Paris, faça o inverso, ao menos até saber do que se trata!

– Cara, agora sei porque Clara sempre fala de você com respeito, realmente sabe pensar, gosto disso!

– Isso é verdade, esse meu amigo sempre foi um gênio a meu ver, quase um filósofo em se tratando de analisar fatos presentes. – diz Clara na porta do quarto.

– Clara! Venha cá! – digo, indo ao seu encontro.

– Sabe o que te aconteceu? Lembra de alguma coisa, antes de desmaiar?

– Não muito, só sabia que algo iria acontecer ali, algo muito ruim, então preferi sair, depois de chegar lá fora já não lembro mais nada.

– Por falar nisso, o que aconteceu no quarto? Por que uma tela está caída no chão?

– Meu Matisse! – diz Richard apavorado, indo ao quarto.

– Onde encontramos sua amiga Yan? Tem como você avisá-la de nossa ida?

– Pode parar por aí Carlos. Ir aonde e por que, quero saber, sei que algo tá errado, mas o quê? – pergunta Clara,

daquele seu jeito impertinente e metido a independente. Isso às vezes irrita, sabiam?

– Leon esteve aqui –digo à queima-roupa. – E ele quase a matou. Então, duvida agora que precisamos sair daqui?

– Por quê? O que está acontecendo Carlos? Por que Leon viria me matar se sempre fez questão de deixar claro que tenho uma serventia qualquer?

– Isso é o que devemos descobrir minha querida. Mas, e daí Yan? Onde encontramos sua amiga?

– Não a encontram, ela os encontrará se quiser. Apenas sei que ela está no litoral. E se sei disso é porque assim ela quer. Devem ir ainda hoje. Só nos falta a corja de Leon aparecer, e sinceramente, com Clara desse jeito e você um tanto enfraquecido pelo sangue que deu a ela, dificilmente nos sairíamos bem.

– Você fez isso Carlos? Mais uma vez me deu seu sangue... Por que, se ainda há pouco me disse que entre vampiros não existe o amor, mas sim pactos. Acho que dessa vez, mon cherry, você está enganado. Esquece que o que sentimos vem de antes de sermos vampiros? Dessa vez meu querido, sua razão foi suplantada pela emoção. Um a zero pra mim!

Essa bruxinha, dessa vez me deixou sem graça, admito.

– Partimos agora então? – pergunto, sem dar o braço a torcer.

Enquanto arrumamos nossos pertences, penso em tudo o que aconteceu. Como pude adivinhar que Yan e Richard fariam uma chacina? Por que a vontade de sair dali imediatamente? E o porquê desses meus desmaios repentino?

Tem algo errado sim, do contrário Leon não viria apenas para acabar comigo. Chances para isso ele já teve, mas em vez disso vem com aquela conversa estranha sobre profecias e direitos...

Preciso falar com Carlos sobre isso. Por mais incrível que pareça, ainda não tivemos oportunidade de conversar sobre isso, quanto tempo faz que não conversamos de verdade?

Parece que sempre tem algo ou alguém para atrapalhar! Coisa mais chata! Cadê nossos momentos e nossa cumplicidade? Até Angélique conseguiu mais tempo com Christopher do que consigo com Carlos! Ai, que raiva isso me dá! Assustou-me com o estouro do espelho. Quebrei-o sem querer... Acho melhor sairmos logo daqui antes que destruamos o loft do Richard. Esse espelho tinha algum passado com certeza, se conheço meu amigo, ai de nós!

– Pronta? Podemos ir?

Perguntou Carlos com seu jeito carinhoso. Incrível como muda suas maneiras quando estamos a sós, muito diferentes de como se apresenta quando estamos acompanhados de nossos amigos.

– Sim, mas estou com fome, vamos atrás de alguém? Só eu e você Carlos?

– Vamos, afinal, esses dois gulosos já se banquetearam por demais.

Sáímos num piscar de olhos, de mãos dadas como de costume. Encontramos logo dois bêbados caídos em um banco do parque em frente. Carlos reluta, não quer que me aliemente de sangue sujo, como diz, então vamos atrás de outros. E logo encontramos um casal de namorados amando-se em um canto mais afastado do parque, nem ao menos fazemos

jogos desta vez, apenas nos alimentamos. Rápida e cirurgicamente. Não deixamos vestígio algum.

– Voltamos para nos despedir, mas sejamos rápidos, temos apenas três horas para viajar, então se cuidem, e, por favor, sejam discretos. A cidade é grande, mas nem tanto.

– Então, meu querido, vamos para onde?

– Que tal se formos para Dublin, Irlanda?

– Litoral? Gosto disso, e nessa época deve estar delicioso... mas por que Dublin?

– E por que não? Foi o lugar que me veio à mente!

– Só falta vocês chegarem lá e encontrarem algum pote de ouro e vários duendes! Ha ha há! – diz Yan com uma risada que contagiou todos nós.

– Não achei graça nenhuma! – digo, tentando disfarçar minha risada em conjunto.

– Vamos fazer o seguinte – diz Carlos com um tom de voz mais sério – Yan, você e Richard estão encarregados de nos conseguir acomodações, tente na internet, mas nada de hotéis desta vez, uma casa com um imenso pomar e jardins de preferência, um lugar onde Clara e eu possamos descansar e tentar descobrir esse novo mistério! Um lugar pra nós dois desta vez!

– Então vamos para Dublin mesmo?

– Vamos Clara! Mas vamos de avião! Não quero dirigir com o sol tostando minha cara, mesmo sabendo que ele não pode me matar... Quero evitar, pois arde pra caramba!

– Carlos, liguei para o aeroporto e tem um vôo que parte às vinte e uma horas!

– Valeu Richard, vamos nos arrumar e logo partiremos, pois o sol já está se pondo. Yan, avise-nos assim que encontrar um lugar para ficarmos, ok?

– Ok Carlos. Mas como vou te avisar se você não tem celular?

– Ô anta! Esqueceu que é um vampiro? Precisa usar celular pra quê? Se mesmo como bruxo mortal você conseguia mandar seus recados muito bem! Imagina o que pode fazer agora que é bruxo, vampiro e imortal?

– Tá certo! Vão logo, antes que sejam vistos por alguém no avião!

– Bye amigo, nos vemos mais tarde!



CHEGAMOS DENTRO DO AVIÃO, estava com poucos passageiros e passamos despercebidos por todos. Devia ser cerca de vinte e duas horas quando o avião decolou.

Eu olhava para Clara dormindo, tentando descobrir o que estava acontecendo com ela. E alguma coisa aconteceu... Uma névoa

branca tomou conta de todo o piso do avião, os passageiros dormiam e nem a perceberam invadindo toda a aeronave. De repente estou na rua de uma cidade, algo estranho... Pessoas conhecidas, mas o lugar não me parece familiar!

De repente todos estão agindo de modo estranho... Parece zumbis... Eram zumbis! Mas, como? Mortos vivos tomando conta de toda uma cidade!

Entro em uma casa, um jovem tenta se esconder dentro do banheiro em uma banheira com gelo... Estava tentando de maneira desesperadora esfriar a temperatura de seu corpo para passar despercebido. Da janela de seu banheiro avisto um senhor elegante e bem trajado, parecia até com aquele ator que fez o Drácula de Bram Stoker... Ele olha para mim e pisca seu olho. O rapaz na banheira se desespera ao ouvir a porta de sua casa se abrir! Três jovens quase nus adentram pelo corredor até a porta do banheiro... Abrem-na... Olham para mim e para o jovem desesperado... Lambem meu rosto e mordem o rapaz... Beijam-me com a boca ainda suja de

sangue e eu me sinto estranho nessa hora... Não é o meu lugar, não é o que eu estou acostumado a ver e a fazer... O rapaz estava desesperado... Eu não teria matado e, sim, transformado-o para poupá-lo de uma morte inevitável. Aquele senhor entra e faz um gesto delicado com a mão, convidando-me para acompanhá-lo.

– Meu jovem! Meu querido Cristopher! Não tenha medo, esse já foi seu lar!

– Quem é você?

– Você já sabe! Pra que me pergunta?

– Lúcifer?

– Pode ser! Todos me chamam de um jeito diferente, nem eu mesmo sei qual é o meu nome! Ha ha ha.

– O quer de mim?

– Você é que quer respostas Cristopher, não eu!



O avião sacode com a turbulência, só então percebo que tudo tinha sido um sonho louco... Mas como, se parecia tão real?

Clara acorda assustada... Olha-me nervosa e diz:

– Tive um sonho estranho, parecia real... Começo a me lembrar dos detalhes... Tinha cheiro de terra, gosto de terra... Abro os olhos e estou em um lugar escuro e úmido. Fico parada tentando descobrir o porquê disso. Coisa mais estranha essa sensação de gelo em meu corpo. Tento me mover, não consigo. Bate o desespero e ainda assim tento raciocinar, procuro aquietar esse coração que poderia estar morto, mas que ainda sinto pulsar em meu peito. Arranho levemente a terra em minhas mãos, consigo sentir que se afasta como que a meu comando... Estranho, mas não impossível, procu-

ro imaginar a terra de leve se afastar de meu corpo e isso realmente acontece, aos poucos o luar começa a surgir entre tufos de mato e terra molhada, sinto o ar tocar meu rosto e isso me traz certo alívio, vou sair enfim desse buraco profundo. Projeto meu corpo para fora e num segundo estou de pé. Levo a mão em meu rosto, não me agrada em nada a sujeira em que me encontro, mas foi necessário assim. Precisei passar por morta ou Leon mais uma vez me encontraria, seus capangas estavam atrás de mim novamente. Preciso me localizar, pois no momento que induzi minha morte aparente, fui de encontro à inconsciência, não consegui perceber nada mais a minha volta... Vagamente sei que me jogaram aqui como uma morta sem família, sem ninguém... Curioso! Pensando bem, sou isso mesmo, uma morta sem família, quase sem ninguém, a não ser espíritos de mortos como eu, seres com alma, mas sem vida ou direito a ela.

Tenho de encontrar alguém... Mas quem? Não consigo lembrar! Procuro em volta uma pista, um indício, mas nada. Apenas a solidão de um cemitério. Tenho de sair daqui, isso sim é urgente no momento, memórias devem vir aos poucos. Preciso de segurança, preciso me alimentar. Esse ser que gero, seja o que for ou quem for, sente necessidade, precisa que eu faça minha parte... Minha deusa, como é possível? Sei o que sou. Mas, como isso pode acontecer e como aconteceu não consigo me lembrar! Olho minha roupa... O que antes era um vestido branco, agora é marrom de sujeira, e isso me enoja. Estou descalça e com frio. Começo a percorrer lentamente o terreno deserto, pois a tonteira que sinto é muito forte, parece que vou cair a qualquer momento.

Será que estou grávida?, penso comigo. Impossível. Vampiros não engravidam, foi somente um sonho e tenho de contar sobre esse sonho a Carlos.



– O que foi Clara, o que aconteceu? Você está tão esquisita!

– Nada Carlos, foi só uma tonteira... Deixa pra lá! Mais um sonho sem sentido

– Você estava dizendo que sonhou um sonho que parecia ser real?

– É isso mesmo, mas era somente um sonho louco, onde eu me fazia de morta e enterrada para fugir de Leon. Como se isso fosse o suficiente para que ele desistisse de me achar. Como se ele quisesse me matar e fosse a única maneira que encontrei de escapar de sua fúria. Mas, eu estava vestida de branco. Por quê? Sabemos bem que essa não é a cor apropriada a vampiros. Eu meio que parecia uma noiva, algo assim, mas se fosse isso, por que Leon iria me matar, se na verdade ele me quer pra alguma coisa? Eu te contei do sonho onde ele dizia de uma profecia? Que era necessário minha participação? Ou melhor, de Angelique? Ele disse algo sobre um acordo com os mais antigos... Deu a entender em ter um filho. Mas como, Carlos? Se isso, pelo que sabemos até agora, é impossível? Devo estar enlouquecendo, só pode! Carlos, essas tonturas... Seria possível? Pensa, k me ajuda, pois não estou mais do mesmo jeito que antes, não consigo trocar ou doar sangue pra ninguém, isso já percebi, pois quando tentei fazer isso com Richard, antes de desmaiar, escutei como um grito em minha cabeça, um “não” bem claro. Mas, com você isso é natural, como se meu corpo precisasse disso. E

pra falar a verdade, estou começando a achar que não somos apenas nós dois nessa história... Posso parecer louca, mas estou achando que Leon tentou me matar mesmo... Ou tentou matar nosso bebê!

– Ahn? – diz Carlos, olhando-me de boca aberta. Sua expressão mudou, como se só agora isso fizesse algum sentido... – Bebê? Mas é claro! Tem que ser isso!

– Mas como Carlos, não é possível e você sabe disso!

– Sim, Clara! Não é possível entre dois vampiros, mas entre um vampiro e uma mortal sim!

– Mas, nós dois somos vampiros!

– Agora, antes não! Clara, você se lembra de como eu me transformei pela primeira vez?

– Sim, foi em Avalon! Logo após fazermos nosso ritual!

– Exatamente! Eu me transformei quando atingi meu clímax, eu era vampiro e você ainda era mortal... Arranhei seu braço e só mais tarde te dei a vida eterna! Por isso faz sentido!

– É, só falta sabermos se Leon também já sabe disso!

– Acho que ele sabe sim, afinal quando o encontrei sugando seu sangue tive a nítida impressão que estava te deixando muito enfraquecida, quase a ponto de morrer, e se faltasse a você o precioso sangue, provavelmente faltaria ao bebê, talvez até o matasse... Maldito! Ele sabe sim e acredito que vai nos caçar pra valer agora, vai tentar matar nosso filho, mas não vai conseguir, não deixaremos de forma alguma, temos apenas de descobrir como.

Fico quieta pensando em tudo isso, um filho. Como é possível? E justo na noite em que fizemos nosso ritual juntos! É bem provável sim, pois com tanta magia, tanta ener-

gia solta no ar... Ambiente perfeito para conseguirmos um feito desses... Provavelmente um menino. Só pode ser, pois forte como Carlos sempre foi como humano e como vampiro, deve ser um menino, e se vier com os olhos do pai... Minha Deusa, que se cuidem, pois se um Carlos já faz toda a diferença, imaginem dois. Tô perdida! Irremediavelmente perdida e apaixonada!

Mesmo sendo uma vampira esse instinto de proteção já se manifestou, mesmo com toda essa diferença em minha vida, consigo separar a vampira da mulher, isso é ótimo. Só falta saber quem comanda quem, se sou eu que comando meu corpo, ou se o bebê. E principalmente, se quando foi feito eu era humana e Carlos havia acabado de ser transformado em vampiro, logo após, quando Carlos me transformou, transformou o bebê também? E que tipo de bebê será? Um quê de humano, mas muito de vampiro... Mas o quanto? E seus poderes, quais serão? Nunca soube de algo assim, só sinto que isso é enorme e vai alterar muito o que sabemos e o que somos. Muitos tentarão matar essa criança, pois será visto como uma possível ameaça, uma nova espécie talvez, um vampiro, mas com poderes de bruxo e forças trazidas da transformação de seu pai e sua mãe. Por duas vezes Carlos me trouxe de volta, o que terá causado a nosso filho? Duas vezes trazida da morte, duas vezes renascida... e nosso bebê nisso tudo. Só agora percebo que afago sem perceber meu ventre, meu bebê. Ninguém fará mal a ele, ninguém mesmo! Nem a ele nem ao pai dele, não permitirei em hipótese alguma.

– Não mesmo milady? – diz uma voz irônica ao meu ouvido!

Constato que realmente somos vigiados, pois a voz que escuto só podia ser da verme da Dana. Ela tentará matar meu bebê. Ela tentará reverter o jogo a seu favor. Pois que tente. Chegando, começarei um feitiço muito antigo, e ela não poderá mais me encontrar, nem ela nem seus capangas, só não sei quanto a Leon, com ele a história é outra, mas com Dana... Ela não sabe onde colocou suas patas, desta vez será um jogo diferente. Desta vez será ela a perdedora. Espero que ela goste muito de espelhos, pois com certeza passará muito tempo entre eles.

– Atenção passageiros, coloquem o cinto, estaremos aterrissando em instantes – diz a aeromoça.

CHEGAMOS A DUBLIN sem saber para onde iremos. Yan não entrou em contato ainda e tento me concentrar!

– Yan, cadê você que não se pronunciou ainda?

– Tô aqui Carlos, atrás de você! Quis te deixar desesperado! He he he.

– Eu só não te mato Yan, porque já fiz isso uma vez! He he he. Anda, desembucha logo, onde poderemos ficar!

– Carlos, Dublin é capital da República da Irlanda, é uma cidade vibrante e cosmopolitana que literalmente transborda de energia e de emoção. Contudo, a grande vantagem de Dublin é que, se preferir algo mais calmo, basta viajar meia hora para sair do centro da cidade e se encontrar em passeios de montanha, casas e jardins senhoriais e aldeias piscatórias.

– Pára de se exhibir Yan, e diga logo onde vamos ficar, pois já estou ficando com fome e isso não é bom aqui, no centro da cidade!

– Tá bom, milord... Êta homem estressado! Ou melhor, vampiro estressado! Tem um lugar que vai ser de seu agra-

do, fortalezas antigas, casas de influência gótica, jardins formais do século dezessete, parques paisagísticos, jardins rústicos de flora natural, jardins campestres, jardins botânicos e arbóreos, é só escolher! Fica a alguns quilômetros daqui, mas para nós, é questão de segundos.

– Ok Yan, pode voltar para junto de Richard que eu dou um jeito aqui, você já foi de grande ajuda, como sempre! Logo precisaremos de vocês dois aqui. Agora precisamos ir, pois logo vai amanhecer.

– Ok gente! Então até mais, juízo vocês dois! E só uma coisa, a cidade é um grande centro de cultura e tem à sua disposição muitas opções, belos museus, galerias de arte e teatros. Dublin também é o repositório de uma grande tradição literária e foi o berço de Shaw, Yeats, Wilde, Joyce e Beckett. Não se pode falar de Dublin sem mencionar a arquitetura, ao palmilharem a cidade irão observar tudo, desde a arquitetura medieval e georgiana até edifícios mais modernos. Dublin é o paraíso dos compradores; pode-se comprar de tudo, desde peças da última moda até artigos de arte e artesanato, enfim, Dublin oferece uma enorme variedade de coisas para ver e fazer.

– Valeu amigo, pode deixar que exploraremos bem o lugar!



Estava amanhecendo quando chegamos a um casarão antigo, que funcionava como pensão para turistas e se localizava cerca de uns cem quilômetros da capital da República da Irlanda.

Estávamos bastante cansados e Clara foi logo para seu banho no intuito de tentar relaxar! E eu ainda fico sem en-

tender alguma coisa, ela é a primeira vampira que toma banho! Acho hilário, mas fico quieto, acho que ela ainda confunde a vida de antes com a morte de agora! Mas, tudo bem... Mal não há de fazer mesmo, já que a água nem pára em nosso corpo, pois já estamos totalmente imunes ao ambiente!

Procuro fechar as janelas e cortinas e deito na cama esperando por Clara... Estou ansioso para decidirmos o que faremos daqui pra frente, quais providências e precauções vamos tomar!

Deito e começo a ter uma sensação estranha... Meu corpo parecia amarrado na cama, imóvel, e eu tinha a nítida sensação de estar afundando cada vez mais para dentro do colchão! Ouvia ruídos ensurdecadores e a mesma névoa branca do avião começa a sair por baixo da porta do banheiro... Fico em estado de alerta, mas como ir até Clara para ver se algo está acontecendo, se eu nem consigo me mexer na cama? A névoa cobria todo o quarto e em instantes o ambiente havia ficado turvo com ela. Os chiados cessaram e uma voz ecoou quarto adentro!

– Christopher! Não te aflijas, pois sou eu que estou aqui! Não pude ter com você uma longa conversa da última vez, espero que a tenhamos agora!

– Eu quem? Não reconheço sua voz, e que conversa tivemos?

– Não se faça de bobo, meu filho! Sabes quem eu sou! Mas, mesmo assim me apresento agora, para não gerar mais dúvidas! Prazer, meu nome é demônio, os gregos me chamavam de psyche, mas eu prefiro me chamar de: o seu nome! Eu sou fingido, sou artista um hábil malabarista velho, já encarnei mais vezes do que você pode imaginar. Sou orgu-

lhoso, metido, para você eu sou um doido varrido e talvez seja mesmo, quem sabe? Quer saber quem eu sou? Pois, então, vê se presta atenção, porque só uma vez vou te falar! Eu sou teu sonho, teu corpo, tua mão, sou a árvore que você vê, o céu e o chão, mas apenas quando estes estão refletidos no teu ego bruto, embora desafiador. Eu sou a tua realidade, a tua projeção, sou a tua cidade, a tua nação! Quando vês alguém, me vês, mas eu não sou esta pessoa, assim como não sou você, eu sou você em consciência desta grande alucinação à qual chamamos tua vida! Quando me encontra você entra em chamas, teu coração morto bate forte, tua mente, quase insandece... Ninguém me agüenta, mas admito, tem gente que tenta, mas em vão, ser meu amigo. Eu, amigo? Não sou bem nem mal, sou o conhecimento. Chamam-me de Choronzon, que nome horrendo! Eu sou rico, bonito e poderoso! Se você é mulher, sou charmosa, gostosa, cheirosa, perceptiva, enfim, vou resumir senão te embaralho: Sou teu Ego, teu desejo, tua ânsia, teu ser, tua incapacidade de amar e de se dar... Eu sou o teu apego!

– Que bela introdução! Merecia o Oscar de melhor interpretação! Ha ha ha.

– Este é o meu Christopher, meu Carlos... Zomba de tudo, até da própria sorte!

– Mas que sorte? Sorte é para meros mortais! Eu não tenho sorte, tenho destino! Mas, me diga, a que devo a honra de vossa visita mais uma vez?

– Pare de se fazer de bobo e forte! Você pode ser vampiro, pode ser bruxo e ter vindo de uma linhagem especial! Mas, ainda sou teu rei, teu mestre, e vamos falar sério! Você precisa de mim, pois somente eu tenho o poder maior! E se

eu fosse você, daria pulos de alegria por não estar tendo essa conversa com McLeondy!

– Eu sou grato, meu senhor, mas me diga... O que tenho de tão especial que mereça a sua atenção?

– Alguns pensaram que eu era inimigo, mas vou te dizer, sem mim você estaria perdido, ou melhor, nem teria existido! Portanto, vou te dar um conselho porque estou de bom humor, eu sou o escaravelho, a vida, você, o ator, mas não caia na tolice de me adorar ou render culto, pois eu sou você, imbecil inculto! Agora de novo vou resumir brevemente para que clarifique tua mente: Eu sou a negação do outro!

– Que negação do outro?

– Que é a negação do outro? Ha ha ha... Você me perguntou assustado! E eu respondo meio irritado: É a negação do que você totalmente chama de realidade! Você me chamou de Lúcifer da última vez... Agora te explico que não sou! Lúcifer é por mim odiado! Assustado? Conto-te com detalhe! Eu sou o que chamam de Jeová, o deus do ego, o vingador, o imolador, o amaldiçoador, o deus da matéria, eu sou teu ego mais baixo, sou a beleza da tua ilusão, aquela mulher, aquele homem, aquele carrão! Lúcifer, meu abnegado irmão, é você mesmo, preso na ilusão! Caído, perdido, lembrando aquele paraíso, pensando que existes, que teu eu é real! Lúcifer é o amor do sábio, o brilho no olho do mago, o mestre é o que tem a luz, é o anjo da luz! Mas te digo uma coisa agora e escute bem, eu não gosto de ninguém! Eu sou teu sonho, tua ilusão! Quando você olhar o outro e erradamente vê-lo como tua projeção, ao invés de vê-lo como tua irmã ou irmão, então saiba que estará brincando comigo! E que uma coisa fique clara... Comigo não se brinca, eu sou

cruel, rio, torturo, falo mal, te humilho no monturo do teu ego, eu te liquido!

– Tá, mas o que quer de mim?

– Te ajudar! Já disse!

– Mas ajudar com o quê?

– Te ajudar a proteger vocês e seu filho! Mas preciso apenas de uma prova de sua lealdade, para poder adquirir tão precioso mérito!

– Sabia que tinha golpe! Senão não era demônio, era santo! Diga o que quer de mim! Aliás, acha que preciso de sua ajuda?

– Quanta arrogância! Está se achando tão dono de si assim? Não esqueça que quem te deu a imortalidade fui eu! Eu posso tirá-la de você também! Ha ha ha! Você não mudou nada! Vou-me embora, pois sei que logo irá me procurar! Vim a você apenas para que saiba que os portões estão abertos para você! E quando vier a mim, minha parte cobrarei para que mereça o que lhe darei!



Começo a sentir novamente meu corpo, os ruídos de minha cabeça começam a cessar, e num reflexo levantei meu corpo da cama. Clara ainda está tomando banho, logo percebo que nada havia mudado, que o tempo não havia passado!

Clara sai do banheiro e se assusta com o jeito que me encontra.

– Que foi Carlos, parece que viu o demônio!

– Nada não Clara, estou apenas preocupado! Não sei quanto tempo ficaremos longe de Leon e seus capachos! Yan e Richard não deram mais notícias, estou me preocupando com eles também!

Agora fudeu! Não posso contar a Clara o que aconteceu! Ela vai achar que agora definitivamente pirei de vez! Vou tentar manter essa omissão até o momento apropriado! Ela que me perdoe mas por enquanto não comentarei nada!



ENQUANTO CARLOS TENTA esconder seus pensamentos, faço que não percebo o que aconteceu, que coisa, por que todos são assim? Até Carlos. Pensa que por eu ser mulher tem de me proteger. Sei que estive fora daqui, mas com quem estive não faço idéia. Tudo bem, se não quer confiar, que assim seja,

não vou ficar procurando por verdades nessa cabeça dura!

Prefiro antes acreditar em meus amigos verdadeiros, meus elementais, pois enquanto ele esteve fora, Paralda, rei das fadas, esteve aqui, Djinn, rei das salamandras, foi conciso em afirmar, Nikse, rei das ondinas, por elas falou e Ghob, rei dos gnomos, por todos jurou... Devo tomar cuidado, até com Carlos, pois agora podemos nos perder, e se preciso for que os invoque a todos três vezes e eles virão a meu socorro, a criança que trago em meu ventre é especial, então terão cuidados a mais, serão todos os guardiões de meu filho. Djinn chorou. Coisa difícil de acontecer. Pediu cuidado, que eu fugisse de Carlos, apesar de adorá-lo, sabia com quem estive, e não aprovava o que vira pela frente. Aisling, a deusa fada do amor, pediu-me cuidado com meu bebê e com Carlos, e tive a nítida impressão de ver a deusa sob a forma de Cerridwen, pronta para me ajudar...a fugir de todos os que agora me rodeiam. Algo muito ruim está para acontecer. Basta estar atenta e aí, sim, preparada para isso. Nunca antes tive motivo para

duvidar de meus amigos e Deuses, não será agora com presença tão distintas que irei duvidar ou questionar.

Se devo tomar cuidado com todos, inclusive Carlos, que assim seja. “Ai! Que dor insuportável é essa? Dor, como? Não deveria doer...”. Só percebo que estou sangrando quando me curvo sobre meu ventre...

“Não! Não quero perder meu bebê! Não pode estar acontecendo!”.

– Calma! – sussurram as fadas... – ele quer seu filho, não permita. Fuja! Corra, pois se você ficar tentarão tirar seu filho, não espere muito, fuja discretamente, mas fuja... Nós a levaremos até ela, e se for vontade de Carlos ele saberá nos encontrar, mas não antes de testar sua força, sua coragem e seu amor pelos dois. Calma, muita calma, isso irá passar, respire e deixe-nos ajudar.

Fecho os olhos e me entrego nas mãos das fadas. Sinto o sangue parar e meu filho acalmar, senti sua dor, senti sua tristeza por se afastar de seu pai. Não vou permitir que nada nem ninguém machuquem meu filho, isso juro por ele mesmo. No quarto percebo que Carlos está escondendo pensamentos. Que pena, eu também!

– Estou com fome Carlos, meu filho precisa que eu me alimente.

– Nosso, Clara! Nosso filho!

– Calma moço! Foi só uma forma de expressão.

Fico quieta, fecho-me também em pensamentos, o sono vem, como sair agora? Mas preciso, meu filho precisa.

– Venha cá Clara...

Olho para Carlos, vejo tristeza em seus olhos e não gosto disso, parece que algo muito errado vem por aí, mas isso

agora é com ele. Aproximo-me tensa, não estou muito confiante agora, não depois de tantos segredos entre nós. Carlos me abraça e oferece seu pescoço, não resisto e aceito sua oferta, aceito ser saciada mais uma vez por ele, talvez a última vez entre nós. Carlos talvez perceba isso, pois me abraça muito apertado. Não deixo que invada meus pensamentos, apenas procuro mostrar que ainda o amo, apesar de tudo. Que ele nunca se esqueça disso.

Acordo cedo, uma luz fraca invade o quarto. Percebo uma fadinha na porta. Carlos ainda dorme.

– Aqui, venha por aqui, agora!

Não penso duas vezes, saio num piscar de olhos, o sol está se pondo, arde um pouco minha vista, mas como é lindo! Como pude esquecer isso?

Sigo no ar minha nova amiga e paro no meio de uma densa ramagem, algo como arbustos e árvores emaranhados.

– Veja bem, é aqui que deverá vir. Aqui é solo considerado sagrado, aqui já foi lugar de descanso de muitos amigos que agora estão em outros mundos. Aqui ficará segura quando mais precisar, não se preocupe, aqui apenas humanos a encontrarão, mas não te farão mal algum, estarei aqui para instruí-los no que devem fazer. Entendeu? Agora volta!

Em mais um piscar de olhos estou na cama ao lado de Carlos, poderia ser sonho, não fosse a pequena folhinha entre minhas mãos.

Carlos acorda e está mais tenso, tento conversar, mas recebo apenas poucas respostas, e isso, além de me magoar muito, me deixa furiosa. Quem esse vampiro pensa que sou, ou melhor, quem ele pensa que é para me tratar assim? Esquece que sou Angelique, por isso mesmo deve prestar mais respeito?

– Vou até o carro Clara, quero ver se está em ordem, como pedi que estivesse.

– Sim milord! – respondo com uma reverência exagerada. Ele apenas levanta uma sobrancelha em resposta. Isso significa briga à vista.

– Tranque a porta. Isso se não ferir vossa alteza, milady!

Faço um vaso voar bem na hora que ele fecha a porta. Errei por pouco!

Passam alguns minutos das dezenove horas quando sinto sinal de outros vampiros, escuto passos femininos vindo em direção à porta. Dana! Ótimo, dessa vez seremos nós duas apenas. Está na hora de testar a Angelique dentro de mim, e convenhamos, com o humor que me encontro, é muito azar o dela decidir me enfrentar. Armo minhas defesas, fecho-me em escudo de luz, coisa mais simples do mundo, mas para ela... Nem tanto!

Abro o ferrolho da porta com um pensamento. Ela se surpreende, mas tenta disfarçar.

– Toc toc toc... Posso entrar Clara? – pergunta, com ironia.

– Deve – respondo, puxando-a pelos cabelos de longe mesmo, fechando a porta ao mesmo tempo, tudo com o poder de minha vontade apenas. Delícia isso!

Dana grita, tenta se levantar, mas hoje não. Hoje é minha vez de ir à forra. Como fez mesmo? Assim, me levantou no ar e jogou contra a parede... Assim. Outra vez... E mais outra, não me incomodo com objetos caindo das prateleiras próximas à lareira nem com o vaso de rosas tão belas espatifado contra a parede a meu lado.

– Vou levá-la até Leon Clara, mas porque ele quer matá-la, aí eu terei seu sangue. Será apenas alimento que gerará

vida em mim, serei eu a escolhida, palavras de meu Leon, sua vaca!

– Sério? Você e quem mais? Aqueles que tentam de todas as formas forçar a porta? Sinto, mas desta vez não será tão fácil, Dana, desta vez, você irá morrer, não eu. Quer ver como posso ser mais Angelique do que Clara quando quero? – rosno como resposta. Levanto-a mais uma vez no ar e ela resiste, mas ainda não é páreo para mim. Ratazana, medíocre como sempre.

– Como fez com a família de Yan, sua víbora? Arrancou seus dedos? Assim? – forço muito mais minha mente e Dana grita de dor quando três dedos de sua mão direita explodem. – Que foi? Não foram dedos? Opa, errei! Quem sabe não foi uma orelha? – mais um grito de dor, menos uma orelha e muitos palavrões misturados a maldições vazias. – Ora Dana, deveria esperar por algo assim, se podia fazer isso com meus gatos, por que não com você, uma ratazana de esgoto?

Ela tenta rebater, tenta me queimar, mas felizmente o escudo de luz a minha volta me protege, então não sinto muita dor. Apenas algumas agulhadas, e sinto que meu filho se agita, percebe o perigo. Chega de brincadeiras. Agora acabo com ela, essa bruxa de quinta categoria e vampira de sexta.

Uma bruxa má só pode ser presa pelo mal, então... Prendo-a num círculo negro, de luz negra e viscosa, dentro, somente espelhos, por mais que tente toda sua maldade somente retorna a sua dona. Procuro todo ódio que outra vez já senti por ela, nem seus gritos de dor e clemência fazem-me parar. Apenas uma vez meu coração falseia, quando ela jura cuidar de meu filho como se fosse dela. Redobro meu ódio e faço desse ser peçonhento uma pira de fogo, que

se extingue rapidamente. Fim de Dana! Espero que arda para sempre no inferno.

Leon sabe de meu filho. Preciso sair logo daqui. Onde está Carlos? Tiro do pescoço meu colar com meu ankh, deixo-o junto do travesseiro de Carlos e conjuro os elementais três vezes.

Não estou mais na casa, olho para trás e vejo quatro vampiros, um deles é Carlos, outro, Leon. Deixo lágrimas de sangue escorrer em meu rosto, enquanto sigo para o local combinado. Lá encontro uma cova aberta na terra fofa e úmida. Sei o que devo fazer.

Deito em silêncio, fecho os olhos e, chorando ainda, sinto a terra úmida cobrir meu corpo.

Acho que se passaram duas noites desde que deitei aqui. O sono veio, foi e veio novamente. Baseio-me nisso como contagem do tempo. A fome agora está apertando, preciso sair daqui, preciso achar minhas coisas e ir embora.

Volto caminhando devagar até a casa que Carlos alugou, será que agora lá é seguro? Vou descobrir em breve, o contorno da casa já está visível e as luzes estão acesas.

Não percebo a presença de outros vampiros, nem de humanos, apenas a presença de alguém me esperando.

Mas não é ninguém que conheço. Apenas uma mulher belíssima, com uma saia que esconde seus pés, apenas isso. Seus cabelos, longos e negros, vão até quase a cintura. Muitas pulseiras, muitos colares que, pela aparência, são de valor incalculáveis. Muito linda essa mulher, muito linda mesmo. Chego a esquecer que corro perigo de tanto que sua beleza me impressiona... Seus olhos têm um quê de verde e de azul, não consigo definir.

– Olá, chamo-me Messalina, ou para você, apenas Me. E sei que anda precisando de ajuda, aliás, pelo que vi por aqui, muita ajuda mesmo!

– Quem a avisou? Como sabe disso? Você é a amiga de Yan? Por favor, não posso arriscar mais do que estou arriscando...

– Sim, sou amiga de Yan, mas não foi ele quem me enviou, venho quando sei que precisam de mim, e fique tranquila, pois comigo aqui ninguém poderá fazer mal nem a você nem ao encantado que você traz no ventre.

– Como posso ter certeza? Como posso confiar em você? Se até o pai de meu filho me decepcionou? Justo ele, a única pessoa a quem confiaria minha vida de olhos fechados! Quer saber? Isso dói muito, saber que nem com quem você tem algo especial...

– Calma Clara, tem muita coisa que você ainda não sabe, coisas muito sérias para você ficar choramingando agora. Quer saber se pode confiar? Quem você acha que enviou a fada ao local onde nem Leon nem ninguém te acharia? Por que, enfim, você teve um sono reparador do qual tanto necessitava? E por favor, minha querida menina, vá tomar seu banho. Homens e vampiros não entendem a ligação que mulheres e algumas vampiras têm com a água, principalmente vampirinhas bruxas.

Enquanto caminho para o banheiro, sinto que posso confiar nessa mulher misteriosa, algo me diz que ela será a ponte que tanto preciso para proteger meu filho... Meu filho e de Carlos... Sinto lágrimas subirem novamente do coração aos olhos, mas respiro calmamente, procuro não chorar de novo. Não mais.

Encho a banheira com água quente, espalho olho de jasmim e tiro essa roupa imunda, deixo no chão mesmo, depois jogo fora. Tudo isso acontece enquanto Me apenas observa meu jeito, meus pensamentos e sentimentos, pois sei que sabe exatamente o que sinto e o que penso.

– Sim, é verdade. Mas não faço isso como uma forma de invasão, nem por curiosidade, faço porque isso é natural em mim, como pra você é natural ser apenas Clara, e não Angelique.

– Então enfim alguém compreende o que sinto, sabe como é difícil aceitar ser outra pessoa quando tenho sentimentos próprios. – respondi, assustada com a resposta imediata no momento de meu pensamento.

– Sim, eu entendo, mas deve saber que Angelique também sofre com isso, ela está presa em você, querendo finalmente viver, mas você não deixa, então ela sofre. Respeita, mas sofre aí dentro. Só se permite aflorar quando você, Clara, está precisando dela, quando tem de se alimentar ou tem de se defender, como fez hoje com aquela a quem você prendeu entre dois mundos, aqui você a queimou, mas a enviou entre o mundo da magia e o mundo da realidade. Pobre infeliz, bem que mereceu.

– Sinto isso! Sinto como se duas pessoas distintas habitassem o mesmo corpo!

– Não. Nem pense semelhante tolice. Vocês duas são apenas uma, mas você tem de aceitar quem foi antes, ou não conseguirá viver muito mais.

– Pra quê? Para viver fugindo de um idiota e viver apenas matando, sem ao menos ter o direito de sentir prazer com quem eu amo?

– E o filho que agora carrega? Não tem o direito de ser protegido e amado por você? Não tem o direito de ter você inteira, completa, pronta para defendê-lo, amá-lo, e aceitá-lo como ele vier a ser?

– Mas...

– Deixe-me terminar, depois você fala, sim? E que direito terá você de reclamar, se por sua culpa ele deixar de existir? Deve permitir que Angelique e você sejam uma só pessoa, não deve nunca separar, ou enlouquecerá e perderá seu filho. Só poderá ter tudo o que deseja, e isso inclui o pai da criança e seus amigos, se assim fizer. Que me diz, quer ou não minha ajuda para poder seguir e enfrentar o que tanto tem medo?

– Como faço isso? Como posso conseguir? As fadas disseram que devo fugir de todos e de tudo, que estou correndo muito perigo. Djinn esteve chorando! Sabe quanto dói para um elemental do fogo chorar? Como é triste ver isso?

– Sei sim. Sei de tudo, esqueceu? Claro que é triste, mas não é nunca definitivo, com não são os dias ou as noites. Sim, eles estavam certos, mas porque sabem a prova que Carlos terá de passar, você não. Você deve se preocupar agora em cumprir sua parte nisso tudo. Depois sim, deve se preocupar, mas somente se Carlos não conseguir cumprir a parte dele. Não será fácil, te garanto, mas isso é com ele, não com você. Se ele decidir pelo mais fácil, aí será apenas você e o bebê. Se ele realmente conseguir manter o amor que tanta jura sentir, aí sim serão três. E então, está pronta para começarmos o que deve ser feito?

– Com você junto, sei que será mais fácil, obrigada por vir ao meu encontro. Obrigada Me, por decidir me ajudar e

proteger! Saiba que terá em mim uma amiga pra toda eternidade!

– Ótimo. Estarei na cozinha te esperando. Saia dessa água logo que estiver pronta, não se apresse, só vá quando realmente quiser começar uma nova etapa de seu destino!

Fico mais um pouco sentindo o calor da água, pensando em tudo que escutei e que sei ser verdade. Saio do banho mais relaxada, mais calma, talvez com um pouco mais de esperança de que tudo isso tenha um final feliz. Penso em Carlos, sei que está bem, mas tranco meus pensamentos e sentimentos. Não quero que saiba onde estou. Pelo menos por enquanto. Ajunto a roupa que virou trapo e jogo no lixo, sem nem me importar qual seja, aliás, não lembro nem a cor que era.

Na cozinha encontro Me, em frente à mesa, sentada e entoando algo que mesmo com minha audição vampírica não consigo escutar. Apenas observo, e percebo enfim que tudo vai ficar bem. Aproximo-me lentamente dela, que com um gesto me convida a sentar no chão a seu lado. Ela está sentada em milhões de pétalas de rosas, todas vermelhas! Isso é lindo de se ver. Ela percebe meu agrado e sorri em resposta. Ainda me impressiona sua beleza. Não deve ser desse mundo. Não pode. Nenhuma mulher tem tanta beleza assim.

Ela estende um cálice em minha direção, dentro um líquido verde-escuro. Com gestos manda que eu beba.

– É amargo demais! Horrível na verdade, algo difícil de engolir, mas necessário, sei disso.

– Sim minha amiga, amargo como são todas as tristezas, horrível como algumas verdades, e terrível de engolir

como a própria morte e a nova vida. Mas sim, é necessário, como você bem já percebeu...

Meu corpo amolece, sinto muito sono, mas algo bom, não como quando durmo normalmente, é um sono leve, morno...

– Aqui Clara, você juntará Angelique a seu coração, juntará o ontem e o amanhã, unirá a sensibilidade que possui com a firmeza de Angelique, aqui começa um círculo eterno, onde uma fará parte da outra, sem fim nem princípio. Toda maldição será das duas e todas as bênçãos também, o que antes era separado se faz agora junto. O que uma sente a outra também, agora são, enfim, uma, nesse mundo e além...

Meu último pensamento antes de finalmente adormecer é “meu amor, por onde anda você?”.

Acordo horas depois, calma, mas diferente. Mais realista, mais confiante. Messalina está olhando pela janela, mas sabe que acordei, mesmo não tendo feito o menor ruído, ela sabe.

– Sabe qual acordo Leon tem que tanto precisa de você Clara?

– Imagino ser um pacto com algum demônio, algo assim... Imagino que precisa de mim, na verdade, mas que não me ama tenho quase certeza, ninguém pode amar assim. Não aceito a idéia de um amor que só faz prejudicar outros.

– Mas é amor! O amor dele! É assim que ele sabe amar, apenas isso. Ele sofre por você não amá-lo. Ele odeia Carlos por isso, como se Carlos fosse culpado de ter seu coração. Mas isso não se aplica a você, na verdade ele adora tudo o que você sempre foi e sempre fez. Até mesmo o que fez com a amante dele, ele adorou, ele sabia que iria acontecer. Ele é muito forte e sabe disso, sabe que se você for enfraquecida o

bebê não vingará. E sabe também que você engravidará novamente. Serão mais do que pode imaginar, não é apenas um filho que terá. Em algum tempo frente terá outro, mas será uma menina. Mais uma bruxinha a caminho – diz sorrindo. – Ele quer ser pai dessa criança, mesmo que para isso tenha de matar esse menino que agora carrega dentro de si, como um leão que não pode aceitar a cria de outro. Para ele equivale a voltar ao inferno, e olhe Clara, ele esteve lá. Desafiando o próprio demônio. Quis um acerto de contas com antigos. Mas eles lhe viraram as costas, nada mais podem fazer... O amor imperou nesse caso e com isso eles não contavam. Com um amor puro feito em vida, e não na morte. Com isso não contavam mesmo! Fugiu do controle deles, agora tentarão assumir novamente esse controle através de Carlos. Dependerá apenas de ele aceitar e permitir isso, ou não. Mas você terá de parar Leon. De alguma maneira terá de pará-lo. Ou não terá paz nunca mais. Ele jurou ter você e deve prestar atenção nessa ameaça. Se não a levou ainda é porque vacilou, ficou com medo de ser odiado outra vez, apenas isso. Mas, quando perceber que seu amor por Carlos não é apenas uma fantasia, não vacilará mais.

– Como farei isso? Como posso parar alguém como ele? Fica difícil alguém fazer isso com um vampiro tão poderoso!

– Você conseguirá, na hora certa, sua palavra será decisiva, pode esperar e acreditar.

– Mas e Carlos? Onde anda? Por que não voltou aqui para me buscar?

– Ele não sabe que você está aqui, está te procurando muito longe, porque assim eu quis, ele não sabe disso, mas está fazendo o que eu quis que fizesse. Ele não pode encon-

trar você agora. Deve primeiro parar de brincar com fogo, deve aprender uma dura lição e só depois disso vocês irão se encontrar. Não há outro jeito, sinto muito. Siga normalmente seu caminho Clara. Pense, analise o que deve fazer. Trarei seu amigo Carlos para você não se sentir sozinha, mas Yan deverá estar com ele. Eles são amigos, então nada mais justo que passem certo tempo juntos.

– Tenho fome, devo sair, você se importa Me? Devo alimentar meu filho.

– Vá até a cidade, não pedirei que se cuide, agora sei que não é mais necessário. Mas, quando voltar não estarei mais aqui. Estarei apenas observando, e se preciso for, voltarei a ter com você.

Abraçamo-nos como amigas, pois ela é a minha amiga mais querida, sei disso agora. Um ser encantado e encantador. Alguém que guardarei pra sempre em minha memória e em meu coração.

Saio e olho mais uma vez para trás, dessa vez não existem lágrimas escorrendo.

Bem no centro de Dublin, vejo-me parada em frente a uma loja gótica, mas nada ali me atrai, ando sem ter aonde ir, apenas procuro minha próxima vítima, dessa vez sem medos nem culpas, agora sou apenas uma predadora atrás de uma presa em potencial... Não é difícil encontrar, afinal, são tantos os pensamentos e emoções que vêm ao meu encontro, que sei onde e quem pegar. Escolho uma mulher mais velha e um rapaz recém-saído de uma puberdade, mas que já sabe matar e está pronto para morrer. Que seja feita sua vontade. Algo tão rápido que nem percebe o que está acontecendo. Seu último pensamento foi “O quê?”.

A mulher, em compensação, é alguém que vai morrer de qualquer jeito, ou por minha mordida ou pelos comprimidos que pensa em ingerir. Quer morrer, a dor que traz dentro de si é muito grande, foi trocada por outro amor, mas desta vez foi um homem que roubou seu marido. Mesmo sem fome, decido matá-la. Não merece sofrer desse jeito. Meio patética essa forma de piedade, sei disso. Mas fazer o quê? Sou apenas mais uma vampira.

Sinto falta de Carlos, sei que não devo pensar nele, mas nada impede que meu coração o chame, talvez seja isso mesmo que estou fazendo nesse momento. Em pensamentos declaro um poema triste...

Escondido e traiçoeiro esse amor brotou em mim! Por que se agora sofro e não consigo te esquecer? Pior que isso, em tudo e todos só vejo você... Quero a distância mais absoluta, quero o silêncio mais profundo, para poder enfim desabar todo amor que trago encolhido em mim. Quero a paz escondida que antes tinha em seus braços. Agora, quem sabe, longe de você, possa talvez enlouquecer. Fujo da vida que conheço, fujo de todos que me conhecem, a vida apenas começa, posso tentar esquecer. Quero o esquecimento de qualquer maneira, quero de novo ser apenas eu, inteira... Chega de misturas, chega de pensamentos! Com você conheci a mais fina doçura, mas também todos os tormentos. Choro quando lembro de teus olhos, choro quando vejo teu sorriso, quero esquecer tudo isso, de onde tiro a paz que tanto preciso? Vem atrás, não importa... Longe de você, tanto faz... Agora sou apenas isso, uma alma novamente morta!

Melhor seguir em frente, antes que chame todos os vampiros solitários que existem neste mundo! Carlos estava errado em afirmar que vampiros não amam. Sou a maior prova de seu engano.

Volto ao centro comercial que ainda está aberto, procuro por roupas que me sirvam no momento, interessante como o preto se faz presente em nossas vidas, tento variar, sair da rotina sombria, escolho cores distintas, algo entre verde e vermelho, mais ainda assim tudo lembrando à primeira vista o preto, pois as tonalidades são bem escuras.

Decido fazer algo que me distraia e não me faça pensar em Carlos, então, fecho meus olhos e penso em Richard, meu amigo. Peço que venha até a casa onde estou, mas que seja em silêncio, com a máxima discrição, pois nem Yan nem Carlos devem saber onde estou. Mas, por vias das dúvidas, procuro uma agência de viagens e decido reservar dois lugares no próximo voo a Paris. Isso será amanhã à noite.

Ligo para uma amiga que mora lá e peço que reserve um pequeno chatô que tem nas cercanias de Paris. Volto para casa, mais forte, alimentada e sabendo que Richard já se encontra me esperando...



ACORDO E NÃO VEJO CLARA, penso nela e não a encontro... O que aconteceu? Tem algo errado no ar! Muito errado... Ontem à noite, eu senti que seria a última vez que a veria! Maldito! Será que ele esteve aqui? Mas não sinto o seu cheiro fétido...

– Calma meu amigo! – diz Yan, com um tom sereno em sua voz. – Ela precisou sair, não sei pra onde foi, mas sei que saiu na companhia de um ser iluminado. Escutei algo como ir ao encontro de Messalina!

– Do que você está falando Yan? Que Messalina é essa? Aquela sua amiga de quem já havia falado. Sim, mas quem é ela?

– Messalina é um ser especial, vive em outra dimensão... Digamos que seja um guia espiritual! Ela sempre aparece para ajudar aqueles que necessitam! Se Clara foi ao encontro de Me, não se preocupe, pois está muito bem!

– Não sei Yan, tem algo errado! Clara está grávida!

– O quê? Não pode! Como assim, grávida? Desde quando vampiras engravidam?

– Desde que transe com um mortal!

– Ha ha ha... Vampiro chifrudo é a primeira vez que escuto falar!

– Olha o respeito quando fala comigo! Está muito atrevido! E o mortal neste caso era eu, antes de me transformar no seu criador!

– Calma véio... Só estava zoando! Não precisa se emputecer assim, cadê aquele seu senso de humor?

– Tornou-se humor negro, igual ao seu corpo miserável quando eu incinerá-lo à luz do sol se continuar com esse jeito!

– Ok milord, humildemente peço perdão! – responde Yan com ares de ofendido.

– Também não precisa de tanto seu anta... Você também vem com umas coisas nos momentos errados, quando eu estou mais puto! Mas, já passou... E vem cá... Como eu estava te contando, Clara está grávida e Leon a quer para matar essa criança! Não sei o porquê ainda, mas você não vai acreditar!

– O quê? Fala!

– Eu conversei com o demônio e ele propôs ajudar-me em troca de um favor, que eu não quis nem saber! Mande-o picar a mula!

– Você pirou? Como assim conversou com o demônio? E se conversou, como mandou ele vazar assim?

– Não posso te contar mais detalhes, só sei que aconteceu assim! E cadê o Richard?

– Ele disse que ia dar uma volta e depois voltaria!

– Quer saber, eu vou sair por aí, pra ver se acho a Clara, ela está com um filho nosso e não tô gostando dela sozinha assim por aí! Fique aqui, e se souber de algo me fale!

– Tudo bem, pode deixar, general!... Brincadeirinha...



CONFESSO QUE FIQUEI impressionado com Dublin. Uma cidade grande, mas com aspecto de cidade pequena. A cidade é linda, com vários bosques que guardam eternos segredos de seus passados. Algumas arquiteturas góticas chamaram-me a atenção, principalmente o Castelo de Malahide,

rodeado por mais de cem hectares de terreno coberto por parques, e foi uma fortaleza e residência privada durante quase oitocentos anos.

Nos arredores de Dublin existe uma cidade chamada Belvedere, no condado de Westmeath, que conta um passado interessante. No século dezoito residia nesta cidade Robert Rochfort, Lord Belfield como era conhecido, ele passou a viver lá depois de sua esposa, Mary, admitir ter uma relação amorosa com Arthur, seu irmão mais novo.

Arthur fugiu do país, mas Mary não teve a mesma sorte, então Lord Belfield encarcerou-a na casa onde viviam e foi viver em uma vila ao pé do lago, em Belvedere, a oito quilômetros de distância. Mary permaneceu encarcerada durante trinta anos, enquanto seu marido se divertia e esbanjava todo o seu dinheiro dando grandes festas e construindo uma paisagem pitoresca na sua propriedade de sessenta e quatro hectares. Aí construiu diversas *follies*, incluindo a maior ruína falsa da Irlanda, o chamado “Muro Ciumento”.

Consta que ele construiu esse capricho gótico de três andares para esconder a vista da casa do outro irmão, George, com o qual discutira.

Belvedere situa-se na Midlands, num pequeno desvio da estrada de Dublin com Galway, e é um entre as centenas de jardins inspiradores espalhados pelo país. No Jardim Botânico Nacional, em Glasnevin, a arquitetura paisagística maravilhosa funciona como um espaço verde de boas-vindas, onde os naturais de Dublin vão fazer uns passeios, almoçar ou abrigar-se numa das muitas estufas. Na capital também se encontra o jardim Dillon, onde Helen Dillon, uma eminente jardineira, recebeu a medalha Veitch Memorial da Royal Horticultural Society e criou um espaço denso de plantas raras e selecionadas, dispostas com arte, de maneira meticulosa e incomparável.

Mas, no meio de toda essa beleza misteriosa, meu pensamento estava apenas em um lugar que não sei onde, mas sei em quem... Encontrar Clara! Meu corpo arrepia neste instante, sinto uma pressão em meu peito e percebo que está na hora de comer! Procuro a primeira pessoa que cruzar o meu caminho, por sorte era um jovem de uns vinte e três anos, forte e saudável... Chamo-o com educação, como se fosse lhe perguntar algo... Ele se aproxima, e antes que percebesse, já estava em seu pescoço sugando-lhe seu viscoso, quente e precioso sangue! Alguém se aproxima, conheço esse cheiro! Só uma pessoa pode cheirar a cocô de cavalo. Eduardo! Olho pra trás e ouço sua voz:

- Vamos dividir esse banquete?
- Que excelente hora para aparecer! Não poderia ter existido hora melhor!

– Vim aqui apenas para dizer que será inútil sua busca por Clara, pois McLeondy já pediu para Dana visitá-la!

Olho para Eduardo, mostro-lhe meus dentes, largo o jovem quase ressequido no chão e, em uma fração de segundos, estou com a garganta de Eduardo entre minhas mãos!

– Cala essa tua boca, infeliz puxa-saco! Agora que está sozinho, posso acertar uma dívida com você. Lembra?

Antes que ele dissesse algo, pressiono ainda mais sua traquéia e, imobilizando seus movimentos, cravo-lhe os dentes e começo a sugar seu sangue, como um beija-flor sugando a seiva de uma flor... Rasgo-lhe a garganta com minhas unhas e deixo-o se contorcendo no chão. Não falo nada, apenas observo-o morrer com um grande sorriso em minha face! Escuto um pequeno ruído em minha cabeça, como se fosse um rádio fora de sintonia... Penso em Leon e o barulho aumenta... Logo percebo que o sangue desse infeliz serviu-me para alguma coisa, agora posso localizar Leon sem que ele perceba, pois o sangue de seu capacho agora também corre em meu gélido corpo. Volto para a casa onde estamos e arrumando minhas coisas, digo a Yan:

- Vamos a Paris! Agora eu pego aquele desgraçado!
- Mas Carlos, e a Clara, você não ia atrás dela?
- Não adianta, encontrei com aquele verme do Eduardo e ele me falou que Dana foi visitá-la ela. Essas foram suas últimas palavras antes de ter cortado seu pescoço com minha unha. Então, suponho que Clara, do jeito que é, destruiu a infeliz da Dana e está partindo para Paris, onde Leon deu como referência.



CHEGO À CASA COM MAIS ânsia de rever meu amigo... Abro a porta, ele está me esperando ansioso.

– Olá amiga. O que está acontecendo? Senti um chamado em meu coração e tive de vir. Nem comuniquei minha vinda a nenhum dos dois, ambos estão te procurando. Aliás, apenas sugeri

a Yan que logo voltaria, e quer saber? Acho que estou maluco, mas algo está vindo em minha cabeça e sei ser verdade. Preparada para péssimas notícias? Tanto Carlos como Yan estão assustados, pois parece que Carlos andou tendo uma conversa com o demônio!

– Então é isso? Por isso meus amigos fizeram questão de me afastar de Carlos.

– Nem eu sei direito, mas venha, vamos caminhar que acabo de explicar o que anda acontecendo por aqui.

Enquanto caminhamos pela extensa floresta que faz margem com o jardim de Richard tento contar detalhadamente o que ocorria.

– Tudo começou quando fui pro meu banho...

Descrevi o mais acertadamente possível o que havia acontecido. Conversamos tanto, que quando percebemos estávamos de volta, dentro da casa.

– Temos de sair daqui então Clara. Pena, o lugar parece agradável para mim. Mas, me diga amiga, quer ir para onde?

– Sinto, mas vamos para Paris! Bem sabe que não precisa vir junto, que não tem essa obrigação.

– Imagina se vou deixá-la minha amiga! Esquece que somos amigos de verdade? Jamais deixaria você sozinha nesse momento, se quer ir a Paris vamos, o que acontecer será questão do destino.



PARIS, CIDADE LUZ, SEMPRE bela, uma noite agradável, um vento morno. Mas apenas uma conexão. Estamos seguindo primeiro ao chatô de minha amiga. Fica em Mègeve, uma vila linda nas montanhas francesas.

Em Megève, se a tentação não for os quatrocentos e cinqüenta quilômetros de pistas esquiáveis a uma altitude de dois mil, quinhentos e vinte e cinco metros, há sempre a possibilidade de tentar a sorte no Cassino, dar um passeio de trenó ou a cavalo, de avião, helicóptero ou em balão de ar quente, jogar uma partida de golfe nos dezoito buracos de Mont D'Arbois (dependendo da época), partir para uma escalada ou apenas percorrer a montanha num passeio agradável.

A combinação de um ambiente elegante e sofisticado, sem no entanto perder o charme e a personalidade. Esta pequena aldeia cresceu ao redor da sua igreja matriz, com ruas e ruelas onde hoje estão inúmeras butiques, joalherias, antiquários e galerias de arte. Embora com um passado agrícola, é hoje tradicionalmente uma povoação de montanha, vila chique, mas principalmente estância de prestígio, habituada a receber famílias de sangue real e nomes sonantes do mundo do espetáculo e da política. Sua fama passou além, fronteiras e chegou também a Portugal, dada sua proximidade com Genève, que é um destino muito procurado pelos

esquiadores nacionais. Como poderia não sorrir diante de tamanha beleza?

Richard conhece o caminho, então resolvemos ir de carro, e ele tenta no percurso, que não é tão longo assim, me distrair. Fala bobagens como estar pensando em passar na Place Vendôme em Paris para procurar algumas joalherias e “pegar” jóias que sabe serem divinas. Não acredito nisso!

– Mas, Clarinha! Pensa bem, que graça tem sermos vampiros pobres? Esquece que nem eu, você, Carlos ou Yan estamos trabalhando? Além do que, sou um colecionador compulsivo, e deve saber, anjo, que nenhum colecionador resiste a um esqueminha básico.

– Não acredito Richard! Você, o corretíssimo rapaz que nunca faz nada errado! Quem diria...

– Sim minha amiga, não sou santo nem nunca fui! Uma vila na Riviera, uma quinta em Portugal... A idéia me atrai muito! E se você tiver uma menina... Poderemos fazer dela uma princesa...

– Um menino Richard, estou esperando um menino!

– Pena, mas mesmo assim faremos de seu filho um príncipe, então!

Penso no pai dele agora. Sinto falta de seu cheiro, de sua voz. Tínhamos de brigar assim?

O lugar é agradável, nunca antes percebi como pode a neve cheirar tão bem! Faro de vampiro? É possível, pois da outra vez que estive aqui estava muito triste, pois havia acabado de sair de um relacionamento horrível, onde apenas um dos lados chorou: o meu.

Mas desta vez sinto-me em paz. Richard, como sempre prestativo e falador, foi entrando e insistindo em ir até um dos restaurantes do lugar.

– Clarinha, leve seu tempero para que possamos ao menos sentir algum prazer por aqui, pela baixa temporada torna-se praticamente inviável nos alimentarmos aqui.

– Vá você, Richard, prefiro descansar!

Richard sai, e rapidamente. Parece ansioso, mas com certeza está com vontade de conhecer amigos novos. Ele sempre foi assim, não resiste a uma boa sedução.

Sinto um cheiro diferente por aqui, algo conhecido, vampiro! Decido investigar, mas antes procuro fechar minha guarda, nunca se sabe qual o tipo do vampiro presente.

A lua está minguante ainda, mas a noite parece mágica, talvez pela neve, talvez pelo meu olhar vampírico. Não sei ainda. Subo. Para mortais, isso só seria possível pelo teleférico, mas pra mim é simples, basta subir, não andar, apenas subir... Aqui em cima o mundo parece suave, sem motivos para me machucar, nem para pensar em tristezas, o vento gela ainda mais minha pele, um arrepio na nuca mostra que não estou sozinha.

Olho para trás, um vampiro se aproxima, seu semblante me traz calma, não quer briga ou confusão, apenas procura companhia. Que venha então, nem sempre é bom ficar sozinha com meus pensamentos, pois uma raiva nova começa a surgir em meu coração, algo pequeno ainda, mas que vai tomar proporções maiores, disso tenho certeza. Essa raiva começa a ser dirigida a Carlos.

– Fala alemão senhora?

– Entendo alemão senhor, mas, não gosto de falar não, prefiro usar minha própria língua. Mas, que importância tem isso para nós? Usemos apenas a linguagem do pensamento. Como se chama?

– Chamo-me Nikolas, e você, se me permite tamanha intimidade?

– Prefere meu nome de batismo ou meu nome de vampira?

– Aquele que quiser minha bela, isso você decide.

– Então que seja, pra você, Clara, mas se preferir pode me chamar de Angelique.

– Conheci uma Angelique, mas foi há muito tempo e de passagem diga-se, pois era senhora de um amigo meu. Então não me aproximei muito dela. Era, digamos, perigoso demais.

– E por acaso, como se chama esse seu amigo perigoso? Leon talvez?

– Sim, ele mesmo. Conhece-o?

– Infelizmente. Mas falemos de coisas mais agradáveis, de onde você vem Nikolas? E o que faz por aqui? Está sozinho?

Rindo, Nikolas contou-me sua história, disse vir da Suíça, estava apenas passeando, pois não agüentava mais a solidão de seu castelo, onde vivia apenas com alguns empregados de muita confiança, disse ainda querer reconhecer o mundo, fazia muito tempo que não saía, muito mesmo. Quase quarenta anos!

– Como pôde ficar confinado tanto tempo? Como não enlouqueceu?

– Minha bela, a verdade é que trago o coração ferido, pois faz exatamente quarenta anos que perdi a quem mais amava no mundo, ela se encontrou com a doce luz do sol. Tirei seu maior sonho quando a trouxe para a eternidade, tirei-lhe o direito de ser mãe. E hoje quase desejo o mesmo fim que ela, mas ainda não é a hora certa.

Fiquei imaginando mais uma vez como seria bom se meu companheiro na eternidade ouvisse isso. Mais um a contrariar a idéia de que vampiros são incapazes de amar.

– A que ponto um vampiro pode chegar por um amor, Nikolas? Sabe por acaso responder a isso?

– Tens a alma ferida Angelique? Desculpe-me, mas sinto isso em você! Mas como, se noto que foi recém-desperta? És muito jovem para isso. Traz consigo um amor por um mortal talvez?

– Jovem? Não sei se já fui jovem algum dia, e, sim, trago um amor mortal dentro de mim. Mas não sei mais se esse amor é um presente ou apenas um castigo, pois agora nem mesmo nele confio, e tenho minhas razões para isso. Sinto mas não quero dizer mais nada sobre isso. Mudemos de assunto, por favor.

– Sabe que aqui já foi um dia uma estância de esqui rival a St. Moritz? E que havia mesmo nas noites mais geladas bailes espetaculares? Era divertido ver as senhoras todas empertigadas, mas não sabíamos bem se era porte ou frio mesmo, pois todas seguiam à risca a moda da época, e Deus as ajudasse se uma delas não estivesse dentro do limite aceitável imposto na época...

Assim conversamos por mais de uma hora, e quando por fim a conversa serenou o ânimo dos dois, nos despedimos, marcando ao acaso um outro encontro, sem data especificada, pois ambos sabemos que isso é muito incerto em nosso mundo.

Voltei ao chatô e encontrei um Richard com cara de culpado, como se tivesse algo muito sério a me contar. Preparei-me para mais uma bomba.

Firmei o pensamento e soube na hora que ele havia estado com Yan. Simples assim. Disse que estava apenas pensando e de repente estava lá com ele. A amizade entre os dois era algo que crescia a cada momento. Então, nada mais natural que sentisse vontade de estar com Yan. Mas e eu? Estarei agora em perigo novamente? Será que Yan seria capaz de me entregar para Carlos? Torço para que seja tão meu amigo como é de Carlos, ou estarei em uma bela enrascada.

Volto da porta mesmo, saio irritada e nervosa, pronto, agora sim! Como diria Carlos, tô ferrada! Procuro nas sombras qualquer vestígio de mais um perigo, sinto em meu ventre uma agitação, uma pontada talvez. Não, isso foi um chute de meu filho! Paro fascinada com essa demonstração de vida dentro de mim. Uma sensação de paz vem ao meu encontro e, junto, uma sensação de perda, algo tão dolorido que retiro minhas mãos da barriga e finco as unhas em minhas próprias mãos. Sinto ficarem úmidas, consegui me ferir sozinha. Sinto muito a falta de meu companheiro, do meu amor. Mas sei que agora estamos nos perdendo, não temos espaço um para o outro em nossas brevidades, e sempre por culpa de outros. Será que essa dor toda vale esse sacrifício? Será que não seria muito melhor entregar, como fez a esposa de Nikolas, a vida nas mãos do sol?

– Por que não desisto de tudo e me entrego a Leon? Por quê? Talvez assim consiga transformar essa dor em apenas um enorme nada. Talvez exista com Leon alguma maldição que leve para longe esse sentimento todo. Afastei-me uma vez de Carlos, e se precisar afastar-me definitivamente.

Vou a Paris amanhã à noite. Levo Richard, se perceber que vai por sua vontade, mas isso apenas se tiver certeza

absoluta que posso confiar nesse meu amigo trapaceiro, que agora está de conchavo com o outro.

Perdida em pensamentos, escuto uma voz ao longe, e só então percebo que estava sendo observada!

– Está triste cherry?

– Quem é você para se dirigir a mim, com tamanha impertinência?

– Calma, desculpe minha invasão, mas não pude deixar de reparar em sua tristeza! Meu nome é Nell! Sou um vampiro vindo de uma família distante, de um clã não muito conhecido! Não gostamos de popularidade.

– E o que te atraiu em mim, além de minha tristeza?

– O fato de ser um amor mortal transformado em imortal!

– Como sabe?

– Eu sei de muitas coisas desta e da pós-vida... Gosto muito de observar e estudar as pessoas e os vampiros! Qual é seu nome?

– Clara!

– E me diga uma coisa Clara, será que esse amor é merecedor desta tristeza?

– Isso não vem ao caso para você, que nem sei quem é!

– Calma, só quero ajudá-la a entender o que está acontecendo! Sua tristeza apenas me sensibilizou, se é que como um vampiro permite-me sentir tal sentimento!

Nell foi se mostrando confiável, e conversamos por várias horas, à medida que conversávamos, ele ia me mostrando coisas que eu particularmente não havia percebido! Coisas que, de tristeza me dava ódio de Carlos. Ódio, pelas vezes que me tratava como uma criança desprotegida... Ódio das vezes que não me contava seus descobrimentos...

O tempo foi passando e resolvo me despedir desse novo amigo e retornar ao chato. Agora mais calma posso tentar ter um pouco de sossego!

Richard mal espera eu entrar e vai logo disparando sua munição:

– Com quem esteve conversando esse tempo todo?

– Oras, com ninguém! Aliás, com um novo amigo que conheci, o nome dele é Nikolas, contou-me de sua história romântica, porem trágica... Se quiser depois eu te conto, mas agora vou me deitar, estou exausta.

– Não minta Clara, você não estava com esse tal Nikolas até agora! Com quem esteve?

– Como assim, com quem esteve? Deu pra me controlar agora? Já disse que estive conversando com Nikolas!

– Clara, se não quer me contar é opção sua, mas eu preciso te dizer uma coisa! Carlos esteve aqui! Disse que iria respeitar sua vontade de não querer vê-lo, por isso não iria falar com você!

– Como assim Carlos esteve aqui? Sabia que Yan ia abrir a boca! Aquela traíra!

– Calma Clara, Yan não sabe de nada! Carlos esteve aqui porque você corre perigo. Ele disse que você estava conversando com um tal de Nell! Ele estava tentando sentir sua energia na hora em que vocês estavam conversando! Pedi pra dizer que não gostou nada da energia desse sujeito! E que era para tomar cuidado!

– Cuidado! Sempre a mesma história! E agora ele deu pra bisbilhotar o que eu faço ou deixo de fazer? Isso pra mim é ciúmes, ciúmes de saber que existem outros vampiros agradáveis também!

– Que ciúmes, Clara? Não diga bobagens, eu mesmo vi a sua cara quando entrou por aquela porta! Estava com uma tremenda cara de bunda!

– Olha o respeito! Cara de bunda é a... Deixa pra lá, não vou ficar aqui discutindo com você, vou me deitar e amanhã estarei indo a Paris, se quiser vir bem, se não, faça o que preferir... Mas não venha defender quem não precisa de defesa!

Deitada, começo a pensar nas coisas que disse a Richard... Como pude ser tão grosseira, de onde veio toda aquela raiva... Não entendo!

Tem algo errado aqui, mas o quê? Quer saber? Não deve ser nada, apenas ciúmes mesmo. Posse, por outro macho ter se aproximado talvez? Com esse último pensamento, decido pedir desculpas a Richard amanhã à noite.

Acordo bem, um pouco triste, mas ultimamente isso está se tornando normal. Desde que Carlos decidiu manter seus segredos, sua vida a parte. Mas uma vez uma raiva cega me vem ao coração.

– Richard! Vem cá depressa! Conte-me de novo essa história de Carlos. Ele está bem? O que contou? E por que não me esperou? Muito ocupado novamente para mim?

– Clara! O que está acontecendo com você, por acaso enlouqueceu? Você e Carlos sempre foram unidos demais sabe disso, vocês deveriam conversar ao menos. E quer saber? Não falo nada do que quer até melhorar esse humor horrórico! Nem tente invadir minha mente vampirinha, pois aprendi a esconder o que penso tão bem quanto você. E tem mais uma, sou tão amigo seu quanto de Carlos, não os quero brigando, e não vou ficar no meio do que sei ser uma enorme bobagem. Se quiserem ficar de birra, problema de vocês,

mas isso somente fará com que Leon se fortaleça. E sua amiga', a dona do chato, ligou enquanto estávamos descansando, pediu pra falar com você disse ser urgente.

Fico de boca aberta com a explosão de Richard, ou estou ficando doida, ou ele.

– Certo, vou ligar pra ela logo, ela ainda está na Irlanda com amigos em algum ritual.

Ao me levantar, sinto meu filho crescer e se espichar, parece que foi ontem, mas na verdade são quase cinco meses, desde que descobri que sou uma vampira, desde que eu e Carlos fizemos esse bebê. Se ao menos... Melhor deixar assim, Carlos deve estar é aproveitando seu papo com o Diabo e, com isso, decidido a aproveitar a vida. Afinal, bem me lembro da vez em que estava no hotel e aquela louca atirou nele. Pode até negar que gostou, mas sei que gostou, e muito, dos carinhos daquela mortal.

Tento ligar pra Freya, minha amiga, mas cada vez que atende, não consegue reter a ligação. Estranho... Decido ligar novamente, ou ao menos tentar deixar uma mensagem na internet. Começo a pensar em me alimentar quando o telefone toca.

– Alô cherry, sou eu, o Nell, que tal nos alimentarmos juntos essa noite?

Apesar do que disse a Richard, não confio tanto assim em Nell. Apesar de ser agradável, sinto que quer algo de mim, ou a mim, não sei direito, então decido desconversar e deixar pra nos encontrarmos outra hora. Afinal, temos a eternidade.

– Como queira cherry, mas saiba que meus pensamentos são seus. Adoro o som de seu nome em meus lábios, adoro tudo o que vem de você!

Fico sem graça com a cantada óbvia, mas não quero nada com ele, procuro ser educada, mas finjo que não percebo.

Depois da ligação reparo em Richard, quieto lendo um livro. De cabeça para baixo. Sou obrigada a rir com tanto cuidado. Convido-o para sairmos e caçarmos.

Voltamos para casa depois de termos jantado, e passamos algum tempo conversando e pintando algumas telas. Como vampiros, procuramos pintar imagens que tenham a luz do sol, afinal é bem possível que essa lembrança se perca aos poucos. Mas a rapidez com que pintamos é impressionante. Richard decide querer escutar uma música. Entretida no que faço respondo com um balançar de cabeça. A música é bela, algo místico, mas desafiador, deixo-me envolver por seu compasso, sinto a música dentro de mim. Penso em Carlos. Provavelmente não gostaria desse tipo de música, acharia meio “morta” demais. Outra vez a raiva volta a to-
lher minhas lembranças, sinto falta dele, será que ainda não deu tempo de se divertir o suficiente? Será que do que tivemos significou tão pouco pra ele? Cadê aquele amor que dizia sentir? Cadê o amor que nos manteria juntos para sempre?

Num acesso de fúria, jogo o pincel no chão e furo a tela que estava pintando com a tesoura que estava próxima. Incrível! Destruí algo tão belo! Como pude fazer isso?

Fico horrorizada com o que fiz. Saio correndo porta afora, Richard me chama, mas nem quero conversa, saio rapidamente dali e vou para minha montanha preferida.

Lágrimas descem sangrentas de meus olhos. Uma tristeza imensa toma conta de mim. O que está acontecendo comigo? Cadê meu Carlos que não se preocupa mais comigo? Será que agora não se importa com o que Leon possa fazer comigo e com nosso filho?

– Não chore ma petit. Deve levantar a cabeça, esse mundo todo lhe pertence. Quantas não gostariam de estar no seu lugar? É apenas mais um ciclo que se acabou pra você. Pare de se importar tanto com quem não merece. Há tantos de nós que dariam anos de sua sobrevida a seu lado.

– Você de novo? Por acaso está me seguindo?

– Obviamente que não, mas esta é a minha montanha favorita, sempre venho aqui!

– Nell, eu não quero outros. Quero-o! Apenas ele. É tão difícil assim entender?

– Mas, e ele? Ele te quer ainda? Não se esqueça, é um vampiro novo que provavelmente quer apenas aproveitar a vida. Apenas um tolo, se quer saber. Não sabe ainda perceber o que tem em mãos. Prefere o brilho fácil da sedução apenas. É isso que quer pra você? Ser uma sombra na vida dele? Ser um fardo apenas, uma obrigação que ele tem de cumprir em nome de um juramento feito séculos atrás?

– Como sabe tudo isso Nell? Quem é você? O que realmente quer de mim?

– Você! Apenas você! Venha comigo de volta à Escócia. Quem sabe a meu lado não esquece esse garoto tolo? Um ano em minha companhia e pode ter certeza, esquecerá de tudo o que hoje te aflige.

Não gosto muito da maneira como ele fala, parece um tanto enlouquecido, preparo-me para uma possível batalha.

– Você não o conhece! Como se atreve a falar assim? Pensa saber tanto assim de nossas vidas? Quem é você afinal? Um vampiro que veio do nada e que quer mudar tudo! Não! Não permito!

Num piscar de olhos estou na sala do chatô. O telefone está tocando, mas quando chego para atender, pára. A secre-

tária eletrônica está piscando, alguém ligou três vezes antes. Minha amiga Freya. Dou graças aos deuses por ela ter ligado, decido escutar seus recados, ela deve estar com algum problema, pois nunca vi na vida alguém tão calmo. Para retornar a ligar três vezes...

– Alô? Clara, minha amiga, preciso falar com você! É urgente, Clara você co....

A ligação foi interrompida. Estranho, nem deu tempo suficiente para isso, vou ao segundo recado:

– Amiga, preciso falar com você, por favor, cuide-se, você está em sérios apuros, me liga, por favor. E não daí.

– Clara, não chegue perto do...

Mais uma vez a ligação foi interrompida. Isso está começando a ficar assustador. O que será que ela quer dizer? Decido tentar o computador. Talvez ela esteja na internet. Nada! Mas, o que pode ser de tão grave assim? E cadê o Richard?

Decido descer até o centro de compras da região, pois ainda está aberto por causa da temporada de esqui. Aqui tem muita coisa pra se ver e comprar, desde queijos, caríssimos por sinal, até peles estonteantes de perder o fôlego. Mas quero mesmo é um telefone. E encontro o num bistrô delicioso. Peço uma taça de vinho, enquanto tento falar com Freya.

– Alô? Clara?

– Sim minha amiga, o que está acontecendo? Não consigo receber uma mensagem sua inteira e nenhuma ligação minha é atendida, isso sem contar a internet... O que há?

– Nem eu conseguia falar com você! Escute bem Clara, você esta sendo vampirizada!

Quase dou uma gargalhada, mas conhecendo Freya do jeito que conheço, sei que ainda vem mais por aí

– Clara, eu não estou falando do seu estado de vampira, e sim de você estar sendo vampirizada...

Assusto-me com o que ela diz. Então já sabe disso. Qual elemental lhe contou? Pois Freya, caso não saibam, é uma bruxa muito amiga minha que decidiu ir viver nas terras de sua família e onde sempre tem bruxos de grande poder como companhia.

– Clara, preste atenção: Djinn esteve aqui, ele está assustado, pois esse tal de Nell é um vampiro da pior espécie, ele está drenando sua energia e a da criança, ou não reparou como ela está quieta? E tem mais, como pode estar com raiva do Carlos? Pensa bem, até conhecê-lo, estava sentindo falta de seu amor, e como pode brigar com nosso amigo Richard? Pensa bruxa tonta! Pensa bem!!!

Não questiono o que Freya diz, sei que ela sabe de tudo, sempre.

– Que faço então? Como tiro esse monstro do meu pé? Não quero isso! Não quero mesmo! E por que quer me levar para seu clã? O que tenho demais?

– Você? Nada! Além de ser uma bruxa, além de ter seu elemental com você, além da sua energia vibrante? Nada! A não ser escravizar seu Djinn, acabar com sua bruxaria e com sua energia!

– Deuses!!! Me ajuda?

– Claro, por que acha que tô que nem uma doida atrás de você? Eu tive de pedir muita ajuda aos bruxos presentes aqui, tivemos de nos preparar, e muito, para poder falar com você. Então faz o seguinte encantamento...

Assim que desliguei, paguei meu vinho intocado e voltei ao chatô, onde, com os ingredientes certos, fiz o encantamento e a conjuração necessária para tentar afastar Nell.

O que foi que eu fiz?

Tenho de achar uma saída pra essa confusão toda. Será que perdi tudo dessa vez? Perdi meu amigo Richard, perdi meu Carlos? Não posso deixar isso assim, tenho de encontrá-los, tenho de tentar explicar o que está acontecendo, e se nem assim quiserem saber de mim, então sigo sozinha, vou até a Irlanda e fico com Freya até achar outro rumo pra minha vida. Mas, primeiro vou encontrar Richard, assim, quem sabe, consigo arranjar uma maneira de explicar isso tudo a Carlos.

Apenas algumas noites depois decido subir a montanha, pois as ligações de Nell foram constantes, mas não quis atender ao telefone. Que pense que fui embora esse imbecil!

E com grata surpresa encontro Nikolas, esse sim é uma agradável companhia. Menos perigosa ao menos.

– Olá! Procurei por você esses dias, mas eu não fui o único minha bela, alguém muito perigoso esteve atrás de você.

– E...

– Deve ter ido embora, não sei. Talvez sim, talvez não.

– Que tente me achar, desta vez estou mais preparada para ele, se bem que prefiro evitá-lo, é o tipo de pessoa que não faz falta alguma.

– Cuidado menina, ele é extremamente perigoso, não seria a primeira vítima dele, conheço-o bem, mas minha sorte é que para ele não sou nada, não significo nada. Como te disse outra noite, apenas um coração cansado dessa sobrevida.

– Por que não encontra outro amor?

– Por que descobri, pequena, que amor como um dia tive, só acontece uma vez na vida. Então escute um sábio

conselho, lute pelo seu., sempre! Agora devo ir, mas quem sabe um dia nossos caminhos não se encontrem novamente? E cuide-se muito, pois daqui a alguns dias o tempo vai mudar por aqui, ficará muito frio. Deve procurar um local menos isolado, com mais chances de se alimentar. Vá para a grande Paris ou ao menos a um lugar com mais condições de sobreviver, você por acaso está sozinha? Péssima idéia com um predador desses por aqui. Bem, vou indo, que você encontre o que seu coração procura.

– Até outro encontro, Nikolas, seja, ou ao menos tente ser, um pouco feliz. Descubra um motivo a mais para continuar, pense em alguém, pense mesmo. Vá em paz.

Assim vi um amigo novo partir. Quantos desses ainda verei nessa nova vida?

Um arrepio na nuca, sei que sou observada e desta vez o perigo vem gritante em minha mente... Nell!



SERÁ QUE RICHARD DEU meu recado a Clara? Ela não iria me ouvir! Não quer nem falar comigo... Não acredito que ela não enxerga o que aquele Nell está fazendo com ela! Cheguei a pensar que ela estava doida, só podia... Também, depois de um monte de asneiras que saiu jogando aos ventos... Ela precisa

pensar em nossa cria, ela está morrendo!

Não tem outra opção, já que ela mesma já esperava que eu estivesse conversando com o Diabo, acho que é isso que farei!

Fecho meus olhos, concentro-o naquele que veio conversar comigo tempos atrás... Um estalo no meu ouvido, barulho de trovões e lamúrias... Estou em uma rua escura e suja, pessoas mendigando em todas as partes... Fecho-me diante de um beco! Uma ladeira, diferente da que eu já estive uma vez, até o lugar é diferente... É mais sombrio, medonho... Estou no inferno, só pode ser isso!

Resolvo subir pelo estreito beco... Pessoas e animais mutilados aparecem nas portas das casas para me observar! Não tenho medo, nem rejeição, tenho um outro sentimento... Um sentimento de dor, de pena... Mas não é pra ajudar estas pessoas que eu estou aqui! Então grito de uma só vez:

– Há alguém em casa?

– Claro, meu filho! Esperava por você, sabia que cedo ou tarde aceitaria meu convite! O que te traz à minha humilde morada?

– Olha, sem delongas, pois o caso é sério! Você me disse que quando eu precisasse poderia procurá-lo, pois bem, preciso! Preciso destruir Leon e, com isso, todos aqueles que se prenderam a ele, seja como escravo de sangue, lacaios, crias ou vampiros.

– Realmente eu disse que ajudaria, mas também disse que tudo tem seu preço!

– Então faça seu trato que eu pagarei!

– Pois bem, meu trato é simples, só quero uma única coisa... a mesma coisa que Leon quer matar, eu quero criar! Quero seu filho Carlos, quero o seu filho com Clara! Ele já nascerá poderoso, aos meus cuidados será invencível!

– Mas... Nosso filho? Clara o quer tanto, não seria justo com ela!

– É o que peço em troca de meus serviços, ou você aceita ou nada feito. E para isso, sem traição, ou todos vocês se arrependerão!

– Se isso for o que precisa ser feito para aniquilar com eles, considere feito!

– Porém tem uma coisa, eu te darei a chave, mas você é que terá de abrir a porta!

Abro os olhos e estou deitado na cama, como irei avisar Clara sobre esse pacto, ela já está zangada do nada, se eu contar sobre nosso filho aí é que a casa vai cair!



CLARA JÁ DEVE ESTAR em Paris, e com certeza Leon a espera ansioso e na espreita, observando seus passos, sabendo que Nell, seu mais novo capacho, começou a minar a vida de seu ventre! Mas não permitirei isso, irei a Paris, ela aceitando ou não estarei do seu lado na hora fundamental para decidirmos nossos destinos!

– Yan, acorde! Sei que estive com Richard outro dia e não me

disse nada! Mas isso não vem ao caso agora... Iremos a Paris, Clara corre perigo com nosso filho no ventre e preciso da ajuda de vocês! Entre em contato com Richard de novo e avise-o sobre nossa partida, diga-lhe para acompanhar Clara, e que no caminho ficaremos observando cada movimento suspeito.

Depois de saber que Yan já havia dado o recado a Richard, partimos para Paris! Não aproveitei nada da estrada, pois estava com o pensamento em Clara, minha Angelique... Para sempre juntos?

Pergunta cruel, até quando esse amor irá durar? Quando ela irá enxergar o que Nell está querendo com ela? Não, vou agora pra casa dela e não a deixarei fugir! Mas... melhor não, não irei interferir, ela vive dizendo que é capaz de fazer as coisas sozinhas, então que faça Nell desaparecer de sua vida!



VOLTO-ME TRANQUILAMENTE na direção de Nell, seus olhos estão vermelhos, tenta esconder, mas é tarde demais.

– Que aconteceu Clara? Não quer mais ser minha amiga? Sinto falta de você.

– Minha, Nell? Ou de meus elementais? Ou ainda, quem sabe,

de minha energia? Quantas infelizes você conseguiu enrolar com esse papo doce, Nell? Realmente achou que comigo seria assim tão fácil? Ou apenas não avaliou o poder de uma bruxa?

– Hummm... pelo que vejo, já andou conversando com outros a nosso respeito? Gosto disso Clara, gosto quando toca em meu nome, me deixa forte sabia? E por acaso foi com o tolo do seu namoradinho? Foi ele que encheu sua cabeça contra mim?

– Não, Carlos não é meu namoradinho, e não foi ele! Carlos é muito mais do que você imagina, Carlos é metade de minha essência, mas pra você deve ser difícil entender isso. Afinal, não tem essência! Precisa da energia de outros pra viver. Agora sei por que seu clã não gosta de aparecer, não podem, porque, em verdade, não existem, são um nada. Apenas isso... nada!

– Quem você pensa que é sua atrevida? – diz Nell, enquanto se aproxima lentamente.

Sinto meus olhos incendiarem e minhas presas aparecerem e respondo num grunhido:

– Apenas Angelique, meu caro! Apenas eu!

Num piscar de olhos sinto minhas unhas se cravarem em seu peito, e em segundos lhe arranco o coração enegrecido, mas ainda com um resto de sangue, sugo essa pequena delícia e deixo que o resto escorra na neve fofa. Vejo Nell voltar a ser apenas um ser esturricado e negro no chão. Espero todo o processo se acabar, escuto seus gemidos grotescos enquanto morre, mas o rosnar que vem de minha boca se assemelha com o de um felino. Suave e atento. Quando tudo acaba para Nell, pisoteio seus restos e volto para casa. Tenho de achar meu Carlos e cobrar sua promessa de juntos para sempre!

Encontro Richard com a bagagem no carro, não precisei contar nada a ele, parece que esse meu amigo está ficando muito forte também.

A viagem a Paris nem foi muito percebida, pois conversamos pouco e, diferente da vinda, aqui estamos cada um com seus pensamentos.

– Quer falar a respeito Clara?

– Pra quê? Pelo que percebo você chegou a ver, não?

– Infelizmente! E quer saber, isso não vai acabar por aí! Tome cuidado, um vampiro desses tem os seus seguidores, e podem querer se vingar.

– Isso, meu amigo, deixo pra outra, agora quero apenas encontrar Carlos, sinto seus pensamentos e sei que ele não está de bom humor.

– Essa deve sair faísca, não quero nem ver! Vou convidar Yan para sairmos e ver algumas jóias, esperem pra discutir quando sairmos, ok?



Chegamos a Paris ainda perto da meia-noite. Mais uma vez observo a noite linda. Sinto o cheiro de vampiros nessa cidade, pelo que vejo aqui deve ser um local perfeito para os de minha espécie. O trânsito é complicado com em qualquer cidade do mundo, mas nada parece estressar Richard. Em um dos semáforos, vira para trás e pega sua echarpe, faz questão de estar apresentável.

Estamos próximos do Fórum Dês Halles, um centro de compras belíssimo, percebo que estamos sendo vigiados. Richard sente o mesmo!

– Clara, quem será agora? Leon ou Carlos?

– Torça, meu amigo, para que seja Carlos. Porque você não tenta localizar Yan? Talvez seja mais fácil para você meu querido. Sabe que eu e Carlos estamos meio que bloqueados, está faltando sintonia... enfim!

– Certo, sua covarde, mas não espere muito, faço isso, vamos até eles, pois Yan já me enviou sua mensagem sim, e se quer saber Carlos, está meio que enlouquecido mesmo. Yan disse que está atrás de Leon, e com uma fúria tamanha que chega a ser assustador até para nós.

– Como assim Richard? E por que isso? Por que essa ânsia implacável agora?

– Não sei não Clarinha, mas acho que você tem muito a ver com isso... quem sabe? Talvez a criança de vocês.

– Cria! Ele pensa em nosso filho como uma cria! Sinto isso! Mas, o que tem em mente? Não acredito nisso! Não pode ser o que penso, será que planeja usar nosso filho como um chamariz para Leon? Não acredito nisso! Tem alguma coisa mais nisso tudo! Não posso ter me enganado assim com Carlos! Não posso... Ande Richard! Onde estão os dois

preciso olhar nos olhos de Carlos e saber o que está querendo com meu filho e cria dele!

– Calma moça! Talvez esteja enganada... – Richard pára de falar, acho que minha expressão diz tudo.

Vinte e cinco minutos depois, Richard estaciona o carro em um hotel bem na frente do Jardim Dês Plantes. Yan está a nossa espera. O abraço que recebo mostra o quanto Yan sentiu minha falta, mostra seu carinho mais sincero.

– Clara milady! Que saudades! Como passou? Como está essa jóia que carrega em seu ventre? Posso tocá-la? Como cresceu nesses dias!

– Claro que sim querido Yan! Pode tocar meu filho à vontade, aliás, acho que já o reconhece, pois está um tanto quanto agitado! E senti saudades... de verdade!

– Agitado? – pergunta Yan, levando suas mãos a minha barriga com reverência, ajoelha-se sem se preocupar com roupas ou com possíveis passantes.

– Isso é um milagre! Uma vida nova! Uma chance de volta à mortalidade talvez?

– Não digo agora, mas quem sabe daqui a alguns milhares de anos, a evolução em sua totalidade.

– Quem diria Yan! – diz Richard um tanto quanto enciumado. – Justo você que tem a boca mais suja que qualquer peão de obras, com Clara se mostra respeitoso!

– Mas, Richard, como não o ser? Ela é e sempre será uma dama. Deve ser tratada como tal!

– Diz isso porque não viu essa guria aí arrancar o coração do Nell com apenas uma mão... foi terrível!

– Mas, merecido! – diz Yan, levantando e olhando-me seriamente nos olhos. – Messalina sabia disso, por isso quis ter com você. Ela está sempre te guiando. Sabe disso não?

– Sim, meu querido, sei sim. Mas, diga-me, onde está Carlos? Lá dentro então?

– Sim, e está te esperando, e aviso-a milady, não está nada calmo, ao contrário, está como se tivesse o próprio demônio no corpo.

– Talvez sim, talvez não! Isso logo descobrirei por mim mesma. E que pode ele me fazer? Bater, gritar? Convenhamos, disso realmente não tenho um pinga de medo. Richard quer passear com você Yan, depois pego minha bagagem, quero mesmo ficar sozinha com milord.

– Por hoje e amanhã saiam, procurem outro lugar, temos muito que conversar.

– Tem certeza milady? Se quiser... Esqueça e perdoe essa minha terrível mania de protegê-la!

– O quê? Pede perdão por seu carinho? Nunca o faça! Você não sabe como uma vampira grávida sente falta disso. Nisso, meu querido, não diferimos em nada de mulheres mortais, e vão logo, ou posso começar a chorar aqui mesmo!

– Clarinha! – diz Richard, com ares de preocupado! – Se precisar, sabe como me chamar, estarei aqui num piscar de olhos, certo?

Apenas aceno com a cabeça, pois realmente lágrimas querem saltar de meus olhos. Depois de um breve beijo de sangue entre nós, os dois saem de carro pela noite adentro.

– Não está na hora de conversarmos Clara? – diz Carlos com uma voz atormentada. – Entre, a casa é sua, sabe bem disso!

Levanto o queixo num gesto que, para quem me conhece, sabe significar que estou pronta. Mesmo que por dentro sinta como se meu corpo fosse desmoronar a qualquer momento.

Apenas um minuto. Mas que para mim parece uma eternidade. Olho para Carlos como se o visse pela primeira vez, como se o encontro no aeroporto nunca tivesse existido. Nesse infindável minuto percebo que está mais branco, mais parecido com um vampiro. Apenas seus olhos parecem mortais, escondem um sentimento que tenta disfarçar e que infelizmente não sei traduzir. Onde está nossa sintonia? Onde está aquela magia que sempre existiu entre nós? Escondida em algum canto desse coração que por um momento me parece vazio.

– Não tem nada a me dizer sua boba? – diz Carlos num sussurro quase humano. – Um leve sorriso teima em surgir em meus lábios.

– Que tal apenas desculpa?

– Vem cá Clara! – ele responde, abrindo de leve um sorriso.

Aproximo-me devagar saboreando um momento que lembrarei para sempre. Nesse pequeno caminho aos braços de Carlos nem uma vez percebi seu olhar sobre minha barriga proeminente. Mas deixo para pensar nisso amanhã, quero apenas o abraço que tanto sonhei e pelo qual tanto chorei.

Palavras nesse momento não valem nada, apenas a sensação de nos termos perto novamente está contando. A sensação de bocas se procurando e abraços se apertando.

– Não acredito que estou aqui com você!

– Nem eu!



Como pude ficar longe de Clara não sei, mas finalmente ela está aqui, comigo, em meus braços, e pelo jeito longe da influência daquele Nell. O pior vai ser contar a ela o que

vou ter de fazer. Espero que ela me perdoe! Não vai ser fácil, isso eu sei. Mas ainda não é a hora, ainda é cedo para contar o que prometi fazer!

– E Nell, sua doida? O que aconteceu com ele?

– Nada. Apenas não vai incomodar mais ninguém. Somente isso. – digo meio sem jeito. – Não quero falar, porque sei que se falarmos vamos brigar novamente, então pra quê?

– Mas precisamos Clara, se não, como vamos poder continuar assim? Prefere que mentiras se interponham entre nós? Sabe bem que te avisei sobre o Nell, mas não quis me ouvir, então deixei que se virasse sozinha.

– E me virei! Não esperei por você como uma donzela indefesa, posso querer você ao meu lado, mas porque quero e não porque preciso. Sabe disso, então por que age assim? Não basta simplesmente sermos como antes?

– Podemos tentar, mas ainda assim, acho que devemos sim conversar sobre isso. Meu! Você não vê o perigo que correu? Preferiu ficar com ele do que me escutar, te dei o livre-arbítrio, pois sabia que se interferisse você não gostaria, e mesmo que quisesse isso você deveria resolver sozinha, você procurou por isso, você tinha de resolver! Mesmo que para isso precisássemos nos perder.

Não percebi em que momento a discussão começou, nem quando nos afastamos.

Aqui está a barreira entre nós novamente. Carlos está separando minha história da dele. Mas não posso mudar sua maneira de pensar, se prefere assim, isso é com ele. Mas não vou ficar eternamente nessa situação. Não mesmo!

– A propósito, Carlos que conversa misteriosa é essa que teve com o meu sogro afinal?

– Sogro? Que sogro?

– Seu pai e de Leon, o próprio diabo. Não pensou que isso não correria o mundo, não? Quero saber o que meu filho, aliás, a sua cria, tem a ver com isso. E quero saber já!

– Clara, eu disse cria porque não somos humanos, somos vampiros! Somos animais em corpo de humanos e você já viu algum animal tendo filho? Este pequeno ser em seu ventre é nossa cria, nossa perpetuação da espécie, um novo vampiro que será o passaporte para nossa liberdade!

Sinto um vazio nos olhos de Carlos quando ele fala de nosso bebê... Será que ele não o quer? O que Carlos tanto esconde dentro de seu coração, quase completamente vampírico? Se ele não quer contar, não serei eu a perguntar!

– Carlos, preciso me alimentar! Estou faminta, acho que sairei um pouco!

– Tudo bem Clara, pode ir, mas... Deixa pra lá!

– Pode deixar que me cuidarei sim, seu tolo! – digo, abrindo um sorriso por saber exatamente o que ele estava pensando.

– Clara! Outra coisa, eu sei onde Leon está! Um ruído em minha mente me indica sua direção. Depois que bebi o sangue daquele Eduardo, consigo sentir Leon mais perto, mas não podemos chegar lá assim, de repente, ele não é bobo, sabe que estamos aqui atrás dele! Nosso filho está quase nascendo, e ele é a principal chave para destruímos Leon! Precisamos cuidar dele para que nada aconteça! Leon está nervoso, grita com quem se atreve a se aproximar, e quando os seus lacaios se afastam, urra desesperado. Sabe que deve agir logo, mas não faz a mínima idéia de como.



Nossos caminhos são muitos, embora a viagem na qual sejamos, não seja essencialmente a mesma. Nenhum de nós tem todas as respostas de quem é e o que nós somos. Respeito todas as visões pessoais e práticas, não podemos deixar diferenças insignificantes de ideologia impedir-nos de manter uma comunidade unificada, há muitas pessoas que nos atacariam do outro lado.

Nossa diversidade é nossa força, deixamos nossas diferenças e pontos de vistas nos enriquecerem, mas nunca nos dividir.

Ser um vampiro não é apenas estar se alimentando de vida. Isso é o que nós fazemos, mas não necessariamente o que somos. Este é o nosso lugar para representar a escuridão em um mundo coberto pela luz. Nós somos diferentes, a aceitação dessa diferença é que nos autoriza e nos faz únicos, nós somos a aceitação da escuridão dentro de nós mesmos e abraçamos essa escuridão para nos fazer seres completos, nós somos a celebração dos limiares, corpo e espírito, prazer e dor, morte e vida.

Nossas vidas deveriam ser vividas como uma mensagem para o mundo sobre a beleza de aceitar o nosso próprio ego, de viver sem culpa nem vergonha, e celebrando a essência sem igual e bonita de toda e única alma.

Mas, como posso viver toda essa plenitude, se preciso matar quem eu mais desejo? Meu filho! Eu o estarei renegando, para poder vencer Leon, acabar com esse mal e tentar conseguir o perdão de Clara, por matar nosso filho!

Preciso agir rápido, nosso filho está pra nascer, Leon sabe disso e o espera para poder viver sua plenitude eterna! Sangue de vampiros e bruxas essa criança carrega, de fato o

bode velho tem suas razões de querer meu filho, ele ficará mais poderoso do que já é!

Por enquanto, as tentativas de Leon de se aproximar de Clara dão resultado apenas em sonhos, e agora sabe que se tentar me enfrentar poderá perder! Afinal, tenho o reforço do Diabo!



– **MALDITO CRISTOPHER!** Por que tive de criá-lo tão bem? Por que tive de fazer dele a companhia de minha Angelique? Se não o tivesse feito, se o tivesse deixado apenas como um vassalo, feito gado, servindo apenas para alimentação. Minha alimentação! Um escravo de sangue... Devo procurar meu

pai! Devo tentar exigir o que é meu por direito! Não vivo essa vida miserável à toa! Não admito isso! Por que Clara teve de voltar a ser bruxa? Por que não veio como uma dessas sonsas que se deslumbram com qualquer coisa? Por quê? Por quê? E por quê? Tantas perguntas e não acho as respostas, ainda mais eu... McLeondy. Isso não vai ficar assim! Vou tentar mais uma aproximação indireta, se o coração dela fraquejar apenas um segundo... Apenas um. É bastante para o que preciso, dou um jeito de contratar alguns mortais e aí sim, quero ver Cristopher encontrá-la, ou a criança! E se encontrar, aí será tarde demais, para ele e para seu filho maldito! Filho que deveria ser meu! Era meu direito! Então o tomo em minhas mãos e lhe tiro a vida recém-concebida, tomo sua essência sagrada e faço outro.

Mas esse meu novo filho será moldado a minha maneira! Angelique, o terá apenas como uma parideira, será escrava de seu próprio filho, pois o que me prende a ela é sem dúvida sua ruína, seu apego sincero, sua ternura! Não con-

seguirá abandonar a segunda criança, pois já terá perdido a primeira... Isso! Devo ir ver os antigos, quero ver esses imbecis me virarem as costas novamente! Pensam, criaturas medonhas, que não sei que estiveram em sonhos dando o sangue de meu pai a Christopher? Por quê? Por que decidiram me abandonar? Justo a mim que sempre fui seguidor fiel de suas ordens! Que culpa tenho eu se a bastarda da Dana quis profanar seu templo atrás de magias sagradas? Apenas lhe concedi permissão, e quem não tentaria? Apenas o imbecil do Christopher, lógico! Maldito usurpador! Idiota! Pensa ter tomado sangue de uma bruxa qualquer! Não imagina que foi do rei de todos os antigos de onde veio o sangue que lhe encheu a taça! Infames todos! Terei o que é meu por direito, nem que tenha que destronar meu próprio pai! Aliás, está na hora de ter uma certa conversa com ele. Vamos ver se o pai pode com o filho realmente!



SAIO PARA ME ALIMENTAR sozinha. Tenho mesmo no que pensar. Carlos quase não existe mais, apenas Christopher, e isso não é justo! Não agora! Por que tivemos de descobrir tudo em tão pouco tempo? Não existe mais muito espaço para Clara em mim também. Agora entendo o que Messalina quis

dizer em juntar as duas em uma, mostrou-me o caminho, mas sabia que teria de ver isso com meus próprios olhos. Tenho de aceitar enfim. Que seja, se a Clara humana que existe em mim não tem mais como aceitar esse mundo frio, que morra então! Carlos não percebeu, mas apenas uma vez disse nosso filho. Apenas uma. Talvez ele esteja certo, apenas uma cria, mas ainda minha. Não aceito que o vejam como algo. Não permitirei que nada o machuque. Matar posso a qualquer um, até mesmo a Leon, se preciso for. Que morra então! Que surja finalmente a vingança que Christopher tanto espera. Sinto um gelo em torno de mim, não estou tão preocupada com o que possa acontecer, sei que a isso tudo eu e Christopher sobreviveremos.

Quero alguém novo, cansei de me preocupar com o que pensam, apenas quero minha refeição. Vou em busca de alguém específico, sei onde mora. Alguém que pensa como um dia pensou Carlos, alguém que sonha ainda com vampiros e felicidade eterna... tolo! Não sabe o que buscou! Sonha com

vampiras de passos leves, com uma orgia de sensações, prazer inimaginável, terá o que quer, mas pagará um alto preço, em vez da imortalidade, terá apenas a morte, e sentirá isso, e num último suspiro pedirá por sua vida, e lhe negarei!

O encontro... Quer o quê? Esse olhar de adoração, pobre idiota, nada me diz, mas lhe faço a corte, dou-lhe a sedução que tanto deseja. Uma mordida suave em sua boca, um beijo em seu queixo. Minhas unhas em sua carne, finalmente! O cheiro doce de vida embriaga meus sentidos, não penso em mais nada. Não me preocupa o gemido de medo nem o olhar de terror ao perceber que perdeu seus sonhos, o pânico que causo me diverte, dou-lhe espaço pra tentar uma fuga, não me vê mais como mulher, tenta ser violento, pensa que pode escapar, ledor engano, num pequeno espaço, finco minhas unhas e abro meu peito, o que lhe resta de vida se esvai em sangue, abaixo minha cabeça e abocanho seu coração, fim de um sonho, fim de Clara.

Apenas mais um jovem morto misteriosamente em Paris, nada de muitas notícias, afinal pode atrapalhar o turismo! Volto pra casa onde estamos hospedados devagar e satisfeita, uma sensação diferente invade meu íntimo, quero enfim estar com meu Christopher, acelero o passo, sinto o gosto de sangue em minha boca, mas me falta o dele! Voltei a ser apenas uma vampira, simplesmente como um outro animal, mas muitas vezes melhor, pior do que aqueles que caminham de quatro, por causa dessa espiritualidade perdida e progresso intelectual tornou-me a mais cruel de todos. Agora minha verdade representa existência vital, em vez de sonhos espirituais, representa sabedoria pura, em vez de auto-ilusão hipócrita... Apenas a verdade, em vez de amor desperdi-

çado aos ingratos... As presenças da noite se aproximam... Em sombras com o vento, em risadas ecoando entre galhos das árvores... A morte finalmente espalha seu cheiro no ar, gritos invadem minhas veias... Eu, um ser frio que vive do sangue para o sangue, que vive da dor para a dor... Um monstro sou, e todos estão quietos a me observar. O amor que sinto me protege, por nada me importar... O medo se transforma em ódio, para que eu descubra o que tenho que buscar... Que mais posso esperar de tudo isso? Das lágrimas busco o sorriso... Volto enfim para Christopher.



NÃO SEI MAIS POR QUANTO tempo suportarei essa dor dentro de mim... Essa dor de ter que ser frio com Clara, ter que deixar meu coração gélido de vampiro falar mais alto... Não posso mentir pra Clara sobre nosso filho, mas não tenho coragem de dizer que o ofereci ao Diabo para conseguir minha vin-

gança! Ela jamais me perdoará! Por isso, estou matando Carlos aos poucos, para que na hora da provação final Cristopher seja mais forte e Carlos, com seu sentimento mortal, não atrapalhe minha decisão!

Clara está deixando Angelique aparecer... Sei que é por minha causa, sei que sente minha falta... Mas, talvez até seja um pouco melhor assim... ela viver como uma vampira, afinal não se sabe o que o destino nos revela, e em se tratando de Leon e de um pacto com o próprio Demo, muito menos... Assim ela aprende um pouco a ser predadora e a viver como tal, para que jamais alguém atreva a cruzar seu caminho, assim como Dana e Nell já o fizeram! E confesso, eles tiveram seu julgamento pelas mãos de Angelique, e não pelas mãos de Clara. Eu sei que é confuso, como conviver com duas mentes ao mesmo tempo, eu e Cristopher, Clara e Angelique... Não sei explicar, mas a verdade é que não existem duas mentes, e sim uma única alma em um único corpo, apenas com lembranças de outras épocas e com memórias

atuais... Sempre fomos vampiros, apenas não lembrávamos do que éramos!

Não consigo olhar mais para as pessoas sem imaginar o sabor que o sangue dela deve ter! Não estou louco, apenas voltei a ser um vampiro... a paixão de toda essa minha vida mortal tornou-se realidade num súbito de encanto e mistérios, mas como toda guerra tem suas vítimas, preciso destruir aquele que por ambição matou meus pais e me transformou em Christopher Handersen... Leon!



Encontro Calos deitado... Semblante abatido, dava a impressão de saber de algo que eu não poderia acontecer, algo que fez e se arrependeu!

Sento ao lado dele, ele olha para meu ventre, acaricia minha barriga e por um instante Carlos se impõe no lugar de Cristopher.

– Clara, estou ansioso para vingar a minha morte. Estou pronto para Leon!

– Se é isso que quer meu querido, vamos lá. Ele vai querer vir até a mim de qualquer maneira, então temos de pensar em algo para ficarmos preparados para ele. Talvez uma armadilha, sei lá, algo assim... Uma isca talvez?

– Clara, não faça nenhuma tolice por enquanto, por favor... Vamos pensar nisso amanhã, por hoje fica aqui quieta comigo. Sinto falta de nossas conversas, sinto falta de nós dois juntos, como você.

Cristopher... Carlos... Nem sei como chamá-lo mais, não quero apenas ficar parada, esperando acontecer, quero mais que isso, quero sua vingança logo, de maneira que esse seu inferno termine e com ele o meu também! Quero poder es-

colher o local onde viveremos, ou então, quero ao menos ter o direito de saber o que fazer com a minha vida e a do meu filho. Não dá pra fingir que tudo está bem, não consigo, não sei ficar quieta, foi assim e por causa dessa minha impaciência que chegamos aqui, tá certo, você me convenceu a vir, mas só vim porque quis, e agora isso tudo... Vou colocar um fim nisso de qualquer maneira, o que não posso e não vou deixar acontecer de novo é perder você! Algo muito forte me fala de uma perda. Sei que corro algum risco, mas saiba que se for pra ficar sem você, prefiro morrer de novo. Não quero ficar sem você, você diz que vampiros não amam, está enganado! Eu te amo sim, e te preciso junto a mim. Mas, você me disse também que vampiros não procriam... Se fosse assim, quando engravidei você teria de ser humano, mortal, e na hora você não era... Pensa nisso.

– Clara...

– Não fala nada não! Posso não gostar do que vou ouvir e não quero mais invadir seus pensamentos, o que quiser que eu saiba, será espontâneo como antes, nada forçado entre nós... Vem cá, me abraça logo, me deixa te amar da única maneira que agora podemos.

Carlos não espera muito, apenas morde de leve meu pescoço, não penso em mais nada a não ser em retribuir o que tanto vim buscar. Como é bom ter Carlos sentindo minha vida, como é bom esse rodopio de emoções, sentir-me quase vazia no limiar entre a vida e a morte... E como é maravilhoso Carlos entrar em mim, sentir sua força e suas emoções, nenhum humano jamais saberá o tamanho do êxtase de um vampiro, da maneira que absorve o outro de modo tão intenso e absoluto.

Deitada entre os braços de Carlos, fico pensando que se Leon me quer, pode abrir a guarda para mim, pode até acreditar se eu o convencer de que cansei de Christopher, que quero enfim um lugar para mim e minha cria... Quem sabe não consigo desarmar aquele maldito? Entre o sono e a consciência percebo que consigo ver Leon, quase amanhece, e como qualquer um de nós, ele procura se esconder do sol, vejo-o saindo de seu castelo e procurando uma abertura na rua, um túnel talvez, desce rapidamente e recoloca a tampa. Vejo-o andando nos subterrâneos de Paris! E vai ao encontro das catacumbas, onde as paredes são forradas por ossos humanos, uma visão bem impressionante para quem teme a morte. A princípio segue por corredores compridos, que parecem que não vão a lugar algum. Depois de muito andar ele chega a uma sala com colunas pintadas, e entre estas colunas uma porta com os seguintes dizeres “*Arrête, c’est ici l’empire de la mort*”, ou, em português, “*Pare, aqui é o império da morte*”.

Realmente! Leon continua com seu senso de humor apurado! Quer dizer que fez daqui seu lugar secreto de descanso... Durma bem Leon, pois nem sempre pode contar em acordar.

Interessante... Leon não confia em seus vassalos, ou não teria esse trabalho todo para poder dormir em segurança... Não me atrevo a ir mais à frente, posso me fazer notar, e isso seria um erro, talvez fatal a Christopher, devo voltar outra hora, agora preciso dormir, não consigo nem pensar direito... O sol...

Assim que acordo decido contar minha descoberta a Carlos, talvez nós dois juntos tenhamos alguma boa idéia, apesar de achar que ser uma isca a Leon me parece algo extremamente interessante.

– Nem pensar! Vou eu, e vou sozinho!

– Negativo meu caro! Fui eu aqui quem descobriu onde ele está, e sem mim você não vai a lugar algum! É só o que me falta! Você me dando ordens! Faço do jeito que eu quiser, você não manda em mim e se quiser sentar num anzol e esperar Leon, problema meu. A vingança pode ser sua, mas o risco é meu, e quem decide sou eu!

– Nem vem Clara, não tenta me desafiar, sabe bem que isso não é uma boa idéia! Vou sozinho e o pego de jeito, esse bode velho não espera por esperar, que hora era quando você o viu deitar?

– Não o vi deitar, apenas o vi entrar numa porta escondida! E pode recolher suas presas vampirinho, pois também tenho as minhas... Isso não é um desafio, apenas uma constatação! A propósito, como pretende matá-lo?

– Oras, simples! Escondendo-me em seu covil!

– Isso é suicídio! Não permito! De maneira nenhuma! Não vou perder você de novo assim!

– Clara, é uma chance de ouro! Ele não deve ter percebido sua presença, e isso já é uma vantagem enorme!

O clima entre nós é tenso, mas deixamos passar alguns dias, talvez semanas. Por causa da criança não discutimos, mas mesmo assim Carlos está quieto em seus planos... e isso sim é sinal de perigo à vista! Está decidido a fazer isso sozinho. Mas não desgrudo dele um momento sequer, nem quando tenho fome, ou ele. Aliás, estamos ficando ótimos como vampiros! Caçamos com prazer, sem muita dor nem muito barulho, o cheiro de sangue está cada vez mais tentador e nossas peles estão mudando rapidamente de tom. Estamos mais brancos do que é possível para passarmos por mortais.

Temos agora que usar maquiagem sempre que pensamos em sair. Carlos está mais forte, cada vez mais forte! Parece guardar sua energia para um combate, isso me assusta, e muito, pois sei que falta pouco para o confronto de ambos. Minha força também aumentou muito. Meu filho está forte, sinto isso a cada vez que me alimento e quando eu e Carlos trocamos beijos de sangue, ou nosso amor de sangue como o chamo, meu filho se fortalece muito mais, parece absorver o sangue do pai para si. Parece que terei problemas com esse menino, pois a cada dia que passa sinto sua energia, sinto que é alguém extremamente forte.

Minhas fadas e elementais aparecem vez ou outra, mas raramente falam comigo. Estão mais interessadas no meu filho. Está quase na hora de decidir o nome dele, mas quero que Carlos o escolha, é seu direito de sangue, é seu direito de pai! Hoje estou diferente da Clara que começou contar sua vida aqui, estou grávida demais, vampira demais e Angelique demais.

Richard foi à Espanha com Yan. Acho que ali está existindo mais que amizade. Não se espantem, vampiros não escolhem seus parceiros pelo sexo e sim por sua afinidade, desejo e sintonia.

Hoje sonhei com Leon, ele quer um acordo comigo. Disse em sonhos que sente muito minha falta, que apesar dos séculos ainda me ama e me quer de volta. Disse ainda que criará meu filho como se fosse dele. Interessante, escutei nesse ponto do sonho meu filhinho chorando. Diz saber que eu e Carlos estamos nos afastando, e que Carlos está comigo apenas por causa da criança. Que se não fosse por ela, ele já estaria longe e eu, provavelmente morta. Pediu para reparar

que ele só se aproxima de mim para bolar planos absurdos para derrotá-lo. Mas que é inútil, pois ele também tem acordos com o Diabo.

Não sei se conto a Carlos, pois ele parece cada vez mais tenso, mais frio. Não comigo. Ao contrário, voltou a sorrir e brincar como sempre, até voltou a me chamar de boba, traz sempre um presente e incentiva que eu pratique meus poderes psíquicos. Descobri que posso matar um humano apenas com meu olhar, aliás matei dois ou três franceses metidos a besta. Mas, em relação à criança, está estranho. Não quer olhar pra minha barriga, nem quer tocar no assunto quando faço planos para o nosso filho. Isso me deixa confusa, mas confio nele. De alguma maneira sei que ele é meu, assim como sou dele. É como se nossos destinos estivessem traçados, e desta vez unidos. Quanto à criança que quer nascer, espere-mos pelo que virá, quanto a isso não consigo nenhum pressentimento sequer, nem bom ou ruim, é como se estivesse em suspenso, apenas aguardando o que irá acontecer.

Agora, quanto a Leon, devo agir com prudência, pois Carlos não deve desconfiar que vou ao seu encontro. Dependendo do que acontecer, talvez consiga matá-lo e escapar ile-sa. Mas, caso contrário, Carlos termina isso sozinho. Apenas não quero que ele se machuque ou morra novamente nas mãos de Leon. Ele está muito forte, mas acredito que Leon também se fortaleceu nesses anos todos. Se Leon prometer que nada fará contra Carlos, posso até desistir desse meu amor imortal por Carlos e fico com meu filhinho. Afinal, ele deve ser prioridade minha, ou ao menos deveria. Só consigo pensar em Carlos! Ele se tornou o mais importante para mim, o resto não conta mais. Na verdade, nem eu mesma.

– Olá dorminhoca! Não vai levantar essa noite? Tô morrendo de fome! Isso, se me fosse possível morrer. Mas, vamos lá, levanta!

– Carlos, calma! Espera, tenha pena de uma pobre vampira grávida! Hum... Hoje não sei se quero me alimentar... Nosso filho está muito quieto. Também, depois dos beijos que ganhei do pai dele a noite passada... Deve estar cansado.

– Mas vamos mesmo assim, você precisa estar forte, e eu tô verde de fome!

– Não quero... Vai você na frente, vou depois, te encontro pela noite!

– O que você tá armando Clara? Você tá com a maior cara de culpada...

– Eu? Nada não, só quero um banho e trocar essa roupa, sabe, não gosto nadinha desse nosso cheiro, me sinto como se estivesse morta.

Carlos não resiste e cai na gargalhada, e eu não resisto também, pego sua mão e mordo seu pulso. Em meus olhos tento mostrar que sempre o amarei. Carlos apenas me olha, com um ar pensador e meio desconfiado, e sai em busca de seu alimento.



CLARA NÃO ME DIZ, mas sei que está armando algo... Ela deve estar querendo ir ao encontro de Leon... Por que mulheres sempre complicam tudo? Não vou me alimentar... Vou é vigiá-la, segui-la se for preciso. Ela não sabe, mas hoje entrará em trabalho de parto! Em sonhos o bode velho me falou que hoje en-

tregarei o que lhe foi prometido e ele me entregará o poder para matar Leon.

Sigo Clara até uma rua estreita e escura, parecia mais um beco em minha opinião... Ela pára em frente a um bueiro, faz a tampa sair do buraco e pula lá dentro. Resolvo fazer o mesmo e, pra minha surpresa, são antigas câmaras subterrâneas que percorrem quase toda a cidade de Paris.

Clara anda por um túnel extenso, que dá em um pequeno cruzamento de túneis. Logo me dou conta, que as paredes não eram comuns, feitas de concreto etc... São feitas de ossos humanos, de restos mortais de uma população muito antiga... Então isso não é um esgoto, é um calabouço embaixo de Paris! Ninguém poderia imaginar uma coisa dessas! Então deve ser aqui que o safado se esconde!

– Carlos, é você?

Putz, acho que pensei alto demais!

– Sim, Clara, sou eu!

– O que você faz aqui embaixo?

– O mesmo que você! Ou melhor, vim atrás de você! O que você veio fazer aqui?

– Carlos, aqui não é um bom lugar para discutirmos qualquer assunto! Principalmente o que eu vim fazer aqui!

– Então vamos voltar! Em casa a gente conversa!

Clara tentou ignorar o que eu disse, mas não teve muito jeito, segurei sua mão e em instantes estávamos em casa!

– Carlos, por que fez isso? Você não tem direito de mandar em mim assim! Que coisa! Pensa que é quem?

– Calma Clara, fiz isso pra te proteger, tem gente aqui que está querendo te ver!

– É! Quem?

Nesse instante, Moema Hailah e Victória aparecem no quarto. Clara se assusta e pergunta num solavanco.

– O que vocês fazem aqui?

Moema logo responde:

– Viemos consertar o que um dia nós estragamos. Viemos fazer o parto de vosso filho! Ele quer nascer, está pedindo pra vir ao mundo!

– Mas... Ai!

Estranho na mesma hora em que Moema falou, meu filho pulou em meu ventre, parecia que iria rasgar minha barriga de tanta dor! Ele deve ter chamado elas! Mas como? Será que o sangue de Carlos já o deixou com esse poder?

– Mas que história é essa? Não as quero aqui! Foi por causa das duas que hoje estamos assim vivendo como se fôssemos bichos escondidos... Aiiiii! Que dor horrível!

– Isso não deveria estar acontecendo aqui, meu filho deveria ser protegido e não exposto assim... Aiiii. Não posso sentir dor, estou morta, então como? Aiiii

– Porque você agora está entre o limiar da vida e da morte minha filha! – disse Moema Hailah.

– Saiam daqui! Os três! Não quero nenhum de vocês comigo!

– Mas Clara, nosso filho...

– Nosso filho? Uma ova! É meu filho, esqueceu? É sua cria...

– Tirem ele daqui! Não o quero vendo meu bebê agora!

– Então se acalma menina! E respire lentamente, não força antes da hora.

– Não força antes da hora, um cacete! Isso dói pra diabo... Aiiiii...

Movimento-me lentamente até o sofá. Deuses, e se a criança tivesse vindo nos subterrâneos de Leon? Penso na única pessoa que queria comigo agora, Messalina! Venha me ajudar amiga, não quero outra, me ajuda... Ajuda-me a ter meu bebê em segurança agora, por favor... Tenho medo. Muito medo.

Num momento a sala parece aumentar de tamanho e vejo a meu lado uma forma diáfana. Messalina veio enfim.

– Clara, se acalme, o mundo todo está ouvindo isso! Todos os seres estão sabendo desse parto. Quer mais alguém aqui ou posso fechar esse ambiente? Rápido, pois não podemos demorar...

– Não! Quero apenas que faça essa dor horrível passar! Isso está me matando!!! E o bebê, como está? Parece que sofre comigo... Aiiiii

Messalina apenas pára um momento e fica quieta. Ela fala baixinho, anda suavemente na sala, lá fora os gritos de Carlos anunciam visitas... Mas quem? Não consigo saber, apenas sei que tenho de cuidar de meu filho, isso é quase

um castigo, dói demais!!! Se antes não morri, não vai ser agora! Respiro suavemente, puxo a respiração e deixo a natureza seguir seu curso.

Algum tempo depois meu filhinho nasce. Um choro forte anuncia sua chegada, apenas minhas forças é que estão quase no fim.

– Clara, preste atenção! Sei minha querida que você está fraca, mas deve amamentar seu filho já, para que não haja dúvidas de sangue entre os dois, alimente-o com seu sangue, o leve ao seio... Deixe-o escolher o que prefere: mortalidade ou imortalidade!

Pego aquela coisinha rosada de cabelos negros, como é lindo! Tão parecido com o pai, mas tem algo mais... É meu! Levo-o ao seio, ele inicialmente até tenta abocanhar e aceitar o leite, mas resmunga em protesto. Escolheu a imortalidade, então.

Por um momento tive a esperança... Que fosse como eu. Que preferisse ser mortal.

– Mas como Clara, esquece que é vampira? E que se te faltar o sangue que tanto precisa poderá vir a tirar dele mesmo, seu próprio filho. Quer isso pra ele?

– Não. Queria ser apenas... Deixa pra lá.

Decido fazer algo para que meu filho se alimente. Então, como se soubesse o que ele quer, rasgo de leve o bico de meu seio e ele suga finalmente. Se é possível não sei, mas parece nesse momento que suga tanto sangue como meu leite.

Sinto-me tonta, mas acho que é normal, queria na verdade estar em minha cama, e vou até lá, com meu filho nos braços. Messalina vem e prepara um cantinho ao meu lado para que possa acomodar minha preciosidade.

– Escuta, vou chamar o pai dele. Você tem que ser forte Clara. Pelos três. Não duvide nunca do que pode fazer se quiser. E sempre estarei com você, não esquece. Sempre!

– Mas, o que quer dizer Me? Assim está me assustando – digo entre o sono e o cansaço que se apodera de mim.

– Tudo a seu tempo, apressada, tudo a seu tempo!

– Pode deixá-lo entrar então Messalina. Que venha conhecer enfim sua cria.

Carlos entra logo após. Está totalmente branco. Mais do que antes, em seus olhos há um sentimento estranho, não consigo saber o que pensa afinal. Sinto-me muito fraca.

– Então se alimente sua boba. – diz Carlos olhando em meus olhos apenas. Será que não vai nem olhar pro nosso filho? Será que esse ser tão novinho nada significa para ele?

Enquanto penso Carlos rasga seu pulso e o oferece a mim. Como não posso ficar assim tão fraca aceito. Mas, pela primeira vez, não existe a menor vontade de que fosse Carlos. Poderia ser qualquer um, apenas sangue pelo sangue que perdi, apesar de saber que meu corpo está voltando ao normal de forma impressionante, pois sinto-o modificar-se por dentro, sinto muito sono, como se o dia estivesse chegando, e não são nem onze horas da noite.

– Clara... me perdoe!

Essas foram as últimas palavras que escutei de Carlos essa noite. Adormeci!



ENQUANTO CLARA ADORMECIA, peguei nosso filho e o levei a um pequeno altar que montei do lado de fora da casa em que estávamos. Não conseguia olhar para seu pequeno rosto, pois eu iria sacrificá-lo para ter minha vingança, e a imagem de seu rosto ficaria em minha mente por toda a eternidade.

Coloquei-o em cima dos favos distribuídos no altar onde havia seis cálices sagrados com sangue de víboras, depois, com meu próprio sangue desenho um pentagrama invertido na barriga de meu filho, ergo a adaga em minhas mãos e digo com uma voz engasgada enquanto o escuto chorar:

– Eu ordeno, pelo poder da magia negra, que o combinado se faça cumprido: Assim que lhe entregar a vida de meu filho, quero o poder para destruir Leon McLeondy, e *para golão traga matão, de pauto a chião, a molidão, pexela, ispera regra me darão o poder da destruição, onite protual fines!*

– Pare! – uma voz rouca e espectral me impedia de matar o meu filho!

– Quem está aí? Saia daqui e não me atrapalhe! Será melhor para você!

– Pare Carlos! Não precisa fazer isso! Provou a sua fidelidade a ele e por isso ele o poupa dessa dor! Enviou-me para dizer que não precisa sacrificar seu filho, que por sua lealdade ele lhe conceberá o que quer!

– Mas...

– Mas, em troca ele diz que não quer a vida de seu filho e sim a alma de Leon escravizada por toda a eternidade! Ele não gostou das profanações que McLeondy andou fazendo contra ele! Vá, leva seu filho para os braços da mãe e traga a alma de Leon para ele!

– Não acredito em você! Se ele decidisse isso, ele mesmo teria vindo, e não mandado recado! Onde estás Satanás? Satanás! Satanás! Aparece-me Satanás!

– Eu estou aqui a tuas ordens meu filho Cristopher!

– Ordeno que me explique, por que decidiu não mais querer meu filho!

– Meu filho, movido por uma grande força maior, de um Deus poderoso que tudo pode e que tem poder sobre a terra, o céu e o mar. Se for desejo dele eu e tu não nos moveremos mais daqui, porque o poder dos Deuses não tem limites. Não podes matar seu filho, porque Clara todos os dias de sua gravidez rezava uma forte oração a esses Deuses e por eles é protegida de quase todas as minhas tentações, por isso ela não é tão minha filha quanto você! Então, eu quero apenas escravizar a alma daquele meu filho ingrato, que não se contentou em ver você sendo ajudado por mim e começou a profanar meu nome por estes cantos! E quanto ao nosso combinado, a sua recompensa continua valendo, e na hora do confronto com McLeondy descobrirá o poder a ti investido por mim! E quanto a seu filho, um dia eu me apresentarei a ele, e veremos como ele me sairá! Espero que seja tão leal quanto o pai!

– Então assim será!



Volto para perto de Clara com nosso filho nos braços. Olhando para essa criança ainda tão frágil, uma dor me invade o peito como uma flecha! Eu não acredito que iria sacrificar esta criança para realizar um capricho de vingança! Meu filho... Clara está certa, eu me tornei um monstro!

– Carlos, onde você esteve com meu filho? Como o tira de mim assim? O que foi fazer com ele?

– Calma Clara, e é nosso filho Clara, nosso! E eu só fui dar uma volta com ele enquanto você descansava! E a propósito, agora estou pronto para enfrentar Leon, assim que você estiver melhor iremos nós dois atrás dele! Mas, apenas eu deverei lutar!

– Nosso filho Carlos? Pensei que para você fosse apenas uma cria, algo não querido enfim.

– Depois conversamos Clara, depois que isso tudo acabar, prometo.

– Que seja então Carlos. Mas já percebeu como esse ser tão pequeno e indefeso se parece contigo?

Carlos apenas sorri de leve, olhando finalmente para a criança adormecida a meu lado, resmungando alguma coisa e saiu consternado.

Não gosto nada disso. Carlos tirou meu filho num momento em que eu estava fragilizada, e realmente isso é estranho. Ele está estranho. Se preferir assim, nada posso fazer. Se quiser ter seu confronto com Leon que seja, mas, por ora, devo ficar quieta e cuidar de me recuperar, preciso de sangue, mas sangue humano, não quero depender somente do sangue de Carlos. Preciso começar a agir sozinha, mesmo porque ninguém sabe como isso pode terminar.

Chamo por Richard, talvez, se ele estiver próximo o suficiente, me escute. Preciso deixar a criança em segurança e caçar, pois a energia que me falta encontrarei em uma vítima.

Richard não tarda a aparecer com Yan a seu lado.

– Olá Clara. Então esse é o filho de vocês! Como se chama?

– Olá amigo. Não sei ainda, ele não tem um nome, não escolhi, deixei isso pro Carlos, mas como ele nem parece se importar mais com nada que não diga a respeito suas metas...

– Ele é lindo Clara! Diga-me, ele também é vampiro ou humano? Desculpe a pergunta, mas sabe que ambas as hipóteses seriam viáveis – diz Yan já com a criança nos braços.

– Vampiro, meu amigo! Como o pai. Mas preciso que cuidem dele por ora, tenho de me alimentar. Não confio em Carlos com a criança, não sei por que, mas não consigo. Ele mudou muito, nem parece ser a mesma pessoa e, por favor, não me venham com a história que isso se dá pelas memórias de Cristhoper porque não tem mais cabimento. Ele está obcecado em acabar com alguém que no momento só está longe e nem quis mais nada por aqui. Cuidam dele para mim? Posso confiar em vocês?

– Mas que dúvida Clarinha! Se quiser vamos junto com você e seguramos o neném por perto enquanto a mamãe se alimenta – diz Richard, todo bobo, brincando com o bebê.

– Não acho correto nem seguro. Fiquem aqui, volto logo.

Saio pela porta mesmo. Fraca como me sinto nem sei se conseguiria me transportar de um lugar a outro. Não sei onde está Carlos. Nem sei se está por perto, melhor assim.

Aproximo-me de um bar parisiense a uns quinze minutos de onde estamos morando. Lá encontro dois rapazes mui-

to simpáticos que querem se divertir. Ótimo. Sinto meus olhos adquirirem um brilho amarelo e minhas presas se projetarem para fora, mas me controlo, ainda não é hora. Jogo conversa fora e concordo em ir até o banheiro brincar com um dos rapazes. Entramos lá e logo suas mãos procuram meu corpo, mas não estou com ânimo para joguinhos e deixo meu instinto maior aflorar. Num só momento rasgo seu pescoço com minhas presas e deixo parte de seu sangue escorrer pelo piso branco... Visão perfeita do que busco, gosto perfeito do que preciso. E cada gole me transforma numa fera ainda pior, rasgo mais e mais seu pescoço, até perceber que sua vida acabou... Escuto um barulho na porta, seu amigo decidiu se reunir a nós... Que bom! Estou com sede mesmo! O pavor de seu rosto aguça mais minha vontade de destroçar esse rostinho lindo, e assim o faço. Tiro com as unhas sua orelha e seu olho esquerdo. Tão fácil que chega a ser patético! Cansei disso tudo, mesmo estando vivo ainda o infeliz, forço minha mente e faço que sua cabeça exploda em milhares de pedacinhos, que voam por todos os lados, mais barulho, hora de sair pela janela... à francesa, como diriam alguns!

Na rua apenas um lugar me vem à cabeça, as catacumbas, quero ter uma conversa com Leon.

Carlos pode até não gostar, mas isso devo a mim mesma. Querendo ou não esse vampiro me atormentou em sonhos por quase toda minha existência mortal, me fez desejá-lo e temê-lo, e ainda assim sei que me ama. Estranho como certas pessoas demonstram amor, que maneira triste encontram pra dizer eu te amo.



MALDITOS! A CRIANÇA nasceu! E aquele imbecil teve coragem de me enfrentar! Não permitiu que eu chegasse perto de Clara e sua cria! Tem algo errado por aqui. Como pode ter forças pra impedir minha investida? Isso não é possível! A menos que tenha algo errado nisto tudo... Um pacto maldito! Será possível?

Não percebi nada em meu pai. Então... É bem possível. Ele não jogaria com o bastardo do Christopher!

– Engano seu!

– Quem esta aí?

– Seu pai, seu ingrato! E em breve estarás comigo por toda a eternidade! Logo Christopher o entregará a mim e estarás sobre meu poder!

– Isso veremos! Já o matei uma vez, mato-o de novo e mato também seu filho com Angelique, assim acerto dois morcegos com uma dentada só!

– Ledo engano filho ingrato, nem eu pude ficar com a criança, por que você conseguiria? Além do que, não te adiantaria em nada... Logo estará de volta em meus domínios, aí sim acertaremos nossas diferenças... Não perdes por esperar!

Sinto a presença de Angelique, sei que se aproxima. Mas o que pensa essa criança vindo sozinha me enfrentar?

Pensa ser possível me derrotar?

Ela e mais quantos serão necessários para isso?

A menos que venha pedir abrigo... Aí sim será a minha maneira! Se não for isso, quero ver se volta pra Christopher hoje! Estou com muita vontade de acabar com ambos essa noite, não me custará nada começar por ela.

O que ela pensa ser meu local de descanso, nada mais é que um lugar para prendê-la, bem como ao maldito Christopher. E é uma pena que ela não esteja com a criança, pois isso somente atrasará minha vingança. Terei de trazê-la junto com os dois amiguinhos. Mas tudo sairá a contento, tenho certeza. Nada me impedirá de ver a dor nos olhos do maldito Christopher quando sangrar a criança e sorver seu precioso sangue. Nada será mais compensador do que profanar o corpo de Angelique ainda aquecido pelo sangue de seu filho e ali deixar a semente do meu. Quem gritará mais? Ela ou Christopher?

Ela, com o tempo, faço crer que foi um trato entre Christopher e eu, mas pode não gostar de ver seus amiguinhos morrendo na sua frente...Que pena Angelique!!! Mas isso você verá sim! Faça questão! Servirá a todos que um dia tentarem se atrever a ajudá-la novamente.

Pensa que suas bruxas te ajudarão aqui embaixo? Pensa que pode contar com seus Deuses?

Deuses não falam Angelique! Nem interferem no meu caminho. Apenas com você pode funcionar, mas comigo não.

Lembra-se das correntes? Quando quis uma vez rebelar-se prendi-a com elas, não conseguiu em dias se soltar, e ainda assim preferiu morrer do que provar de meu sangue. Preferiu os ratos a mim! Lembra bem Angelique de quando foi solta e com Dana soltou Christopher?

Mas Dana sempre foi obediente, fez exatamente o que pedi que fizesse. E você, minha rainha? O que fez logo após eu matar Cristopher? Preferiu arrancar num rasgo seu coração e se entregar ao sol!

Agora não será assim. Quero ver se tens coragem de abandonar seu segundo rebento. Nunca! Pois já terá na memória a morte de seu primogênito.

Como pode ver, minha amada Angelique, dessa vez será irreversível, não terás mais a companhia de seu Cristopher, apenas a minha e de seu novo filho!

Cansei doce, Angelique, de te esperar por séculos e séculos, cansei de suspirar por seus sorrisos e seu coração. Nada do que já te ofertei te serviu! Nada do que fiz te adiantou! Por que nunca tentou ao menos me amar?

Terias o mundo se assim quisesse. Terias tudo!

Mas agora... Agora nada mais te restará. Apenas será serventia a seu filho e a mim. Com a junção do sangue do seu primogênito, nenhum vampiro terá o que eu tenho. O direito de procriar. E se talvez eu quiser, serás parideira de alguns desses filhos, apenas alguns. Outros os terei com vampiras que saibam sorrir, que saibam valorizar o que você tantas e tantas vezes desdenhou.



ONDE FOI QUE ENCONTREI essa coragem absurda de encontrar Leon não sei. Apenas faço-o, porque não agüento mais essa vida de fugas sem fim. Não terei paz ao lado de Carlos enquanto Leon se interpuser entre nós. Quando lembro de tudo que já passei por causa desse maldito, sinto meu sangue ferver.

Quando lembro que Carlos mudou tanto assim por causa de Leon... Não me resta muito a não ser acabar com isso tudo. Pela primeira vez não acredito em Carlos quando lembro de seu juramento de sangue: Juntos para sempre.

Não temos a mesma sintonia há algum tempo. Porque Carlos preferiu assim, preferiu matar essa mágica entre nós em nome de sua busca. Pela primeira vez sinto-me sozinha de verdade. Então, que assim seja.

Apenas os ecos de meus saltos me fazem companhia nessa escuridão onde busco por Leon. Apenas a alguns metros da porta dos aposentos de Leon, percebo na verdade não estar sozinha. Há mais alguém por aqui.

Carlos está aqui, sinto isso. Seu cheiro é conhecido, sei que se encontra por aqui, então, ou está a minha frente ou logo atrás, tento localizá-lo, mas ele está muito quieto, o que pretende afinal, me seguir ou finalmente enfrentar Leon?

Não sei, apenas apresso meus passos e chego até a porta maldita. Não abro de jeito nenhum com minhas mãos,

apenas com pensamentos me encontro dentro da toca de Leon. Finalmente estou cara a cara com Leon.

– Finalmente minha querida! Agora podemos conversar sem a presença irritante de Christopher.

– O que quer de mim Leon? O que quer pra nos deixar em paz?

– Nada! Ou melhor, tudo. Não quero vocês juntos, e não ficarão juntos. Não quero seu filho. Ele morrerá. E quero por fim matar Christopher, ele não merece viver. Esse faço questão de matar com minhas próprias mãos. Infame, esse é meu!

– Nunca o fará. Sabe disso. Interessante, no caminho até aqui, percebi uma coisa. Carlos tentou matar nosso filho. Quase o fez. Mas sabe? Ele não conseguiu. Por que será Leon? Tem alguma idéia nessa cabeça atrasada?

– Como ousa me tratar com desprezo Angelique? Justo eu, que sempre estive aqui, à sua espera, e até agora o único que tentou matar seu filho foi o próprio pai... por que não o conseguiu? Melhor perguntarmos a ele, não acha? Ele deve chegar logo, mas enquanto isso...

Nesse ponto Leon me joga contra a parede sem ao menos me dar tempo de piscar!

Tentei, num momento apenas, resistir a tamanha força, mas me foi impossível. Leon continua muito forte, e pior, está muito mais forte. Que os Deuses me protejam!

– Pare Leon! Você não precisa disso. Você já viveu séculos e séculos sem mim, então por que isso? Não pode apenas nos deixar em paz? Será que não podemos coexistir juntos apenas?

– Guarde suas doces palavras pro nosso filho Angelique! A mim elas não atingem. Além do mais, está na hora de um

confronto definitivo entre Christopher e eu. Você nada fará para interferir nisso!

– Nosso filho, você está louco? É filho de Carlos, não seu!

– Não falo dessa cria Angelique, e sim da sua próxima cria. Pode considerar esse seu filho morto, e será por minhas mãos e presas.

– Você com certeza enlouqueceu se pensa que vou permitir isso...

A raiva que sinto é imensa, quase não consigo pensar direito, mas as palavras de Messalina me vêm a cabeça num rompante: “Não duvida nunca de que pode fazer o que quiser”.

Assim procuro agir da única maneira que sempre soube ser. Poderosa, revisto-me de luz, faço-me bruxa novamente, como antes sempre fiz, agora faço de novo. Sinto a energia de Hécate em mim, minha Lilith finalmente surgiu. Formo energias, controlo-as e quando estou preparada aviso a Leon:

– A você Leon, lanço agora minha vingança, se antes quis a paz, agora sou tua inimiga primeira. A você com suas trevas e fel aviso uma única vez: Não mexa com os meus, ou a ti retorno em três, aqui te mostro minha raiva. Nunca antes conjurei vingança, mas assim quis e assim se fez... “Dor, Tristeza, Agonia...”. “Agora você sentirá tudo o que me causou! Você falará e ninguém ouvirá! Você sofrerá e ninguém saberá! Você mesmo saberá quando parar, deixe só a humildade chegar! EM NOMBRE DE PATHER ETTI PHILIS ETTI ESPIRITIS SANTIS, AMIM!”

– Angelique, minha amada... Essa sua conjuração teria tido efeito em mim se seu ódio estivesse voltado para mim! Mas você sabe muito bem que não foi pra mim essa conjura-

ção! Foi para Carlos, aquele que realmente te fez sofrer, aquele que traiu você e seu filho com o Demônio, aquele que iria sacrificar seu próprio filho para resolver caprichos de um ego ferido! Você pensou nele e conjurou essa bruxice!

– E quer saber Leon, você tem razão, foi pra ele sim! Como pôde me trair assim, pactuando com o Demônio para matar nosso filho?

– Que bom todos reunidos aqui! E obrigado Clara, pela maldição que me rogou!

– Olha! Quem é morto sempre aparece Angelique! Christopher Handersen, quanta honra em recebê-lo em meus aposentos!

– Meu caro Leon, há quantos séculos esperei por esse momento! Quantas aventuras passei e desvendei para ter-me com você!

– E eu o esperava ansiosamente!

– Vejo que temos muito a acertar!

– Tínhamos Leon... Tínhamos! Essa história toda me fez refletir na vida que agora como levo comigo um fardo muito pesado!

– Virou melodramático agora? He he he... Pare de babar asneiras e venha me enfrentar se for capaz!

Carlos não pensou duas vezes, odiava provocações, suas presas apontaram na boca... Seus olhos clarearam feito dia e em instantes os dois estavam se debatendo em socos e pontapés.

Carlos não pensa duas vezes, dá uma chave de braço em Leon e crava seus dentes em seu pescoço... Leon, por sua vez, não deixa barato, com uma guinada lança Carlos com força contra a parede de concreto daquelas catacumbas antigas!

– Filho da mãe... seus poderes aumentaram Christopher!

– Claro, aprendi com você a usar o melhor de minha capacidade!

Nesse momento sinto uma sensação estranha tomar conta de todo meu corpo! Meus olhos pareciam que iriam explodir das órbitas, meu corpo ficou pesado e nesse instante lembrei do que o Demo me disse! “Na hora você descobrirá!”

Concentro-me em meu corpo, sinto meus braços moles como se estivessem dentro de um balde de gelatina... Faço um círculo em torno de meu corpo e percebo que abri uma espécie de portal! Leon olha assustado, vem pra cima de mim e eu apenas desvio, deixando-o cair dentro desse portal que o levará direto a seu pai! Pronto, minha parte com o Diabo foi cumprida... Enfim... fim de Leon, talvez para sempre, talvez por pouco tempo, isso ninguém ainda pode dizer! Olho para Clara e não a vejo, aonde ela foi? É estranho, mas sinto que a perdi! Concentro-me mais uma vez em sua face e a vejo debruçada sobre uma das colunas do Arco do Triunfo. Não poderia ser outro lugar, um lugar marcante pra definirmos essa nossa história.

– Vim até aqui Clara porque não te vi após ter terminado o meu contato com Leon, e a achei aqui!

– E... diz-me Carlos! Quero a verdade! Apenas isso! Leon disse-me antes de você chegar que você iria sacrificar nosso filho. Isso é verdade?

– Clara...

– Apenas responda Carlos, não enrola não! Preciso ouvir isso de sua boca.

– É verdade Clara! Ia fazê-lo, contra a minha vontade... mas não via outra escolha para destruir Leon e ficarmos em

paz, sem a lembrança dele! E fiquei superaliviado e mais confiante quando o próprio Diabo não quis assim, impediu-me de fazer e disse-me que era apenas uma prova de confiança. Mas, tente entender, eu queria apenas matar Leon para que pudéssemos seguir em paz!

– Paz? Que paz busca nesse coração enegrecido a tal ponto de querer matar nosso filho? Como pode tentar ser feliz sacrificando o que de mais lindo temos? Como pode pensar que pra tal coisa teria um perdão meu? Por isso sua cria! Por isso nunca o quis! Era apenas uma passagem para suas vontades e ambições! Como pôde Carlos, nos trair assim? Como pôde nos ter apenas de interesse? Quer saber? Você não é nada diferente do Leon que me perseguia em sonhos. Tirou o que quis, e apenas isso. Somente algumas vezes vi Leon terrível, mas você? Você conseguiu destruir uma linda ilusão! Um a zero para você Carlos. Espero sinceramente que esta sua vingança contra Leon tenha lhe trazido alguma coisa além de minha perda! Quando morreu para a vida, matou primeiro seu coração, que assim o seja!

Arranco num puxão a medalha que tínhamos num par, jogo-a a seus pés, ele apenas a olha. Pego meu filho, e antes que o deixasse para sempre, Carlos pega a medalha do chão e quebra-a ao meio, faz um corte em seu pulso e pendura uma das suas metades no pescoço de nosso filho e diz:

– Com essa medalha, que foi o início e fim de um amor, começo e fim de uma dor e retorno do verdadeiro amor! Eu, Carlos Sipaty Handersen, com meu sangue te batizo com meu poder e amor, e na presença da Lua, nossa deusa e nossa mãe, como Igor Kali Handersen, filho de Cristopher Handersen e Angelique Hailah, também conhecidos como

Carlos e Clara... E diante da Lua te proclamo herdeiro de poderes memoráveis e de um conhecimento universal sobre as artes da bruxaria e garanto-te que um dia... serás temido por todos e invejado por muitos!

– Que é isso Carlos, ficou doido?

– Não Clara, fiquei lúcido! Enxerguei a verdade e percebi que sem você não tem por que viver a eternidade! Agora somos três, e em três nos fortalecemos! Eu errei para justificar uma vingança, agora com a vingança concluída, tento retificar meu erro! Descobri que vampiros podem amar sim! Quando nosso filho nasceu, eu não soube como agir, pois eu já havia pactuado com o Demônio, fiquei sem ter coragem de olhar para você e pra ele, fiquei revoltado por ter pactuado uma coisa assim e concordado com isso, mesmo sabendo que iria te perder para sempre! Por isso minha raiva aumentava e minha essência humana diminuía! Agora aprendi uma coisa, passo os dias para valorizar o que tenho, pois não é fácil descobrir o que se tem quando se perde! Meus amigos Richard e Yan desapareceram do mapa, mas sei que estão bem... Sinto apenas falta de suas confusões, um dia sei que virão para visitar Igor. Por isso, não quero perder você também Clara, fui morto no passado por te amar, não quero ficar essa eternidade sem poder amar-te de novo! Por favor, Clara, perdoe esse vampiro atrapalhado!

– Isso, meu caro... É uma outra história!

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Visite nosso site:
www.novoseculo.com.br

NOVO SÉCULO EDITORA

Av. Aurora Soares Barbosa, 405
Vila Campesina – Osasco – SP
CEP 06023-010
Tel.: (11) 3699-7107
Fax: (11) 3699-7323
e-mail: atendimento@novoseculo.com.br

Ficha Técnica

Formato: 140mm x 210mm
Tipologia: Palatino Linotype
Corpo: 11
Entrelinha: 16
Mancha: 102mm x 170mm
Total de páginas: 326